

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

PAUSÂNIAS

DESCRIÇÃO
DA GRÉCIA

LIVRO II

COM INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO DO GREGO E NOTAS DE
MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA



IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

Apresentação: Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre a autora

Maria de Fátima Silva é Professora Catedrática Jubilada do Instituto de Estudos Clássicos e membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Autora de uma tese de doutoramento intitulada *Crítica do Teatro na Comédia Antiga*, dedicou-se a aprofundar a matéria ‘teatro grego, cómico e trágico’, sobre que publicou vários livros e numerosos artigos. Produziu ainda traduções de Aristófanes e Menandro, bem como de outros autores como Heródoto, Aristóteles, Teofrasto e Cáriton. Mais recentemente tem-se dedicado aos estudos de receção, sobretudo no que diz respeito às influências do teatro grego no teatro português.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

DIRETORAS PRINCIPAIS
MAIN EDITORS

Carmen Leal Soares
Universidade de Coimbra

Maria de Fátima Silva
Universidade de Coimbra

Maria do Céu Fialho
Universidade de Coimbra

ASSISTENTES EDITORIAIS
EDITORIAL ASSISTANTS

Daniela Pereira
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Adriane Duarte
Universidade de São Paulo

Aurelio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga

Graciela Zecchin
Universidade de La Plata

Fernanda Brasete
Universidade de Aveiro

Fernando Brandão dos Santos
UNESP, Campus de Araraquara

Francesc Casadesús Bordoy
Universitat de les Illes Balears

Frederico Lourenço
Universidade de Coimbra

Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira

Lucía Rodríguez-Noriega
Guillen
Universidade de Oviedo

Jorge Deserto
Universidade do Porto

Maria José García Soler
Universidade do País Basco

Susana Marques Pereira
Universidade de Coimbra

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS
A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

PAUSÂNIAS

DESCRIÇÃO
DA GRÉCIA

LIVRO II

COM INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO DO GREGO E NOTAS DE

MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA

WITH INTRODUCTION, TRANSLATION FROM THE GREEK AND NOTES

BY MARIA DE FÁTIMA SOUSA E SILVA



**IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA**
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

TÍTULO TITLE

PAUSÂNIAS. DESCRIÇÃO DA GRÉCIA. LIVRO II
PAUSANIAS. DESCRIPTION OF GREECE. BOOK II

COM INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO DO GREGO E NOTAS DE

WITH INTRODUCTION, TRANSLATION FROM THE GREEK AND NOTES BY

Maria de Fátima Silva

<https://orcid.org/0000-0001-5356-8386>

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto Contact

imprensa@uc.pt

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Imprensa da Universidade de Coimbra

Infografia Infographics

Margarida Albino

Impressão e Acabamento Printed by

KDP

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-2270-5

ISBN Digital

978-989-26-2271-2

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2271-2>

SILVA, Maria de Fátima Sousa e, 1950-

Pausânias : descrição da Grécia, livro 2. - (Classica digitalia. Textos gregos)

ISBN 978-989-26-2270-5 (ed. impressa)

ISBN 978-989-26-2271-2 (ed. eletrónica)

CDU 821.14'02-992"01"

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

POCI/2010



Obra publicada no âmbito do projeto
- UIDB/00196/2020.

© maio 2022

Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Vniversitatis
Conimbrigensis
<http://classicadigitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e
Humanísticos da Universidade de
Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

PAUSÂNIAS. DESCRIÇÃO DA GRÉCIA PAUSANIAS. DESCRIPTION OF GREECE

COM INTRODUÇÃO, TRADUÇÃO DO GREGO E NOTAS DE
WITH INTRODUCTION, TRANSLATION FROM THE
GREEK AND NOTES BY

Maria de Fátima Sousa e Silva

FILIAÇÃO AFFILIATION
Universidade de Coimbra

RESUMO

Pausânias é o nosso único testemunho de literatura periegética e o autor de um relato precioso sobre a Grécia da época de ocupação romana (séc. II d.C.). A sua descrição é a de alguém que viajou e sintetiza o que ‘viu’, com um olhar que não é só o de um turista curioso, mas de um intelectual que dispõe de uma sólida formação cultural e de uma informação ampla, em resultado de uma recolha criteriosa de todo o tipo de fontes, orais e escritas.

Para com Pausânias mantemos em aberto uma enorme dívida: a de ter salvado um lastro de monumentos, de acontecimentos históricos, de figuras e de tradições que, sem ele, se teriam em definitivo apagado da memória dos homens.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura de viagens, Grécia romanizada, arqueologia, arte, religião, história.

ABSTRACT

Pausanias is our only testimony to periegetic literature and the author of a precious account of Greece under Roman occupation (2nd century AD). His description is that of someone who has travelled and synthesizes what he ‘saw’, with a gaze that is not only that of a curious tourist, but of an intellectual who has a solid cultural background and extensive information, as a result of a careful collection of all kinds of sources, oral and written.

We owe an enormous debt to Pausanias: that of having saved a ballast of monuments, historical events, figures and traditions which, without him, would have been definitively erased from the memory of mankind.

KEYWORDS

Travel literature, Roman Greece, archaeology, art, religion, history.

(Página deixada propositadamente em branco)

AUTORES

Maria de Fátima Silva é Professora Catedrática Jubilada do Instituto de Estudos Clássicos e membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Autora de uma tese de doutoramento intitulada *Crítica do Teatro na Comédia Antiga*, dedicou-se a aprofundar a matéria ‘teatro grego, cómico e trágico’, sobre que publicou vários livros e numerosos artigos. Produziu ainda traduções de Aristófanes e Menandro, bem como de outros autores como Heródoto, Aristóteles, Teofrasto e Cáriton. Mais recentemente tem-se dedicado aos estudos de receção, sobretudo no que diz respeito às influências do teatro grego no teatro português.

AUTHORS

Maria de Fátima Silva is Full Professor at the Institute for Classical Studies and a member of the Centre for Classical and Humanistic Studies of the Faculty of Letters of the University of Coimbra. Author of a PhD thesis entitled *Critique of Theatre in Ancient Comedy*, she has dedicated herself to deepening the subject ‘Greek, comic and tragic theater’, on which she has published several books and numerous articles. She has also produced translations of Aristophanes and Menander, as well as of other authors such as Herodotus, Aristotle, Theophrastus and Chariton. More recently she has been dedicated to reception studies, especially with regard to the influences of Greek theater on Portuguese theatre.

(Página deixada propositadamente em branco)

SUMÁRIO

SUMÁRIO	9
INTRODUÇÃO	11
A CAMINHO DE UMA OUTRA ETAPA NA DESCRIÇÃO DA GRÉCIA	11
TRADIÇÕES MÍTICAS EM CORINTO E ARGÓLIDA	16
DO MITO À HISTÓRIA	27
AS ÁREAS URBANAS	32
BIBLIOGRAFIA	43
EDIÇÕES, TRADUÇÕES E COMENTÁRIOS	43
ESTUDOS	43
PAUSÂNIAS DESCRIÇÃO DA GRÉCIA	49
2. CORINTO E ARGÓLIDA	51
2.1.1. FUNDAÇÃO DE CORINTO	51
2.2.1. DEUSES E CULTOS EM CORINTO	60
2.3.1. AINDA A ÁGORA DE CORINTO. EPISÓDIO DE MEDEIA	65
2.4.1. BELEROFONTE, UM MITO DE CORINTO. RUMO A ACROCORINTO	71
2.5.1. AINDA ACROCORINTO. A CAMINHO DE TÉNEA E DE SÍCION	75
2.6.1. HISTÓRIA DE SÍCION	79
2.7.1. TEMPLOS E CULTOS DE SÍCION	83
2.8.1. HERÓIS DE SÍCION – ARATO	89
2.9.1. MORTE DE ARATO	94
2.10.1. OUTROS LUGARES DE CULTO EM SÍCION	99
2.11.1. A CAMINHO DE TITANE	104
2.12.1. OUTROS CULTOS DE TITANE	108
2.13.1. REGRESSO DOS HERACLIDAS. TRADIÇÕES DOS FLÍASIOS	111
2.14.1. CÉLEAS	114
2.15.1. CLEONAS	116
2.16.1. ARGOS E MICENAS	120
2.17.1. O TEMPLO DE HERA ARGIVA	124
2.18.1. MONARCAS DE ARGOS	127
2.19.1. LENDAS E MONUMENTOS DE ARGOS	132
2.20.1. MONUMENTOS E LENDAS DE ARGOS	135

2.21.1. A ÁGORA DE ARGOS	141
2.22.1. ARGOS, OUTROS ROTEIROS	145
2.23.1. OUTROS TEMPLOS, CULTOS E TÚMULOS DE ARGOS	149
2.24.1. A ACRÓPOLE DE LARISSA	152
2.25.1. VIAS DE COMUNICAÇÃO A PARTIR DE ARGOS	156
2.26.1. EPIDAURO E O CULTO DE ASCLÉPIO	159
2.27.1. O RECINTO SAGRADO DE ASCLÉPIO	164
2.29.1. CURIOSIDADES DE EPIDAURO. EGINA	171
2.30.1. OUTROS TEMPLOS E CULTOS DE EGINA. TREZENA	176
2.31.1. MONUMENTOS E TRADIÇÕES DE TREZENA	181
2.32.1. DEPOIS DO CENTRO, A PERIFERIA DE TREZENA	186
2.33.1. ILHAS DA TREZÉNIA – SAGRADA E CALÁURIA	189
2.34.1. NAS PROXIMIDADES DE TREZENA – METANA E HERMÍONE	192
2.35.1. AINDA HERMÍONE E OS SEUS CULTOS	196
2.36.1. OUTRAS POVOAÇÕES EM TORNO DE ARGOS	199
2.37.1. LERNA E AS SUAS TRADIÇÕES	202
2.38.1. TEMÉNIO, NÁUPLIA E ALGUMAS PEQUENAS POVOAÇÕES DA REGIÃO	205
ÍNDICE DE NOMES PRÓPRIOS	209

INTRODUÇÃO

A CAMINHO DE UMA OUTRA ETAPA NA DESCRIÇÃO DA GRÉCIA

O Livro II da *Descrição da Grécia* é dedicado às regiões de Corinto e Argólida, primeiro ao Istmo que liga a Ática ao Peloponeso e à Acaia adjacente e, depois, à península na região nordeste do Peloponeso que penetra no golfo Sarónico. Ultrapassada a elevação que separa Corinto do lado norte desta península, o território expande-se pela planície de Argos, atravessada pelos rios Ínaco e Erasino, um território fértil que viveu, em idades muito recuadas, uma enorme prosperidade, material e cultural. Assim, depois de dedicar uma narrativa ampla a Corinto e Sícion, na região da Acaia, Pausânias percorre os grandes polos urbanos da Argólida: Argos, Epidauro, Lerna, Micenas, Tirinte e Trezena, além de pequenos povoados, alguns deles, no tempo de Pausânias, até abandonados e em ruínas (como é o caso de Náuplia). Ou, na análise de Piérart (2001) 205: “A matéria do Livro II está repartida em dois grandes conjuntos: os primeiros catorze capítulos descrevem o norte da região, Corinto, Sícion e Fliunte. Em 15.1, o leitor é brutalmente compelido a regressar à estrada de Corinto, na direção de Cleonas, Némea, Micenas e Argos”. Com este comentário, Piérart chama a atenção para a forma, aparentemente desordenada, como o percurso deste segundo grupo de cidades é proposto por Pausânias, como aliás voltará a acontecer com o roteiro que se segue dentro da Argólida. Há, sem dúvida, alguma intenção subjacente a esta

sequência narrativa; a valorização de um certo encadeamento, como tem sido sugerido, tende a incidir sobre determinados núcleos, sendo Argos um centro aglutinador da teia urbana daquele espaço.

No seu trajeto a partir da Ática, ultrapassada Mégara, é portanto nessa direção que o Periegeta prossegue a sua rota, sendo naturalmente Corinto a primeira das etapas a cumprir. Prezler (2011) 57 salienta não só a importância económica e cultural da cidade do Istmo, como o relevo que os capítulos que lhe são dedicados têm no desenvolvimento subsequente da narrativa de Pausânias, quando escreve: “Na Antiguidade, o Istmo de Corinto era visto como uma fronteira significativa entre duas partes distintas da Grécia e, na *Periegesis* de Pausânias, marca o ponto em que o texto arranca para os sete livros que dizem respeito ao Peloponeso”. De facto, a descrição do Peloponeso detém, no total da *Periegesis*, uma percentagem muito significativa.¹

Apesar do início abrupto do relato sobre esta outra região, agora que se trata de passar da Ática a Corinto e à Argólida, Pausânias vai, de diversos modos, assinalando a confluência entre as duas regiões vizinhas. Essa é uma estratégia de coerência cultural e narrativa. E o primeiro grande vínculo entre elas reside na saga de Teseu, o herói nacional de Atenas. Desde logo o nascimento de Teseu em Trezena, que tinha

¹ Lafond (1994) 170 justifica esta preferência de Pausânias com a especificidade geográfica e histórica da região. E explicita: “Este conjunto de regiões que a geografia reuniu de acordo com uma configuração singular (...) pôde ser considerado como a parte mais famosa da Grécia”. A riqueza cultural desse território não poderia deixar de impressionar uma mente curiosa e informada como a do autor da *Descrição da Grécia*, que, de resto, regista esse interesse de modo explícito (2.15.4): “Naquilo que hoje em dia se chama Argólida, o que é mais antigo já não se recorda”. No comentário, vai talvez implícito o dever da preservação da memória, que Pausânias de alguma forma assume.

com Atenas um vínculo antigo (cf. 2.32.9), torna inevitável a identificação dos rastros do herói nesse território. Contava a tradição que, de passagem pela região, Egeu, no regresso de Delfos onde fora consultar o oráculo por uma questão de esterilidade, havia permanecido junto do soberano local, Piteu, por algum tempo. De um relacionamento com Etra, a princesa de Trezena, resultou então o nascimento de Teseu. A este episódio, Pausânias faz uma referência superficial, para não repetir uma história por demais conhecida (2.30.9; cf. 2.32.9); mas não deixa, mesmo assim, de assinalar a pedra de onde o jovem príncipe teria recuperado os objetos de reconhecimento (as sandálias e a espada que Egeu lhe deixara ao partir, como um símbolo de identidade) – permitindo-lhe a integração em Atenas como seu herdeiro legítimo (2.32.7, 3.34.6). A origem do neto de Piteu estendia-se ainda a uma ilha fronteiriça a Trezena, dita “Sagrada”, onde teria tido lugar o encontro amoroso de Etra com Posídon, possibilitando a lenda que atribuía ao deus do mar a paternidade do príncipe ateniense (2.33.1). Mas se o Periegeta se exime a pormenorizar o relato do nascimento de Teseu, não omite outros episódios da sua vida, claramente conectados com essa outra região. É o caso dos confrontos de Teseu com os bandidos do Istmo, eliminados no trajeto de Trezena para Atenas (2.1.3-4);² da mais célebre das suas aventuras, a vitória sobre o Minotauro, cuja memória o próprio herói assinalou com a construção de um templo dedicado a Ártemis Salvadora, na ágora de Trezena (2.31.1);

² Plutarco, *Vida de Teseu* 25 refere, a propósito, uma estela, cuja implantação atribui a Teseu, em que se podia ler: de um lado, “Aqui não é o Peloponeso, mas a Iónia” (= Ática), e, do outro, “Aqui não é a Iónia, mas o Peloponeso”. Esta teria sido, segundo Estrabão 9.1.6, a forma encontrada por Peloponésios e Iónios, ainda antes do regresso semítico dos Heraclidas, de evitar constantes conflitos entre os dois blocos fronteiriços; *vide* Moreno Leoni (2018) 57.

ou do seu confronto com as Amazonas – “estas Amazonas fariam certamente parte das que atacaram, na Ática, Teseu e os Atenenses” –, recordado num templo a Ares situado em Genétlion (2.32.9).

Outras tradições, de índole histórico-mítica, consolidaram a mesma articulação entre a Ática, Corinto e a Argólida. A escolha do deus protetor, Posídon, seguiu, em Corinto, o modelo de uma disputa com uma divindade concorrente, o Sol, à semelhança do que acontecera na Ática entre o deus do mar e Atena (2.1.6).³ Medeia foi também agente dessa conexão, quando, depois de assassinar o rei Creonte e Glauce, a princesa de Corinto, fugiu a refugiar-se em Atenas, beneficiando do acolhimento de Egeu (2.3.8). Em consequência das afinidades subjacentes aos relatos míticos, algumas manifestações de cumplicidade – como a proedria concedida aos Atenenses nos Jogos Ístmicos – consagraram, nas práticas do quotidiano, a mesma tradição. Mais ainda, um elemento tão relevante como a língua – e os traços culturais e psicológicos que lhe estão afetos – havia sido comum aos dois blocos, antes que a invasão dórica viesse fraturar as duas comunidades (2.37.3). Nem tudo eram, porém, afinidades, as próprias semelhanças podiam fomentar diferendos; assim, a natureza marítima e o poder talassocrático que caracterizavam este espaço geográfico criavam entre Corinto, Egina e Atenas uma proximidade/rivalidade real. Por seu lado, a história de Sícion assentou também em manifestos contactos com a Ática. O próprio Sícion, herói epónimo da cidade, tinha, segundo diversas versões, essa proveniência (2.6.5).

³ O mesmo tipo de disputa divina existia, entre Posídon e Hera, na tradição argiva (2.15.5), e entre Atena e Posídon, na de Trezena (2.30.6).

Numa outra perspetiva, este livro manifesta o empenho em articular a história das diversas cidades argivas de maior relevo, naturalmente muito pulverizadas, criando por tradição o sentido de uma comunidade específica no Peloponeso. Homero, e sobretudo o seu catálogo das naus,⁴ é com frequência tomado como testemunho de uma coesão tradicional; a incorporação de tropas enviadas a Troia por cidades menores sob o comando de outras mais poderosas é disso a prova (e.g., 2.4.2, 2.25.6). A saga de Belerofonte, referida com alguma minúcia, é o ponto de partida para o traçado de uma genealogia em Corinto e para a menção do cruzamento político estabelecido com Argos e Micenas (2.4.2). Com Argos eram estreitas as relações de Sícion (2.6.5-6), que diversas alianças vieram consolidar, de modo a que o poder na cidade da Acaia passou também pelas mãos de soberanos argivos. Além desses ajustes locais, a invasão dórica, com os movimentos populacionais que provocou, teve como consequência, por exemplo, “que os Siciónios se tornaram Dórios e passaram a integrar a Argólida” (2.7.1);⁵ de facto, a intervenção aglutinadora dos Dórios, por meios belicosos ou mesmo pacíficos (2.34.5), foi, como veremos, um fator decisivo nessa coesão.

⁴ O conhecimento que Pausânias tem do catálogo das naus homérico é evidente das citações insistentes que lhe faz ao longo de Livro II; cf. 12.3, 25.5, 30.10, 36.2. Dele extrai indícios do relacionamento ancestral e da hierarquização entre os diversos núcleos urbanos e autoridades locais.

⁵ Dentro dos Livros dedicados ao Peloponeso, Musti (1994) 19 estabelece um núcleo (Livros II-IV) referente ao “Peloponeso dórico”, “que Pausânias parece considerar como uma das tradições mais garantidas sobre o passado grego remoto”.

TRADIÇÕES MÍTICAS EM CORINTO E ARGÓLIDA

De acordo com as preferências sempre demonstradas por Pausânias, os mitos arcaicos e clássicos atraem com frequência a sua atenção. A paisagem, natural e construída, torna-se sugestiva de episódios de um mesmo mito que se associam com determinada região, ou se dispersam por um território mais amplo. Um interesse particular lhe merecem aquelas lendas que tiveram expressão na cultura e na literatura, permitindo-lhe – e ao seu leitor – uma articulação intuitiva com textos célebres de conhecimento geral. Ao critério literário associa-se um outro igualmente significativo: aquele que valoriza a visibilidade dos monumentos a partir dos nomes célebres dos artistas que os conceberam e, em consequência, da riqueza material ou artística que os distingue.

No entanto, apesar da sedução exercida sobre Pausânias pela tradição mítica, vemo-lo avaliar, com olhos críticos, algumas das lendas, que em certos casos repudia com palavras parentóricas: “Se o que afirmam é que se trata de um cenotáfio em memória desta mulher, é aceitável; mas se pensam que lá se encontram os restos mortais de Hirneto, não me convencem; que acredite quem não conhecer a história de Epidauro” (2.23.3); “Mas fazem afirmações com que eu não concordo, como seja...” (2.23.5); “A verdade é que aos exegetas argivos não passou despercebido que a sua versão não era inteiramente correta. Mas continuam na deles, porque não é fácil fazer as pessoas aceitarem a opinião contrária àquela a que estão habituadas” (2.23.6). Vénia à tradição, combinada com a incompatibilidade entre diversas versões locais, justificam estas reprovações ou correções.

A estrutura da narrativa segue, para cada uma das localidades descritas, uma estratégia mais ou menos constante,

dando prioridade à genealogia da família fundadora e à identificação do seu herói epónimo (cf. 2.4.3-4, sobre a genealogia de Corinto; 2.5.6-8, 2.6.5-6, sobre a de Sícion; 2.16.1-2, 2.18.4-8, sobre a de Argos; 2.29.2-4, sobre a de Egina; 2.30.5-9, sobre a de Trezena).⁶ O reconhecimento explícito do empenho dos cidadãos em afirmarem o seu ascendente – no caso dos Coríntios, por exemplo, a partir do deus supremo, Zeus – corresponde a um propósito de enobrecimento de uma comunidade em concorrência com outras, conforme com uma prática comum. A leitura de Pausânias sobre essas tradições tende a ser cética (2.1.1): “Que esse Corinto seja filho de Zeus é uma afirmação que, quanto sei, nunca ninguém levou a sério, à exceção da população coríntia”. Além da tradição popular, os poetas locais – e.g., Eumelo, no caso de Corinto (2.2.2, 2.3.10), Ásio, em Sícion (2.6.4, 2.29.4), Acusilau, em Micenas (2.16.4), Telesila, em Argos (2.20.8) – contribuíram com versões míticas para o mesmo objetivo.⁷ Por vezes, a controvérsia instala-se no relato desse passado remoto e as versões acumulam-se, contraditórias. A fundação de Argos é disso mesmo um modelo (2.15-6).

No seu conjunto, Corinto e Argólida são territórios fortes em tradições míticas, em que a literatura e as artes plásticas encontraram uma inspiração insistente. Alguns mitos sobressaem com particular relevo na narrativa de Pausânias. Belerofonte, o cavaleiro do Pégaso, tinha uma relação estreita

⁶ Prezler (2011) 77 reconhece que a pulverização identitária das cidades da Argólida exigiu de Pausânias uma sistematização inicial da “sequência de heróis, das relações familiares e das conquistas míticas, que definem a identidade de muitas cidades”.

⁷ Bowie (1994) 210 assinala a importância da historiografia local durante o séc. II d.C. e a sua tendência para o registo dos cultos e mitos de fundação, como forma de reivindicação de um passado helénico e da preservação cultural das cidades.

com Corinto, onde a sua efígie figurava nas moedas em circulação;⁸ Medeia tinha também o seu nome e destino de mãe privada dos filhos profundamente vinculado à mesma cidade; Hércules marcava presença em múltiplos locais, do mesmo modo que Dánao e as suas cinquenta filhas, ou os companheiros de Polinices no ataque contra Tebas. Em todos os casos, as versões trágicas de Ésquilo (com a sua trilogia de *Danaides* e a Tebana onde se incluíam os *Sete*) e de Eurípides (*Belerofonte*, *Estenebeia*, *Medeia*, *Heraclidas*, *Hércules Furioso*, entre outras),⁹ marcavam, sem dúvida, presença nestes vestígios concretos de sofrimento e vingança. Desses mitos, os monumentos públicos testemunhavam os traços mais emblemáticos.

Em Corinto, sob as mais diversas formas, o espaço público dava voz às tradições míticas da cidade. Assim Belerofonte, a quem Pausânias dedica múltiplas referências, sobressaía como o montador do Pégaso, oferta com que a deusa Atena brindara o herói e o apetrechara para cometer as façanhas mais ousadas (2.4.1). A imagem do jovem aventureiro sobre o cavalo voador justificava a popularidade de uma fonte, cuja água jorrava do casco da montada (2.3.5); como também um recinto sagrado no Craneion lhe era dedicado (2.2.4). Belerofonte não era, igualmente, um estranho em Trezena, onde se apresentou como pretendente à filha de Piteu, Etra. Se essa pretensão acabou frustrada, quando o jovem se viu exilado em consequência do assédio da madrastra, Estenebeia, mesmo assim a fonte de Hipocrene, rasgada pelo casco do Pégaso, testemunhava a sua visita (2.31.9); em Epidauro, a vitória sobre a Quimera estava

⁸ Vide Millis (2010) 15.

⁹ Curiosamente o mais do que célebre mito dos Atridas, em Pausânias sobretudo associado às ruínas de Micenas, não merece o relevo de outros, talvez por a própria vulgaridade tornar inútil a insistência.

representada na decoração escultórica do trono de Asclépio, a divindade tutelar do santuário (2.27.2). Dentro do mesmo mito, uma outra etapa inspiradora foi a cumprida por Preto, filho de Abante e monarca de Tirinte por herança paterna (2.16.2, “Há ainda em Tirinte alguns vestígios da residência de Preto”), alguém a cuja autoridade política Belerofonte estava submetido (2.4.2). Veio a desempenhar também o papel de marido de Estenebeia, a rainha apaixonada por Belerofonte e, em nome dessa paixão, tentada a cometer adultério –, episódio a que Eurípides prestou particular atenção (2.16.2). A infelicidade deste casamento, entre Preto e Estenebeia, não se ficou pelo adultério e suas consequências. Dele nasceram as repetidamente mencionadas “filhas de Preto”, cujo rasto de errância e loucura se dispersava por diversos lugares do Peloponeso (2.7.8, 2.25.9).

Medeia, e os diversos intervenientes da sua história, gozavam de visibilidade equivalente. Uma fonte recebeu o nome de Glauce (2.3.6), a vítima dos ciúmes e ressentimentos de Medeia, e bem perto se situava o túmulo dos seus filhos, as crianças eliminadas pela fúria ou insensatez dos adultos em sua volta. A propósito da menção do túmulo, Pausânias não fala propriamente de filicídio, mas da ira com que os Coríntios eliminaram as crianças como forma de cobrarem o assassinio da sua princesa. A necessidade de apaziguar a maldição que recaiu sobre eles – traduzida na morte sistemática das crianças coríntias, no que se entendeu ser uma retaliação dos filhos de Medeia (2.3.7) – justificou a realização de festas anuais e a instalação de uma estátua em honra do Terror. Interessante é também o rasto de uma outra versão da origem de Medeia, como descendente de Coríntios, dessa forma deitando por terra a sua proveniência da Cólquida e a sua natureza de bárbara vítima da xenofobia coríntia (2.3.10-1). Esta é uma versão

vinculada a Eumelo, um poeta emblemático da cidade e autor de uma genealogia da sua casa real.

Sícion, por sua vez, estava particularmente ligada ao mito de Antíope (2.6.1-3), a que Eurípidés dedicou também uma tragédia. Esta era a história da beleza arrasadora de uma mulher tebana que provocou uma guerra dos seus contra Sícion, cujo rei, Epopeu, a havia pretendido e sequestrado. Também Sícion dispôs de um poeta sâmio, neste caso Ásio, que a imortalizou e aos episódios que a identificavam (2.6.4). Da sua pena saiu um poema dedicado a Antíope e aos filhos que gerara, de Zeus e de Epopeu. Uma imagem corroborava também a relação de Antíope com Sícion, consolidada pela existência dos filhos (2.10.4).

Argos surge, no itinerário de Pausânias pelo Peloponeso, como um bastião de tradições. O mito de Io, exilada no Egito, e o retorno da sua descendência, na pessoa de Dánao acompanhado das suas cinquenta filhas, contam-se entre os mais célebres (2.16.1). Assim o comprova o interesse que despertou em versões literárias tão emblemáticas como as *Histórias* de Heródoto e, embora não referida por Pausânias, a trilogia de *Danaides*, de Ésquilo. Os vestígios urbanos, em Argos, são generosos na alusão à história de Dánao e das Danaides, acolhidos na cidade quando em fuga do Egito (2.19.3-4). Perto de Génésio, um lugar chamado Apobatmos era reconhecido como o ponto de entrada de Dánao e das filhas na Argólida (2.38.4). Um trono testemunhava a autoridade que Dánao veio a exercer sobre Argos (2.19.5) e um túmulo preservava-lhe a memória (2.20.6). De entre as suas filhas, a mais destacada pelos mitos argivos foi, naturalmente, Hipermnestra, a única a poupar o marido à chacina recomendada pelo pai; tal atitude obrigou-a a ir a julgamento, num processo desencadeado contra a sua desobediência, de que, no entanto, foi absolvida (2.19.6, 2.20.7,

2.21.1-2, 2.25.4). Um templo erigido por Hipermnestra em Argos celebrava a libertação da jovem (2.19.6), além do seu túmulo e do de Linceu, que lhes perpetuava a associação com a cidade (2.21.2). Em conformidade, Linceu deixava também marcas de uma fuga atribulada à perseguição do sogro (2.25.4).

A articulação entre Argos e Micenas é sublinhada pelos cruzamentos entre os mitos que lhes estão associados. Assim, a celebridade do fundador de Micenas – Perseu –, merece ao Periegeta uma menção perentória (2.15.4): “Que Perseu foi o fundador de Micenas é do conhecimento geral entre os Gregos”. Popular era – como é próprio de um herói fundador – a lenda do seu nascimento; filho de Dánae, um oráculo condenara-o, desde a vinda a este mundo, a eliminar o avô, Acrísio de Argos, para assim assegurar o seu direito ao trono. Do mesmo modo que em todas as lendas com esta configuração, em que o abandono do recém-nascido é de regra, o filho da princesa, Perseu, sobreviveu para vir, mesmo se involuntariamente, a cumprir o seu destino. Mas, para fugir ao opróbrio do seu crime, trocou de reino com o primo Megapentes, e tornou-se fundador de Micenas (2.16.3). Em Argos, a cabeça de Medusa sepultada em plena ágora evocava a memória de Perseu, o vencedor daquela que se tornou uma aventura emblemática (2.21.5-6); e, em Epidauro, o vencedor de Medusa tinha também representação no trono de Asclépio (2.27.2). Não bastou o parentesco mítico para evitar, entre Argos e Micenas, uma animosidade que levou à extinção desta última (2.16.5) e garantiu a Argos a hegemonia sobre a região (séc. V a.C.). Mas, apesar de extinta, Micenas deixou vestígios imponentes do seu passado de grande cidade da Grécia e, a identificá-la, um dos mais célebres mitos gregos, o dos Atridas. Naturalmente que Pausânias retira das ruínas de Micenas

memória de diversas etapas dessa lenda: os túmulos dos companheiros de Agamémnon, vítimas da traição de Egisto, o túmulo de Cassandra (2.16.6) e, um pouco mais afastados, os de Egisto e Clitemnestra (2.16.7).¹⁰

A menção do *herôon* de Perseu, situado na estrada entre Micenas e Argos e, mais adiante, do túmulo de Tiestes, são pretexto para algumas observações sugestivas a propósito dos mitos locais. A transferência do trono dos descendentes de Perseu para os de Pélops dá origem à dinastia dos Atridas, uma das mais populares na literatura antiga. Por isso, Pausânias manifesta alguma insegurança na fixação de detalhes, possivelmente confrontado com a multiplicidade de versões que a lenda merecia. Se lhe é bem clara a traição de Tiestes e de Aérope em relação a Atreu, outros pormenores escapam-lhe (2.18.2): “Quanto ao que veio a acontecer mais tarde, não sei dizer com certeza se foi Egisto a encetar uma agressão ou se antes Agamémnon tomou a dianteira ao matar Tântalo, filho de Tiestes”. A tradição dos crimes e violências perpetrados por esta família impressiona o narrador, que os entende como uma maldição, de preferência a aceitar uma distorção hereditária. A geração seguinte, aquela em que o matricídio se vem juntar a uma longa lista de mortes condenáveis visando membros desta mesma família, deixa rasto em diversos lugares vizinhos de Micenas. Assim, a errância de Orestes, o matricida, conheceu em Trezena uma etapa relevante; dessa passagem eram testemunhas a pedra designada por “Sagrada”, “sobre a qual – ao

¹⁰ Piérart (2001) 212, no entanto, chama a atenção para o facto de Pausânias ser parco nas referências ao mito dos Atridas propriamente dito: “A descrição de Micenas contém sobretudo os monumentos respeitantes aos Atridas. Estes estão apenas presentes de acordo com as tradições que circulavam em Argos”. E atribui esta parcimónia à vulgaridade desses episódios amplamente narrados desde Homero.

que dizem –, um dia, nove homens de Trezena purificaram Orestes pelo homicídio da mãe” (2.31.4); além do edifício conhecido por “tenda de Orestes”, em que, segundo a tradição, o filho de Agamémnon se refugiara até ser purificado, de modo a não contaminar a população local (2.31.8).

Argos foi também destino de exílio para Polinices, o filho de Édipo, que lá reuniu um exército que o seguisse no ataque a Tebas, para recuperação do poder a que se julgava com direito (2.20.5). Os sete atacantes a que Ésquilo faz menção na sua peça tinham em Argos as respectivas estátuas, bem como os Epígonos, ou seja, os seus descendentes, que consumaram uma conquista negada aos seus progenitores; Adrasto tinha lá o seu túmulo (2.23.2), e a memória de Anfiarau, um dos sete, era homenageada num santuário (2.23.2).¹¹ Mas, além de Argos, as marcas do mesmo mito dispersavam-se por toda a península; assim, no caminho de Argos para Mantineia, duas estátuas, de Ares e de Afrodite num santuário, eram tidas como oferta dos atacantes de Tebas (2.25.1); por sua vez o monte Pontino, na região de Lerna, abrigava os vestígios da casa de Hipomedonte (2.36.8).

Hipólito, o filho de Teseu e da Amazona, tinha também o seu nome associado a Trezena, onde teria deixado a sua marca como devoto de Ártemis num templo dedicado à deusa (2.31.4). Mas mais emblemático ainda era o santuário de Hipólito – de que Pausânias reconhece a popularidade (2.32.1) –, situado já fora do perímetro urbano. Além de festejos anuais, a cidade venerava-o com um culto permanente, assegurado

¹¹ Huard (2012) 60 chama a atenção para a difusão verdadeiramente pan-helénica do culto de Anfiarau, dispersa por Atenas (1.8.2), Oropo (1.34.1-5), Filo (2.13.7), Argos (2.20.5, 2.23.2), Lerna (2.37.5), Esparta (3.12.5), Amiclas (3.18.2), Olímpia (5.17.7-9), Tégea (8.45.7), Delfos (10.10.3), Beócia (9.8.3, 9.19.4).

por um sacerdote vitalício. A fama e vitalidade deste culto justifica a descrição minuciosa que lhe é dedicada. A paixão escandalosa de Fedra tinha também o seu testemunho no estádio dito de Hipólito e no templo vizinho de Afrodite *Catascópia*, de onde a esposa de Teseu observava o enteado que praticava desporto (2.32.3). O memorial de Fedra, situado em local próximo, e a casa de Hipólito materializavam o ciclo mítico (2.32.4). Por fim, a oliveira que os Trezénios conheciam por “retorcida” assinalava a morte violenta do filho de Teseu, derrubado do seu carro quando as rédeas que segurava se lhe enrolaram nos ramos (2.32.10).

Fronteira à costa, na região de Epidauro, fica a ilha de Egina; foi da filha de Asopo assim designada, que nela viveu amores com o deus supremo, que lhe adveio o nome (2.29.2), e, no filho nascido desta relação semidivina, Éaco, se concentrou a figura emblemática da autoridade local. Em contrapartida, de Egina projetou-se um conjunto de relações com outros locais da Grécia – Fócida, Tessália, Chipre – que se reconheciam como Eácidas de origem. As diversas ramificações desencadeadas a partir dos três filhos de Éaco – Foco, Peleu e Télamon –, por motivos diversos relacionados com a sucessão afastados da ilha natal, foram responsáveis por essa dispersão.

À medida que se penetra no Peloponeso, Hércules vai-se tornando um mito transversal a diferentes núcleos urbanos.¹² Assim, em Sícion, nas homenagens que lhe são prestadas, estava mesclada a sua natureza de herói e deus (2.10.1); na Fliásia, Pausânias registou um culto de Hebe, que se dizia ser

¹² É sabido que Hércules, na verdade, se tornou um herói pan-helénico e o seu culto amplamente representado nas diversas regiões da Grécia.

esposa do herói (2.13.3), além de contos locais que atestavam a sua passagem; era o caso da morte do escanção de Eneu, também representada numa imagem de mármore, morte essa que Hércules teria provocado com o toque de um só dedo, pela razão de que o vinho servido lhe não agradou (2.13.8). Túmulos das vítimas de Hércules assinalavam-lhe os feitos, como, em Cleonas, o de Êurito e Ctéato, embaixadores da Élide, que o herói considerou seus inimigos e liquidou (2.15.1); ou então rastros das feras vencidas pelo herói, como o leão de Némea e a hidra de Lerna (2.15.2, 2.37.4); ou ainda pormenores de paisagem, como a oliveira “retorcida” pelas suas mãos poderosas, junto a Epidauro (2.28.2), uma oliveira que brotou da sua clava (2.31.10), ou a fonte que o herói teria descoberto, em Trezena (2.32.4).

Por outro lado, o facto de haver, em Trezena, um local identificado com uma entrada para os inferos, justificava a relação da cidade com Dioniso e Hércules, ambos protagonistas de uma catábase, o primeiro para salvar a mãe, Sêmele, da morte, e o segundo raptor do cão dos inferos, Cérbero (2.31.2, 2.35.10, 2.37.5). Estas são lendas a que Pausânias confere pouca credibilidade, mas que se vê obrigado a referir decerto pela relevância que tinham na região.

Se passarmos ao plano divino, estaremos confrontados com a importância da deusa Hera em território argivo, associada, em distintos lugares, com episódios particulares da sua saga. Como deusa protetora da maternidade, vemos-la comprometer-se com Medeia em proteger-lhe os filhos, no seu templo em Corinto (2.3.11); Adrasto e Preto teriam procedido à transferência da deusa de lugares onde o seu culto estava já estabelecido – como é o caso de Argos –, para outros onde ganhou nova vitalidade (2.11.1-2, 2.12.2); com Posídon, Hera travou uma disputa pela posse da região, cujo

resultado foi, de resto, favorável à deusa e causou a fúria do vencido (2.15.5, 2.22.4); as amas de Hera, recordadas em 2.17.1, abonam da antiguidade da deusa, como criança ainda, em Argos, onde tinha o seu culto principal; a sedução que Zeus, sob forma de cuco, exerceu sobre uma jovem Hera, assim criando as condições para as bodas futuras do casal, consagrava Argos como o ponto de partida para a ligação conjugal entre os supremos senhores do Olimpo (2.17.4, 2.36.1); em Náuplia, comemorava-se o banho que Hera tomava todos os anos para recuperar a virgindade (2.38.2); por fim, com a deusa e o seu culto se associava também o célebre episódio de Cléobis e Bíton, modelos de devoção filial (2.20.3).

Epidauro passava por ser o berço de Asclépio, filho de Apolo e de uma mortal, a que se associava um daqueles contos tradicionais próprios de uma criança vocacionada para um futuro superior: o de ter sido abandonada à nascença e miraculosamente salva para cumprir o seu destino (2.26.4-5). Tão dotado se veio a revelar para a arte da medicina – ou não tivesse sido discípulo do centauro Quíron –, que até a morte ousou desafiar. Por isso Zeus, irritado com o excesso de perícia que Asclépio demonstrava, fulminou-o e fê-lo descer ao Hades, como punição. Mas de lá o retirou, com um novo estatuto de divindade da saúde, que exerceu como seu atributo único. Daí o enorme ascendente que Asclépio deteve, garantindo-lhe superioridade sobre outros deuses com idêntica atuação curativa. A fama de Epidauro surgiu, justamente, por ter sido berço desse filho de Apolo, de poderes fantásticos na cura de todas as doenças (2.26.5-8). Por conta deste culto e das suas potencialidades extraordinárias, Epidauro – onde se instituiu o mais célebre templo do deus – irradiou a sua fama para outras cidades, vizinhas (Corinto, Sícion, Fliunte, Argos,

Egina, 2.10.2-3, 2.11.5, 2.13.5, 2.23.4), ou progressivamente mais distantes (Atenas, Pérgamo, Esmirna, Creta, 2.26.8-9).

DO MITO À HISTÓRIA

O passar do tempo impôs que o mito convivesse com a história. Globalmente dois fatores acentuados na narrativa de Pausânias condicionaram, ao longo dos séculos, o destino do território em apreço no seu Livro II: num passado remoto, a invasão dórica, que correspondeu a uma fratura linguística e cultural no desenho do mapa helénico; e, em tempos mais recentes, a ocupação romana, que veio, de novo, provocar uma mescla cultural e política sobre a Grécia em geral, e sobre o Peloponeso em particular.

A invasão dórica é olhada por Pausânias como um acontecimento histórico de grande importância para o estabelecimento de um xadrez político e cultural no Peloponeso. A sua afirmação sobre esta etapa na história da Grécia é perentória (2.13.1): “Com a chegada dos Heraclidas, o Peloponeso inteiro entrou em convulsão, salvo a Arcádia; e se muitas cidades integraram migrantes dórios, muitas outras houve que mudaram radicalmente em relação aos habitantes”. A instalação e domínio do invasor fez-se, portanto, por etapas, ora mais consensuais, ora mais agressivas e autoritárias. De um modo ou de outro, o resultado foi a importação pelas populações locais de uma nova marca étnica, ou o seu exílio, em caso de rejeição. O exemplo de Corinto pode ser, entre outros, paradigmático; se a autoridade local cedeu perante o invasor, e com isso granjeou uma tolerância que lhe permitiu permanecer na cidade, o povo, em contrapartida, foi deportado depois de uma reação violenta (2.4.3). A Fliásia conheceu fraturas

semelhantes (2.13.1-2). Em contrapartida, o processo de fusão parece ter sido, em Trezena, mais pacífico (2.30.10). E mesmo indiretamente, através de povos do continente entretanto emigrados para Egina, este território insular veio a fundir-se com a comunidade dórica, que se impôs no Peloponeso (2.29.5).

Por outro lado, a presença de um invasor estimulou antigas dissidências entre populações do Peloponeso; por isso os Dórios apareceram, a algumas cidades ou soberanos, como possíveis aliados na arremetida contra inimigos ancestrais. Assim, por exemplo, Melas, oriundo de Gonussa, na região de Sición, aliou-se aos invasores para atacar a vizinha Corinto (2.4.4); e outro tanto fez Falces para reivindicar o poder de Sición (2.6.7).

Não menos profundas foram as alterações provocadas pela apropriação romana da região. A sua marca em Corinto, desde logo, era gritante. E embora – como tem sido amplamente reconhecido pelos comentadores – Pausânias seja parco na informação a respeito dos vestígios deixados pelo ocupante na cidade, mesmo assim não pôde omitir-lhe a importância; de facto, Corinto tinha sofrido uma rutura profunda, com a destruição da antiga cidade grega e a sua reconstrução, romanizada, por Júlio César.¹³ A cidade física que Pausânias

¹³ Torelli (2001) 136 salienta o particular interesse de Corinto entre as cidades da Acaia descritas por Pausânias, por se tratar, juntamente com Patras, de colónias romanas aí estabelecidas. E, num outro estudo dedicado a Corinto, o mesmo estudioso constata a reação de Pausânias perante a realidade histórica da Corinto romanizada (2001a: 54): “Se considerarmos a descrição dos monumentos na ágora da colónia romana de Corinto, chegamos à conclusão incontornável de que Pausânias não partilha do entusiasmo formal das elites coloniais romanas por todas as formas de propaganda imperial; por isso, ignora as estratégias monumentais que caracterizam esse tipo de expressões ideológicas de lealdade ao poder imperial central”.

visitou e de que faz a descrição já pouco tem a ver com a velha Corinto, a partir do momento em que a ocupação romana lhe aniquilou a resistência (cf. 7.16.7-8) e fez dela a capital de uma província do império depois de reerguida por César. Naturalmente as vantagens da sua localização geográfica, com repercussões económicas e culturais, não passaram despercebidas aos Romanos. O autor da *Descrição da Grécia* torna-se, dentro de certos limites, um testemunho relevante para o processo de ocupação e progressiva absorção das marcas culturais da potência ocupante pela cidade que encabeçou a Liga Aqueia na resistência ao conquistador (cf. 2.2.6, 2.3.7), como já antes o havia feito em relação à ameaça macedónia. Na verdade, a tomada de Corinto pelo poder romano marcou o início de uma outra era na vida da Grécia. Vários monumentos da cidade mantinham viva a memória da generosidade de figuras do mundo de Roma, testemunhando o desenvolvimento que Corinto veio a conhecer após a reconstrução (e.g., o imperador Adriano, 2.3.5). Por seu lado, alguns monumentos adotaram designações que um grego sentia como ‘estrangeiras’; é o caso de “um santuário de Zeus Capitolino, como é chamado pelos Romanos; em grego, chamar-se-ia Corifeu” (2.4.5).¹⁴ Mesmo assim, os vestígios do seu passado grego mantiveram-se evidentes, o que leva Millis¹⁵ a afirmar: “Em conclusão,

¹⁴ Lafond (1994) 179 observa o compromisso patenteado pela narrativa de Pausânias, que não hesita no anacronismo: usa a menção de um templo ou monumento para lhe associar um acontecimento ou uma personagem do mundo romano; sem propriamente pretender elaborar uma história deste período de ocupação romana no Peloponeso, não deixa, mesmo assim, de aludir à ambiguidade histórica do momento. Por seu lado Millis (2010) 20-30 discute a questão da língua usada pelos habitantes da Corinto romana, considerando as questões sociais e políticas subjacentes ao uso do grego ou do latim.

¹⁵ (2010) 15.

os antigos colonos da Corinto romana, fosse qual fosse a sua origem, preocuparam-se em enfatizar e promover o seu status não como agentes de rutura, mas como legítimos sucessores e herdeiros da cidade grega”. Por isso, Corinto manteve viva a sua longa tradição helénica de cidade já reconhecida desde o séc. VIII a.C., apesar de a sua destruição pelos Romanos poder considerar-se, para a Grécia, o fim marcante de uma época. A partir daí as diversas cidades gregas viram gorada qualquer possibilidade de lutarem pela sua independência e forçadas a conviver, na medida do possível, com o ocupante. Como outros relatores deste processo histórico, Pausânias procura detetar os vestígios de uma dupla cultura, a grega e a romana.

De Sícion, a história recordada por Pausânias valoriza as diversas interrupções que o poder da cidade sofreu na sua linha dinástica, com a intromissão de governantes provindos de outras partes da Grécia (2.6.1). Este é, de facto, um aspeto importante que condicionou o desenvolvimento da cidade. Mais do que nenhum outro é o nome de Arato, um militar e um diplomata exímio, o que se encontra associado a horas de glória na vida de Sícion. Dois momentos essenciais da sua intervenção são valorizados: a expulsão da tirania e a restauração da democracia na cidade, e a integração de Sícion na Liga Aqueia, empenhada na resistência grega à ocupação dos Macedónios. À frente desta liga, Arato desenvolveu uma teia de relações políticas de relevo com as cidades do Peloponeso, que pretendia unir num bloco sob jurisdição da Liga Aqueia. Por isso é natural que Pausânias lhe dedique um excuro, de natureza biográfica, com bastantes coincidências com a *Vida de Arato*, de Plutarco (2.8-9).

A história de Argos, a cidade de referência na região, reparte-se em dois blocos: um precedendo a descrição de

Micenas (2.15.4-2.16.5), e outro dedicado à cidade propriamente dita (2.18.4-2.19.2). É peculiar a sua história, que Pausânias distingue como única entre os Gregos, por ter estado repartida em três reinos (2.18.4). O mito justificava esta situação estranha com a divisão do seu poder, aceite pelo rei Anaxágoras, com Melampo e Bias; à loucura das filhas de Preto e à pacificação da região conseguida por Melampo se ficou a dever, de acordo com a tradição, este processo político. E assim se originaram três dinastias paralelas, de que é feita a respetiva genealogia. A união foi assumida, mais tarde, por Orestes, que teria recebido o poder de Argos por falta de descendência dos Anaxagóridas e também sido aceite, pelos Lacedemónios, como seu soberano. Ou seja, o mito narrado por Pausânias serve para justificar a fusão progressiva de diversas cidades da região, sob a autoridade aglutinadora de algumas delas, nomeadamente Argos e Esparta. Musti (1994) 24 fala, no caso da Argólida, de “um acentuado policentrismo” e acrescenta: “Parece-me que, na região argólico-coríntia, Argos se tornou, também do ponto de vista expositivo, um ponto central, que organiza a estrutura descritiva, de modo que as várias regiões em questão terminam por ser sempre relacionadas com aquele centro real, mas também ideal – na estrutura do discurso pausaniano – que é Argos”. No entanto, estes episódios pertenceriam a uma era passada, de tempos micénicos, anterior à invasão dórica, que trouxe à poderosa Micenas decadência e levou à expulsão ou exílio voluntário dos detentores do poder. Desgastada pelos conflitos a que a monarquia a sujeitara, Argos acabou por eliminar Micenas, de forma progressiva, num conhecido amor pela liberdade que a caracterizava. Posteriormente uma série de conflitos entre Argos e as cidades vizinhas foi resultando no controle total de Argos sobre a região

norte da península, sendo evidente o poder e prestígio da cidade.¹⁶

De Epidauro, porque obscura a sua origem e trajeto histórico, restava a noção de que se entregou à autoridade de Argos, ainda antes da chegada dos Dórios (2.26.1). No entanto, a sua influência religiosa no mundo antigo, dispersa por um mapa amplo, é a prova de uma indiscutível preponderância.

O testemunho de Pausânias sobre Hermíone foi da maior importância para a descrição desta antiga cidade. Situada numa península no extremo sul da Argólida, a cidade dispõe de dois portos acolhedores, o que lhe garantiu certamente importância desde tempos micênicos, atestados pela referência homérica, no catálogo das naus do Livro II da *Iliada* (2.560). Por outro lado, a participação que veio a ter nas Guerras Pérsicas, nas batalhas de Salamina e Plateias (cf. Heródoto 8.43, 9.28.4), dá prova da sua capacidade militar.

Estes são, no essencial, os grandes motivos condicionantes da história de um espaço, em sucessivas etapas, preponderante no fluir da história da Grécia.

AS ÁREAS URBANAS

Na descrição extensa do norte do Peloponeso, Pausânias detém-se em diferentes áreas urbanas, seguindo uma norma seletiva; de cada uma delas sublinha as curiosidades mais dignas de registo, dentro do seu critério habitual. Dentro das regiões coríntia e argólica há núcleos que detêm claramente um tecido urbano mais denso e outros que, apesar de

¹⁶ Torelli, Musti (2008) 335 consideram que o ascendente de Argos sobre as cidades da região condiciona mesmo a narrativa, estabelecendo um itinerário por vezes incongruente.

despovoados, têm associada uma enorme carga histórica. Da configuração deste espaço sob o ponto de vista urbanístico, Sutton¹⁷ comenta: “Toda a região entre Corinto e Argos, para Pausânias e também para os viajantes modernos, era apenas povoada por antigos sítios que pareciam contrastar, e daí ganhar poder, num contexto desabitado e mudo”. O seu compromisso com o passado parece flagrante.

À semelhança do que é comum a toda a sua narrativa, também no Livro II são os templos – e respetivos cultos – a merecerem a Pausânias particular atenção.¹⁸ A cidade do Istmo é, na opinião de Osanna,¹⁹ um núcleo urbano singular: “As coisas dignas de menção são obviamente aquelas poucas que sobreviveram à destruição de 146 a.C., mas (...) a maior parte pertence à reconstrução romana do centro”. Corinto²⁰ é assim, na época de Pausânias, uma cidade pujante, recuperada pela intervenção romana e beneficiando de uma localização muito favorável e da generosidade da potência ocupante. Antes de mais, é atrativa a parte baixa da cidade compreendendo o espaço marítimo e portuário; compõem-na ainda uma zona central de que a descrição privilegia sobretudo os templos, e Acrocorinto, a parte alta e sobranceira da cidade.

¹⁷ 2001: 186.

¹⁸ Pirenne-Delforge (2001) 109-10, a propósito da predominância da matéria religiosa na *Periegesis* de Pausânias afirma: “Esta obra de memória é também uma empresa de conservação patrimonial, numa Grécia então romana, mas aureolada de um passado de liberdade de que importa revitalizar a lembrança, à falta de poder restaurar os quadros políticos”.

¹⁹ 2001: 187.

²⁰ Pretzler (2011) 95 valoriza a ideia de que Corinto se conta entre as cidades descritas por Pausânias, cuja reconstrução arqueológica se pode fazer com mais segurança. Nesta descrição o mesmo autor deteta um processo praticado igualmente noutros casos: “O percurso geralmente parte da ágora e segue vias radiais até às muralhas da cidade, descrevendo tudo o que merece registo nesse caminho”.

Na abordagem de Corinto, o primeiro motivo relevante é de ordem geográfica e prende-se com a própria configuração do Istmo e dos seus dois portos, designados por Cêncreas e Lequeu (2.1.5, 2.2.3). Determinante no contacto entre oriente e ocidente, dessa característica dependeu também em boa parte a economia e o progresso da região. Não admira, portanto, que a própria cultura tivesse vindo a ser fortemente marcada por esse fator natural; a predominância de Posídon como a divindade tutelar da região é disso a prova. Ligada, por sua vez, com o culto do deus está a monumentalidade de referência na parte baixa e marítima de Corinto, constituída pelo teatro, estádio e pelo santuário, associado com os Jogos Ístmicos em honra do deus (2.1.7). Descrito em pormenor, este é um espaço em que os elementos religiosos – representados com recurso a materiais preciosos (ouro e marfim, 2.1.7-8) – do mundo marinho são dominantes (Tritões, Anfitrite, Mar, Nereides), associados com figuras míticas da Argólida (Alcméon, Ino, Belerofonte). Trata-se apenas do primeiro recinto sagrado, a que vários outros se seguem – dentro da preferência sempre atestada em Pausânias pelo património religioso –, com que se conecta um conjunto de memoriais dedicados a nomes de referência associados a Corinto (2.2.1-2). Afrodite teve também um culto famoso na cidade, a que ficou sempre associada a celebridade das prostitutas (2.2.4-5).

Da ágora de Corinto resultam sobretudo interessantes os elementos sagrados, os únicos a merecerem a atenção de Pausânias (2.2.6-8). Osanna²¹ faz, no entanto, uma ressalva importante: “... não são as estátuas, enquanto criação de arte, a impressionar o Periegeta e a atrair-lhe a atenção, quanto as coisas sagradas carregadas de lendas antigas e mitos locais”.

²¹ 2001: 187.

A ágora é também ponto de partida da estrada²² que conduz à zona interior de Corinto, bordejada de túmulos, agora de personalidades associadas à vida pública, cultura e intelectualidade, como é o caso da prostituta Laís e de Diógenes, o filósofo cínico. Bosques, fontes (2.2.4, 2.3.5, 2.4.5, 2.5.1) e banhos (2.3.5) contribuem para o retrato físico de uma cidade em que a qualidade de vida é assegurada pelo pragmatismo e pela estética. Em algumas dessas fontes são imortalizadas as tradições míticas locais; é o caso de Pirene, em memória das lágrimas por ela derramadas pela perda do filho (2.3.2-3, 2.5.1), de Belerofonte, o montador do cavalo alado Pégaso (2.4.1-2), ou de Glauce, a princesa de Corinto vítima dos venenos de Medeia (2.3.5-6). Por fim, Acrocorinto (2.4.6-7) constitui a última etapa da descrição da cidade do istmo e, mais uma vez, um recinto de devoção a diversas divindades, o Sol e Afrodite (2.5.1) com evidente relevo.

De Corinto, o relato prossegue com Sícion, na região da Acaia. Também neste caso, a cidade que Pausânias pôde visitar correspondia à reedificação levada a cabo pelos Macedônios que, após terem sido responsáveis pela sua destruição, a transferiram para a antiga acrópole (2.7.1). De entre os edifícios públicos enumerados, com predominância para os santuários, sobressai “o templo de Dioniso; a estátua do deus é criselefantina, e, junto dele, estão umas Bacantes em mármore branco” (2.7.5),²³ cenário de festejos relevantes em honra do

²² Tem sido sublinhada a importância do testemunho de Pausânias na reconstituição da rede viária que unia as diferentes regiões do Peloponeso, a sua qualidade e características. Sobretudo em torno dos centros maiores, como é o caso de Argos, os acessos multiplicavam-se (2.25.1, 2.25.4).

²³ Arafat (2009) 579, ao estudar os tesouros descritos por Pausânias, sublinha a importância das estátuas crisefantinas como preciosas entre todas e, por isso, testemunhas do relevo dos cultos respetivos.

deus, provavelmente de inspiração tebana. Apolo e Ártemis contavam também com um templo e um culto muito popular na cidade, associado com a purificação desses deuses depois de matarem a serpente Píton (2.7.7-8). O estado ruinoso em que alguns dos edifícios religiosos se encontravam, já ao tempo de Pausânias, parece atestar a antiguidade de Sícion e dos seus cultos (2.11.1-2). Considerados esses edifícios em ruínas ou ao abandono e os pequenos povoados que merecem uma referência, poderemos estar diante de um ambiente tendencialmente rural e decadente em consequência da invasão romana. O despovoamento e o retrocesso afeta mesmo centros urbanos pujantes no passado. Tanto mais importante se torna o registro de uma tradição grega agora de certa forma ameaçada.

Outros lugares e cidades menores da região – sobretudo interessantes pelos templos, cultos e contos tradicionais em que abundam –, como Titane (2.11.3-8), Fliunte (2.12.3-2.13.8), Céleas (2.14.1-4) e Cleonas (2.15.1), merecem a Pausânias referências breves e preenchem o percurso até um outro centro urbano de relevo, desta vez Micenas.²⁴ Entre as cidades já no seu tempo em ruínas esta foi a que, naturalmente, mais impressionou Pausânias, com toda a carga cultural que a impunha à memória dos homens. A imponência das suas muralhas, a grandiosidade da Porta das Leas, os círculos

Salienta também um padrão comum às estátuas de referência com estas características, todas elas de grandes proporções: a de Atena na Acrópole, a de Zeus em Olímpia, e a de Hera em Argos.

²⁴ Lafond (1994) 186 identifica um critério, nas características de cada núcleo urbano, determinante do interesse de Pausânias: “O Periegeta, como se sabe (X 4, 1), subordina a sua definição de cidade à existência de alguns elementos que considera fundamentais: residências dos magistrados, ginásio, teatro, ágora e riqueza em água”. Dentro deste critério são sobretudo o nordeste e o centro do Peloponeso a merecerem a sua atenção.

tumulares e os seus tesouros, contavam-se entre as preciosidades a merecer registo (2.16.3-7).

Argos, por seu lado, teve também um desenvolvimento notável sob o domínio romano; à antiguidade dos seus templos e monumentos, veio associar-se o aparato das reconstruções e das oferendas (como nos templos de Hera Argiva e de Apolo Lício). Argos é, certamente, entre as cidades da Argólida, aquela cujos monumentos, por mais numerosos, exigem de Pausânias uma enumeração mais longa. A própria rede viária de que Pausânias dá testemunho comprova a vitalidade de alguns centros urbanos e a importância da teia de relações que o passar do tempo foi desenvolvendo (cf. 2.12.2, 2.25.9, 2.36.6). Assim, no caminho para Argos, o autor da *Periegesis* destaca o templo de Hera e o seu culto (2.17.1-7), cuja celebridade justifica a minúcia com que é descrito. Paisagem, edifício e culto estão particularmente bem coordenados. Os rios que cruzam a região fornecem a água necessária a purificações e rituais. Junto de um deles, o Astérion, cresce uma erva usada nas oferendas e nas coroas. Por sua vez o templo novo, depois que o antigo foi destruído por um incêndio, é imponente, nas suas dimensões e decoração, como imponente é também a estátua da deusa – criselefantina e obra de Policlito –, lembrando o Pártenon de Atenas em que a sua concepção parece claramente inspirada. Uma outra estátua de Hebe, também de ouro e marfim, obra de Náucides, discípulo de Policlito, junta-se à da deusa tutelar do culto. Numerosas são as oferendas ali acumuladas, comprometidas com as famílias da região (uma estátua de Orestes, por exemplo, e um escudo doado por Menelau, em memória da guerra de Troia, 2.17.3). As lendas associadas com a esposa divina de Zeus merecem a atenção, não o crédito, de Pausânias (2.17.4, “Esta história, como tantas outras que se contam sobre os deuses, não me

merecem crédito, mas nem por isso deixo de relatá-las”). A abundância de metais preciosos, o ouro e a prata, testemunha bem o fausto que subsistia ainda no tempo de Pausânias, lado a lado com materiais mais modestos, como a madeira, que testemunhavam a antiguidade do santuário; é o caso das velhas estátuas de Hera, certamente correspondentes a sucessivas fases na história do culto (2.17.5): “Há ainda uma estátua de Hera, já antiga, sobre uma coluna. Mas a mais antiga de todas é feita de madeira de pereira selvagem, dedicada em Tirinte por Píraso, filho de Argos; teriam sido os Argivos, depois de destruírem Tirinte, a trazê-la para o templo de Hera. Eu próprio a vi; é uma estátua da deusa sentada, de pequenas dimensões”. Oferendas recentes de grande valor, dedicadas pelos imperadores Adriano e Nero, documentavam a permanência do culto e a sua popularidade ainda no séc. II d.C. Esta é, na planície da Argólida, uma preciosidade, de valor cultural, material e artístico incalculável.

A cidade de Argos em si reserva também ao visitante uma impressão profunda. São inúmeros os santuários e templos, altares, cultos heroicos, túmulos, que a povoam, mesmo sendo-lhe aplicado o método seletivo habitual em Pausânias. Nela existe, como culto destacado, o de Apolo Lício, homenageado num templo cuja fundação remonta, segundo a lenda, a Dánao e se associa com a sua implantação política em Argos (2.19.3-4). Também neste caso, o edifício e imagem que Pausânias pôde ver são já posteriores àqueles que correspondiam à versão primitiva. Mais uma vez, a madeira como material parece testemunhar a antiguidade do espaço e, neste caso, também o ascendente egípcio: “estou em crer que, naquele tempo, as estátuas eram todas de madeira, sobretudo as provindas do Egito”. A presença de Dánao, e com ele da tradição egípcia na cidade, é visível em marcas distintas. E o mesmo se passa

com outros heróis da cidade, lembrados num centro com uma identidade marcante. Além dos heróis ligados à soberania de Argos, a cidade homenageava também, com estátuas, cidadãos destacados pelas mais variadas *aretai*: os seus atletas, os criadores de poesia – com particular relevo, neste caso, para Telesila, além de poeta, uma valente cidadã, com uma intervenção relevante na defesa da cidade contra uma invasão lacedemónia (2.20.8-9) –, os seus músicos, como Témeno, o trombetista (2.21.3). E quanto aos artistas que assinavam várias obras de arte, incluíam nomes destacados, como os de Policlito e de Escopas (2.22.7).

Uma descrição particular é dedicada à acrópole de Larissa (2.24), uma marca da toponímia argiva – cujo nome deixa evidentes afinidades entre a Argólida e a Tessália –, que ganhou visibilidade à medida que uma outra acrópole, com o nome de *Aspis* (“Escudo”, devido à sua configuração), foi progressivamente abandonada. Cultos de Hera Acraia e de Apolo, detentor de um oráculo bem conhecido, coroam esse centro urbano, onde se concentram igualmente outros templos ou monumentos rodeados de tradição e de mistério, e a suscitarem uma explicação; é o caso de uma estátua de Zeus, com três olhos, ao que se dizia proveniente de Troia (2.24.3-4), reunindo-se numa só divindade o governo das três partes do universo: céu, mar e trevas subterrâneas.

Boa parte da vida urbana de Epidauro estava relacionada com a importância do culto de Asclépio, situado fora dos limites da cidade. Do carácter verdadeiramente internacional do santuário falam as numerosas inscrições aludindo às cidades de origem dos beneficiários da cura, e alguns depoimentos literários, como é o caso de Píndaro (*Nemeias* 3.84, 5.52, 5.95-7, *Ístmica* 8.68). Um recinto bem definido assinalava a área sacra, com o seu bosque sagrado, onde “nem os seres humanos

podem morrer, nem as mulheres dar à luz” (2.27.1). De acordo com um hábito comprovado noutros locais e cultos, a estátua do deus era criselefantina, atestando o seu prestígio e popularidade. Um *tholos* em mármore branco servia de galeria de arte, sendo duas obras de Páusias, um Eros e a Embriaguez, as que se distinguiam pela qualidade estética (2.27.3). Dada a intervenção terapêutica de Asclépio, as oferendas daqueles que beneficiaram da cura acumulavam-se dentro do recinto. A importância do deus da saúde justificava ainda a existência de um outro templo dentro da cidade (2.23.4). O teatro, pela monumentalidade que ainda hoje se pode testemunhar, não passou omisso na descrição de Pausânias (2.27.5); obra de Policlito, mesmo que não pudesse competir em tamanho com edifícios congêneres de iniciativa romana, mantinha, em equilíbrio e beleza, uma vantagem incontestável. Antonino, um senador romano, contribuiu para o prestígio de Epidauro com diversos melhoramentos, alguns deles focados numa maior comodidade dos consulentes do deus da saúde (2.27.6). Das terapias proporcionadas pelo deus faz parte a intervenção de uma espécie particular de serpentes, exclusiva de Epidauro (2.28.1).

Porque fronteira a Epidauro e por ter com ele conexões estreitas, Egina impõe-se a Pausânias como um local a considerar de imediato. Éaco, o seu primeiro soberano, marcou a urbanística da ilha. Depois de uma aporcação difícil, o visitante era surpreendido pelo templo de Afrodite e pelo chamado Eaceu, “um recinto quadrangular em mármore branco” (2.29.6), ambos situados na zona nobre da cidade. Um conjunto de estátuas nesse recinto celebrava o papel que Egina tinha tido na solução de um período de seca, de que auferiu o reconhecimento de toda a Grécia (2.29.7-8). A partir daqui, Pausânias inventaria os diversos templos da ilha, com

particular relevo para os de Hécate (2.30.2) e de Atena Afaia, como uma importação cretense (2.30.3).

Trezena, por sua vez, oferecia um roteiro de templos e memoriais de alguma forma atribuídos à iniciativa das figuras míticas de relevo no local, relacionados com algum episódio histórico marcante, ou assinados por algum artista de nome reconhecido. Assim, o templo de Ártemis Salvadora seria uma iniciativa de Teseu para celebrar a vitória sobre o Minotauro (2.31.1). O túmulo de Piteu não apenas recordava o célebre monarca, como, no aparato dos três assentos que o ornavam, testemunhava a sua competência a julgar (2.31.3). A Hipólito se atribuía a edificação de um templo a Ártemis Liceia, a sua deusa protetora (2.31.4). Piteu, em contrapartida, tinha sido o responsável pela edificação do templo de Apolo Teário, de que Pausânias garante a antiguidade (2.31.6). Ao território costeiro de Trezena, Pausânias associa duas ilhas muito próximas do continente e marcadamente ligadas com a mesma tradição. Assim, a ilha “Sagrada” prendia-se com a origem divina de Teseu, que uma determinada versão considerava filho de Posídon. E Caláuria, associada ao nome do orador Demóstenes, que aí vivera exilado, em fuga do ocupante macedônio contra quem dirigia a violência do seu discurso; o seu túmulo testemunhava a presença do ilustre residente e a morte agressiva que o vitimara (2.33.3-4).

Vizinhas de Trezena são Metana e Hermíone, centros habitacionais situados num istmo que, apesar de pequenos, cativam a atenção de Pausânias pela sua especificidade (2.34.1-12). Antes de mais, condições geológicas e climatéricas – a qualidade vulcânica do solo e os ventos – condicionaram a cultura da região. A tentativa empreendida pelos locais de controlar essas características e a sua influência sobre as atividades agrícolas e as condições de sobrevivência justificam a relação

com cultos e rituais de índole regional muito marcada (cf. 2.34.1-3). Por sua vez Hermíone surpreendeu Pausânias pela sua história urbana, repartida entre as ruínas de uma cidade antiga e as construções de uma nova urbe (2.34.10). De entre os vários cultos e rituais associados com Hermíone, avulta o de Deméter Ctónia, a que o autor da *Periegesis* dedica uma descrição circunstanciada (2.35.4-8).

Por fim, o relato mais ou menos rápido sobre pequenas povoações – Hálice, Ásine, Lerna, Teménio e Náuplia, entre outras, do lado sul da península da Argólida, 2.36-38 – vai aproximando a narrativa da fronteira entre Argólida e Lacónia, já a preparar a passagem para o Livro III.²⁵

²⁵ Piérart (2001) 219-20 sublinha a propriedade com que a transição entre os dois Livros é feita a partir da Tireátide. Tradicionalmente, como é amplamente narrado por Heródoto (1.82-3) e Tucídides (2.27.2, 4.56-7, 5.41.2, 6.95.1), este território de fronteira tinha sido disputado entre as duas partes; possuía, portanto, uma espécie de história comum, que o recomendava como ponto de transição.

BIBLIOGRAFIA

EDIÇÕES, TRADUÇÕES E COMENTÁRIOS

- Asheri, D., Medaglia, S. M., Fraschetti, A. (1990), *Erodoto. Le Storie. III. La Persia*. Milano: Fondazione Lorenzo Valla, Arnoldo Mondadori Editore.
- Casevitz, M., Pouilloux, J., Chamoux, F. (1992), *Pausanias. Description de la Grèce*. I. Paris: Les Belles Lettres.
- Ferreira, J. R., Leão, D. (2000), *Heródoto. Histórias. Livro 6º*. Lisboa: Edições 70.
- Herrero Ingelmo, M. C. (1994), *Pausanias. Descripción de Grecia*. Madrid: Gredos.
- Jones, W. H. S., Ormerod, H. A. (1918), *Pausanias. Description of Greece. I-VI*. London, New York: William Heinemann, P. Putnam's Sons.
- Lloyd, A. B., Fraschetti, A. (1996), *Erodoto. Le Storie. II*. Milano: Fondazione Lorenzo Valla, Mondadori.
- Musti, D., Torelli, M. (2008), *Pausania. Guida della Grecia. II*. Milano: Fondazione Lorenzo Valla, Mondadori.
- Rocha Pereira, M. H. (1989), *Pausaniae Graeciae Descriptio*. Leipzig: Teubner.

ESTUDOS

- Akujärvi, J. (2005), *Researcher, Traveller, Narrator: Studies in Pausanias' Periegesis*. Stockholm: Almqvist & Wiksell International.

- Alocock, S., Cherry, J., Elsner, J. (eds.) (2001), *Pausanias: Travel and Memory in Roman Greece*. Oxford: University Press.
- Arafat, K. W. (2004), *Pausanias' Greece: Ancient Artists and Roman Rulers*. Cambridge: University Press.
- Arafat, K. W. (2009), "Treasure, treasures and value in Pausanias", *CQ* 59.2: 578-92.
- Bingen, J. (ed.) (1994), *Pausanias historien*. Genève: Entretiens sur l'Antiquité Classique de la Fondation Hardt, 41.
- E. Bowie (1994), "Past and present in Pausanias", in Bingen (ed.): 207-239.
- Dignas, B. (2007), "A Day in the Life of a Greek Sanctuary", in Ogden (ed.): 163-77.
- Dunn, F. M. (1994), "Euripides and the rites of Hera Akraia", *GRBS* 35.1: 103-15.
- Ferreira, L. N. (1997), "A fúria de Medeia", *Humanitas* 49: 61-84.
- Friesen, S. J., Schowalter, D. N., Walters, J. C. (2010), *Corinth in Context. Comparative Studies in Religion and Society*. Leiden: Brill.
- Galán, L. (2016), "Eneas, el *Palladium* y los talismanes de poder (*Aen.* II)", *Auster* 21. http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.8359/pr.8359.pdf
- Graves, R. (reimpr. 1977), *The Greek Myths*. I-II. Middlesex: Penguin Books.
- Habicht, C. (1984), "Pausanias and the evidence of inscriptions", *Classical Antiquity* 3.1: 40-56.
- Habicht, C. (1985), *Pausanias' Guide to Ancient Greece*. Berkeley: University of California Press.
- Howatson, M. C. (1991), *Diccionario de la Literatura Clásica*. Trad. Espanhola. Madrid: Alianza Editorial.

- Huard, W. (2012), *Hero cult in Pausanias*. Montreal: McGill University.
- Hutton, W. (2005), *Describing Greece. Landscape and Literature in the Periegesis of Pausanias*. Cambridge: University Press.
- Hutton, W. (2010), “Pausanias and the Mysteries of Hellas”, *TAPhA* 140.2: 423-60.
- Knoepfler, D., Piérart, M. (eds.) (2001), *Éditer, traduire, commenter Pausanias en l’an 2000*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel.
- Koiv, M. (2015), “Cults, myths and state formation in Archaic Argos”, in Espak, P., Läänemets, M., Sazonov, V. (eds.), *When Gods Spoke: Researches and Reflections on Religious Phenomena and Artefacts. Studia in Honorem Tarmo Kulmar*. University of Tartu Press: 125-64.
- Lafond, Y. (1994), “Pausanias et l’histoire du Péloponnèse depuis la conquête romaine”, in Bingen (ed.): 167-205.
- Larson, J. (2007), *Ancient Greek Cults. A Guide*. New York and London: Routledge.
- Lazenby, J. S. (1975), “Pausanias, son of Kleombrotos”, *Hermes* 103.2: 235-51.
- Lesky, A. (1968), *Historia de la Literatura Griega*. Trad. espanhola. Madrid: Editorial Gredos.
- Liapis, V. (2012), *Commentary on the Rhesus attributed to Euripides*. Oxford: University Press.
- Lolos, Y. A. (2005), “The sanctuary of Titane and the City of Sikyon”, *The Annual of the British School at Athens* 100: 275-98.
- Lolos, Y. A. (2011), *Land of Sicyon. Archaeology and History of a Greek City-State. Hesperia Supp. 39*. Princeton, New Jersey.

- Luzón Martín, P. (2015), *Trágicos menores griegos del siglo V a.C. De Agatón a Meleto II (39-48 Snell-Kannicht). Estudio filológico y literario*. Madrid: UNED.
- Millis, B. W. (2010), “The Social and Ethnic Origins of the Colonists in the Early Roman Corinth”, in Freisen, Schowalter, Walters (eds.): 13-35.
- Moreno Leoni, A. (2014), “Pausanias, la libertad griega y la historia de la Confederación Aquea helenística: memoria y identidad griegas en el Imperio Romano”, *Nova Tellus* 32.1: 45-79.
- Moreno Leoni, A. (2018), “El primer hombre que reunió todo el Peloponeo en la llamada Confederación Aquea’. El territorio y sus discursos entre la élite política aquea de los siglos III-II a.C.”, in Dell’Enicine, E., Francisco, H., Miceli, P., Morin A. (eds.), *Prácticas estatales y regímenes de territorialidad en las sociedades premodernas*. Universidad Nacional de General Sarmiento, Ediciones UNGS: 49-75.
- Musti, D. (1994), “La struttura del discorso storico in Pausania”, in Bingen (ed.): 9-34.
- Nieto Izquierdo, E. (2011), “Notas sobre el dialecto de Cleonas y Nemea”, *Habis* 42: 35-43.
- Ogden, D. (ed.) (2007), *A Companion to Greek Religion*. Oxford: Blackwell.
- Osanna, M. (2001), “Tra monumenti, *agalmata e mirabilia*. Organizzazione del percorso urbano di Corinto nella *Periegesi* di Pausania”, in Knoepfler, Piérart (eds.): 185-202.
- Piérart, M. (2001), “Observations sur la structure du Livre II de la *Périégèse*. Argos, l’Argolide et la Thyreatide”, in Knoepfler, D., Piérart, M. (eds.): 203-221.
- Pirenne-Delforge, V. (2001), “Les rites sacrificiels dans la *Périégèse* de Pausanias”, in Knoepfler, Piérart (eds.): 109-34.

- Pretzler, M. (2004), “Turning travel into text: Pausanias at work”, *G&R* 51.2: 199-216.
- Pretzler, M. (2007), *Pausanias. Travel Writing in Ancient Greece*. London: Duckworth.
- Rocha Pereira, M. H. (¹⁰2006), *Estudos de História da Cultura Clássica. I. Cultura Grega*. Lisboa: Gulbenkian.
- Roux, G. (1958), *Pausanias en Corinthie (Libre II, 1 à 15)*. Paris: Les Belles Lettres.
- Sarian, H. (2000-2001), “Da filologia à iconografia. A permanência do arcaico nas imagens tríplices de Hécuba”, *Classica* (São Paulo) 13/14: 101-7.
- Silva, M. A. (2019), “Esparta e a malícia de Heródoto”, in Vergara Cerqueira, F., Silva, M. A. (eds.), *Estudos sobre Esparta*. Pelotas, Editora UFPel: 136-53.
- Sousa, R. (2015), “O mito da origem de Serápis revisitado”, *Revista Estética e Semiótica* 5.2: 133-48.
- Sousa, R. (2017), “As origens do culto alexandrino de Serápis”, *Hapi* 5: 185-95.
- Storey, I. C. (2003), *Eupolis poet of Old Comedy*. Oxford: University Press.
- Sutton, S. B. (2001), “A temple worth seeing. Pausanias, travelers, and the narrative landscape at Nemea”, in Aloccock, Cherry, Elsner (eds.): 175-89.
- Torelli, M. (2001), “Pausania a Corinto. Un intellettuale greco del secondo secolo e la propaganda imperiale romana”, in Knoepfler, Piérart (eds.): 135-84.
- Torelli, M. (2001a), “Reflections on context”, in Aloccock, Cherry, Elsner (eds.): 53-6.

Vries, M. (2012), *Le dieu de la médecine Asclépios dans la Periégèse de Pausanias: Original ou représentatif de son époque*. Montréal: Université du Québec.

Wickkiser, B. L. (2019), “Asklepios in Greek and Roman Corinth”, in Friesen, Schowalter, Walters (eds.): 37-66.

Zaidman, L. B., Pantel, P. S. (1989), *Religion in the Ancient Greek City*. Transl. Cartledge, P. Cambridge: University Press.

PAUSÂNIAS

DESCRIÇÃO DA GRÉCIA

(Página deixada propositadamente em branco)

2. CORINTO E ARGÓLIDA

2.1.1. FUNDAÇÃO DE CORINTO

A região de Corinto, que faz parte da Argólida, recebeu o nome de Corinto. Que esse Corinto seja filho de Zeus é uma afirmação que, quanto sei, nunca ninguém levou a sério, à exceção da população coríntia.¹ Eumelo, filho de Alfílo, da família dos chamados Baquíadas,² o mesmo, ao que se afirma,

¹ Esta versão atribuída à “população coríntia” era provavelmente oral e desprovida da credibilidade que a versão, decerto escrita, de Eumelo merecia. Sobre o mito aqui relatado por Pausânias, cf. Graves (1977) II.254. Segundo a tradição possivelmente veiculada por Eumelo (com variantes complexas), Aloeu e Eetes, filhos do Sol, receberam do seu pai cada um o seu reino: Aloeu o de Asópia, e Eetes o de Efireia. O filho de Aloeu, Epopeu, depois do afastamento de Eetes para a Cólquida e da morte de Buno, que o substituiu no trono que ocupava, unificou os dois reinos. Segundo a versão de Pausânias, com a morte de Epopeu, o seu herdeiro Máraton dividiu entre os seus filhos o poder, cabendo a Sícion a chamada Asópia, e a Corinto, Éfira, que então recebeu dele o nome. O próprio Corinto, sem qualquer credibilidade, afirmava-se “filho de Zeus”. Foi por sua morte sem deixar herdeiros que, segundo uma determinada versão, Medeia, a filha de Eetes (cf. Hesíodo, *Teogonia* 956-62), foi chamada a governar, o que possibilitou a Jasão ocupar o trono da cidade.

² Os Baquíadas (*vide infra* 2.4.4, Estrabão 8.8.5) eram uma família associada com o poder em Corinto. Héacles contava-se entre os seus ascendentes, o que lhe atribuía, portanto, origem dórica. Contava a tradição que, em meados do séc. VIII a.C., ao ser deposto Telestes, o seu último monarca, a família dos Baquíadas assumiu o poder. Heródoto 5.92β1 relata nestes termos o exercício do poder pelos Baquíadas: «Os Coríntios tinham, como regime político, uma oligarquia, e aqueles que governavam a cidade, os Baquíadas, transmitiam o poder de pais para filhos e casavam entre si». A prática da endogamia era, de resto, vulgar entre as famílias aristocráticas, como forma de preservar a integridade do clã e as suas prerrogativas. Quando, em função de conflitos com outras cidades, como Corcira ou Mégara, e de alguma convulsão

que foi autor de um poema épico, diz, na sua obra dedicada a Corinto³ – se é que essa obra é dele –, que foi Éfira, filha de Oceano, a primeira a instalar-se naquela terra. Mais tarde, Máraton, filho de Epopeu⁴ e neto de Aloeu, filho do Sol, para escapar à arrogância violenta do pai, partiu a estabelecer-se na costa da Ática. Com a morte de Epopeu Máraton regressou ao Peloponeso, dividiu o poder pelos filhos e voltou para a Ática. Então Asópia recebeu nome de Sícion, e Efireia de Corinto.

1.2. Em Corinto, já não existe nenhum desses antigos Coríntios; os atuais habitantes provêm de colonos romanos.⁵ E o motivo esteve na Liga Aqueia.⁶ De facto, os Coríntios,

interna a cidade do Istmo foi perdendo prestígio e conhecido alguma decadência, os Baquíadas viram chegado o fim do seu poder, com a instauração da tirania de Cípselo (657 a.C.).

³ *FGrHist* 451F. Eumelo, o poeta épico (séc. VIII a.C.), era de Corinto, a que tinha dedicado um poema de natureza genealógica (*vide infra* 2.3.10, 4.4.1, 4.33.2 e 5.19.10). A versão que lhe é atribuída para a fundação de Corinto tem contornos míticos, colocando o seu herói fundador numa linhagem que tem o Sol por ascendente último. Para uma cidade que parecia não ter um passado mítico, o poema de Eumelo foi fundamental. Em 4.4.1, Pausânias justifica o seu ceticismo em relação à autoria do poema, ao informar que só um hino a Apolo composto para os Messénios era considerado produção autêntica de Eumelo.

⁴ “Aquele que vê tudo”. Sobre a morte de Epopeu, vítima dos ferimentos contraídos na luta contra Tebas, em consequência do rapto de Antíope, *vide infra* 2.6.1-3.

⁵ Sobre a população de Corinto ao tempo da ocupação romana, cf. Estrabão 8.6.23, 17.3.15; *vide* ainda Millis (2010).

⁶ Antes de explicitar a causa de uma nova etapa na vida de Corinto, Pausânias afirma, de modo perentório, as consequências da penetração romana como responsável por uma clara fratura cultural na cidade. Uma coligação de cidades do norte do Peloponeso – a Acaia –, que atuara durante o séc. V e se viu dissolvida após a batalha de Queroneia, em 338 a.C., recuperou grande influência na segunda metade do séc. III a.C. (particularmente entre 251-146 a.C.), depois de restabelecida em 280. Era seu objetivo definir um espaço territorial e opor resistência, primeiro à Macedónia e, desde inícios do séc. II a.C., também a Roma. A partir de 198 a.C., as cidades da liga estabeleceram um acordo com os Romanos, para se oporem ao poder macedónio, abrindo assim

que se integravam nessa liga, participaram na guerra contra os Romanos, guerra essa que Critolau, designado pelos Aqueus como estratega, desencadeou, pois foi ele quem instigou à revolta os Aqueus e a maior parte dos povos já fora do Peloponeso.⁷ Depois de ganharem a guerra, os Romanos desarmaram os restantes Gregos, e arrasaram todas as muralhas que tinham sido edificadas pelas diversas cidades. Por sua parte Corinto foi totalmente destruída por Múmio, nessa altura ao comando do exército romano. Anos mais tarde, ao que se conta, César – que estabeleceu em Roma o regime que

acesso à intervenção romana na Grécia. Em 146 a.C., Corinto e os seus aliados da Liga Aqueia reagiram contra os Romanos e contra a intervenção progressivamente mais preponderante que ganhavam na Grécia. Estes, comandados por Lúcio Múmio, começaram por enfrentar uma primeira força aqueia, comandada por Critolau de Megalópolis, continuando a avançar sem maiores resistências contra Corinto, que funcionava como sede da Liga. Aí o exército romano não hesitou em dizimar a população, liquidando os homens, vendendo como escravas mulheres e crianças e transferindo para Roma os tesouros da cidade (*vide infra* 7.16.8, Estrabão 8.6.23). A batalha de Corinto foi decisiva para quebrar a resistência da Grécia contra a ocupação romana. Nessa altura, o território de Corinto foi dividido entre Sícion e Argos, para ser posteriormente recuperado aquando da formação da colónia. Só cerca de um século mais tarde (44 a.C.), Júlio César – que deu origem, em Roma, ao sistema imperial – entendeu reconstruir Corinto e fazer dela a capital da província romana da Acaia, com o nome de *Colonia Laus Iulia Corinthiensis*. A associação da destruição e reconstrução de Cartago resulta da proximidade cronológica e da similitude dos acontecimentos numa e noutra região. Em Corinto, a reconstrução e o repovoamento foi feito por César com colonos itálicos, na sua maioria libertos, a que se juntaram populações gregas e orientais. Nos capítulos dedicados à Acaia, Pausânias regressa a este assunto em pormenor (*vide infra* 7.14-8).

⁷ Moreno Leoni (2018) 58-9 considera esta afirmação de Pausânias de grande relevância para o sentido de unidade do Peloponeso promovido pelos Aqueus, num período que rondou os anos entre 174-146 a.C. Cf. Plutarco, *Vida de Cleómenes* 3.4.

lá vigora⁸ – repovoou-a, como também reergueu Cartago durante o seu mandato.⁹

1.3. A chamada Crómion, uma povoação que se situa na região de Corinto, recebeu o nome de Cromo, filho de Posídon.¹⁰ Lá foi criada Feia,¹¹ que, segundo a tradição, proporcionou a façanha de Teseu contra a javalina. Mais adiante, junto ao mar, o pinheiro ainda se mantinha nos nossos dias,¹² bem como um altar de Melicertes.¹³ Diz a lenda que o rapaz foi trazido até àquele lugar por um golfinho, e que Sísifo¹⁴ o encontrou lá depositado e lhe deu sepultura. No Istmo, em sua honra, instituiu então os Jogos Ístmicos.¹⁵ **1.4.** Existe, à entrada do Istmo, o lugar onde Sínis, o salteador, agarrava em pinheiros e os dobrava até baixo; e todos aqueles que vencia em combate, atava-os e soltava as árvores de modo a que se reerguessem. Então cada um dos pinheiros os puxava para si e como a corda não cedia para nenhum dos lados, mas imprimia tensão para ambos, quem lá estivesse preso era trucidado. Esse

⁸ Esta é uma referência discreta ao papel que Júlio César desempenhou na transformação da república em império romano.

⁹ *Vide* Millis (2010) 18-20.

¹⁰ Seguem-se os inimigos que Teseu teve de enfrentar no trajeto de Trezena para Atenas (Plutarco, *Vida de Teseu* 8-9). Crómion situava-se na região costeira entre Mégara e Corinto, do lado ocidental do Istmo. Significa, portanto, na narrativa, o progresso na marcha de Pausânias a partir da Ática, ultrapassando Mégara em direção a Corinto, num percurso costeiro do Golfo Sarónico; cf. Tucídides 4.42.4, 4.44.4, 4.45.1, Plutarco, *Vida de Teseu* 9.1.

¹¹ *Vide supra* 1.27.9 e nota respetiva.

¹² O pinheiro de Sínis (*vide supra* 1.37.4, e *infra* 2.1.4, onde a atividade criminosa de Sínis é minuciosamente descrita por Pausânias). Cf. Apolodoro 3.16.2, Plutarco, *Vida de Teseu* 8.3.

¹³ *Vide supra* 1.44.7-8 e nota respetiva.

¹⁴ Segundo algumas versões o fundador mítico de Corinto. O túmulo de Palémon, designado por *Ádyton* e situado numa cripta, é mencionado adiante por Pausânias em 2.2.1.

¹⁵ Sobre a fundação dos Jogos Ístmicos, *vide infra* nota 26.

tal Sínis, Teseu fê-lo perecer pelo mesmo processo, ao limpar de bandidos o caminho de Trezena para Atenas, liquidando os que acima referi.¹⁶ Na sagrada Epidauro,¹⁷ matou ainda Perifetes, considerado filho de Hefesto, que se servia, em combate, de um bastão de bronze.¹⁸ **1.5.** O Istmo de Corinto confina com o mar, de um lado em Cêncreas, e do outro em Lequeu,¹⁹ o que torna continental a região adjacente. Quem tentou fazer do Peloponeso uma ilha desistiu ao cavar o Istmo.²⁰ A partir de onde começaram a escavar é ainda visível, mas quando o solo se tornou pedregoso nem sequer tentaram. Portanto

¹⁶ Vide *supra* 1.38.5, 1.39.3, 1.44.8, 2.1.3. Pela sua façanha, os Atenienses mereceram direito de proedria quando vinham assistir aos Jogos Ístmicos.

¹⁷ O epíteto de “sagrada” aplicado a Epidauro (cf. Plutarco, *Vida de Péricles* 35.3) resultava do enorme prestígio do santuário de Asclépio lá instalado.

¹⁸ Cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 8.1-2. Há um certo consenso em considerar Perifetes filho de Hefesto e de Anticleia, normalmente representado coxo, como o pai. Por isso se apoiava num bastão de bronze. Este bastão foi tomado por Teseu como insígnia, à semelhança da pele e do maço de Hércules.

¹⁹ Estes são os nomes dos dois portos de Corinto: o de Cêncreas a oriente, e o de Lequeu do lado ocidental (*vide infra* 2.2.3). A configuração geográfica da cidade fez dela um ponto de cruzamento da maior importância entre oriente e ocidente. Os impostos cobrados a pessoas e bens, como também a atividade comercial, garantiram a Corinto um enorme desenvolvimento.

²⁰ Depois de um tempo em que a travessia do Istmo era feita através do chamado *diolkos*, um sistema de reboque terrestre das embarcações (cf. Tucídides 3.15.1, 8.7.1), foram vários os governantes da Antiguidade que sonharam com este empreendimento, sempre sem resultado; conhecidos de Pausânias são certamente Periandro de Corinto, no séc. VII a.C. (Diógenes Laércio 1.7.99), Demétrio Poliorceta (Estrabão 1.54, Plínio, *História Natural* 4.19) entre outros (Frazer (2012) 7) e, em 67 d.C., o imperador Nero, que para o efeito mobilizou, em grande número, trabalho escravo (Cássio Dión 63.16-9, Suetónio, *Nero* 19). O bem conhecido canal, que hoje separa o Peloponeso da Grécia continental e une os Golfos Sarónico e de Corinto, é uma obra do séc. XIX (1881-1893).

ainda agora permanece continental, como sempre foi. Alexandre, filho de Filipe, quis romper o monte Mimas,²¹ tendo sido este o único dos seus projetos que não levou por diante. Os Cnídios tentaram também cavar o seu istmo, mas a Pítia impediu-os;²² ou seja, é difícil ao ser humano atentar contra as determinações divinas. **1.6.** Há uma história que os Coríntios contam sobre a sua região que lhes não é exclusiva, mas, julgo eu, foram os Atenienses os primeiros a contá-la para glorificar a Ática.²³ Dizem então os Coríntios que Posídon disputou com o Sol o seu território. E que Briareu,²⁴ que arbitrou a contenda, atribuiu o Istmo e as regiões adjacentes a Posídon, e concedeu ao Sol a parte alta da cidade. A partir daí – diz-se –, o Istmo passou a pertencer a Posídon.

1.7. Na região merece uma visita o teatro e um estádio de pedra branca.²⁵ Quando se chega ao santuário do deus, de um

²¹ Nome de um promontório situado na costa asiática, diante da ilha de Quios. Cf. Plínio 5.29.

²² Cf. Heródoto 1.174.3-5, que relata em pormenor o grande empreendimento levado a cabo pelos Cnídios; devido, no entanto, ao número elevado de acidentes que atingiam os trabalhadores empenhados na obra, entenderam consultar o oráculo de Apolo. A resposta que receberam vai ao encontro do princípio aqui referido por Pausânias: “Não fortifiquem o Istmo, nem o rompam. Pois Zeus teria feito da vossa terra uma ilha, se essa fosse a sua vontade”.

²³ Pausânias reconhece as semelhanças entre esta história e a que os Atenienses contavam, tendo por protagonistas Posídon e Atena, na disputa pela posse da sua cidade. *Vide supra* 1.24.3. História semelhante será relatada a propósito do confronto entre Posídon e Hera pela posse da Argólida (*vide infra* 2.15.5), e do mesmo deus com Atena pela de Trezena (*vide infra* 2.30.6). O Sol passou então a ocupar, em Acrocorinto, um templo que partilhava com Afrodite (*vide infra* 2.5.1). Na parte baixa da cidade dominava sobretudo Apolo, ainda que o Sol figurasse no seu carro sobre os Propileus da ágora (*vide infra* 2.3.2).

²⁴ Briareu (“Poderoso”), ou Egéon, era um dos três Hecatônquiros (gigantes de 100 braços), filhos de Úrano e da Terra. Todos eles foram aprisionados por Cronos. Cf. Hesíodo, *Teogonia* 147-62.

²⁵ Trata-se de um teatro de época helenística, com uma dimensão significativa expressa na capacidade de 14 000 lugares. O material

lado estão imagens dos atletas vencedores nos Jogos Ístmicos,²⁶ e do outro está plantada uma linha de pinheiros, que na sua maioria crescem eretos. O templo – que não é de grande dimensão – tem Tritões de bronze.²⁷ No pórtico de entrada, há duas estátuas de Posídon, uma terceira de Anfitrite, e uma do próprio Mar também em bronze.²⁸ As esculturas, no interior – quatro cavalos revestidos de ouro, à exceção dos cascos, que são de marfim –, foram ofertadas, no meu tempo, por Herodes Ático.²⁹ **1.8.** Junto aos cavalos estão dois Tritões de ouro, mas com as partes abaixo da cintura em marfim. Sobre o carro perfilam-se Anfitrite e Posídon, e um menino, Palémon, montado num golfinho, todos eles feitos em marfim e ouro.³⁰ Na base que suporta o carro, foi esculpido, ao centro,

usado no estádio não é propriamente mármore, mas uma pedra local, de Acrocorinto. Teatro, estádio e santuário formavam um complexo emblemático em Corinto (datável de meados do séc. V a.C. e sujeito a remodelações posteriores, particularmente na época romana), associado com as provas desportivas e os concursos atléticos integrados nos jogos.

²⁶ Havia uma tradição que atribuía a Posídon a fundação dos Jogos Ístmicos, ainda que outros fundadores fossem identificados com Sísifo e Teseu. *Vide supra* 1.44.8 e nota respetiva. Realizavam-se de dois em dois anos, a partir de 581 a.C. O prémio atribuído aos vencedores era justamente uma coroa de pinheiro (*vide infra* 8.48.2). Roux (1958) 95 escreve sobre os pinheiros do Istmo: “Os pinheiros que ainda hoje brotam no Istmo têm geralmente o tronco sinuoso, ramificado muito em baixo, e inclinado no sentido do vento dominante. Os troncos bem verticais dos pinheiros do santuário surpreenderam Pausânias, tanto pela sua regularidade insólita como pelo tamanho monumental”. Pausânias está a descrever a estrada que ligava o estádio ao templo.

²⁷ A encimar o templo, colocados nos ângulos do telhado. Em altura, o templo não ultrapassava a dos pinheiros.

²⁸ No templo de Posídon (séc. VI a.C.), as divindades homenageadas todas estão relacionadas com o mundo marinho. Sobre Anfitrite, *vide supra* 1.17.3 e respetiva nota.

²⁹ *Vide supra* 1.19.6 e nota respetiva. Este grupo de estátuas criselefantino substituíra as antigas estátuas de Posídon e Anfitrite.

³⁰ *Vide supra* 1.44.8 e nota respetiva. Roux (1958) 98 sublinha que o culto de Palémon foi relevante no Istmo de Corinto como em nenhuma

o Mar sustentando uma Afrodite ainda criança,³¹ cercados, de um e de outro lado, pelas chamadas Nereides. Delas, quanto julgo saber, existem altares noutras partes da Grécia, e foram-lhes mesmo dedicados recintos em zonas costeiras, onde se presta também homenagem a Aquiles.³² Em Gábalos,³³ há um santuário consagrado a Doto,³⁴ onde ainda se conservava uma túnica que, ao que os Gregos contam, Erifile aceitou receber a propósito de Alcméon.³⁵ **1.9.** Esculpidos na base da estátua de Posídon estão os filhos de Tíndaro,³⁶ porque também eles são protetores dos navios e dos marinheiros. Entre outras estátuas,

outra região da Grécia. Foi após se tornar numa divindade marinha que Melicertes recebeu o nome de Palémon (cf. Apolodoro 3.4.3).

³¹ Provém de Hesíodo, *Teogonia* 176 sqq. a tradição de que Afrodite teria nascido da espuma do mar, depois que Cronos decepou os órgãos genitais de Úrano e os arremessou para as ondas.

³² Na qualidade de filho de Tétis, uma das Nereides. Sobre a cumplicidade entre Tétis e as Nereides, enumeradas pelos nomes, cf., e.g., *Iliada* 18.35-69. Sobre o culto das Nereides sobretudo em regiões próximas da costa, *vide infra* 3.2.5, 3.26.7; de resto o culto das Nereides estava de facto atestado numa multiplicidade de lugares: Sépias na Tessália, e as ilhas de Delos, Lesbos, Corcira e Quios. Sobre o culto de Aquiles, *vide infra* 3.20.8, 3.24.5, 3.25.4.

³³ Povoação costeira do norte da Síria.

³⁴ Nome de uma das Nereides (cf. *Iliada* 18.43, Hesíodo, *Teogonia* 248, Apolodoro 1.2.6).

³⁵ *Vide supra* 1.34.3 e nota respetiva, e *infra* 5.17.7, 8.24.8, 9.41.2-5. Eurípides dedicou à saga de Alcméon em Corinto uma tragédia, com o título expresso de *Alcméon em Corinto* (sobre o essencial desta versão, cf. Apolodoro 3.7.7). De Eurípides é ainda uma outra versão do mesmo mito intitulada *Alcméon em Psófis*. Aliás, que a lenda de Alcméon era popular entre os trágicos está comprovado pelo testemunho de Aristóteles, *Poética* 1453a 18-21, Antífanos fr. 189.8-12 K.-A, bem como por títulos como os de Sófocles, *Epígonos*, *Erifila* e *Alcméon*. Sobre outros possíveis tratamentos dramáticos, *vide* Luzón Martín (2015) 229-33, que se ocupa de um estudo particularmente aprofundado do que resta de um *Alcméon* de Ágaton.

³⁶ Os Dioscuros, Castor e Pólux, irmãos de Helena e Clitemnestra; cf. *Iliada* 3.236-44, *Odisseia* 11.298-304, *Hino Homérico aos Dioscuros* 1-17. É também nessa qualidade que aparecem *ex machina* no final da *Helena* de Eurípides.

está ainda a da Bonança,³⁷ a do Mar, um cavalo com corpo de baleia do peito para baixo, Ino³⁸ e Belerofonte, e o cavalo Pégaso.³⁹

³⁷ *Galene* é referida por Hesíodo, *Teogonia* 244 como uma das Nereides, enquanto Eurípides, *Helena* 1457 a refere como irmã de Ponto, o Mar.

³⁸ *Vide supra* 1.24.2 e nota respectiva.

³⁹ O mito de Belerofonte estava particularmente ligado a Corinto. Eurípides dedicou-lhe duas tragédias: *Estenebeia*, provavelmente mais antiga (entre 440-432 a.C.), relatava o amor de Estenebeia, mulher de Preto, rei de Tirinte, pelo jovem hóspede da corte de seu marido; a rejeição de Belerofonte incentivou Estenebeia a denunciá-lo, como autor de um assédio, ao marido, que, incapaz de o liquidar pelas próprias mãos no respeito pelas regras da hospitalidade, o exilou na Lícia, deixando ao cuidado do sogro, Ióbates, a vingança. Esta fase argiva da saga do herói estava já sintetizada na *Iliada* 6.157-70. Submetido a duras provas na Lícia, o jovem havia de descobrir toda a verdade. Para punição suprema da sua algoz apaixonada, Belerofonte convencia-a, com protestos de cedência ao seu amor, a acompanhá-lo na fuga, sobre o cavalo Pégaso, para a lançar nas profundezas marinhas. Por sua vez *Belerofonte* centrava-se na experiência do herói na Lícia depois de cumpridas sucessivas provas a que Ióbates o sujeitava numa tentativa de o liquidar (*Iliada* 6.178-90). Como vencedor de todos estes trabalhos, Belerofonte teve direito à sua hora de felicidade, quando o rei lício, convencido da sua superioridade, lhe deu a filha em casamento (*Iliada* 6.191-7) e uma parte do seu reino, a que os Lícios acrescentaram ofertas generosas (*Iliada* 6.194-5). Até ao momento em que – o poeta da *Iliada* não esclarece porquê – Belerofonte incorreu na ira divina e se viu exilado e afastado até do simples convívio humano (*Iliada* 6.200-3). Ora é justamente a decadência de um Belerofonte outrora feliz, as razões da punição de que é objeto e o seu fim o que constituía a ação desta segunda peça de Eurípides.

Embora ausente do relato homérico, o cavalo alado Pégaso tornou-se, desde uma tradição muito antiga, o companheiro de Belerofonte e o ‘instrumento’ que lhe garantiu sucesso nas suas arrojadas aventuras. Foi ainda em Corinto, sua cidade de origem, que Belerofonte, com a ajuda de Atena, domesticou o animal rebelde, que se tornou num logótipo da cidade do Istmo e mereceu estar na efígie das suas moedas (*vide infra* 2.4.1). Esta fase do mito é tratada por Píndaro em *Olimpica* 13.119-29. Por outro lado, parece haver, no poeta de Tebas, uma coincidência entre o domínio sobre o Pégaso e o desencadear de atitudes de *hybris* no seu montador. Talvez alguns assomos dessa arrogância fossem sugeridos, já neste epinício, no modo “cheio de ardor com que o robusto Belerofonte”

2.2.1. DEUSES E CULTOS EM CORINTO

Dentro desse recinto, à esquerda, fica o templo de Palémon, que abriga estátuas de Posídon, Leucótea e do próprio Palémon.⁴⁰ Há também o chamado *Ádyton*,⁴¹ que tem um acesso subterrâneo. Segundo a tradição, é lá que Palémon está oculto. Todo aquele que – seja ele coríntio ou estrangeiro – jure falso, não tem maneira de escapar às consequências do perjúrio. No mesmo recinto, há também um altar antigo, dito dos Ciclopes, onde lhes são feitos sacrifícios.⁴² 2.2. Os túmulos de Sísifo⁴³

(13.119-20) dominou o cavalo e na rapidez (13.123) com que o submeteu ao seu capricho de cavaleiro, para depois o rentabilizar ao serviço dos seus golpes heróicos e vingativos. A verdade é que pareceu resultar do domínio sobre o Pégaso a ousadia que condenou Belerofonte à punição divina, o seu voo ao Olimpo (frs. 306-309^a), com o objetivo de interrogar os deuses sobre a sua agressividade contra os mortais ou mesmo de os censurar pela injustiça de que davam provas. Irado, Zeus precipitou-o mortalmente sobre a terra, integrando Pégaso nas estrebarias divinas (fr. 312 Kannicht; cf. Hesíodo, *Teogonia* 284-6, Píndaro, *Olimpica* 13.131-2). Este motivo tinha já registo em Píndaro, *Ístmica* 7.60-7, onde Belerofonte era tomado como modelo de uma ambição desproporcionada e o seu *curriculum* de aventuras exemplo de que “às alegrias que são contrárias à justiça as espera o fim mais amargo”.

⁴⁰ *Vide supra* 1.44.8, 2.1.8 e nota respetiva. O ritual aqui feito acontecia durante a noite e iniciava-se em torno do altar de Palémon, que assinalava o lugar onde o seu cadáver tinha sido encontrado (*vide supra* 2.1.3).

⁴¹ “Inacessível”. Este seria um templo particularmente reservado, que servia de túmulo a Palémon, certamente só acessível a sacerdotes, que funcionaria como uma espécie de cripta do anterior.

⁴² Os Ciclopes, monstros de um só olho, eram considerados filhos de Posídon e Anfitrite; tinham portanto toda a legitimidade no universo sacro de Corinto. Sendo embora conhecida, desde tempos homéricos, a sua brutalidade, foram em alguns casos considerados deuses e venerados como tal.

⁴³ Cf. Graves (1977) I.216-20. Sísifo era tido como fundador de Corinto e o iniciador de uma primeira dinastia de reis míticos (*vide infra* 2.4.3). Ficou célebre a perspicácia e imaginação de que era dotado (cf. *Iliada* 6.152-4). Pelos comportamentos ofensivos que adotou para com os deuses, acabou convertido num dos supliciados no Hades.

e Neleu⁴⁴ – porque, ao que se diz, Neleu veio para Corinto onde morreu de doença e foi enterrado no Istmo –, não sei se mesmo os leitores de Eumelo⁴⁵ seriam capazes de os encontrar. O memorial de Neleu, ao que ele diz, nem mesmo a Nestor foi mostrado por Sísifo, porque se devia mantê-lo incógnito fosse para quem fosse. Também Sísifo está sepultado no Istmo, mas mesmo entre os Coríntios do seu tempo poucos eram os que sabiam onde. Os Jogos Ístmicos não foram suspensos, nem quando Múmio arrasou Corinto. Durante o tempo em que a cidade esteve deserta,⁴⁶ os Siciónios encarregaram-se de os celebrar; quando reconstruída, a honra da sua organização voltou aos atuais habitantes.

2.3. Em Corinto, os nomes de Leques e Cêncrias, que se dizia serem filhos de Posídon e de Pirene, filha de Aqueloo,⁴⁷

⁴⁴ Neleu era filho de Posídon e Tiro, irmão gémeo de Pélias e pai de Nestor. Os dois irmãos foram expostos por Tiro e salvos por animais. Depois de um conflito entre ambos, Neleu cedeu a Pélias o trono de Iolco e veio fundar Pilos, na Messénia. Aí gerou doze filhos, que vieram a ser assassinados – salvo o mais novo, Nestor – por Hércules, depois de ter conquistado a cidade. Após a morte do pai, Nestor tornou-se soberano de Pilos. Os diversos episódios deste mito são já narrados em *Iliada* 11.670-762, *Odisseia* 11.235-57. Sófocles foi autor de duas tragédias que intitulou *Tiro*, para nós perdidas.

⁴⁵ *Vide supra* 2.1.1 e nota respetiva.

⁴⁶ Após a destruição produzida pelos Romanos comandados por Múmio (*vide supra* 2.1.2 e nota respetiva), a cidade manteve-se praticamente deserta durante cerca de um século, exceção feita a um pequeno número de habitantes provindos dos arredores. Sobre o regresso dos Jogos a Corinto, *vide* Millis (2010) 15.

⁴⁷ Sobre os portos de Corinto e as suas designações, *vide supra* 2.1.5. É compreensível a sua filiação em Posídon, o deus marinho que marcava presença numa cidade com as características de Corinto. Por seu lado Pirene, filha de Aqueloo (*vide infra* 1.34.3, 2.3.2), dava nome a uma nascente na parte alta da cidade, onde, segundo a tradição, Belerofonte deu de beber a Pégaso (*vide infra* 2.5.1), e também a uma fonte fora do perímetro da cidade, que se dizia resultar da metamorfose de Pirene; as lágrimas derramadas pela morte do filho, Cêncrias, justificavam-lhe o curso (cf. Píndaro, *Olímpica* 13.161). A fonte Pirene é a mais antiga das

foram dados aos portos. Nas *Grandes Eeias*,⁴⁸ no entanto, diz-se que Pirene era filha de Ébalo. Em Lequeu há um santuário de Posídon e uma estátua do deus em bronze e, no caminho que vai do Istmo a Cêncrias, há um templo de Ártemis, com uma velha estátua de madeira da deusa. Já em Cêncrias, há um templo de Afrodite com uma estátua de mármore, e a seguir, no promontório que se prolonga mar adentro, há um Posídon em bronze. No outro extremo do porto, ficam os santuários de Asclépio e Ísis.⁴⁹ Os banhos de Helena situam-se diante de Cêncrias. Trata-se de uma nascente que brota de um rochedo para o mar, forte e de água salgada, que parece tépida.

2.4. Quando se avança para a parte interior de Corinto, há, pelo caminho, diversos túmulos; entre eles, junto à porta da cidade está sepultado Diógenes de Sinope, a que os Gregos deram a alcunha de ‘Cão’.⁵⁰ Em frente ao casario, há um

diversas fontes existentes em Corinto, profundamente remodelada em época romana. Sobre a provisão de água e sua distribuição na antiga Corinto, *vide* Wickkiser (2010) 50-2.

⁴⁸ Poema de Hesíodo, que alistava as mães dos heróis e cujo título advém das palavras com que iniciava cada entrada: ἢ οἴη, “ou como”. Cf. fr. 258 de Merkelbach-West.

⁴⁹ Pausânias testemunha alguma vitalidade do culto de Ísis em Corinto. Assim, com os epítetos de Pelasgia e Egípcia, a deusa tinha dois cultos na parte alta da cidade (*vide infra* 2.4.6), que, segundo a arqueologia, datavam de época anterior à da destruição da cidade pelos Romanos. Outros templos de Ísis em Corinto são ainda referidos por Pausânias, como é o caso deste, na zona portuária. A descrição que Pausânias faz deste porto está abonada pela numismática. Trata-se de uma baía semicircular, com um promontório em cada extremo, sobre que se ergue um templo, de Afrodite de um lado e de Asclépio e Ísis do outro. Ao centro, um rochedo penetrante no mar sustentava a estátua de Posídon.

⁵⁰ Diógenes de Sinope (c. 400-325 a.C.) integrou o grupo dos filósofos cínicos e ficou conhecido pela preferência por um tipo de vida austero e natural, que originou muitas anedotas. Segundo a tradição, passou a última parte da sua vida em Corinto, onde terá recebido uma manifestação de apreço de Alexandre da Macedónia (cf. Plutarco, *Vida de Alexandre* 15.2-5, Diógenes Laércio 6.2.77). Das muitas obras

bosque de ciprestes, chamado Craneion.⁵¹ Lá fica um recinto sagrado de Belerofonte,⁵² um templo de Afrodite Melénis,⁵³ e o túmulo de Lais, sobre o qual está representada uma leoa com um carneiro entre as patas dianteiras. **2.5.** Também na Tessália existe um outro memorial dito de Lais, para onde ela teria seguido Hipóstrato, por quem estava apaixonada. De origem, Lais provinha de Hícaros, na Sicília,⁵⁴ mas ainda criança,

que lhe são atribuídas nenhuma chegou até nós. A metáfora do cão é tradicionalmente associada a Diógenes, e muitas das anedotas que a propósito dele se contam incluem a referência ou elogio deste animal, paradigma de uma vida básica e espontânea. De resto, a própria designação de “cínico” implica a ideia de “canino”. Corinto homenageou esta preferência de Diógenes, representando-o numa estátua em mármore de Paros com um cão.

⁵¹ Neste bosque havia um ginásio, frequentado pelo filósofo Diógenes; lá teria decorrido o célebre encontro com Alexandre.

⁵² *Vide supra* 2.1.9 e nota respetiva.

⁵³ “Afrodite Negra”. Corinto era famosa pelo seu culto a Afrodite, cuja efígie figurava nas suas moedas. Eram vários os santuários que, na cidade, homenageavam a deusa, mas nenhum tão célebre como o aqui referido por Pausânias, situado em Acrocorinto e provavelmente datado do séc. V a.C. Quando, após a destruição causada pelos Romanos, o templo veio a ser reconstruído (séc. I d.C.), revestiu certamente um novo traçado, aquele que Pausânias pôde ver aquando da sua visita. Além deste, Pausânias referiu já (*vide supra* 2.2.3) um outro templo de Afrodite no porto de Cêncrias. Associada ao culto de Afrodite, existia em Corinto uma bem conhecida prática de prostituição (cf. Aristófanes, *Pluto* 149-50). Como cidade próspera que era, devido ao comércio, Corinto oferecia as mais elegantes prostitutas do mundo grego, cujos serviços se pagavam caro. Daí se ter tornado proverbial que “nem todos têm massa para visitar Corinto” (cf. Aristófanes fr. 370 K.-A.). Os encantos de Lais também não passaram despercebidos aos comediógrafos; cf. Aristófanes fr. 179 K.-A., Filetero fr. 9. 7 K.-A. A história aqui narrada por Pausânias sobre a origem de Lais sugere uma relação com a campanha ateniense na Sicília (415-413 a.C.; *vide supra* 1.29.12), onde teria sido capturada pelo general Nícias, o que coloca a sua vida em finais do séc. V e inícios do IV a.C. Possivelmente este Tessálio será alguém por quem Lais se apaixonou, sendo levada a abandonar Corinto para o seguir. Moedas coríntias mostram que a leoa com o cordeiro entre as patas se erguia no alto de uma coluna.

⁵⁴ Cf. Plutarco, *Vida de Alcibiades* 39.7.

ao que se diz, foi capturada por Nícias e pelos Atenenses, e vendida em Corinto. Em beleza, ultrapassou as prostitutas do tempo, e o fascínio que por ela tinham os Coríntios foi tal que ainda hoje defendem que ela era sua conterrânea.

2.6. Na cidade, merece atenção o que ainda resta dos antigos monumentos, mas a maioria remonta ao tempo do seu reflorescimento.⁵⁵ Na ágora – onde fica a maioria dos templos – existe Ártemis dita Efésia, e outras estátuas de Dioniso em madeira revestida a ouro exceto o rosto, colorido a vermelhão; chamam-lhe a uma Lísio,⁵⁶ e à outra Baquio. O que se conta sobre essas estátuas merece um registo. **2.7.** Conta a lenda que Penteu,⁵⁷ entre outras ofensas feitas a Dioniso, teve ainda o cúmulo da ousadia de se dirigir ao Citéron para espiar as mulheres; subiu então a uma árvore para ver o que faziam. Quando o viram, elas arrancaram-no de lá e, ainda vivo, desmembraram-lhe o corpo, pedaço a pedaço. Mais tarde, ao que dizem os Coríntios, a Pítia ordenou-lhes que descobrissem a árvore e a venerassem como ao deus. Foi por isso que, a partir da árvore, eles lhe fizeram as tais estátuas. **2.8.** Há também um templo da Fortuna, com uma estátua de pé feita em mármore de Paros. Junto dele está o templo de todos os deuses. Lá perto erigiu-se uma fonte, e, sobre ela, um Posídon de bronze, com os pés apoiados num golfinho

⁵⁵ Ou seja, da reconstrução romana. Foi esta a cidade que Pausânias viu na sua visita.

⁵⁶ “Libertador”. Sobre o mesmo culto em Sícion e sobre a sua proveniência tebana, *vide infra* 2.7.6. De acordo com Pausânias (*vide infra* 9.16.4), este epíteto foi atribuído ao deus por ter libertado prisioneiros tebanos das mãos dos Trácios na vizinhança de Haliarto. Ártemis e Dioniso eram as duas divindades emblemáticas da Corinto pré-romana (*vide* Osanna (2001) 187).

⁵⁷ *Vide supra* 1.20.3 e nota respetiva. A versão aqui sumariada por Pausânias corresponde, nos seus grandes traços, à de Eurípidem em *Bacantes*.

que lança água. Há ainda um Apolo em bronze dito Clário,⁵⁸ e uma estátua de Afrodite obra de Hermógenes de Citera.⁵⁹ Existem dois Hermes em bronze, ambos de pé; para um deles foi erigido um templo. Ao ar livre, há três estátuas de Zeus: uma sem qualquer epíteto, outra apodada de Ctônio (Deus dos Infernos), e uma terceira a que chamam Hipsisto (Altíssimo).

2.3.1. AINDA A ÁGORA DE CORINTO. EPISÓDIO DE MEDEIA

No centro da ágora há uma Atena em bronze, em cuja base estão esculpidas as Musas.⁶⁰ Acima da ágora, fica um templo de Octávia, irmã do imperador Augusto, que sucedeu, no poder de Roma, a César, o edificador da atual Corinto.⁶¹

3.2. À saída da ágora na direção do Lequeu, há uns propileus encimados por dois carros dourados, um deles portador de Faetonte, filho do Sol,⁶² e o outro do próprio Sol. À direita de quem sai, já um pouco afastado dos propileus, está um Hércules em bronze. A seguir, fica a entrada da fonte Pirene. Foi lá, ao que se diz, que Pirene se teria transformado de

⁵⁸ Epíteto que lhe advém da cidade iónica de Claro.

⁵⁹ Não há outras referências a este autor.

⁶⁰ Assinalando o patrocínio dado pela deusa às artes.

⁶¹ Octávia Júlia (69-11 a.C.) era uma distinta patrícia romana, sobrinha-neta de César, esposa, num primeiro casamento, do cônsul Gaio Marcelo; pela morte do marido e num tempo em que a formação do segundo triunvirato estava na ordem do dia em Roma, foi-lhe imposto um casamento com Marco António, uma união de interesse político para cimentar o relacionamento entre o irmão, Augusto, e este segundo marido. Durante um ano, entre 40-39 a.C., depois de um périplo por várias províncias do império, viveram em Atenas. A sua vida particular sofreu novo revés aquando do romance exaltado entre Marco António e Cleópatra. Octávia prestou-se generosamente a criar os filhos próprios e aqueles que Marco António foi tendo com sucessivas amantes. Foi muito apreciada como um modelo de dignidade e distinção, dentro do código de comportamento romano. Sobre o ressurgimento de Corinto por intervenção de César, *vide supra* 2.1.2.

⁶² *Vide supra* 1.4.1 e nota respetiva.

mulher em fonte tantas as lágrimas que derramou pelo filho Cêncrias, morto involuntariamente por Ártemis.⁶³ **3.3.** Esta fonte está ornamentada com mármore branco, e nela foram abertos compartimentos tipo grutas, de onde a água corre para uma bacia ao ar livre; esta é uma água ótima para beber.⁶⁴ O chamado “bronze de Corinto”,⁶⁵ ao que se diz, tempera-se mergulhando-o nessa água, quando incandescente, porque em Corinto não há bronze. Perto da fonte Pirene há ainda uma estátua de Apolo, e um recinto onde está representado o combate de Ulisses com os pretendentes.

3.4. Se se tomar de novo o caminho que leva diretamente ao Lequeu, há primeiro um Hermes de bronze sentado, com um carneiro ao lado; é que Hermes parece ser aquele dos deuses que mais se ocupa de vigiar e multiplicar os rebanhos, a crer no que afirma Homero na *Iliada*.⁶⁶

O filho de Forbas, rico em gado, aquele a quem, entre os Troianos, Hermes mais amava e a quem concedeu enormes benesses.

A versão que corre, no culto da Deusa Mãe, sobre Hermes e o carneiro, embora a conheça não a vou contar. A seguir à estátua de Hermes, está Posídon, Leucótea e Palémon sobre

⁶³ Vide *supra* 2.2.3 e nota respetiva.

⁶⁴ A água desta fonte tornou-se célebre como inspiradora dos poetas.

⁶⁵ O chamado “bronze de Corinto” era o resultado de uma liga de cobre, ouro e prata, ou então um tipo particular de Corinto. Cf. Petrónio, *Satíricon* 50.1-5.

⁶⁶ 14.490-1. Esta citação da *Iliada* comprova a antiguidade – e, na intenção de Pausânias, a veracidade – da relação de Hermes com os rebanhos. A representação do deus ‘crióforo’, com um carneiro aos ombros, era comum (*vide infra* 4.33.4, 9.22.1).

um golfinho.⁶⁷ **3.5.** Em diversos espaços da cidade há banhos, uns construídos a expensas públicas, e um outro por concessão do imperador Adriano. Os mais famosos ficam junto ao templo de Posídon. Foram edificadas por Êuricles,⁶⁸ um espartano, e ornamentados com pedras variadas, entre as quais a que se extrai das pedreiras de Cróceas, na Lacónia.⁶⁹ Quando se entra, à esquerda, há um Posídon e, depois dele, uma Ártemis caçadora. São muitas as fontes construídas por toda a cidade, umas abastecidas por água que corre com abundância na região, além daquela que o imperador Adriano trouxe do Estinfalo.⁷⁰ Sobretudo notável é a que fica junto à estátua de Ártemis, sobre a qual existe um Belerofonte montado no Pégaso, de cujo casco brota a água.⁷¹

3.6. Num outro caminho que vai da ágora para Sícion,⁷² à direita, fica um templo e uma estátua em bronze de Apolo.

⁶⁷ *Vide supra* 2.2.1 e nota respetiva.

⁶⁸ Provavelmente um contemporâneo de Augusto. Cf. Plutarco, *Vida de António* 67.2. Segundo o testemunho de Plutarco, na batalha de Ácio (31 a.C.), Octávio contou com o apoio do espartano Êuricles, que compensou, quando se tornou no imperador Augusto, com a hegemonia política sobre Esparta. Com o objetivo de promover a sua autoridade em Esparta e mesmo noutras cidades influentes, Êuricles, entre outros benefícios, promoveu a construção de um grande ginásio em Esparta e dos banhos de Corinto aqui referidos (*vide infra* 3.14.6). Roux (1958) 118 hesita entre duas identificações: ou o “dinasta” Êuricles, já morto em 15 a.C., ou G. Júlio Êuricles Herculano, uma personagem do séc. II d.C. Frazer (2012) 25 opta por esta segunda hipótese.

⁶⁹ Esta pedra situava-se entre Esparta e Gítion. A pedra que fornecia era usada como ornamento em numerosos edifícios públicos, como santuários e banhos. De facto, a água favorecia-lhe o colorido natural. *Vide infra* 3.21.4.

⁷⁰ O próprio Pausânias se refere a várias dessas fontes (2.3.6, 2.4.5, 2.5.1). O Estinfalo é um lago existente na região de Corinto.

⁷¹ *Vide supra* 2.1.9 e nota respetiva.

⁷² Cidade do Peloponeso, vizinha de Corinto, que vai constituir o foco de interesse de Pausânias nos capítulos seguintes. Esta estrada deveria ser uma via descendente a partir da cidadela, para a planície, em baixo.

Um pouco mais adiante há uma fonte que recebeu o nome de Glauce;⁷³ esta ter-se-ia lançado nessa fonte, ao que consta, convencida de que a água daria remédio aos venenos de Medeia. Acima dessa fonte foi edificado o chamado Odeón,⁷⁴ junto do qual fica o túmulo dos filhos de Medeia, chamados Mérmero e Feres.⁷⁵ Estes, segundo a tradição, teriam sido lapidados pelos Coríntios, devido aos presentes a Glauce de que foram portadores.⁷⁶ **3.7.** Como essa morte violenta lhes tinha sido aplicada injustamente, passaram a liquidar os filhos dos Coríntios mal nasciam, até que, por determinação do oráculo,

⁷³ Também chamada Creúsa. Era a princesa de Corinto, filha de Creonte, que Jasão pretendeu desposar, levando Medeia a eliminá-la com os seus venenos. Os filhos serviram de portadores do vestido e da grinalda que converteram Glauce numa tocha, de acordo com a versão de Eurípidés. Roux (1958) 120 manifesta estranheza pelo facto de Pausânias não associar três cultos bem conhecidos em Corinto: o de Hera, o de Glauce e o dos filhos de Medeia. Mas, segundo Eurípidés, *Medeia* 1378-83, Diodoro Sículo 4.55.12, o túmulo das crianças situava-se no santuário de Hera.

⁷⁴ Além de Pausânias, também Filóstrato (*Vida dos Sofistas* 2.1.5) refere este Odeón, um tipo de edifício destinado a ensaios e a concursos musicais, atribuindo a construção do “teatro coberto” a Herodes Ático.

⁷⁵ São muito variáveis os nomes e o número dos filhos de Medeia. Assim, Hesíodo, *Teogonia* 1001-2 refere um único, de nome Medeio. Parmenisco (*schol. Medeia* 264, séc. II a.C.) fala de catorze, sete rapazes e sete raparigas. Em Eurípidés (*Medeia* 273) são dois. Os nomes que lhes são dados, nomeadamente de Mérmero e Feres, ocorrem apenas em autores tardios (cf. Higino, *Fábula* 25, Apolodoro 1.9.28). Cf. Ferreira (1997) 66.

⁷⁶ Com a fuga de Medeia para Atenas, impossibilitada de levar os filhos, as crianças ficaram expostas ao ressentimento dos Coríntios. À razão aqui evocada por Pausânias, junta-se o facto de, em outras versões, Medeia ter assassinado Creonte, o rei de Corinto, antes da partida (e.g., Eurípidés, *Medeia*). Por outro lado, o gramático Parmenisco (*schol. Medeia* 273) fala do ódio das mulheres coríntias, que repudiavam, como soberana de Corinto, uma mulher bárbara e perita em venenos. Portanto motivos de vingança ou repúdio não faltavam aos Coríntios, cuja reação – lapidar as crianças dentro do templo da deusa – teve contornos de sacrilégio.

lhes foram feitos sacrifícios anuais, e se ergueu uma estátua ao Terror. A estátua ainda existe, representando a imagem de uma mulher aterradora. Depois que a antiga Corinto foi destruída pelos Romanos e liquidados os seus cidadãos, os novos habitantes deixaram de fazer esses sacrifícios, e os seus filhos de cortar os cabelos e de usar vestes negras.⁷⁷ **3.8.** Medeia foi nessa altura para Atenas e desposou Egeu.⁷⁸ Algum tempo depois, foi apanhada a conspirar contra Teseu; fugiu então de Atenas, e foi refugiar-se na chamada Ária,⁷⁹ cujos

⁷⁷ Estas práticas faziam parte de um ritual bem conhecido já no séc. V a.C., em honra dos filhos de Medeia, que se realizava no templo de Hera Acraia, em Peracora, nos arredores de Corinto (cf. Eurípidés, *Medeia* 1378-83). A fala final de Medeia *ex machina*, na tragédia de Eurípidés, ao propor-se sepultar os filhos no templo de Hera, funciona de *aition* para um ritual bem conhecido do seu público. No templo reuniam-se sete rapazes e sete raparigas coríntios, vestidos de negro, que ao longo de um ano deveriam apaziguar com sacrifícios a ira da deusa, causada pelo desrespeito das Coríntias quando as crianças procuraram refúgio no templo (*schol. Medeia* 264). Sobre este ritual, cf. Dunn (1994).

⁷⁸ Esta outra fase do mito de Medeia, que teve Atenas por cenário, era já conhecida de Heródoto (7.62.1) e parece ter sido o tema de duas tragédias intituladas *Egeu*, uma de Sófocles e outra de Eurípidés. Nesta versão, Teseu passava a integrar o episódio como potencial vítima de Medeia e motivo de um culto, no Delfínio, o local em que o jovem teria sido reconhecido pelo pai e cancelado o projeto de Medeia de eliminar um concorrente à sucessão do seu próprio filho com Egeu, Medo; cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 12.2-6.

⁷⁹ No catálogo das tropas que, sob o comando de Xerxes, empreenderam a campanha contra a Grécia, Heródoto (7.62.1), antecipando a informação de Pausânias, refere-se aos Medos nos termos seguintes: “Os Medos participantes na campanha usavam o mesmo equipamento; aliás, este equipamento é de origem meda, e não persa. Estes tinham por chefe Tigranes, um Aqueménida. Dantes todos os conheciam por Ários (cf. Hesíodo, *Teogonia* 1000-1). Mas quando Medeia da Cólquida veio de Atenas e se fixou entre estes Ários, também eles mudaram de nome”. Ários, ou seja, “justos” era o nome que se aplicava a todos os grupos populacionais iranianos. Schrader (1994) 114 situa-os na 16ª satrapia (cf. 3.93.3), constituída de tribos nómadas, que ocupava a região ocidental e norte da Bactriana, desde o mar de Aral até ao sudeste da

habitantes dela receberam o nome de Medos. O filho que ela levou ao fugir para refugiar-se em Ária, nascido, ao que se diz, de Egeu, tinha o nome de Medo. Helânico,⁸⁰ no entanto, chama-lhe Políxeno e di-lo filho de Jasão. **3.9.** Os Gregos têm um poema épico intitulado *Naupáctias*,⁸¹ onde se lê que Jasão, depois da morte de Pélias, deixou Iolco e se foi estabelecer em Corcira.⁸² Mérmero, o seu filho mais velho, que tinha ido à caça no continente vizinho, teria então sido morto por uma leoa. De Feres não há no poema qualquer menção. Cinéton da Lacedemónia,⁸³ ele também autor de genealogias em verso, diz que Jasão teve de Medeia um filho, Medeio, e uma filha, Eriopis. E sobre os filhos não adianta mais nada. **3.10.** Por

Hircânia. Asheri, Medaglia, Frascetti (1990) 315 definem a Bactriana como “correspondendo aproximadamente ao Afeganistão setentrional e às regiões meridionais do Tagdiquistão e do Uzbequistão soviéticos”. Após a tentativa de envenenar Teseu com os seus filtros, Medeia viu-se compelida a deixar Atenas. Foi então que percorreu uma longa errância, até vir a desposar um rei oriental, cujo nome se desconhece, mas que teria sido pai de um filho da princesa colca com o nome de Medeio.

⁸⁰ Helânico de Lesbos, ativo na segunda metade do séc. V a.C., dedicou uma particular atenção às genealogias e à historiografia, com uma superficialidade que o coloca num plano mais modesto em relação a Heródoto ou Tucídides. Este último (1.97.2) refere-o como autor de uma *História da Ática*, uma narrativa que se concentra na Ática desde os seus primórdios míticos até à guerra do Peloponeso. Foi também autor de uma lista de nomes das sacerdotisas de Hera argiva, desde tempos míticos. Cf. *FGrHist* 4F 132. Sobre Helânico, *vide* Lesky (1968) 358-60, Koiv (2015) 141.

⁸¹ Este poema narrava episódios relacionados com a saga dos Argonautas e, portanto, com a juventude de Medeia, quando ainda na Cólquida, e o seu rapto por Jasão. Sobre a controvérsia em volta da sua autoria, *vide infra* 10.38.11; cf. ainda Lesky (1968) 130. Ao motivo da eliminação de Pélias pelas próprias filhas a conselho de Medeia, com o pretexto de o rejuvenescer, dedicou Eurípides uma peça que intitulou *Filhas de Pélias*.

⁸² Onde teriam tido lugar as bodas de Jasão e Medeia.

⁸³ Autor (séc. VII a.C.) de poemas de padrão épico, um dos quais dedicado a Hércules (*vide infra* 4.2.1). Cf. Lesky (1968) 131.

fim Eumelo⁸⁴ conta que o Sol atribuiu a Aloeu a região de Asópia, e a Eetes a de Efireia. Este último, ao partir para a Cólquida, confiou o seu território a Buno, filho de Hermes e de Alcidamia. Por morte de Buno, Epopeu, filho de Aloeu, assumiu também o poder sobre Efireia. Quando Corinto, filho de Máraton, por sua vez morreu sem deixar herdeiros, os Coríntios fizeram vir Medeia de Iolco e entregaram-lhe o poder; **3.11.** foi devido a ela que Jasão se tornou soberano de Corinto. Medeia teve vários filhos, mas cada um que nascia ela levava-o para o templo de Hera e lá o escondia, convencida de que os tornava imortais.⁸⁵ Por fim, compreendeu que a sua esperança era falaz, ao mesmo tempo que foi descoberta por Jasão. Este, apesar das súplicas de Medeia, negou-lhe o perdão; navegou então para Iolco. Por isso também Medeia se retirou, depois de entregar o poder a Sísifo.

2.4.1. BELEROFONTE, UM MITO DE CORINTO. RUMO A ACRO-CORINTO

Foram estas as versões que li. Não longe do memorial está o santuário de Atena Calínitide (Que Põe o Freio). De facto, Atena foi, entre os deuses, a que sobretudo patrocinou Belerofonte, entre outras coisas – ao que se diz – por lhe ter dado, depois de ela própria o domesticar e lhe pôr o freio, o

⁸⁴ *FGrHist* 451F 2. *Vide supra* 2.1.1. Na narrativa épica de Eumelo, que se refere à tradição da família régia de Corinto, Medeia integra-se como legítima herdeira do trono da cidade. Não se trata, portanto, nesta versão, da bárbara desencadeadora das tendências xenóforas dos Coríntios. Cf. Lesky (1968) 130.

⁸⁵ Cf. Eumelo fr. 5 *PEG*. No que parece um ritual mágico focado na ideia de conferir a imortalidade a uma criança; cf., e.g., *Hino Homérico a Deméter* 226-91, Apolodoro 1.5.1. O *schol.* Píndaro, *Olímpica* 13.74 relata a justificação para esta expectativa de Medeia: foi porque Medeia resistiu à paixão de Zeus, que Hera se comprometeu a tornar-lhe os filhos imortais.

cavalo Pégaso.⁸⁶ Trata-se de uma imagem em madeira, com o rosto, as mãos e as pontas dos pés em mármore branco. **4.2.** Belerofonte, julgo eu, não exercia um poder independente, mas dependia de Preto e dos Argivos. Estou convencido disso e quem quer que tenha lido Homero não deixará de concordar.⁸⁷ Parece claro que, após a partida de Belerofonte para a Lícia, os Coríntios se mantiveram sob o domínio dos soberanos de Argos ou de Micenas, já que, na companhia enviada para Troia, eles não tinham um chefe específico; alinharam com os Micénios e com os outros povos sujeitos ao comando de Agamémnon.⁸⁸ **4.3.** Glauco, o pai de Belerofonte, não foi o único filho de Sísifo;⁸⁹ teve um outro irmão, Ornítion,⁹⁰ e, além desse, ainda Tersandro e Almo. O filho de Ornítion, Foco – corria que era filho de Posídon –, mudou-se para Titórea, na agora chamada Fócida. Toas, o filho mais novo de Ornítion, permaneceu em Corinto. Toas, por sua vez, foi pai de Damofonte, e este pai de Própodas, que veio a ter dois filhos, Dóridas e Xântidas. Foi durante o reinado destes últimos que os Dórios atacaram Corinto. Comandava-os Aletes,⁹¹

⁸⁶ *Vide supra* 2.1.9 e nota respetiva.

⁸⁷ *Iliada* 6.157-9. Pausânias alude à questão das relações políticas entre Corinto e as cidades vizinhas de Argos e Micenas.

⁸⁸ *Iliada* 2.569-77.

⁸⁹ *Iliada* 6.154-5. Certamente baseado em Eumelo, Pausânias propõe-se descrever a sucessão da casa real de Corinto. Roux (1958) 124-5 chama a atenção para o padrão seguido, que reúne os soberanos em conjuntos de cinco. Os primeiros cinco vão de Hélio (o Sol) até Corinto; seguem-se os Sisífidas, de Hércules a Aletes; outros cinco de Aletes a Bácsis, e os últimos cinco de Bácsis a Telestes.

⁹⁰ O nome de Ornítion é destacado como sucessor de Glauco. Teria sido nesta primeira fase da dinastia que Corinto adquiriu o desenvolvimento que a impôs como uma das grandes cidades da Grécia antiga desde o séc. VIII a.C.

⁹¹ *Vide infra* 5.18.8; cf. Estrabão 8.8.5. Ambos os autores concordam em que foi Aletes, um Heraclida, quem impôs a autoridade dórica na região de Corinto, pondo fim a uma primeira dinastia fundada

filho de Hípotes, filho de Filante, filho de Antíoco, filho de Hércules. Dóridas e Xântidas, depois de entregarem a soberania a Aletes, permaneceram em Corinto; mas o povo coríntio foi expulso pelos Dórios, depois de derrotado numa batalha. 4.4. O próprio Aletes e os seus descendentes reinaram por cinco gerações, até ao tempo de Bácsis, filho de Prumnis. Os Baquíadas, que dele tinham recebido o nome, reinaram então por mais cinco gerações, até Telestes, filho de Aristodemo. Quando Telestes foi liquidado, num acesso de ira, por Arieu e Perantas, deixou de haver reis; foi aos prítanes – escolhidos de entre os Baquíadas – que se confiou um arcontado anual, situação que permaneceu até Cípselo,⁹² filho de Eécion, ter expulsado os Baquíadas e assumido o poder. Cípselo descendia de Melas, filho de Antaso. Melas era oriundo de Gonussa, situada acima de Sícion,⁹³ e tinha atacado Corinto juntamente com os Dórios. Aletes, a princípio, seguindo a advertência de um oráculo, ordenou-lhe que se retirasse para qualquer outro lugar da Grécia; mas acabou por o aceitar como residente, desrespeitando o oráculo. São estas as informações que consegui descobrir sobre os reis de Corinto.

por Sísifo. Esta outra dinastia de origem dórica dominou em Corinto durante os séc. VIII-VII a.C., até Bácsis, para então ceder perante a investida dos Baquíadas.

⁹² Sobre Cípselo, cf. Heródoto 5.92β-ε, que lhe rodeia de fantástico o acesso ao poder. Descendia, pelo lado materno, dos Baquíadas. A mãe, chamada Labda por ser coxa, casou fora da família, com Eécion. Sobre a autoridade dos Baquíadas e a sua deposição por Cípselo, que substituiu uma oligarquia aristocrática por uma tirania bem acolhida pelo povo, *vide supra* 2.1.1. Tucídides 1.13.2 refere os Coríntios – ao tempo em que as cidades gregas viviam em regimes tirânicos – como tendo sido os primeiros Gregos a dispor de uma armada, o que abona da sua prosperidade em época arcaica.

⁹³ Sobre Gonussa, *vide infra* 5.18.7. Cf. ainda *Iliada* 2.573-5, embora continue em discussão entre os arqueólogos se a referência de Homero e de Pausânias correspondem ao mesmo povoado.

4.5. O santuário de Atena Calinítide fica perto do teatro e junto de uma estátua em madeira de um Hércules nu, que se diz ser obra de Dédalo.⁹⁴ Todas as obras de Dédalo têm um aspeto algo extravagante, ao mesmo tempo que parece haver nelas um toque divino. Acima do teatro fica um santuário de Zeus Capitolino, como é chamado pelos Romanos; em grego, chamar-se-ia Corifeu.⁹⁵ Não longe do teatro está o antigo ginásio e a chamada fonte de Lerna. A fonte está rodeada de colunas, e foram feitos assentos para quem quiser vir ali refrescar-se durante o verão. Junto desse ginásio, há dois templos, um de Zeus e outro de Asclépio.⁹⁶ As estátuas de Asclépio e Higia são em mármore branco, a de Zeus em bronze.

4.6. Quem sobe a Acrocorinto, encontra-se no cume de um monte sobranceiro à cidade. Briareu, na arbitragem que fez,⁹⁷ dedicou-o ao Sol, e o Sol – ao que afirmam os Coríntios – cedeu-o a Afrodite. Quem sobe então a Acrocorinto encontra dois recintos de Ísis,⁹⁸ uma cognominada Pelágia, e outra Egípcia. Há também outros dois de Serápis, num dos casos apodado de Canobo.⁹⁹ A seguir foram edificadas altares ao Sol, além de um santuário à Fatalidade (*Anánke*) e à Força

⁹⁴ *Vide infra* 1.21.4 e nota respetiva.

⁹⁵ Estas são marcas da diferença cultural que se manteve sensível perante a ocupação romana da cidade; cf. Moreno Leoni (2014).

⁹⁶ Asclépio dispunha, em Corinto, de dois templos: o aqui referido, dentro da cidade, e o que se situava no porto de Cêncrias (*vide supra* 2.2.3).

⁹⁷ Sobre Briareu e a arbitragem que assumiu para estabelecer o domínio divino sobre Corinto, *vide supra* 2.1.6 e nota respetiva.

⁹⁸ *Vide supra* 2.2.3 e nota respetiva.

⁹⁹ Canobo era uma cidade egípcia, vizinha de Alexandria, onde existia um importante culto de Serápis, estabelecido entre os reinados de Ptolemeu I Sóter e Ptolemeu II Filadelfo, c. 306-282 a.C. Segundo a tradição, o culto provinha de Sinope, na costa do Mar Negro, e tinha sido trazido para o Egito por Ptolemeu I (cf. Plutarco, *Ísis e Osíris* 28). *Vide Sousa* (2017) 185-95.

(*Bía*), em que a entrada é proibida. 4.7. Mais acima, está o templo da Mãe dos Deuses, uma estela e um trono, ambos em mármore. O das Meras e de Deméter e Perséfone¹⁰⁰ não tem estátuas expostas. No mesmo monte fica o templo de Hera Buneia (Da Colina), edificado por Buno, filho de Hermes. É dele que vem o epíteto da deusa.

2.5.1. AINDA ACROCORINTO. A CAMINHO DE TÊNEA E DE SÍCION

Subindo-se a Acrocorinto, há um templo de Afrodite, e imagens da própria deusa armada, do Sol e de Eros com um arco. Atrás do templo fica uma fonte, oferta de Asopo a Sísifo, ao que se conta. Este, embora sabendo que tinha sido Zeus o raptor de Egina, filha de Asopo, não lho quis revelar, enquanto a procurava, até ele produzir água em Acrocorinto. Quando Asopo lhe satisfez a exigência, ele fez-lhe a revelação; e por isso – se é de crer em tal história – recebeu um castigo no Hades.¹⁰¹ Já ouvi dizer que esta é a mesma água da fonte Pirene,¹⁰² que corre, na cidade, por canais subterrâneos. 5.2. Este Asopo nasce na Fliásia, corre através da região de Sícion e

¹⁰⁰ Este foi um templo com longa vitalidade em Corinto. A arqueologia comprovou a sua existência no séc. VIII a.C., auferindo então de um grande interesse por parte das autoridades de Corinto, que procuravam assegurar com este culto as necessidades básicas do abastecimento à população. Veio a sofrer com a derrocada geral da cidade em consequência da intervenção romana, em 146 a.C. Com a posterior fundação da colônia por iniciativa de César, recuperou a atividade, ainda que adaptado às necessidades dos novos ocupantes.

¹⁰¹ Esta versão do mito explica duas tradições: a do nome da ilha – antes chamada Enone (*vide infra* 2.29.2) –, que provinha do encontro lá ocorrido de Zeus e da filha de Asopo, Egina, a ocultas de Hera; e a do castigo de Sísifo no Hades. Da relação de Egina com o pai dos deuses veio a nascer Éaco, futuro rei da ilha.

¹⁰² *Vide supra* 2.2.3 e nota respetiva.

vem desaguar no mar aqui.¹⁰³ Segundo os Fliásios ele teria três filhas, Corcira, Egina e Tebas. De Corcira e Egina provieram os novos nomes das ilhas, antes designadas por Esquéria¹⁰⁴ e Enone. De Tebas foi dado o nome à região baixa da Cadmeia. Os Tebanos, por seu lado, não estão de acordo; segundo eles, Tebas era filha do Asopo da Beócia, e não do da Fliásia.¹⁰⁵ **5.3.** Outras versões contadas pelos Fliásios e Siciónios a propósito do rio, dizem que ele vem de fora e que não pertence à região; assim, o Meandro,¹⁰⁶ que corre, desde Celenas, através da Frígia e da Cária, viria desaguar no mar perto de Mileto; a partir daí dirigia-se ao Peloponeso e originava o Asopo. Conheço também, por a ter ouvido aos Délios, uma outra lenda do género: que o curso a que chamam Inopo proviria do Nilo.¹⁰⁷ Conta-se ainda que o Nilo é o mesmo rio que o Eufrates, que desaparece num pântano para reaparecer, com o nome de Nilo, acima da Etiópia. Foi então esta a história que ouvi contar sobre o Asopo. **5.4.** A partir de Acrocorinto, na direção da

¹⁰³ “Aqui”, isto é, “em Corinto”. As cidades a que Pausânias se refere – Corinto e Sición – constituíam a zona da Acaia, na costa norte do Peloponeso e em torno do golfo de Corinto. A região chamada Fliásia e a cidade de Fliunte ficam a sul de Sición e a sudoeste de Corinto, um pouco mais para o interior, portanto.

¹⁰⁴ Esquéria é, na *Odisseia* VI-VIII (cf., em particular, 6.2-8), o nome da ilha habitada pelos Feaces. Esta coincidência entre os nomes da ilha, Esquéria e Corcira, é também reconhecida por Tucídides 1.25.4.

¹⁰⁵ Sobre a existência de dois rios com o nome de Asopo, um na Fliásia e outro na Beócia, *vide supra* 1.35.2 e nota respetiva. Tradições míticas que liguem as duas regiões são frequentes.

¹⁰⁶ *Vide infra* nota 110.

¹⁰⁷ Este Asopo, provindo da Fliásia, era o curso fluvial mais importante da Siciónia. Pausânias acrescenta à ideia de que o Asopo provenha do Meandro, uma hipótese geograficamente impossível, outras do mesmo nível: a que relaciona o curso do Inopo, um pequeno rio, ainda que relevante em Delos, com o Nilo; ou a que conecta o Nilo, no norte de África, com o Eufrates, um rio igualmente extenso da Ásia ocidental. No caso do Meandro como fonte para o Asopo, Lolos (2011) 12 admite que o curso sinuoso do rio possa ser o responsável por tal hipótese.

montanha, encontra-se a porta de Ténea e um santuário de Ilitia. A uns sessenta estádios¹⁰⁸ no máximo, fica a chamada Ténea; os seus habitantes dizem ser Troianos, provindos de Ténédos, onde os Gregos os reduziram à escravatura; foi lá que Agamémnon lhes concedeu um lugar para se estabelecerem. É por isso que, de entre os deuses, sobretudo veneram Apolo.¹⁰⁹

5.5. De Corinto, quem se dirige, não para o interior, mas para Sícion, encontra, não longe da cidade, à esquerda do caminho, um templo que ardeu. Várias foram as guerras que decorreram na região de Corinto, e, naturalmente, o fogo destruiu casas e mesmo templos fora das muralhas. Ao que se ouve dizer, esse era um templo de Apolo, incendiado por Pirro, filho de Aquiles. Um tempo depois, ouvi contar também esta outra versão: que os Coríntios construíram o templo a Zeus Olímpico, e que, de repente, se ateou um fogo vindo não se sabe de onde que o destruiu.

¹⁰⁸ Um estádio corresponde a c. 185 metros.

¹⁰⁹ Segundo a tradição aqui referida por Pausânias, Ténea, a noroeste do Peloponeso (a cerca de 15 km de Corinto), teria sido fundada por Troianos no séc. XII a.C., e a sua construção levada a cabo por prisioneiros de guerra, a quem Agamémnon permitiu a sua edificação. O lugar de implantação da nova cidade, que conheceu um desenvolvimento notável na Antiguidade, situava-se entre Corinto e Micenas. Segundo o mito, Édipo teria sido lá criado. O nome da cidade advinha de Ténédos, o lugar de proveniência dessa população, uma ilha do nordeste do Egeu, situada à saída dos Dardanelos. Durante a guerra de Troia, o seu rei, Tenes, teria sido morto por Aquiles e a ilha saqueada (cf. Diodoro Sículo 5.83.5). Relatos diversos associam-na com o evoluir da guerra de Troia; proviriam da ilha as serpentes que aniquilaram Laocoonte e os filhos, além de que teria sido Ténédos o lugar de esconderijo dos Aqueus, para que os Troianos acreditassem na sua retirada e abrissem as portas da cidade ao cavalo de pau abandonado pelo inimigo. A relação de Apolo com Ténédos está documentada desde a *Iliada* 1.38.

5.6. Por sua vez os Siciónios¹¹⁰ – que deste lado fazem fronteira com os Coríntios – afirmam que Egialeu, um autóctone, foi o primeiro homem a habitar-lhes o território; e que foi dele, e do poder que lá exerceu, que recebeu o nome aquela parte do Peloponeso, que ainda hoje se chama Egíalo.¹¹¹ Terá sido ele o primeiro a fundar, na planície, uma cidade, Egialeia, cuja cidadela ocupava o lugar onde, no meu tempo, fica o santuário de Atena. Egialeu teve um filho, Êurope, que foi pai de Telquines e este de Ápis. **5.7.** Este último viu o seu poder aumentado a tal ponto que o território situado a sul do Istmo, antes de Pélops vir para Olímpia,¹¹² se passou a chamar, a partir do seu nome, Ápia. Ápis teve um filho, Télxion, que foi pai de Egiro,

¹¹⁰ Pausânias propõe-se agora narrar a história mítica dos Siciónios e a genealogia da sua casa real; começa a lista dos soberanos da cidade com Egialeu, um autóctone seu antepassado. Pouco se sabe sobre a intervenção desta antiga dinastia de Sícion, na sua origem contemporânea da guerra de Troia. Uma lista, apenas em parte coincidente com a proporcionada por Pausânias, é dada por Eusébio de Cesareia, *Crónica* 62, que considera os Siciónios um dos povos mais antigos da Grécia. Sobre a importância do testemunho de Pausânias a respeito de Sícion afirma Lolos (2011) 4: “Pausânias visitou Sícion depois de deixar Corinto a caminho de Fliunte. As notas sobre o itinerário e as informações topográficas são particularmente úteis na tentativa de uma reconstrução da topografia urbana, bem como da rede viária e da paisagem sacra do território”.

¹¹¹ Egíalo significa “costa” e, portanto, aplica-se à zona litoral da chamada Acaia; *vide infra* 5.5.1, 7.1.1-4.

¹¹² A história de Sícion precede, portanto, de acordo com Pausânias, a dos Pelópidas epónimos do Peloponeso, o que pressupõe a autoridade de Sícion sobre o Peloponeso em tempos remotos. Egialeu, um autóctone, seria o seu herói fundador e epónimo do nome antigo de Sícion. Segundo a tradição, Pélops, filho de Tântalo, dirigiu-se a Olímpia para pedir a Enómao, o rei local, a mão de Hipodamia. Só com a ajuda de Posídon, que lhe forneceu cavalos extraordinários, Pélops conseguiu vencer o sogro numa corrida, o que lhe garantiu a mão da jovem. Apesar do auxílio divino, mesmo assim Pélops subornou o auriga de Enómao, Mírtilo, que lhe sabotou o carro e facilitou a vitória do concorrente. No entanto, o próprio Mírtilo acabou morto às mãos de Pélops, ao descobrir-se a paixão que nutria por Hipodamia. Foi ele

por sua vez, pai de Turímaco, por sua vez pai de Leucipo. Este último não teve filhos varões, mas apenas uma filha, Calquínia. Esta Calquínia, ao que se diz, de uma relação com Posídon teve um filho, que Leucipo criou e a quem, quando morreu, deixou o trono. O nome deste filho era Perato. **5.8.** A história de Plemneu, filho de Perato, é – na minha opinião – particularmente extraordinária. Os filhos que ele tinha da mulher, mal davam o primeiro grito, morriam. Deméter, com pena de Plemneu, veio a Egialeia e, como se fosse uma mulher estrangeira, criou-lhe um filho, Ortópolis. Este teve uma filha, Crisorte, que teria gerado de Apolo – segundo a lenda – um filho chamado Corono, pai de Córax e de um filho mais novo, Lamedonte.

2.6.1. HISTÓRIA DE SÍCION

Como Córax morreu sem deixar filhos, Epopeu,¹¹³ que veio nessa altura da Tessália, assumiu o poder. Durante o seu reinado, ao que se diz, pela primeira vez um exército inimigo penetrou-lhes o território, quando, em todo o tempo anterior, tinham vivido em paz.¹¹⁴ E a razão foi a seguinte. Antíope,

quem lançou sobre os Pelópidas uma maldição que havia de afetar a sua casa real ao longo de gerações.

¹¹³ A pujança de Sícion foi sendo posta em causa por algumas quebras ou intromissões na linha sucessória da sua casa real. É o caso de Epopeu, um tessálio, que governou a cidade numa altura em que o poder em Sícion se encontrava sem herdeiro. Situações equivalentes viriam a repetir-se com Sícion, vindo de Atenas, Adrasto, de Argos, Ianisco, da Ática e com os Heraclidas e Falces, que determinaram a futura identidade dórica de Sícion (*vide infra* 2.6.5-7); sobre a historicidade desta sequência governativa em Sícion, cf. Lolos (2011) 60. Pausânias retoma aqui o episódio de Antíope, a que já aludira *supra* 1.38.9 (*vide nota* respetiva).

¹¹⁴ Pausânias relata, para um primeiro confronto entre Sícion e Tebas, motivações míticas. Nicteu, oriundo da ilha de Eubeia, teria sido acolhido em Tebas por Penteu, neto de Cadmo. Nicteu tinha duas

filha de Nicteu, era célebre em toda a Grécia pela beleza; corria o boato de que era filha de Asopo¹¹⁵ – o rio que separa Tebas de Plateias –, e não de Nicteu. **6.2.** Desconheço se Epopeu a pediu em casamento, ou se começou por usar meios violentos e a raptou. Certo é que os Tebanos vieram em armas; aí Nicteu foi ferido, como ferido nessa luta, apesar de vencedor, foi também Epopeu. Nicteu, enfermo, foi levado de volta a Tebas e, na iminência da morte, designou Lico, o irmão, regente na cidade com caráter temporário. Como Nicteu era tutor de Lábdaco, filho de Polidoro e neto de Cadmo, ainda então uma criança, passou-lhe esse encargo. Suplicou também a Lico que, com um exército mais poderoso, atacasse Egialeia, se vingasse de Epopeu, e castigasse mesmo Antíope se a capturasse. **6.3.** Epopeu, por seu lado, tratou de seguida de fazer sacrifícios de ação de graças pela vitória, e de edificar um templo a Atena. Acabada a obra, pediu à deusa que lhe desse um sinal do seu agrado pela forma como a construção do templo tinha resultado. Após a prece, segundo a lenda, um fluxo de azeite começou a correr diante do templo.¹¹⁶ Algum tempo depois, morreu também Epopeu devido ao ferimento a que a princípio não deu importância. De tal modo que Lico não precisou de lhe fazer guerra, já que Lamedonte, filho de Corono e suces-

filhas, Nicteia – esposa de Polidoro, sucessor de Penteu, e mãe de Lábdaco – e Antíope. Por morte de ambos – Penteu e Polidoro –, Nicteu assumiu o trono como regente, por ser Lábdaco, o legítimo herdeiro, ainda uma criança. Foi então que ocorreu a guerra contra Sícion, por o rei local, Epopeu, ter sequestrado Antíope. A arqueologia e a toponímia vieram confirmar relações muito antigas entre Sícion e Tebas, ainda que com contornos um pouco imprecisos; cf. Lolos (2011) 60. Eurípides dedicou ao mito de Antíope uma das suas tragédias.

¹¹⁵ Sobre o Asopo, *vide supra* 1.35.2, 2.5.1-3 e notas respetivas.

¹¹⁶ É conhecida a associação da deusa com a oliveira. Portanto o azeite que correu em frente ao templo era um sinal claro do agrado de Atena.

sor de Epopeu, lhe entregou Antíope. Durante o percurso de Elêuteras para Tebas, ela deu à luz pelo caminho. **6.4.** Sobre este episódio, Ásio,¹¹⁷ filho de Anfíptolemo, compôs os versos seguintes:

Antíope gerou Zeto e o divino Anfíon,
a filha do rio Asopo, de profundos remoinhos,
depois de se deitar com Zeus e com Epopeu, pastor de povos.

Homero¹¹⁸ atribuiu-lhes a ascendência mais distinta, e afirmou que foram eles os primeiros fundadores de Tebas, referindo-se – julgo eu – à cidade baixa, distinta da Cadmeia. **6.5.** Lamedonte,¹¹⁹ quando assumiu o poder, casou com uma mulher ateniense, Feno, filha de Clício. Mais tarde, quando travou uma guerra contra Arcandro e Arquíteles, filhos de Aqueu,¹²⁰ conseguiu fazer vir da Ática, como seu aliado, Sícion. Deu-lhe então em casamento a filha, Zeuxipe. Foi a partir de Sícion, quando se tornou rei, que a região passou a chamar-se Siciónia e Sícion a cidade, em vez de Egialeia. Ao que se conta, Sícion não era filho de Máraton e neto de Epopeu, mas de Mécion, filho de Erecteu; com esta versão está de

¹¹⁷ Poeta oriundo de Samos (séc. VI-V a.C.), que se dedicou a compor poemas de modelo épico, dedicados às genealogias dos heróis, desde logo os relacionados com a sua ilha. *Vide infra* 2.29.4, 7.4.1.

¹¹⁸ *Odisseia* 11.260-5. No encontro com as almas dos mortos, Ulisses relata: “A seguir vi Antíope, filha de Asopo, que se gabava de ter dormido com Zeus, e dele ter tido dois filhos, Anfíon e Zeto, os primeiros fundadores de Tebas, a cidade de sete portas, que lhe edificaram as muralhas, pois sem elas não podiam habitar nessa grande cidade, apesar do seu poder”.

¹¹⁹ Lamedonte, depois de recuperar o poder do pai (Corono) após a morte de Epopeu, um tessálio, foi o último monarca da linhagem de Egialeu, dado que o seu sucessor, Sícion, provinha da Ática.

¹²⁰ Os detentores do poder na região da Acaia.

acordo Ásio. Hesíodo,¹²¹ por seu lado, nos seus versos afirmou que Sícion seria filho do próprio Erecteu, e Íbico¹²² deu-o por filho de Pélops. **6.6.** De Sícion nasceu uma filha, Ctonófile, que teve de Hermes – segundo a lenda – um filho, Pólipo. Mais tarde Ctonófile casou com Flias, filho de Dioniso, de quem teve Androdamante. Pólipo deu em casamento a filha – Lisianassa – a Talau, filho de Bias, rei de Argos. Quando Adrasto se exilou de Argos, foi para Sícion, onde se refugiou junto de Pólipo; mais tarde, quando Pólipo faleceu, assumiu o poder em Sícion.¹²³ Com o regresso de Adrasto a Argos, Ianisco, um descendente de Clício, o sogro de Lamedonte, veio da Ática e tornou-se rei. Por morte de Ianisco, sucedeu-lhe Festo, que se dizia ser um dos filhos de Hércules. **6.7.** Quando Festo, por determinação de um oráculo, se foi instalar em Creta, assumiu o poder Zeuxipo, filho de Apolo e da ninfa Hílide. Após a morte de Zeuxipo, Agamémnon avançou com um exército contra Sícion, onde então reinava Hipólito, filho de Rópalo e neto de Festo. Temendo o avanço desse exército, Hipólito aceitou tornar-se vassalo de Agamémnon e dos Micénios.¹²⁴ Lacéstades, o filho desse Hipólito, reinava em Sícion,

¹²¹ Fr. 224 Merkelbach-West.

¹²² Fr. 27 Page.

¹²³ Por morte de Pólipo sem um herdeiro varão, Sícion ficou sob autoridade do seu neto, um antigo rei de Argos, Adrasto. Mas quando este, por sua vez, morreu, as casas reais de Sícion e Argos separaram-se de novo. Em *Iliada* 2.572, o poeta refere Adrasto como o primeiro rei de Sícion.

¹²⁴ Este episódio consolida uma articulação de Sícion com Argos; *vide infra* 2.7.1, 2.13.1. Tal como Corinto, também Sícion compareceu na guerra de Troia sem um comando próprio, mas sob a alçada de Agamémnon; cf. *Iliada* 2.569-77. A colaboração entre Sícion e Argos teria, no futuro, novas ocorrências; *vide infra* 4.11.1, 4.14.1, 4.15.7, em que as duas cidades intervêm em favor da Messénia contra interesses espartanos (séc. VIII-VII a.C.).

quando Falces, filho de Témeno, e os Dórios¹²⁵ se apropriaram da cidade durante a noite. Como Lacéstades era descendente de Hércules, o invasor não lhe causou nenhum dano, antes partilhou com ele o poder.

2.7.1. TEMPLOS E CULTOS DE SÍCION

Foi a partir de então que os Siciónios se tornaram Dórios e passaram a integrar a Argólida. A cidade de Egialeu na planície foi destruída por Demétrio, filho de Antígono,¹²⁶ que então edificou, na antiga acrópole, a cidade que agora existe.¹²⁷ Os Siciónios viviam tempos de crise – por que motivo, em vão se

¹²⁵ A invasão lendária dos Dórios (séc. XII a.C.) era, entre os antigos, responsável por mudanças profundas na distribuição dos povos e dialetos da Hélade. Heródoto (1.56-7) estabelece um roteiro para esse movimento populacional. Os Dórios seriam oriundos da Tessália; depois de um longo périplo, instalaram-se no Pindo e, por fim, no Peloponeso. Tomaram Hércules como um dos seus antepassados, de forma a legitimarem a sua presença no Peloponeso. Hércules teria sido expulso de Argos, mas a sua descendência lutou por recuperar os seus direitos na região. Esta iniciativa era atribuída aos Heraclidas, os descendentes de Hércules, que, expulsos após a morte do herói, teriam regressado, gerações mais tarde, para reclamar os seus direitos; a realidade histórica que lhe está subjacente é desconhecida e controversa. Esta incursão teria eliminado a civilização micénica. *Vide infra* 2.13.1-2.

¹²⁶ Em 303 a.C., ano em que Demétrio Poliorceta avançou contra o Peloponeso. Já antes tinha tentado apoderar-se de Corinto e Sición, então sob o domínio de Cassandro, mas sem sucesso; cf. Plutarco, *Vida de Demétrio* 15. Desta vez, depois da ocupação, arrasou a parte baixa da cidade e interveio na sua reconstrução na acrópole (cf. Diodoro Sículo 20.102.2-4, Plutarco, *Vida de Demétrio* 15.2, Estrabão 8.6.25), no intuito de reforçar a sua posição na zona instalando na cidadela uma guarnição militar. A partir de Sición, Demétrio tomou Corinto, vindo, em 302 a.C., a estabelecer uma espécie de ‘liga de Corinto’, sob sua chefia.

¹²⁷ A cidade existente na planície situava-se entre os cursos dos rios Helisso e Asopo; a posteriormente construída passou a ocupar um planalto a escassos quilómetros do litoral, com dois níveis. A cidade de época helenística visitada por Pausânias é a que se situa no nível inferior, sendo o mais elevado o correspondente à Acrópole.

procuraria estabelecer; fiquemos pela afirmação de Homero a respeito de Zeus

que, de muitas cidades, arrasou as cabeças;¹²⁸

pois quando estavam já enfraquecidos, sobreveio um tremor de terra,¹²⁹ e pouco faltou para que a cidade se visse vazia de habitantes e privada de muitos monumentos dignos de registo. Atingidas foram também as cidades da Cária e da Lícia, mas foi sobretudo na ilha de Rodes que ele se fez sentir, de tal maneira que a profecia da Sibila sobre Rodes pareceu concretizar-se.¹³⁰

7.2. Quem vai de Corinto para a Sicíonia¹³¹ encontra o memorial de Lico da Messénia, quem quer que seja este Lico; porque não consegui descobrir um Lico da Messénia que praticasse o pentatlo ou que fosse um vencedor olímpico. Trata-se de um montículo de terra, enquanto os Sicíonios geralmente usam um modelo próprio de sepultamento. Cobrem o corpo de terra, constroem-lhe em cima uma placa de pedra, e erguem colunas em que assenta uma parte alta muito semelhante aos frontões dos templos.¹³² Na inscrição não registam nada mais a

¹²⁸ *Iliada* 2.117. Plutarco, *Vida de Arato* 2.2 valoriza a crise política permanente em que Sición vivia e a sucessão vertiginosa de tiranos contrária a qualquer estabilidade.

¹²⁹ Este tremor de terra, que afetou a região do Egeu, pode ser o que ocorreu c. 142-144 d.C., havendo dúvidas na sua identificação precisa. Com o predomínio entretanto alcançado por Corinto, Sición já se encontrava numa situação de crise, agravada depois pelo terramoto.

¹³⁰ A relação entre fenómenos naturais de grandes proporções e a intervenção divina é natural.

¹³¹ Uma distância que ronda os 26 km.

¹³² No conjunto, a arquitetura dos túmulos parece semelhante à de um pequeno templo.

não ser o nome – sem lhe juntarem o apelido – e uma fórmula de despedida.

7.3. A seguir ao memorial de Lico, mas já do outro lado do Asopo, fica, à direita, o Olímpieu, e um pouco mais adiante, à esquerda da estrada, o túmulo de Êupolis, o poeta cómico ateniense.¹³³ Continuando em frente e fazendo um pequeno desvio na direção da cidade, está o memorial de Xenódice, que morreu de parto. Não seguiu o padrão da arquitetura local, mas foi construído de certa forma mais de acordo com o painel pintado;¹³⁴ e o painel que lá existe não fica, em qualidade, atrás de qualquer outro. 7.4. Seguindo adiante, fica o túmulo

¹³³ Êupolis (c. 446-411 a.C.) destacou-se entre os poetas cómicos do tempo a que pertenceu também Aristófanes, para nós o nome mais representativo em função das peças conservadas na íntegra. Tudo leva a crer que os aproximavam afinidades de opinião e objetivos políticos, sociais e artísticos. Sobretudo na década de vinte do séc. V a.C., Êupolis partilhou o interesse daqueles que focaram as suas atenções na caricatura dos demagogos, o que o tornou um concorrente natural de Aristófanes e provocou mesmo, entre os dois poetas, acusações de plágio, do *Máricas* (421 a.C.) de Êupolis em relação a *Cavaleiros* (424 a.C.) de Aristófanes. Outros títulos como *Kólakes* (“Aduladores”), *Baptai* (“Mergulhadores”), *Demoi* contam-se entre as suas produções mais destacadas. Sobre Êupolis, *vide* Storey (2003).

¹³⁴ Roux (1958) 135 conclui, deste passo, o seguinte: “Pausânias menciona três tipos diferentes de túmulos: o memorial de Lico, com certeza encabeçado por uma estela onde terá podido ler o epitáfio com a menção da vitória olímpica; a estela pintada de Xenódice, aparentemente enquadrada por um *náiskos*, (...) e, por fim, os túmulos ‘siciónios’...”. Por sua vez Frazer (2012) 47 dá da informação de Pausânias esta interpretação: por “mais de acordo” ou “adaptado” à pintura entende a existência de um compartimento erguido sobre a base do túmulo, de forma a proteger a pintura das agressões do tempo. O elogio feito a seguir sobre a qualidade desta pintura alude indiretamente à reconhecida qualidade dos artistas de Sícion, que faziam desta cidade uma espécie de pátria dessa arte, competindo com as escolas iónica e ática.

dos Siciónios mortos em Pelene,¹³⁵ em Dime,¹³⁶ na Acaia, em Megalópolis¹³⁷ e na Selásia.¹³⁸ Vou tratar deste assunto em pormenor mais à frente.¹³⁹ Junto à porta da cidade, há uma fonte dentro de uma gruta, cuja água não brota do solo, mas sim do teto da gruta. Daí chamarem-lhe fonte *Stázousa* (Gotejante).¹⁴⁰

7.5. Na atual acrópole, existe um templo da Fortuna Acraia (Do Monte),¹⁴¹ e a seguir o dos Dioscuros. As imagens destes, como a da Fortuna, são de madeira. O teatro fica abaixo da

¹³⁵ Cidade do extremo oriental da Acaia, próxima de Sícion. Situava-se numa colina naturalmente protegida, a poucos quilómetros do mar. Aristonautas era o porto que a servia. Da sua antiguidade é testemunha a menção que lhe é feita pelo ‘catálogo das naus’, em *Iliada* 2.574; cf. ainda Heródoto 1.145.1. Sobre a chamada ‘batalha de Pelene’ (241 a.C.), em que os Siciónios se confrontaram, na defesa de Pelene, com os Etólios apoiados pelos Lacedemónios e demonstraram enorme valentia, cf. Plutarco, *Vida de Arato* 31-2. Sobre Pelene, *vide infra* 2.8.5, 7.7.3.

¹³⁶ A ambição de Esparta por se tornar uma potência dominante no Peloponeso justificou uma série de ações militares empreendidas por Cleómenes III, contra a Liga Aqueia, a partir de 229 a.C. Dime situava-se no extremo ocidental da Acaia; cf. Heródoto 1.145.1. Em 226 a.C., ocorreu em Dime uma batalha tremenda, entre Espartanos comandados por Cleómenes III e a Liga Aqueia, sob a condução de Arato de Sícion, que terminou com vantagem para os Lacedemónios. Pouco a pouco os Espartanos foram logrando o seu objetivo. Sobre Dime, *vide infra* 2.9.2, 7.7.3.

¹³⁷ Megalópolis era uma cidade de fundação recente, talvez próxima de 368 a.C. Em 352 a.C., Esparta atacou Megalópolis e Sícion alinhou na defesa da que era então a maior cidade da Arcádia (cf. Diodoro Sículo 16.39.2). Sob o domínio de Arato de Sícion, Megalópolis foi libertada de um poder tirânico e pôde integrar a Liga Aqueia. Sobre Megalópolis, *vide infra* 8.49.4.

¹³⁸ Selásia situava-se na Lacónia, entre Tégea e Argos. Pela sua localização foi sempre um território muito vulnerável a invasões. Políbio 2.65-70 relata a conhecida batalha travada entre Antígono III Dóson da Macedónia, que se uniu a pedido de Arato às forças da Liga Aqueia, e Cleómenes III de Esparta, em 222 a.C. Sobre a Selásia, *vide infra* 8.49.5.

¹³⁹ *Vide infra* 2.8.5, 2.9.2, 7.7.3, 8.39.4-5.

¹⁴⁰ Sobre esta fonte, cf. Lolos (2011) 108-9.

¹⁴¹ Lolos (2011) 378 regista a proximidade habitual de cultos da Fortuna e dos Dioscuros, em particular em cidades costeiras.

acrópole; na cena, há um guerreiro com o seu escudo, que dizem ser Arato, filho de Clínias.¹⁴² Depois do teatro, fica o templo de Dioniso; a estátua do deus é criselefantina, e, junto dele, estão umas Bacantes em mármore branco. Estas são, ao que se diz, mulheres consagradas a Dioniso, que as enlouquece. Os Siciónios possuem outras imagens, essas secretas. Uma vez por ano, durante a noite, levam-nas do chamado Cosmetério¹⁴³ para o templo de Dioniso, à luz das tochas e ao som de hinos locais. **7.6.** À frente na procissão vai o chamado Baquio – uma estátua erigida por Androdamante, filho de Flias –, a que se segue a imagem de Dioniso dito Lísio (Libertador),¹⁴⁴ que o tebano Fanes trouxe de Tebas, por ordem da Pítia. Fanes veio para Sícion quando Aristómaco, filho de Cleodeu, errou na sua leitura do oráculo e, por isso, falhou por completo o regresso ao Peloponeso.¹⁴⁵ Quem se dirige do

¹⁴² Arato de Sícion (271-213 a.C.) era filho do governante da cidade, Clínias. Perante o assassinato do pai por questões de natureza política, exilou-se em Argos, onde foi educado numa perspectiva de oposição à tirania. Por isso, em 251 a.C., investiu contra o poder estabelecido em Sícion pelo tirano Níocles e, num golpe perpetrado de noite, expulsou a tirania vigente, restabeleceu a democracia e veio a integrar Sícion na Liga Aqueia. Com esta intervenção, Arato impôs-se como um líder dessa Liga, até à sua morte, em 213 a.C., e trouxe à cidade um período de desenvolvimento e prosperidade. Distinguiu-se por qualidades excepcionais como estratega e político, nos diversos confrontos que teve de enfrentar com Etólios e Espartanos. Além desta estátua de Arato, Pausânias menciona ainda uma outra em Olímpia (6.12.5-6). A estas, Plutarco (*Vida de Arato* 9, 14, 15) acrescenta uma estátua de bronze erigida pelos exilados, quando Sícion foi libertada do tirano Níocles (*vide infra* 2.8.3), e uma outra em Corinto.

¹⁴³ Um edifício sobre que nenhuma outra informação existe.

¹⁴⁴ Este culto e os epítetos do deus comprovam a forte influência de Tebas em Sícion; cf. Lolos (2011) 410. O mesmo culto existia em Corinto (*vide supra* 2.2.6 e nota respetiva).

¹⁴⁵ Cf. Heródoto 7.204, Apolodoro 2.8.7. Cleodeu era considerado neto de Hércules e filho de Hilo. Do oráculo de Delfos, os Heraclidas, após a morte de Euristeu, tinham recebido a previsão de poderem regressar ao Peloponeso ‘na terceira colheita’, que eles entenderam

templo de Dioniso para a ágora, tem à direita o templo de Ártemis Limneia (Dos Pântanos). É evidente que o telhado deste templo ruiu. Quanto à imagem, ninguém me soube dizer se foi levada para outro lado qualquer, ou qual o modo por que foi aqui mesmo destruída.

7.7. Já dentro da ágora, está o templo da Persuasão (*Peitho*), que também não tem imagem. Eis porque foi estabelecido entre eles esse culto. Apolo e Ártemis, depois de matarem Píton, dirigiram-se a Egialeia para se purificarem. Mas, por se terem assustado naquele lugar que ainda hoje se chama Temor (*Phobos*), partiram para Creta, para junto de Carmanor.¹⁴⁶ Então uma peste assolou a população de Egialeia. Como os adivinhos indicaram a necessidade de pacificar Apolo e Ártemis, 7.8. a população enviou sete rapazes e sete raparigas ao rio Sitas¹⁴⁷ como suplicantes. Convencidos por essas preces, os deuses, ao que consta, vieram para o que naquele tempo era a acrópole. No preciso lugar a que chegaram ergueu-se o templo da Persuasão (*Peitho*). Hoje repete-se ainda a mesma prática. Assim, na altura da festa de Apolo,¹⁴⁸ os jovens dirigem-se ao

como referente a um ‘terceiro ano’, mas que afinal se referia à ‘terceira geração’. Foi Témeno, filho de Aristómaco, quem, na terceira geração, de facto entrou no Peloponeso à frente dos Heraclidas. Antes dele, Hilo e Aristómaco pereceram, por não terem entendido nem o momento nem o trajeto que o oráculo aconselhava (*vide infra* 8.5.1, Diodoro Sículo 4.58.1-2). Foi então Témeno quem conduziu os Dórios para o Peloponeso, onde estabeleceu o seu poder. Sobre o regresso dos Heraclidas, *vide infra* também 2.18.7, 5.4.1, 8.5.6, 10.28.10.

¹⁴⁶ Sacerdote mítico de Tarra, em Creta, que teria purificado Apolo pela morte de Píton, o monstro que assolava Delfos, de modo a legitimar a posse do oráculo (*vide infra* 2.30.3, 10.7.2).

¹⁴⁷ Rio que separa Pelene e a Acaia da Sicíonia (*vide infra* 7.17.2). Sobre a identificação deste rio, cf. Lolos (2011) 16-7.

¹⁴⁸ O templo de Apolo parece ter sido o mais destacado da cidade. Píndaro, *Nemeia* 9.1 faz-lhe referência, bem como ao festival em homenagem do deus (9.8-12); *vide infra* 2.10.2.

rio Sitas, trazem os deuses para o templo da Persuasão (*Peitho*), e voltam a levá-los para o templo dito de Apolo.¹⁴⁹ Este último fica na ágora atual, e, ao que dizem, teria sido pela primeira vez edificado por Preto, no lugar em que as filhas dele se viram curadas da loucura.¹⁵⁰ **7.9.** Diz-se também que Meleagro¹⁵¹ consagrou nesse templo a lança com que matou o javali, e que as flautas de Mársias¹⁵² lá foram depositadas. Após a desgraça que vitimou esse Sileno, o rio Mársias terá trazido as flautas para o Meandro.¹⁵³ Reapareceram então no Asopo, que as depositou na Sicíonia, onde um pastor as encontrou e consagrou a Apolo. Destas oferendas nada resta, porque arderam no incêndio do templo. Aquele que no meu tempo existe, bem como a estátua, foi construído por Pítocles.¹⁵⁴

2.8.1. HERÓIS DE SÍCION – ARATO

Perto do templo da Persuasão (*Peitho*), fica um santuário consagrado aos imperadores romanos, no que antes era a casa do tirano Cléon. De facto, quando Clístenes,¹⁵⁵ filho de

¹⁴⁹ O culto de Apolo era pujante em Sícion (cf. Políbio 18.16). De acordo com a narrativa de Pausânias, um primeiro templo de Apolo teria sido eliminado por um incêndio, mas um novo foi construído.

¹⁵⁰ *Vide infra* 2.9.8, 8.18.4. Foi do casamento de Preto com Este-nebeia que nasceram três filhas, Lisipa, Ifínoe e Ifianassa. Por motivos controversos, que envolvem uma ofensa feita a Dioniso ou a Hera, as três foram vitimadas pela loucura. Passaram então a divagar, numa corrida frenética, sob forma de vacas picadas por um moscardo, e a atacar os viajantes. Esta loucura contagiou as mulheres argivas, que fugiam de casa e matavam os próprios filhos, partindo a juntar-se às filhas de Preto (*vide infra* 2.18.4). Só com a interferência benfazeja de Ártemis esta calamidade cessou. Cf. Graves (1977) I.234-6.

¹⁵¹ *Vide supra* 1.27.6 e nota respectiva.

¹⁵² *Vide supra* 1.24.1 e nota respectiva.

¹⁵³ *Vide supra* 1.29.7, 2.5.3 e notas respectivas.

¹⁵⁴ Talvez o escultor referido por Plínio, *História Natural* 34.52.

¹⁵⁵ Clístenes (c. 600-570 a.C.), o avô materno do ateniense Clístenes (cf. Heródoto 5.68.1) foi, em Sícion, um dos tiranos mais célebres, a crer

Aristónimo, filho de Míron, foi rei, os Siciónios habitavam a cidade baixa; mas, no tempo de Cléon, estavam já na cidade atual. Diante desta casa está o *herôon* de Arato,¹⁵⁶ de entre os Gregos do seu tempo o que maiores façanhas cometeu. **8.2.** São estes os seus principais feitos. Quando, terminado o exercício da sua tirania, Cléon morreu, a ambição do poder de tal forma se apoderou de muita gente, que dois tiranos ocuparam ao mesmo tempo o trono, Eutidemo e Timoclididas.¹⁵⁷ Foi então que o povo os afastou e instalou no poder Clínias, o pai de Arato. Não muitos anos mais tarde reinou Abântidas, depois da morte de Clínias.¹⁵⁸ Abântidas condenou ao exílio Arato, ou o próprio Arato se afastou voluntariamente.¹⁵⁹ Quando, por sua vez, Abântidas foi morto por uns sujeitos da cidade, logo

no testemunho de Heródoto (6.126.1). Foi do casamento de Agarista, sua filha, com Mégacles, da família ateniense dos Alcmeónidas (em 575 a.C.), que veio a nascer esse neto (cf. Heródoto 6.126-31). Cléon pertence a uma fase muito posterior, séc. III a.C., quando o núcleo urbano ocupava já um outro espaço. Acedeu ao poder no comando de uma guarnição macedónia após a conquista da cidade por Demétrio Poliorceta (303 a.C.). Depois de um reinado de cerca de 20 anos, acabou assassinado e deixou em agitação os diversos candidatos à sucessão. Será importante registar que Sición geograficamente se compunha da parte alta, a acrópole, da planície e do porto.

¹⁵⁶ Arato era homenageado na qualidade de salvador da cidade com um *herôon*, um túmulo monumental destinado a ‘heroizar’ uma figura destacada. As cerimónias respetivas celebravam-se duas vezes por ano, uma para comemorar o seu aniversário e a outra a libertação de Sición (cf. Plutarco, *Vida de Arato* 53, Políbio 8.14.28). Sobre Arato e o seu papel relevante em Sición, *vide supra* 2.7.5 e nota respetiva.

¹⁵⁷ Cf. Plutarco, *Vida de Arato* 2.1.

¹⁵⁸ Que Abântidas assassinou c. 264 a.C. (cf. Plutarco, *Vida de Arato* 2.2). Clínias, que detinha o poder por vontade popular, usufruía de grande simpatia.

¹⁵⁹ Na versão de Plutarco, *Vida de Arato* 2.2-3: “(Abântidas) procurou o filho dele, Arato, então com sete anos de idade, para o eliminar; mas no meio da confusão que se instalou na casa, o garoto salvou-se com os que se puseram em fuga”. Plutarco atribui a esta experiência traumática a antipatia que Arato sempre manifestou pela tirania.

assumiu o poder o seu pai, Páseas, **8.3.** que acabou morto por Nícocles, que lhe usurpou o trono.¹⁶⁰ Foi então contra Nícocles que Arato avançou,¹⁶¹ depois de arregimentar alguns exilados de Sícion e uns tantos mercenários argivos, fez uma incursão noturna, e, nas trevas, iludindo uns, e forçando outros que se encontravam de sentinela, ultrapassou as muralhas.¹⁶² Já o dia raiava, mobilizou o povo e foi direto à casa do tirano, que tomou sem maiores dificuldades. Nícocles, porém, escapou-se sem que ele se apercebesse. Depois de promover a reconciliação dos Siciónios com os que se encontravam no exílio, estabeleceu um regime democrático. Aos exilados devolveu-lhes as casas e os bens que tinham sido vendidos, compensando, do seu próprio bolso, no valor correspondente os que os tinham comprado.¹⁶³ **8.4.** Nessa altura, para todos os Gregos Antígono, que governava a Macedónia como regente, na qualidade de tutor de Filipe, filho de Demétrio, representava uma ameaça.¹⁶⁴ Foi essa a razão por que Arato integrou os Siciónios, na qualidade

¹⁶⁰ Terá sido entre 252-251 a.C. que Nícocles exerceu o seu poder, vindo a ser afastado por Arato em 251 a.C. Cf. Plutarco, *Vida de Arato* 3.4. Tanto Plutarco como Políbio (2.43.3) salientam a idade muito jovem de Arato nesta ocasião, o que lhe criou alguma desconfiança inicial junto daqueles que procurava mobilizar para o projeto de libertação de Sícion.

¹⁶¹ Cf. Plutarco, *Vida de Arato* 4.1-2. Nos capítulos 5-6 da mesma *Vida*, Plutarco identifica alguns desses exilados que se tornaram cúmplices de Arato na deposição de Nícocles e descreve as respetivas intervenções; os capítulos 5-9 narram a libertação de Sícion por Arato.

¹⁶² Sobre a incursão noturna de Arato na cidade e a mobilização do povo para a causa da liberdade, cf. Plutarco, *Vida de Arato* 7-8.

¹⁶³ Cf. Plutarco, *Vida de Arato* 9.4.

¹⁶⁴ A Antígono Gónatas sucedeu seu filho Demétrio II, que reinou por um período curto de 10 anos. Por sua morte, o poder coube a seu filho, Filipe (que veio a reinar como Filipe V), então ainda muito jovem. Por isso, um seu parente – Antígono Dóson (*vide infra* 7.7.4) – assumiu a regência da Macedónia. Foi este Antígono quem apoiou Arato e a Liga Aqueia contra Cleómenes III de Esparta (*vide infra* 2.9.2).

de Dórios, na Liga Aqueia.¹⁶⁵ Logo eleito como general pelos Aqueus, comandou-os contra os Locros de Anfissa,¹⁶⁶ e contra os Etólios,¹⁶⁷ seus velhos inimigos, a quem arrasou o território. Antígono, que dominava Corinto, tinha lá instalado uma guarnição de Macedónios. Com um ataque imprevisto contra esses Macedónios, Arato aterrorizou-os, matou uma boa parte deles, entre os quais Perseu, que os comandava – este Perseu tinha sido aluno de Zenão, filho de Mnáseas.¹⁶⁸ **8.5.** Depois que Arato libertou Corinto, os povos de Epidauro e Trezena, que habitavam as costas da Argólida, bem como os Megarenses residentes para além do Istmo, aderiram à Liga Aqueia,¹⁶⁹ e Ptolemeu fez uma aliança com os Aqueus.¹⁷⁰ Por seu lado, os

¹⁶⁵ Sícion veio a ganhar uma grande influência nesta liga, estabelecida em 281-280 a.C., que, a princípio, incorporava apenas cidades de segundo plano situadas na costa da Acaia; cf. Plutarco, *Vida de Arato* 9.6. Acabou desmantelada pelos Romanos, em 146 a.C., num processo semelhante ao que atingiu outras ligas gregas.

¹⁶⁶ Cf. Plutarco, *Vida de Arato* 16.1.

¹⁶⁷ Cf. Plutarco, *Vida de Arato* 4.1. Os Etólios, organizados numa Liga, atingiram uma fase de grande poder durante o séc. III a.C., sob administração de Delfos. As instituições e estratégia desta Liga eram semelhantes às da Liga Aqueia. Sobre os movimentos militares levados a cabo por Arato em diversas regiões da Grécia, *vide* Moreno Leoni (2018) 63.

¹⁶⁸ Cf. Plutarco, *Vida de Arato* 16.2, 18.1, 22.1-9. Este ataque de Arato a Corinto ocorreu em 243 a.C. e visou anular o controle que Antígono exercia sobre o Istmo e, em consequência, sobre o Peloponeso. Animados pelo sucesso de Arato, os Coríntios revoltaram-se e a cidade acabou integrada na Liga Aqueia. Este Perseu (cf. *FGrHist* 584) era um filósofo cínico, discípulo de Zenão de Eleia, acolhido na corte de Antígono Gónatas.

¹⁶⁹ Cf. Plutarco, *Vida de Arato* 24.3.

¹⁷⁰ Cf. Plutarco, *Vida de Arato* 24.4. Esta aliança entre Ptolemeu II e Arato fez-se em 251 a.C., quando da libertação de Sícion do tirano Níocles. Perante as dificuldades de organização interna da cidade, causadas pela incorporação dos exilados, Arato recorreu ao rei egípcio, com quem mantinha amizade. Com algum apoio económico, Ptolemeu foi uma ajuda importante na pacificação de Sícion.

Lacedemónios e o seu rei, Ágis, filho de Eudâmidas, promoveram um avanço imprevisto contra Pelene, e tomaram-na de assalto. Arato avançou com o seu exército, derrotou-os, e fê-los abandonar Pelene e voltar ao seu território, depois de uma capitulação.¹⁷¹ **8.6.** Como tudo lhe correu de feição no Peloponeso, Arato considerou intolerável que o Pireu, Múniquia, além de Salamina e Súnio,¹⁷² se mantivessem ocupados pelos Macedónios. Mas sem esperança de conseguir pela força expulsá-los, convenceu Diógenes, que então comandava estas posições, a libertá-las, em troca de um resgate de cento e cinquenta talentos; e ele próprio contribuiu, em favor dos Atenienses, com um sexto dessa quantia. Convenceu também Aristómaco, soberano de Argos, a repor a democracia entre os Argivos e a aderir à Liga Aqueia,¹⁷³ e apoderou-se de Mantíneia, que os Lacedemónios então detinham.¹⁷⁴ Mas nem todos

¹⁷¹ Cf. Plutarco, *Vida de Arato* 31-33. Dois anos após a tomada de Corinto, em 241 a.C., os Etólios invadiram o Peloponeso uma segunda vez. Arato, valendo-se do facto de Esparta se incluir na Liga Aqueia, pediu apoio aos Espartanos, que se reuniram às forças sob seu comando para guardarem o Istmo. Mas as dissensões então surgidas com Ágis IV (rei entre 265-241 a.C.), filho de Eudâmidas II, levaram à retirada dos aliados (cf. Plutarco, *Vida de Ágis* 14-5). Daí resultou, pouco tempo depois, uma arremetida de Ágis contra Pelene, onde foi não apenas derrotado, mas forçado a capitular e a fazer aliança com a Liga Aqueia.

¹⁷² Estas eram as posições que Antígono Dóson ainda detinha na Grécia e onde marcava presença com uma guarnição militar. Unidas as diversas ligas gregas, em 227 a.C. foi conseguida a rendição destas guarnições macedónias. Cf. Plutarco, *Vida de Arato* 34.6-7. Após uma longa ocupação de mais de seis décadas, o território ático via-se enfim livre da ocupação macedónia.

¹⁷³ Cf. Plutarco, *Vida de Arato* 35.1.

¹⁷⁴ Em 227 a.C.; cf. Plutarco, *Vida de Arato* 36.3. As cidades empobrecidas da Lacónia eram tentadas a apelar a Esparta. Assim Mantíneia (cidade da Arcádia) tinha chamado Cleómenes para uma intervenção política na sua cidade, o que lhe possibilitou a ocupação, a expulsão da guarnição aqueia e o restabelecimento da sua antiga *politeia* (cf. Plutarco, *Vida de Cleómenes* 14.1).

os sucessos se cumprem de acordo com a vontade dos homens. Arato viu-se então na necessidade de fazer aliança com os Macedônios e Antígono.¹⁷⁵ Eis o que aconteceu.

2.9.1. MORTE DE ARATO

Quando Cleómenes, filho de Leónidas,¹⁷⁶ filho de Cleônimo, se tornou rei de Esparta, tratou de imitar Pausânias no desejo de impor uma tirania e derrubar as leis estabelecidas.¹⁷⁷ Dotado de uma personalidade mais ardente e temerária do que Pausânias, rapidamente realizou tudo o que se propunha com determinação e ousadia. O rei da outra casa real,¹⁷⁸ Euridâmidas, ainda criança, envenenou-o, e, através dos éforos,

¹⁷⁵ Perante a destruição causada sobre as cidades da Liga Aqueia pelos Espartanos, Arato entendeu recorrer ao apoio de Antígono Dóson. Esses contactos teriam ocorrido em 227 a.C. Arato temia a possibilidade de se estabelecer uma aliança entre a Liga Etólia e Cleómenes, em desfavor da Aqueia.

¹⁷⁶ O vencedor de Plateias, em 479 a.C.

¹⁷⁷ Sobre as atitudes tirânicas de Cleómenes III, rei de Esparta entre 235-222 a.C., cf. Plutarco, *Vida de Arato* 38.7, Políbio 2.47.3. Provavelmente a comparação é feita com Pausânias II, um general espartano, filho de Cleômbroto, que governou como regente durante a menor idade do primo Plistarco; é referido por Tucídides (1.94.1) como alguém cuja intervenção foi determinante na vitória de Plateias e na consequente hegemonia de Atenas sobre a Grécia. Vários são os testemunhos da sua violência e ambições. Assim Heródoto 5.32 afirma: “Pausânias, filho de Cleômbroto, qui-la mais tarde por esposa, movido pelo desejo ardente de ser tirano da Grécia” (cf. 8.3.2). Tucídides (1.95.1) é igualmente explícito: “Mas, devido à violência do seu caráter, todos os outros Gregos (...) se sentiram incomodados”; 1.95.3: “o seu comportamento parecia mais uma imitação da tirania do que um comando militar” (cf. 1.130.1-2). Sobre Pausânias, cf. Lazenby (1975) 235-51, Silva (2019) 146-9.

¹⁷⁸ Esparta era governada segundo um modelo de diarquia, sendo a soberania exercida em simultâneo por dois reis, com poderes iguais, e oriundos cada um da sua linha dinástica, a dos Ágidas e a dos Euripônidas. A sua autoridade veio a ser condicionada pela influência crescente dos éforos, eleitos pelos cidadãos, que tinham controle sobre os monarcas, além de arbitrarem eventuais divergências de opinião entre eles.

transferiu o poder para Epiclides, o seu próprio irmão. Privou o Conselho de Anciãos das suas prerrogativas, e, na sua vez, criou os patrónomos sem qualquer autoridade.¹⁷⁹ Focou-se então em projetos de maior fôlego, aspirando ao poder sobre a Grécia.¹⁸⁰ Começou por atacar os Aqueus, na esperança de os ter por aliados, se saísse vencedor; mas sobretudo pretendia que eles não criassem obstáculo aos seus projetos.¹⁸¹

9.2. Num recontro em Dime, acima de Patras, com Arato ao comando dos Aqueus, derrotou-os em combate.¹⁸² Daí que Arato, temeroso pelos Aqueus e pela própria Sícion, se visse forçado a recorrer a Antígono. Cleómenes, sem respeito pelos tratados com Antígono, cometia às claras diversas infrações contra os acordos de paz que tinha feito; foi então que arrasou Megalópolis.¹⁸³ Assim, Antígono atravessou para o Peloponeso e, unido aos Aqueus, avançou contra Cleómenes junto a Selásia.¹⁸⁴ Senhores da vitória, os Aqueus reduziram Selásia

¹⁷⁹ Os “patrónomos” (“os que exercem a autoridade ancestral”) constituíam um colégio de seis membros que vieram substituir os éforos. Com as restrições colocadas ao Conselho dos Anciãos e ao poder dos éforos, Cleómenes substituiu o modelo de um princípio oligárquico de governação por um monárquico.

¹⁸⁰ Sobre as pretensões de Cleómenes, afirma Plutarco, *Vida de Arato* 38.8: “Cleómenes reclamava o poder da Liga Aqueia, como se fosse conseguir grandes vantagens para as cidades em troca desse cargo e desse título”.

¹⁸¹ As hostilidades entre Cleómenes e Arato tinham começado em 229 a.C., motivadas pela intenção do Siciónio de unir o Peloponeso sob a coordenação da Liga Aqueia; cf. Plutarco, *Vida de Cleómenes* 3-4.

¹⁸² Esta batalha decorreu em 226 a.C. Foi em Hecatombeu, perto de Dime, que Cleómenes estabilizou a sua posição dentro de território aqueu (Plutarco, *Vida de Cleómenes* 14.2-5, *Vida de Arato* 39.1).

¹⁸³ Megalópolis foi fundada por Epaminondas, em 370 (*vide infra* 8.27.8) ou 368 (Diodoro Sículo 15.72.4), e integrada na Liga Aqueia, por intervenção de Arato, em 235 a.C. Veio a ser arrasada por Cleómenes em 223 a.C.

¹⁸⁴ Face aos reveses sofridos perante Esparta, que ia ocupando sucessivamente as cidades da Acaia, Arato dispôs-se a apelar (224 a.C.)

à escravidão e tomaram mesmo a Lacedemónia. Antígono e os Aqueus devolveram aos Lacedemónios a sua constituição ancestral.¹⁸⁵ **9.3.** Quanto aos filhos de Leónidas, Epíclides morreu em combate e Cleómenes exilou-se no Egito, junto de Ptolemeu.¹⁸⁶ A princípio foi recebido com todas as honras; mas veio a ser suspeito de ter, juntamente com alguns egípcios, conspirado contra o rei e foi preso. Em fuga da prisão, promoveu uma insurreição em Alexandria. Por fim, quando capturado, suicidou-se. Os Lacedemónios, encantados por se verem livres de Cleómenes, não quiseram mais reis; mas, de resto, mantiveram até aos nossos dias a sua antiga constituição.¹⁸⁷ Antígono sempre teve as melhores relações com Arato,

ao apoio de Antígono Dóson, que a Liga Aqueia reconheceu como seu comandante. Apesar das condições pesadas impostas por Péla, a situação não permitia outra decisão. Se, por um lado, os Macedónios deixavam de ter guarnições na Grécia a marcarem pontos sob sua autoridade, passavam a ter, como membros da Liga das Ligas, presidida por Antígono, um enorme ascendente. Selásia situava-se na Lacónia e detinha uma posição estratégica entre Tégea, Argos e Esparta. A batalha referida por Pausânias, em que as forças gregas contaram com o apoio macedónio, ocorreu em 222 a.C. e representou o fim para as pretensões de Cleómenes. Pela primeira vez Esparta foi conquistada. Antígono Dóson interveio então na política espartana, alterando decisões antes tomadas por Cleómenes, como a restauração do conselho dos éforos, por exemplo. Debilitada, Esparta entendeu aderir à Liga grega que os Macedónios comandavam.

¹⁸⁵ O vencedor macedónio deu mostras de muita tolerância para com a população espartana, ao restaurar a sua tradicional constituição.

¹⁸⁶ Na sua fuga, Cleómenes foi acolhido por Ptolemeu III Evérgeta, que veio a falecer pouco tempo depois (221 a.C.). Foi então o seu filho, Ptolemeu IV Filopator, quem aprisionou Cleómenes como incentivador de uma conspiração. A tentativa de insurreição que Cleómenes desenvolveu em Alexandria (220 a.C.) fracassou; só lhe restou então o suicídio. Cf. Plutarco, *Vida de Arato* 46.1.

¹⁸⁷ Após a batalha de Selásia e a fuga de Cleómenes, Esparta tornou-se por um período curto uma república, antes que Nábis (207-192 a.C.) impusesse uma nova tirania e procurasse reformar Esparta à medida do seu passado. Veio a ser anexada à província romana da Acaia em 146 a.C., após a derrota das forças de Nábis contra Flamínio (195

tratando-o como um benfeitor e um colaborador em grandes empresas.¹⁸⁸ **9.4.** Mas quando Filipe subiu ao poder, porque Arato não aprovava o autoritarismo que com frequência ele manifestava com os seus subordinados, tentou mesmo refrear-lhe os excessos. Por isso, Filipe matou Arato, ministrando-lhe sem que ele se apercesse um veneno. Levaram-no então de Égio,¹⁸⁹ onde morreu, para Sícion, onde o sepultaram. O seu túmulo é ainda designado por *Aratéion*. Procedimento semelhante foi o de Filipe em relação aos Atenenses Euriclides e Mícion;¹⁹⁰ como se tratava de políticos com algum ascendente sobre o povo, envenenou-os. **9.5.** Todavia, os venenos mortíferos haviam de ser, também para Filipe, motivo de desgraça; assim Perseu, o mais novo dos filhos de Filipe, matou Demétrio, o irmão, com veneno, e dessa forma causou a morte do pai, que não suportou o desgosto. Menciono esta ocorrência de olhos postos naquelas palavras inspiradas de Hesíodo:¹⁹¹ decisões iníquas tomadas para com outrem acabam por recair sobre quem as comete.

9.6. A seguir ao *herôon* de Arato, fica um altar de Posídon Ístmico, a estátua de Zeus Milíquio (Benévolo) e de Ártemis chamada *Patrôa* (Ancestral) feitas sem nenhuma arte: Zeus Milíquio parece uma pirâmide, e a deusa uma coluna. Nesse mesmo lugar fica a Sala do Conselho, e um pórtico dito de

a.C.), além de forçada a juntar-se à Liga Aqueia (192 a.C) e posteriormente derrotada e destruída (188 a.C.).

¹⁸⁸ Cf. Plutarco, *Vida de Arato* 46.1-2. Depois de regressar à Macedónia, em 221 a.C., enviou Filipe – futuro Filipe V – para o Peloponeso, quando era ainda um jovem.

¹⁸⁹ Cidade costeira da Acaia que serviu de sede à Liga Aqueia.

¹⁹⁰ Dois irmãos, figuras relevantes da política ateniense de finais do séc. III a.C., membros da família dos Eteobutades. Este é um crime que terá ocorrido c. 203 a.C.

¹⁹¹ *Trabalhos e Dias* 265-6.

Clístenes, que o edificou.¹⁹² Para esse efeito Clístenes serviu-se do saque que lhe coube na guerra contra Cirra, em que se aliou com os Anfictiónios.¹⁹³ Na ágora, no exterior, está um Zeus em bronze, obra de Lisipo,¹⁹⁴ e ao lado uma Ártemis dourada. **9.7.** Lá perto está o santuário de Apolo Lício (Dos Lobos), já em ruínas e que não oferece nada de interessante. Como os lobos lhes atacavam os rebanhos, deixaram de tirar deles qualquer lucro. Então o deus indicou-lhes o lugar onde se encontrava um lenho seco; disse-lhes para lhe tirarem a casca e a juntarem com a carne para a dar às feras. Mal que a provaram, a casca liquidou-as. Hoje em dia, este lenho está depositado no santuário de Apolo Lício, mas de que tipo de árvore se trata, nem os intérpretes dos Siciónios sabem dizer. **9.8.** A seguir, há várias estátuas em bronze, que se diz serem as filhas de Preto;¹⁹⁵ no entanto, a inscrição refere-se a outras mulheres.¹⁹⁶ Lá também está um Hércules em bronze, da autoria de Lisipo de Sícion e, perto, um Hermes Agoreu.

¹⁹² *Vide supra* 2.8.1.

¹⁹³ Clístenes foi tirano de Sícion entre 600-570 a.C. Em 590 a.C., tomou parte na guerra contra Cirra, na Fócida, uma cidade que controlava o acesso a Delfos, a partir do Golfo de Corinto. Essa posição tornou-lhe possível a cobrança de impostos ou taxas de circulação aos peregrinos e algum controle sobre o santuário délfico. Essa vantagem incentivou a reação das populações locais, que constituíram a Liga Anfictiónica, com vista à proteção desses viajantes e ao aniquilamento de Cirra. O ataque desta liga a Cirra, conhecido por Guerra Sagrada, durou 10 anos (595-585 a.C.). Clístenes, com a armada siciónia, teve na vitória alcançada uma posição de relevo.

¹⁹⁴ *Vide supra* 1.43.6 e nota respetiva.

¹⁹⁵ *Vide supra* 2.7.8 e nota respetiva.

¹⁹⁶ Claramente mais um daqueles casos em que as mesmas estátuas servem para diferentes representações.

2.10.1. OUTROS LUGARES DE CULTO EM SÍCION

No ginásio situado não longe da ágora¹⁹⁷ há um Hércules em mármore, obra de Escopas.¹⁹⁸ Num outro lugar, existe também um santuário de Hércules. Lá, o recinto no seu conjunto é designado por *Paidize*¹⁹⁹ e, ao centro, está o templo, em que se encontra uma velha estátua de madeira, da autoria de Láfaes de Fliunte.²⁰⁰ Os sacrifícios que lhe são dedicados são os seguintes. Dizem eles que, quando Festo²⁰¹ veio instalar-se na Siciónia, surpreendeu o povo a sacrificar a Hércules como a um herói. Mas Festo não considerou conveniente proceder-se deste modo, e em vez disso decidiu fazê-lo como a um deus.²⁰² Ainda agora os Siciónios degolam um cordeiro, queimam-lhe as coxas sobre o altar, comem uma parte das carnes como

¹⁹⁷ Em Sición parece haver dois ginásios: um mais antigo, dedicado a Hércules, que se encontrava na própria ágora da cidade, onde o herói estava representado numa estátua de Escopas. E um outro que usava o nome de Clínias (2.10.7), o pai de Arato, este junto da porta sagrada da cidade. Lolos (2011) 383, no entanto, salienta as dúvidas existentes na identificação destes edifícios como dois ou apenas um.

¹⁹⁸ *Vide supra* 1.43.6 e nota respetiva.

¹⁹⁹ Esta é uma designação incompreensível, para além da associação evidente com “jovens”; eventualmente “treino de jovens”.

²⁰⁰ *Vide infra* 7.26.6. Pausânias faz as únicas menções conhecidas a este escultor, provavelmente ativo entre 550-480 a.C.

²⁰¹ Festo, um dos filhos de Hércules, teria reinado em Sición antes de a cidade ter aceite a vassalagem a Agamémnon (*vide supra* 2.6.6-7).

²⁰² Segundo informação de Diodoro Sículo (4.39.1), Hércules começou por ser homenageado como um herói, com sacrifícios de animais. Em função dos seus múltiplos trabalhos, este tipo de culto regional do herói multiplicou-se um pouco por toda a Grécia. Foram os Atenenses os primeiros a venerarem-no como um deus, ritual que se foi multiplicando por diversas cidades, tendo criado mesmo alguma ambiguidade sobre a natureza de cada culto. Heródoto (2.145.1) inclui-o entre os deuses considerados pelos Gregos como mais recentes, juntamente com Dioniso e Pã. O sacrifício que Pausânias descreve funcionou de acordo com um compromisso, seguindo em parte os rituais devidos aos deuses, e em parte os próprios dos heróis.

se faz nos sacrifícios, e o resto ofertam-no como se faz a um herói. O primeiro dia da festa, que fazem em honra de Hércules, chamam-lhe ...,²⁰³ e ao segundo *Heracleia*.

10.2. De lá há um caminho que leva ao santuário de Asclépio. Quando se entra no recinto, à esquerda há um edifício com dois compartimentos; no primeiro, está o Sono (*Hypnos*), de que nada mais resta a não ser a cabeça; o do fundo é dedicado a Apolo *Carneios*,²⁰⁴ onde só aos sacerdotes é permitida a entrada. No pórtico, está um osso de baleia gigantesco, e, a seguir, uma estátua do Sonho (*Oneiros*), e o Sono (*Hypnos*), apelidado de *Epidotes*, a adormecer um leão.²⁰⁵ Quem penetra no templo de Asclépio, de um lado da entrada encontra uma estátua de Pá sentado, e, do outro, uma de Ártemis em pé.

10.3. Avançando mais um pouco, está o deus, sem barba, feito de ouro e marfim, obra de Cálamis.²⁰⁶ Segura, numa mão,

²⁰³ Fratura no texto.

²⁰⁴ Lolos (2011) 383 supõe que este culto de Apolo “com chifres” representasse uma fase anterior, de época arcaica ou inícios da clássica, em que Apolo ali fosse venerado como deus da saúde.

²⁰⁵ Roux (1958) 154 regista como o Sono (*Hypnos*) “desempenha um papel determinante nas consultas” e, por isso, o seu culto se conciliava com o de Asclépio. Sobre as divindades apelidadas de *epidotes*, “que produzem relaxe”, *vide infra* 2.27.6.

²⁰⁶ Este é o nome de um escultor reputado da primeira metade do séc. V a.C. No entanto, outras considerações levam a duvidar que se trate do mesmo artista. O facto de o culto de Asclépio em Sícion provir de Epidauro atribui-lhe uma data próxima do fim do séc. V e início do IV a.C., o que inviabiliza a identificação do artista com essa figura, mas com outra com o mesmo nome. Lolos (2011) 383 situa a *acmé* deste segundo escultor no primeiro quartel do séc. IV a.C. O facto de Pausânias acentuar a representação do deus sem barba certamente implica a ideia de que habitualmente as imagens o representavam barbado. Vries (2012) 24 integra este caso na tendência então em moda entre os escultores de rejuvenescerem as divindades. No entanto, são três as ocorrências de estátuas de Asclépio com esta característica – além de Sícion, Fliunte (2.13.5) e Gortina (8.28.1) –, o que talvez quisesse significar que as competências do deus da saúde exigissem uma dignidade mais madura.

o cetro, e na outra o fruto de um pinheiro manso.²⁰⁷ Dizem os Siciónios que o deus lhes foi trazido de Epidauro, num carro de mulas, sob forma de serpente.²⁰⁸ Conduzia o carro Nicágora²⁰⁹ de Sícion, mãe de Agásicles e mulher de Equétimo. No templo há imagens pequenas suspensas do teto. A mulher sentada sobre a serpente é – ao que se diz – Aristódama, mãe de Arato, e, quanto a Arato, consideram-no filho de Asclépio.

10.4. Eis o que há de interessante neste recinto ... Além deste, há um outro templo de Afrodite, em que, em primeiro lugar, se encontra uma imagem de Antíope.²¹⁰ Afirmam-se que os filhos dela eram siciónios, e que, devido a eles, a própria Antíope era aparentada com Sícion. A seguir, está o santuário de Afrodite. Só lá tem entrada a guardiã do templo, a quem não é permitido ter relações com um homem, e uma moça que funciona de sacerdotisa por um ano, designada por Lutrófora

²⁰⁷ A pinha é símbolo de fertilidade.

²⁰⁸ A associação de Asclépio com serpentes está abonada por outros testemunhos, relativamente a Epidauro (*vide infra* 2.28.1) e a outros lugares (*vide infra* 2.11.8, Aristófanes, *Pluto* 733-40). Antes de ser considerado propriamente um deus, Asclépio era conhecido como um herói, com aptidões especiais para a medicina (*Iliada* 4.194). Filho de Apolo e educado por Quíron (*Iliada* 4.219, Píndaro, *Pítica* 3. *passim*), mereceu, da parte dos que exerciam a medicina, a veneração devida a um ascendente respeitado. A sua promoção a divindade pode ter a ver com a filiação e aproximação com Apolo. Tudo parece indicar que o seu primeiro culto como deus funcionou em Epidauro, a partir de finais do séc. VI a.C., onde desde então existiu um santuário de Apolo e Asclépio, famoso na Antiguidade. Em Atenas, o culto de Asclépio instalou-se depois (c. 420 a.C.), talvez na sequência da grande peste de 430-427 a.C., mas sobretudo quando Epidauro, convertido em cidade inimiga de Atenas, se tornou inacessível aos que necessitavam de cuidados de saúde. Uma primeira solução alternativa foi encontrada em Egina (*vide infra* 2.30.1), já desde 430 a.C., antes que um Asclepieu fosse instalado na própria Atenas, no sopé da Acrópole, além de um outro no Pireu.

²⁰⁹ Esta é uma referência única a esta mulher.

²¹⁰ *Vide supra* 2.6.1 e nota respetiva.

(Que Transporta Água para o Banho).²¹¹ Todos os demais só podem ver a deusa da entrada e fazer de lá as suas preces. **10.5.** A estátua da deusa sentada é obra de Cánaco de Sícion,²¹² também autor do Apolo de Dídima,²¹³ dos Milésios, e do Apolo Isménio dos Tebanos. É feita de ouro e marfim, e na cabeça tem um *polos*,²¹⁴ numa das mãos uma papoila e, na outra, uma maçã.²¹⁵ São-lhe feitos sacrifícios de coxas de todo o tipo de animais, exceto de porcos.²¹⁶ As outras partes assam-nas com madeira de *arceuthos*, mas as coxas queimam-nas juntamente com folhas de *paideros*.²¹⁷ **10.6.** O *paideros* é uma planta que cresce ao ar livre no recinto, e que não se dá em nenhum outro lugar nem mesmo da Siciónia. Tem as folhas mais pequenas

²¹¹ São, portanto, duas as mulheres encarregadas do culto da deusa: uma mulher madura que, enquanto em funções (de que Pausânias não precisa a duração), deve manter a castidade, e uma jovem, encarregada, por um ano, de transportar a água do banho para o templo. Parece tratar-se do banho nupcial, feito com água recolhida numa fonte ou rio particulares, correspondente a um rito. O que está em causa é o poder fertilizante desses cursos de água, que deve também patrocinar a fecundidade humana.

²¹² *Vide infra* 6.13.7. Da identificação do artista, Lolos (2011) 383 pressupõe que o culto de Afrodite em Sícion datasse de finais do séc. VI a.C. A posição sentada é rara nas representações de Afrodite.

²¹³ *Vide supra* 1.16.3, e *infra* 8.46.3, 9.10.2.

²¹⁴ Em Pausânias há três referências a *polos*, associadas com um determinado elemento que coroa certas estátuas de deusas (além deste passo, também 4.30.6, 7.5.9). Trata-se de uma coroa cilíndrica de uma certa altura.

²¹⁵ A maçã era consagrada a Afrodite e símbolo de paixão. Associada à papoila, a maçã constitui também um símbolo de fertilidade. Em Atenas os recém-casados eram coroados de mirto e papoilas (cf. Aristófanes, *Aves* 159-61).

²¹⁶ A exclusão de porcos do culto de Afrodite é testemunhada por Aristófanes, *Acarnenses* 793.

²¹⁷ Ou seja, as coxas são queimadas em honra da deusa e, quanto às restantes partes, a sua combustão associa-se a uma determinada planta; dá ideia de que não está previsto o consumo coletivo de qualquer parte do animal. A explicação de Pausânias parece sublinhar a particularidade de um rito local.

do que as do carvalho-avelanado, mas maiores do que as do quermes, do formato das do carvalho. São escuras de um lado e brancas do outro, de uma cor muito parecida com as do álamo.²¹⁸

10.7. Quem sobe destes templos até ao ginásio encontra à direita o santuário de Ártemis Fereia,²¹⁹ uma estátua de

²¹⁸ A identificação do *paideros* tem sido motivo de muita controvérsia. Pausânias restringe-lhe a existência ao recinto do templo de Afrodite, e exclui-a até mesmo de qualquer outro lugar da Sicília. Ao mesmo tempo, procura descrevê-la por comparação com outras espécies, todas elas referentes ao carvalho, o que parece apontar para que se trate também de uma árvore. No entanto, desde Dioscórides 3.17, e com alguns apoiantes entre os estudiosos nossos contemporâneos, poderia considerar-se a hipótese de se tratar de um acanto. Baseamos a nossa perspectiva nas informações amavelmente prestadas por Jorge Paiva, um botânico credenciado da Universidade de Coimbra, quando pessoalmente consultado. Assim: se, como afirma Pausânias, o *paideros* “tem as folhas mais pequenas do que as do carvalho-avelanado, mas maiores do que as do quermes, do formato das do carvalho”, parece excluída a hipótese de um acanto, com folhas maiores, duas a quatro vezes, do que as do carvalho-avelanado (*Quercus ithaburensis* Decne subsp. *macolepis* (Klotzsch) Hedge). Por outro lado, o carvalho-de-folha-larga (*Quercus pubescens* Willd.) tem as folhas maiores do que as do quermes (*Quercus coccifera* L.), um pouco mais pequenas do que as do carvalho-avelanado, bicolores, verdes na página superior e esbranquiçadas na inferior, como as do álamo (*Populus alba* L.), correspondendo também neste aspecto à descrição de Pausânias. *Quercus pubescens* ocorre no litoral da Grécia, em carvalhais mistos de várias espécies de carvalhos, com particular relevância para a Élide, no lado ocidental do Peloponeso. Do conjunto destes elementos parece poder concluir-se que: o *paideros* não corresponde a qualquer uma das duas espécies de acanto e será, provavelmente, o carvalho-de-folha-larga (*Quercus pubescens* Willd.); as características da planta como as descreve Pausânias, por comparação com diferentes espécies de árvore, parecem apontar igualmente para uma árvore. A restrição que lhe faz em relação ao santuário de Afrodite em Sición pode resultar do facto de esta espécie de carvalho, que aparece com frequência em carvalhais mistos, lhe ter passado despercebida nesses outros lugares.

²¹⁹ Também venerada em Argos (*vide infra* 2.23.5). Este deve ser um culto proveniente de Feres, na Tessália, talvez ligado com a vinda de Epopeu, um dos reis míticos de Sición.

madeira ao que se diz proveniente de Feres. Este ginásio, edificado por Clínias,²²⁰ é ainda usado para treinos dos jovens. Lá existe uma estátua de Ártemis em mármore branco, só esculpida até à cintura, e um Hércules, com a parte de baixo quadrangular, como os Hermes.²²¹

2.11.1. A CAMINHO DE TITANE

A partir desse lugar se se tomar a direção da porta dita Sagrada, não longe dessa porta está um templo de Atena, outrora edificado por Epopeu, que, em dimensões e em magnificência, ultrapassava os da sua época. O tempo encarregou-se de lhe apagar até a memória: um deus, com os seus raios, queimou-o; só o altar – que lhe escapou – permanece tal como Epopeu o erigiu.²²² Diante do altar um montículo de terra representa o memorial do próprio Epopeu; junto desse túmulo, estão os deuses Apotropaicos (Que Afastam os Males). São-lhes prestados aqueles rituais que os Gregos consideram próprios para exorcizar o mal. O templo a seguir, ao que se diz, foi consagrado por Epopeu a Ártemis e Apolo, e o que vem depois a Hera por Adrasto.²²³ As imagens de um e de outro destes templos não sobreviveram. Os altares edificados

²²⁰ *Vide supra* 2.7.5 e nota respetiva.

²²¹ *Vide supra* 1.17.2 e nota respetiva.

²²² A existência deste templo aparatoso, à altura da visita de Pausânias já destruído pelo fogo, mas cuja construção se atribuía a Epopeu, um rei mítico de Sícion (*vide supra* 2.6.1 e nota respetiva), atesta a antiguidade e vitalidade do culto na região. Lolos (2011) 384 chama a atenção para a concentração de edifícios religiosos neste local e para a sua má conservação, atestando também antiguidade. Por isso admite a existência no local de um recinto religioso de época arcaica ou clássica. A decadência evidente dos templos pode levar-nos a concluir que não se encontravam já ativos no séc. II d.C.

²²³ A Adrasto atribuía-se a exportação para Sícion do culto mais emblemático de Argos, o de Hera Argiva.

atrás do templo de Hera são dedicados um a Pá e o outro ao Sol, este último em mármore branco. **11.2.** Quando se desce à planície, lá fica o templo de Deméter; construiu-o, dizem, Plemneu, em homenagem à deusa por lhe ter criado o filho.²²⁴ Um pouco mais além do santuário de Hera, edificado por Adrasto, está um templo de Apolo *Carneios*, de que só as colunas se mantêm de pé; paredes e teto já se não vêem; e outro tanto se passa com o de Hera Prodrómia, que Falces, filho de Témeno, edificou, em ação de graças – ao que ele dizia – por a deusa lhe ter servido de guia no caminho até Sícion.²²⁵

11.3. De Sícion, quem se dirige para Fliunte pelo caminho mais direto,²²⁶ se tomar um desvio à esquerda da estrada aí de uns dez estádios, chega a um bosque chamado Pireia, onde fica o santuário de Deméter Prostásia²²⁷ e de Perséfone. Aí os homens celebram, entre eles, uma festa, e cedem às mulheres o Nínfon para elas fazerem a sua cerimónia.²²⁸ Lá existem estátuas de Dioniso, Deméter e Perséfone, de que se vê apenas o rosto. A distância de Sícion a Titane é de sessenta estádios, por um caminho impraticável para carroças por ser estreito.

11.4. Andados os primeiros vinte estádios, tanto quanto posso avaliar, à esquerda depois de se atravessar o Asopo, fica um bosque de quermes²²⁹ e um templo das deusas a que os

²²⁴ *Vide supra* 2.5.6. Pausânias prepara agora a descrição de um outro santuário na zona extra-urbana de Sícion, o de Titane.

²²⁵ *Vide supra* 2.6.6-7 e nota respetiva. Prodrómia, “que abre o caminho”.

²²⁶ Isto é, seguindo a linha das montanhas na margem oriental do Asopo.

²²⁷ “Protetora”. Pireia deve estar relacionado com o nome do trigo ou, mais globalmente, do cereal – *pyros* –, uma concessão da deusa.

²²⁸ Lolos (2011) 387 admite que este culto feminino fosse semelhante ao das Tesmofórias, para celebrar a fertilidade dos campos. O nome do templo, *Nínfon*, tem a ver com a ideia de “noiva” (*nymphé*) e recordaria a tutela de Deméter sobre o casamento.

²²⁹ Sobre a vegetação típica da região de Sícion, cf. Lolos (2011) 38.

Atenienses chamam *Semnai* (Veneráveis) e os Siciónios, Euménides. Todos os anos, num determinado dia, fazem-lhes uma festa, com sacrifícios de ovelhas prenhes, libações de mel, e com flores, em vez de coroas.²³⁰ Cerimónias semelhantes se fazem no altar das Meras, situado numa clareira do mesmo bosque. **11.5.** Se se voltar a atravessar o Asopo e se retomar o caminho, chega-se ao alto de um monte, de que, ao que contam os locais, Titá foi o primeiro habitante. E acrescentam que se trata do irmão do Sol e que dele o lugar recebeu o nome de Titane.²³¹ Na minha opinião, foi por Titá ser perito nas estações do ano e nas épocas em que o sol faz crescer as sementes e amadurece os frutos das árvores, que foi considerado irmão de Hélio. Mais tarde, Alexanor, filho de Macáon, filho de Asclépio,²³² veio para a Siciónia e edificou em Titane um templo de Asclépio. **11.6.** São sobretudo os servos do deus que vivem em redor do templo. No interior do recinto há antigas árvores de cipreste. Não se sabe de que madeira ou de que metal é feita a estátua, nem mesmo quem a fez, a menos que

²³⁰ Cf. Sófocles, *Édipo em Colono* 466-92, onde se refere um sacrifício com mel feito por Édipo às Euménides. Segundo Lolos (2011) 388, “as Euménides de Sícion eram formas locais de deusas da terra, e o tipo de sacrifício que se lhes fazia indica que eram homenageadas como protetoras da fecundidade”. De resto, os diferentes cultos aqui referidos, como o das *Semnai* e das Meras, tinham a ver com a proteção e reprodução dos rebanhos.

²³¹ Titane fazia, portanto, parte da Siciónia e situava-se mais a sul, na margem esquerda do Asopo. *Vide* Lolos (2005) 278-9, que hesita em reconhecer Titane como uma *pólis* e prefere entendê-la como um santuário, construído sobre uma ‘acrópole’, talvez o lugar de culto mais relevante fora do círculo urbano de Sícion. Pausânias chama-lhe apenas “um lugar” (*chorion*) e é o testemunho mais consistente sobre ele. O seu relacionamento com Titá, irmão de Hélio, estabelece uma conexão com divindades pré-olímpicas.

²³² Sobre a descendência de Asclépio, *vide supra* 1.21.4 e nota respectiva. O culto de Asclépio era o mais relevante dos que havia em Titane, a que se somavam os de Atena e dos Ventos (*vide infra* 2.12.1).

se atribua a autoria ao próprio Alexanor. Visível é só o rosto da estátua, as pontas das mãos e dos pés. O resto está coberto por uma túnica branca de lã, com um manto por cima. Algo parecido se passa com a imagem de Higia. Também ela mal se vê, envolta como está por cabelos que as mulheres cortam em honra da deusa, e por uma veste de tecidos babilônios. Seja qual for dos deuses que se queira implorar, é-lhe indicado que deve dirigir uma prece à designada por Higia. **11.7.** Quanto a Alexanor e Evamérion,²³³ cujas estátuas lá estão também, ao primeiro sacrifica-se como a um herói, após o pôr-do-sol, e a Evamérion como a um deus. Se estou correto, este Evamérion é conhecido em Pérgamo por Telésforo, de acordo com um oráculo, e em Epidauro por *Ácesis*.²³⁴ Há também uma estátua em madeira de Corónis,²³⁵ que não tem um lugar fixo no templo. Depois de se lhe sacrificar um touro, um cordeiro e um porco, levam-na para o santuário de Atena e é lá que a veneram. Todas as partes das vítimas são sacrificadas, e não apenas se lhes corta as coxas. É no chão que os queimam, com exceção das aves, que são queimadas sobre o altar. **11.8.** Nos frontões está Hércules e nos ângulos as Vitórias. As estátuas de Dioniso, Hécate, Afrodite, da Mãe dos Deuses e da Fortuna ficam no pórtico, e são de madeira; a de Asclépio, com o epíteto de Gortínio, é de mármore. O medo leva a que ninguém queira entrar no recinto das serpentes;²³⁶ põe-se-lhes a comida à entrada e não se vai além

²³³ Alexanor e Evamérion foram considerados por alguns estudiosos (cf. Lolos (2005) 297) como divindades da saúde de enorme antiguidade, depois substituídas no local pelo culto de Asclépio.

²³⁴ *Vide infra* nota 516.

²³⁵ “Mãe de Asclépio”. A versão mais corrente considera Asclépio filho de Apolo e de Corónis, uma mulher tessália, que o deus eliminou por a apanhar em adultério ainda durante a gravidez. Retirou-lhe então do ventre a criança que deu a criar ao centauro Quíron.

²³⁶ Sobre a relação do culto de Asclépio com serpentes, *vide supra* 2.10.3 e nota respetiva.

disso. A estátua de bronze dentro do recinto é de Graniano de Sícion, vencedor nos Jogos Olímpicos, duas vezes no pentatlo, uma terceira na corrida do estádio, duas no duplo estádio, uma sem e outra com o escudo.²³⁷

2.12.1. OUTROS CULTOS DE TITANE

Em Titane existe igualmente um santuário de Atena para onde levam Corónis, em que há uma antiga estátua de madeira de Atena. Também ela, ao que se diz, teria sido fulminada por um raio. Ao descer dessa colina, em cujo cimo está edificado o templo, fica um altar dos Ventos,²³⁸ onde o sacerdote faz, uma vez por ano, um sacrifício noturno. Executa também outros rituais secretos em quatro fossas, para apaziguar a fúria dos ventos, e entoa fórmulas mágicas, ao que consta, de Medeia.

12.2. Quando se vem de Titane para Sícion, e se desce para o mar, à esquerda do caminho há um templo de Hera, já desprovido de imagem e de teto. Dizem que foi Preto,²³⁹ filho de Abante, que o edificou. Continuando a descer para o chamado porto de Sícion, se se toma a direção de Aristonautas, o porto de Pelene,²⁴⁰ existe, um pouco acima do caminho à esquerda, um templo de Posídon. Continuando a avançar pela estrada principal, encontra-se o chamado rio Helisso,²⁴¹ e, a seguir a ele, o Sitas,²⁴² que desaguam no mar.

²³⁷ Atleta do séc. II d.C.

²³⁸ Pausânias refere-se a vários cultos dos Ventos; em Atenas (*vide supra* 1.37.2), em Metone, na Argólida (2.34.2), em Metone, na Messénia (4.35.8), e em Coroneia (9.34.3).

²³⁹ *Vide supra* 2.4.2, 2.7.8 e notas respetivas.

²⁴⁰ *Vide supra* 2.7.4 e nota respetiva.

²⁴¹ O Helisso é um rio de porte modesto, circunscrito à Siciónia, que começa em Gonussa e desagua no golfo de Corinto.

²⁴² *Vide supra* 2.7.8 e nota respetiva.

12.3. A Fliásia²⁴³ faz fronteira com Sícion, e a cidade dista aproximadamente quarenta estádios de Titane. De Sícion até lá há um caminho a direito. Não há qualquer relação entre os Arcádios e os Fliásios, como o prova o catálogo de Homero, onde eles não fazem parte das hostes arcádias.²⁴⁴ Que eles eram Argivos de origem e depois se tornaram Dórios com a chegada dos Heraclidas ao Peloponeso,²⁴⁵ é demonstrado mais à frente neste relato. Sabendo que, na sua maior parte, as tradições dos Fliásios são controversas, vou-me referir apenas àquelas em que há consenso. **12.4.** Assim, nessa região, o primeiro a viver foi, ao que se diz, Arante, um autóctone. Foi ele quem fundou uma cidade em volta da colina, ainda hoje chamada Arantino, próxima de uma outra onde os Fliásios construíram a Acrópole e o templo de Hebe. Portanto, edificou aí uma cidade que, no passado, dele recebeu, bem como a região, o nome de Arântia. Durante o seu reinado, Asopo, considerado filho de Celusa²⁴⁶ e de Posídon, descobriu o curso do rio, que recebeu, do seu descobridor, o nome de Asopo.

O túmulo de Arante fica na região de Céleas,²⁴⁷ onde se diz que também Disaules,²⁴⁸ um eleusínio, está sepultado. **12.5.** Áoris, filho de Arante, bem como a irmã, Aretírea, foram ambos – segundo os Fliásios – caçadores hábeis e guerreiros valentes. Como Aretírea morreu primeiro, Áoris deu o seu

²⁴³ Sobre a Fliásia, nome dado à planície, *vide supra* 2.5.7 e nota respectiva. A cidade aí construída é Fliunte. Mas a capital mais antiga da região chamava-se Arântia ou Aretírea, e situava-se em volta de uma colina designada por Arantino (*vide supra* 2.12.5).

²⁴⁴ *Iliada* 2.603-10.

²⁴⁵ *Vide supra* 1.41.2 e nota respectiva.

²⁴⁶ O nome da montanha onde nasce o Asopo.

²⁴⁷ *Vide infra* 2.14.1.

²⁴⁸ *Vide supra* 1.14.3.

nome ao território, em homenagem à irmã. Daí que Homero, ao enumerar os vassalos de Agamémnon, tenha este verso:²⁴⁹

Os que habitam Orneias e a aprazível Aretírea.

Os túmulos dos filhos de Arante não hão-de estar noutro lado, penso eu, que não seja sobre a colina de Arantino. Estão assinalados por estelas bem visíveis. Antes dos rituais que fazem a Deméter, evocam Arante e os filhos para as libações, de olhos postos nesses túmulos. **12.6.** Quanto a Flias, que foi o terceiro a dar nome ao território, não creio que seja filho de Ciso, filho de Témeno, como reza a versão argiva. Sei que lhe chamavam também filho de Dioniso²⁵⁰ e que esteve entre os que navegaram na nau Argos. Concorda comigo o poeta de Rodes nos versos seguintes:²⁵¹

Veio depois Flias, de Aretírea,
ele que lá estabeleceu morada e prosperou,
o filho que Dioniso cumulou de bens,
junto às nascentes do Asopo.

Flias teria então tido por mãe Aretírea e não Ctonófile.²⁵²
Esta foi a esposa de quem Flias teve um filho, Androdamante.²⁵³

²⁴⁹ *Iliada* 2.571. Segundo Apolónio de Rodes (*vide infra* 2.12.6), esta cidade situava-se junto às nascentes do Asopo.

²⁵⁰ Esta associação com Dioniso proviria decerto da boa produção vinícola da região.

²⁵¹ Apolónio de Rodes, *Argonáuticas* 1.115-7.

²⁵² Higino, *Fábula* 14 dá Flias como filho de Dioniso e Ariadne.

²⁵³ *Vide supra* 2.6.6.

2.13.1. REGRESSO DOS HERACLIDAS. TRADIÇÕES DOS FLIÁSIOS

Com a chegada dos Heraclidas, o Peloponeso inteiro entrou em convulsão, salvo a Arcádia; e se muitas cidades integraram migrantes dórios, muitas outras houve que mudaram radicalmente em relação aos habitantes.²⁵⁴ No caso de Fliunte passou-se o seguinte. Régnidas, um dório, filho de Falces, filho de Témeno,²⁵⁵ atacou-a a partir de Argos e da Siciónia. A alguns Fliásios pareceram acertadas as propostas que Régnidas apresentava, e entenderam ficar; aceitaram-no então como seu rei, e, com os Dórios que o acompanhavam, partilharam terras. **13.2.** Em contrapartida, Hípaso e os seus apoiantes impulsionaram os habitantes a reagir e a não entregar aos Dórios, sem luta, tantas e tão férteis terras. Como o povo recusou essa proposta, Hípaso, com aqueles que assim quiseram, exilou-se em Samos. É deste Hípaso que, à quarta geração, descendeu Pitágoras – considerado um sábio; assim, Pitágoras era filho de Mnesarco, filho de Êufron, filho de Hípaso.²⁵⁶ Esta é a versão que os Fliásios dão da sua história, que tem, em geral, a concordância dos Siciónios.

²⁵⁴ *Vide supra* 1.41.2 e nota respetiva.

²⁵⁵ *Vide supra* 2.6.7 e nota respetiva.

²⁵⁶ Pitágoras de Samos (c. 570-495 a.C.) distinguiu-se como filósofo e matemático. A sua conexão com os filósofos da Iónia, Anaximandro e Anaxímenes, era próxima. Das suas viagens auferiu naturalmente bons contactos e aprendizagens inovadoras. Retirado da sua ilha natal por incompatibilidade com a tirania de Polícrates, foi instalar-se na Magna Grécia. A escola por ele fundada e as suas posições teóricas deram origem a uma corrente de pensamento de grande influência sobre os filósofos futuros, entre eles Platão. Rocha Pereira (¹⁰2006) 270 resume, com estas palavras, a grande novidade do pitagorismo: “O aspecto mais relevante da escola é o de ter feito do filosofar um sistema de vida”. Sobre a controvérsia que cerca a atividade e vida de Pitágoras, cf. Rocha Pereira (¹⁰2006) 270-5.

13.3. Passo então a descrever o que esta região tem de mais importante. Existe, na acrópole dos Fliásios, um bosque de ciprestes e um santuário que, desde tempos imemoriais, é muito venerado. A deusa aí adorada era, em tempos remotos, apodada pelos Fliásios de Ganimeda, mais tarde chamada Hebe.²⁵⁷ Homero refere-a no duelo entre Alexandre e Menelau, dizendo que era o escanção dos deuses; e também na descida de Ulisses ao Hades, nos diz que ela era esposa de Héracles.²⁵⁸ Ólen, no seu hino a Hera,²⁵⁹ diz que esta deusa foi criada pelas Horas, e que teve, por filhos, Ares e Hebe. **13.4.** Os Fliásios prestam à deusa diferentes homenagens, de que a maior é o direito de asilo a suplicantes. Assim, os suplicantes são acolhidos, e os prisioneiros, depois de libertados, oferecem as cadeias suspendendo-as das árvores do bosque. Além disso, todos os anos celebram uma festa, a que chamam *Cissótomos* (Dias de Cortar a Hera). Não guardam neste templo nenhuma imagem, nem secreta, nem exposta – e agem assim de acordo com um preceito sagrado. No entanto, à saída do recinto, à esquerda, fica um templo de Hera, com uma estátua em mármore de Paros.²⁶⁰ **13.5.** Na acrópole, há um outro recinto consagrado a Deméter, onde se encontra um templo e uma estátua de Deméter e da filha. A estátua de Ártemis que lá existe, em bronze, pareceu-me ser antiga. Na descida da acrópole, à direita fica o templo de Asclépio, e a estátua do deus ainda imberbe. Abaixo do templo está o teatro. Lá perto, fica um templo de Deméter, com antigas estátuas sentadas.

²⁵⁷ Cf. Estrabão 8.6.24.

²⁵⁸ *Iliada* 4.2, *Odisseia* 11.601-4.

²⁵⁹ *Vide supra* 1.18.5 e nota respetiva.

²⁶⁰ A aproximação dos dois cultos acontecia também em Micenas (2.17.5-6) e em Mantínea (8.9.3). Por isso Pausânias estranha que, neste caso, num culto haja imagem e noutra não.

13.6. Na ágora há uma cabra em bronze, praticamente toda dourada. As honras que lhe prestam os Fliásios resultam do seguinte. A constelação chamada Cabra, quando aparece, causa danos contínuos às videiras. Para evitar esse inconveniente, eles fazem rituais na ágora à cabra de bronze, dourando-lhe a estátua. Lá fica o túmulo de Arístias, filho de Pratinas.²⁶¹ Os dramas satíricos de Arístias e do pai são os mais apreciados, tirando os de Ésquilo. **13.7.** Atrás da ágora, há um edifício chamado pelos Fliásios “da adivinhação”. Segundo eles, foi depois de lá ter estado e passado uma noite que Anfiarau começou a profetizar.²⁶² Até então era – ao que dizem – um sujeito comum, e não um adivinho. A partir daí o edifício mantém-se permanentemente fechado. A pouca distância fica o chamado ‘Umbigo’ (*Omphalos*), a crer neles, o ponto central do Peloponeso. Seguindo em frente, está um antigo templo de Dioniso, e também um de Apolo e outro de Ísis. A estátua de Dioniso está à vista de todos, como também a de Apolo; mas a de Ísis só pode ser contemplada pelos sacerdotes. **13.8.** Os Fliásios contam também esta história: que Hércules, no regresso a salvo da Líbia – de onde trouxe as chamadas

²⁶¹ Pratinas, um poeta das últimas décadas do séc. VI a.C., contemporâneo e rival de Ésquilo, teria sido o reformulador do drama satírico (cf. Lesky (1968) 251, 253), tendo-lhe dado qualidade suficiente para passar a integrar os festivais dramáticos, a seguir à representação das tragédias. Por sua vez os Alexandrinos consideravam-no mesmo o inventor do modelo. Das 50 criações que lhe eram atribuídas, 32 eram dramas satíricos. Lesky (1968) 259 regista ainda que a *Hypothesis* de *Sete contra Tebas* de Ésquilo testemunha que, nesse ano (467 a.C.), Arístias, filho de Pratinas, obteve o segundo lugar com as peças *Perseu*, *Tântalo* e o drama satírico *Atletas*, talvez da autoria do pai. Musti, Torelli (2008) 259 valorizam a conexão entre o ambiente teatral representado por Pratinas e Arístias, com a cabra, associada com a origem da tragédia.

²⁶² *Vide supra* 1.8.2 e nota respetiva.

maças das Hespérides²⁶³ – se dirigiu a Fliunte por motivos particulares. Durante a sua estadia, Eneu veio da Etólia²⁶⁴ ao seu encontro. Por se tratar de um parente de Hércules, Eneu passou a ir comer na sua casa ou Hércules na dele. Como lhe não agradasse a bebida que Cíato,²⁶⁵ o escanção de Eneu, lhe serviu, Hércules atingiu-o com um só dedo na cabeça. O rapaz caiu redondo, devido ao golpe; então os Fliásios consagraram um edifício em sua memória. Este, construído junto ao templo de Apolo, tem imagens em mármore, representando Cíato a oferecer uma taça a Hércules.

2.14.1. CÉLEAS

De Fliunte, Céleas²⁶⁶ dista cerca de cinco estádios; lá se celebra, de quatro em quatro anos – e não anualmente – uma festa a Deméter. O sacerdote não é vitalício, mas para cada celebração se escolhe um diferente; é-lhe permitido contrair casamento, se quiser. São estas as diferenças em relação a Elêusis, de resto esta festa é-lhe em tudo semelhante. Os próprios

²⁶³ O jardim das Hespérides – as filhas de Atlas –, onde Hércules levou a cabo um dos seus trabalhos ao serviço de Euristeu, representava o extremo ocidental do mundo; veio a identificar-se com a Península Ibérica. Era célebre pelo seu pomar, nascido de maçãs oferecidas a Hera, na altura do seu casamento com Zeus, por Gaia. Uma das suas árvores produzia frutos de ouro, protegidos por um monstro vigilante. Sobre este considerado o 11º trabalho de Hércules, cf. Hesíodo, *Teogonia* 333-5, Apolodoro 2.5.11; Graves (1977) II.145-52.

²⁶⁴ Eneu, rei da Etólia, era filho de Pórtaon. Teria sido ele que, por influência de Dioniso, deu a conhecer o vinho aos Gregos. Do seu casamento com Alteia nasceram vários filhos que protagonizaram episódios trágicos, entre eles Meleagro (*vide* Livro I, nota 554, 1.42.6, 2.7.9) e Dejanira, que veio a ser esposa de Hércules (cf. Sófocles, *Traquínias*).

²⁶⁵ Nome que se aplica a uma espécie de “taça”.

²⁶⁶ Esta era uma localidade situada um pouco a sul de Fliunte, na margem esquerda do Asopo. *Vide supra* 2.12.4. Na referência de Pausânias é relevante o culto de Deméter lá existente, muito semelhante e influenciado pelo de Elêusis.

Fliásios reconhecem que reproduzem o modelo de Elêusis. **14.2.** Dizem eles que foi Disauls,²⁶⁷ irmão de Celeu, quem, depois de se estabelecer na região, instituiu essa festa. Celeu teria sido expulso de Elêusis por Íon, o filho de Xuto,²⁶⁸ que os Atenienses designaram como general na guerra contra os Eleusínios. Mas esta versão dos Fliásios – de que um eleusínio, por ter sido derrotado na guerra, se tenha exilado – não me convence. A guerra acabou com um tratado, antes mesmo de se travar o combate decisivo, e até Eumolpo²⁶⁹ se manteve em Elêusis. **14.3.** Talvez Disauls pudesse ter vindo para cá por outro motivo qualquer, e não pelo que apontam os Fliásios. Também não me parece que ele fosse parente de Celeu, nem sequer uma figura de relevo em Elêusis, ou Homero não teria deixado de o referir nos seus versos. De facto, Homero compôs um poema a Deméter, no qual refere os Eleusínios a quem a deusa ensinou os mistérios; mas desconhece Disauls. Dizem esses versos.²⁷⁰

Revelou a Triptólemo, a Díocles cavaleiro exímio,
Ao valente Eumolpo, e a Celeu, condutor de povos,
Os rituais sagrados e os seus mistérios, a todos eles.

14.4. Mas foi Disauls, segundo os Fliásios, quem lá instituiu a festa, e quem pôs o nome de Céleas à região. Aí está – como acima afirmei – o túmulo de Disauls.²⁷¹ O de Arante é mais antigo, pois foi mais tarde, segundo os Fliásios, após o reinado de Arante, que Disauls chegou. Segundo eles,

²⁶⁷ *Vide supra* 1.14.3.

²⁶⁸ *Vide supra* 1.31.3.

²⁶⁹ *Vide supra* 1.5.2 e nota respetiva.

²⁷⁰ *Hino Homérico a Deméter* 474-6.

²⁷¹ *Vide supra* 2.2.7, 2.12.4.

Arante foi contemporâneo de Prometeu, filho de Jápeto,²⁷² e três gerações anterior a Pelasgo,²⁷³ filho de Árcade, e aos chamados autóctones de Atenas.²⁷⁴ O carro de Pélops, segundo a tradição, está no teto do chamado Anáctoro.²⁷⁵

2.15.1. CLEONAS

Dos Fliásios são estas as curiosidades dignas de registo. Quem, de Corinto, se dirige a Argos encontra Cleonas, uma cidade pequena.²⁷⁶ Cleone era – ao que se conta – filha de Pélops, ou, segundo outras versões, uma das filhas do rio Asopo, que corre junto a Sícion. Seja qual for a versão, foi dela que a cidade recebeu nome. Lá existe um templo de Atena, cuja estátua é de Escílís e de Dipeno,²⁷⁷ ambos discípulos de

²⁷² Cronos, a quem o filho, Zeus, destronou, facilmente serve de paradigma de um passado remoto e envelhecido. Daí ter ganho, na linguagem comum, um sentido depreciativo. Igual entendimento é proporcionado pela referência a Jápeto, seu irmão (cf. Platão, *Banquete* 195b).

²⁷³ Vide *supra* 1.14.2 e nota respetiva.

²⁷⁴ Vide *supra* 1.2.6 e notas respetivas, sobre os monarcas míticos de Atenas e a sua relação com o solo.

²⁷⁵ “A casa dos senhores”, ou seja, de determinados deuses intitulados de *ánaktes*. Trata-se de um lugar particularmente sagrado. O carro de Pélops é, naturalmente, uma alusão a um bem conhecido episódio do mito dos Pelópidas. Enamorado de Hipodamia, Pélops viu-se sujeito à mesma prova a que Enómao, o pai da pretendida, sujeitara antes diversos pretendentes: a de concorrerem, com o próprio Enómao, numa corrida de carros, onde todos tinham sido vencidos. Posídon prontificou-se a auxiliar o jovem Pélops, fornecendo-lhe um carro puxado por cavalos alados que lhe desse vantagem na competição.

²⁷⁶ Cleonas, uma pequena cidade a cerca de 13 km a sul de Corinto, não deixou aos arqueólogos um rasto significativo. De Fliunte a Cleonas a distância é percorrida pela planície de Némea, rodeada de montanhas. Vide *supra* 1.29.7 e nota respetiva.

²⁷⁷ Segundo a tradição, estes teriam sido os primeiros escultores a fundarem uma escola (cf. Plínio, *História Natural* 36.9, 36.14). Seriam cretenses de origem e ativos na primeira metade do séc. VI a.C. Em Sícion, para onde se transferiram, foram encarregados de produzir

Dédalo; ou então pretende-se que Dédalo casou com uma mulher de Gortina e que dessa mulher veio a ter Dipeno e Cílis. Em Cleonas está portanto este santuário e o túmulo de Êurito e Ctéato;²⁷⁸ quando, na qualidade de embaixadores de Élide, se dirigiam para os jogos ístmicos, Hércules atingiu-os com flechas, sob a acusação de terem tomado o partido de Augias com quem ele estava em guerra.

15.2. De Cleonas para Argos há dois caminhos, um para bons caminhantes, que é mais curto, e outro pelo chamado Treto (Cavado), também ele estreito e cercado de montanhas, mas mais adaptado a viaturas. Nessas montanhas mostra-se ainda a caverna do leão,²⁷⁹ a uns quinze estádios da região de Némea. Lá existe um templo de Zeus Nemeu, digno de ser visto, ainda que o telhado tenha desabado e que nenhuma imagem tenha restado. Em volta desse templo há um bosque de ciprestes, onde, ao que se diz, Ofeltes, que a ama tinha depositado na erva, foi morto pela serpente.²⁸⁰ **15.3.**

estátuas de deuses. Conta a lenda que, antes de terminarem o trabalho, se viram repudiados pelos locais e se transferiram para a Etólia, de onde regressaram depois que uma crise de seca e fome perturbou Sícion e o oráculo determinou, como cura, o seu regresso. Teriam então rematado estátuas de Ártemis, Apolo, Atena e Hércules.

²⁷⁸ Estes são os Moliónidas (filhos de Molíone, o nome da mãe), sobrinhos de Augias, rei de Élide, que enfrentaram Hércules em combate quando o herói reclamava do soberano o preço por lhe ter limpo os estábulos. Nesse conflito saíram vencedores, para serem depois mortos por Hércules numa emboscada, como refere Pausânias. Cf. Graves (1977) II.175-82. Este mito gozou de uma grande popularidade; cf. *Iliada* 11.750-1, Píndaro, *Olímpica* 10.26-35, e ainda Pausânias 3.18.15, 5.1.10-1, 5.2.1, 5.3.3, 6.20.16, 8.14.9.

²⁷⁹ Do leão de Némea, que atacava homens e gado na região. Foi um dos monstros vencidos por Hércules, que lhe retirou a pele, impenetrável a qualquer golpe, e passou a usá-la como insígnia. Este foi o seu primeiro trabalho.

²⁸⁰ Esta é uma lenda associada com a fundação dos Jogos Nemeus. Licurgo, o pai de Ofeltes, era rei de Némea. Um oráculo preveniu-o de que não devia sentar o filho no chão até ele andar. Mas quando o

Os Argivos fazem sacrifícios a Zeus também em Némea e nomeiam o sacerdote de Zeus Nemeu. São eles que organizam a corrida de homens armados que se faz em Némea, nos jogos de inverno.²⁸¹ Lá fica o túmulo de Ofeltes, cercado por um parapeito em pedra, e dentro desse recinto há altares. O túmulo de Licurgo, pai de Ofeltes, é um montículo de terra. À fonte chamam Adrasteia, ou por ter sido descoberta por Adrasto,²⁸² ou por qualquer outra razão. Segundo a tradição, deu-se à região o nome de Némea, que era também filha de Asopo. Sobranceiro a Némea está o monte Ápesas,²⁸³ em que

exército dos Sete se dirigia ao ataque de Tebas, fazendo caminho pela planície de Némea, sequiosos como iam, pediram à ama da criança, Hipsípíle, que lhes desse de beber. Desatenta às recomendações que lhe tinham sido feitas, a ama pousou a criança no chão para lhes satisfazer o pedido. Nessa altura, a serpente que vigiava a fonte apoderou-se da criança e matou-a. Foi então que os chefes da campanha liquidaram a serpente e se encarregaram de sepultar o menino; em sua honra fundaram os jogos. Cf. Graves (1977) II.16-7. Hipsípíle deu título a uma tragédia de Eurípidés.

²⁸¹ *Vide infra* 6.16.4. Esta informação, unicamente dada por Pausânias, parece pressupor a existência, para além de um festival de verão, de outro de inverno, que poderia ter resultado da iniciativa do imperador Adriano, ao que supõem alguns estudiosos. Sobre a discussão deste calendário, se se tratava de um duplo festival, ou de uma alternância em anos sucessivos, cf. Frazer (2012) 93. Roux (1958) 177 informa de que, a partir da segunda metade do séc. II a.C., os Argivos passaram a celebrar os Jogos Nemeus em Argos, onde existia um santuário de Zeus Nemeu (*vide infra* 2.20.3), tendo abandonado o antigo santuário pan-helénico. Sobre a descrição feita por Pausânias da região de Némea, *vide* Sutton (2001) 175-89.

²⁸² Certamente a tradição diria que, na sua marcha contra Tebas, os Sete teriam bebido da sua água.

²⁸³ Este monte provavelmente estava situado no extremo nordeste do vale de Némea. Segundo a tradição, o monte teria recebido o nome por ser “o ponto de partida” para a corrida de carros. Dizia-se ainda que, quando Deucalião escapou ao dilúvio e se viu a salvo nas alturas de Argos, erigiu um altar a Zeus Afésio, justamente por ‘ter escapado’ ao flagelo. O topo desse monte veio a receber o nome de ‘Némea’, por ser lugar de pastoreio; cf. Frazer (2012) 94.

Perseu²⁸⁴ pela primeira vez sacrificou a Zeus Apesântio. **15.4.** Quem sobe em direção ao Treto, e de lá toma o caminho de Argos, tem à esquerda as ruínas de Micenas. Que Perseu foi o fundador de Micenas é do conhecimento geral entre os Gregos. Mas eu vou registrar o motivo dessa fundação e os pretextos de que os Argivos mais tarde se serviram para expulsar os Micénios. Naquilo que hoje em dia se chama Argólida, o que é mais antigo já não se recorda. Que Ínaco,²⁸⁵ o pai de Foroneu, quando rei, ao que se diz, deu ao rio o seu nome e ofereceu sacrifícios a Hera. **15.5.** Mas há uma outra versão: que Foroneu²⁸⁶ foi o primeiro a habitar aquela terra, e que Ínaco, o seu pai, não era um homem, mas um rio. Entre Posídon e Hera surgiu um conflito a propósito daquele território, que foi arbitrado por Foroneu, com os rios Cefiso, Astérion e Ínaco. A decisão foi favorável a Hera; então Posídon fez-lhes desapparecer toda a água. Eis a razão por que nem o Ínaco, nem

²⁸⁴ *Vide supra* 1.22.7 e nota respetiva. Como filho de Zeus, Perseu era meio-irmão de Hércules, também ele filho do deus supremo.

²⁸⁵ Pausânias passa a informar sobre os mitos respeitantes aos fundadores da Argólida, uma região de grande proeminência no período micénico, onde existiam dois núcleos palacianos importantes, Micenas e Tirinte; ainda que não tão relevante nesse período, Argos tinha também alguma importância e veio a conhecer, sobretudo a partir do séc. VIII a.C., um crescimento notável. Segundo a tradição, Ínaco era filho de Oceano e Tétis e, por sua vez, deu nome a um rio. Foi pai de Foroneu e de Egialeu. O mito da ira de Posídon, perdedor na disputa pela posse do território, explica a escassez de água da região.

²⁸⁶ Foroneu era, portanto, considerado o primeiro rei de Argos, ou o segundo, depois de Ínaco. Pausânias inicia com esta menção a referência à dinastia mítica de Argos, que sistematiza no capítulo seguinte. A genealogia desta casa real segue sem quebras até Gelanor (ou Pelasgo), destronado por Dánao. A partir daí a tradição argiva articula-se com elementos de outras origens, asiáticas e egípcias. Desde a época clássica que Foroneu estava muito associado a Argos, onde estava sepultado (*vide infra* 2.20.3) e tinha um culto. De acordo com a tradição argiva, teria sido ele o inventor de uma comunidade social e do fogo (*vide infra* 2.19.5).

qualquer outro dos rios que referi tem água, a não ser a da chuva. No verão, os cursos de água estão secos, salvo as nascentes de Lerna.²⁸⁷ Foroneu, filho de Ínaco, foi o primeiro a constituir uma sociedade, sendo que até aí os homens viviam dispersos e cada um por sua conta. O lugar onde se reuniu a primeira cidade chama-se Forónico.

2.16.1. ARGOS E MICENAS

Argos, neto de Foroneu, sucedeu-lhe no trono e foi ele quem deu o nome à região. De Argos nasceram Píraso e Forbas. Este último foi pai de Tríopas, por sua vez pai de Íaso e Agenor. Io,²⁸⁸ filha de Íaso, de acordo com o que escreveu Heródoto²⁸⁹ ou com o que os Gregos afirmam, partiu para o Egito. Crotopo, filho de Agenor, deteve o poder a seguir a Íaso. Crotopo foi pai de Esténelas. Dánao, porém, após navegar do Egito, enfrentou Gelanor, filho de Esténelas, e usurpou o poder aos descendentes de Agenor. O que aconteceu depois é do conhecimento geral: o crime das filhas de Dánao contra os seus primos²⁹⁰ e como é que, por morte de Dánao, Linceu

²⁸⁷ Lerna era o nome dado a uma região de nascentes e a um lago, situados na costa oriental do Peloponeso, a sul de Argos.

²⁸⁸ Como é habitual, a história de Argos começa por um breve relato mitológico e genealógico. Sobre Io, *vide supra* 1.25.1 e nota respetiva.

²⁸⁹ Heródoto 2.38.1, 2.41.2.

²⁹⁰ Dánao, juntamente com Egito, eram filhos de Belo, um rei mítico do Egito, descendente de Io e de seu filho Épafo. Perante a pressão do irmão para que os seus 50 filhos desposassem as primas, Dánao optou pela fuga para a pátria de origem da sua família. Já em Argos, onde se refugiaram, as 50 filhas de Dánao desposaram os seus primos, para evitar uma luta que afetasse a cidade a que se acolheram; mas, na noite de núpcias, por conselho do pai, mataram os maridos, à exceção de Linceu, que foi poupado pela esposa, Hipermnestra. Ésquilo dedicou a este assunto uma trilogia, incluindo *Suplicantes*, *Egípcios* e *Danaides*. Algum tempo depois, Dánao destronou Pelasgo e veio a ocupar o trono

assumiu o poder. **16.2.** Os filhos de Abante, filho de Linceu, partilharam o reino: Acrísio ficou com Argos, e Preto assumiu o poder sobre Hereu, Mídea, Tirinte, e sobre toda a região costeira da Argólida.²⁹¹ Há ainda em Tirinte alguns vestígios da residência de Preto. Tempos mais tarde Acrísio, ao saber que Perseu estava vivo e se distinguiu pelos seus feitos, retirou-se para Larissa, nas margens do Peneu.²⁹² Perseu – que queria, fosse lá como fosse, ver o progenitor da mãe e cativá-lo por palavras amáveis e por ações – foi visitá-lo a Larissa. Perseu estava então na flor da idade e adorava exhibir em público o disco que tinha inventado. Acrísio, levado pela fatalidade, pôs-se, sem se dar conta, ao alcance do disco. **16.3.** Cumpria-se assim o presságio de um deus a Acrísio, e nem as suas precauções contra a filha e o neto puderam alterar a imposição do destino. Perseu, de regresso a Argos – envergonhado pelos comentários à cerca do seu crime –, convenceu Megapentes, filho de Preto, a trocar com ele de reino: recebeu então o território de Megapentes, onde fundou Micenas.²⁹³ O facto de a baíña lhe ter caído da espada nesse lugar considerou-o

argivo. Mais tarde, Linceu eliminou Dánao, em vingança pela morte dos irmãos e, por sua vez, assumiu o poder. *Vide infra* 2.19-20.

²⁹¹ *Vide supra* 2.1.9, 2.12.2 e notas respetivas.

²⁹² Segundo a lenda, Acrísio estava prevenido por um oráculo de que o filho que nascesse da sua filha o mataria. Numa tentativa de evitar essa fatalidade, começou por encerrar a filha – Dánae – numa prisão subterrânea (cf. Apolodoro 2.4.1). Mesmo assim não impediu que ela fosse seduzida por Zeus, que a possuiu sob forma de chuva de ouro e dela gerou Perseu (cf. *Iliada* 14.319-20). Perante essa nova circunstância, Acrísio não desistiu dos seus propósitos: encerrou filha e neto numa arca e atirou-os ao mar. Não evitou, no entanto, que a arca desse à costa e que o neto, Perseu, fosse salvo por Díctis, em Sérifos. Por isso se retirou para a Tessália, onde o destino acabou por se cumprir.

²⁹³ Cf. Apolodoro 2.4.4.

um sinal para fundar uma cidade.²⁹⁴ Ouvi também dizer que, porque estava com sede, lhe veio a ideia de arrancar da terra um cogumelo; quando a água brotou, ele bebeu com prazer e pôs à região o nome de Micenas. **16.4.** Homero, na *Odisseia*,²⁹⁵ fala de uma mulher chamada Micena, neste verso:

Tiro, Alcmena, e Micena de bela coroa.

Que esta mulher era filha de Ínaco e esposa de Arestor é dito no poema que os Gregos intitulam de *Grandes Eeias*.²⁹⁶ Foi ela, ao que dizem, quem deu nome à cidade. Sobre aquela outra versão que se atribui a Acusilau²⁹⁷ – que Miceneu era filho de Espartonte, e este de Foroneu –, pela minha parte não acho viável, já que nem os próprios Lacedemónios a aceitam. Segundo estes, existe em Amiclas a estátua de uma mulher chamada Esparta;²⁹⁸ mas muito os surpreenderia a menção de um Espartonte, filho de Foroneu.

16.5. Os Argivos arrasaram Micenas por inveja.²⁹⁹ Assim, enquanto os Argivos se mantinham inertes perante a invasão

²⁹⁴ Pausânias regista duas etimologias para o nome de Micenas, nenhuma delas credível: ou “baínha” da espada, ou “cogumelo”. Micenas foi, durante o chamado período micénico (c. 1600-1100 a.C.), a região mais pujante da Grécia, o que justificou que o comando supremo das tropas gregas em Troia fosse atribuído ao seu rei, Agamémnon.

²⁹⁵ *Odisseia* 2.120.

²⁹⁶ Fr. 246 Merkelbach-West. *Vide supra* 2.2.3 e nota respetiva.

²⁹⁷ *FGrHist* 2F 24. Acusilau, um poeta de Argos, recontou em prosa matéria épica e foi autor de genealogias. Cf. Lesky (1968) 248.

²⁹⁸ Amiclas era uma cidade lacónia, vizinha de Esparta. Teria sido fundada pelo rei espartano com o mesmo nome, filho de Lacedemonte e de Esparta, considerada filha de Eurotas (*vide infra* 3.1.2).

²⁹⁹ Em 468 a.C., a célebre cidade de Micenas, que havia dado nome ao mundo micénico em função da sua pujança durante os séc. XVI-XII a.C., depois de progressivamente enfraquecida, foi absorvida por Argos. Sobre a participação de Micénios nas Termópilas, cf. Heródoto 7.202; mais tarde, fariam também parte das forças que derrotaram os Persas

dos Medos, os Micénios enviaram para as Termópilas oitenta homens, que partilharam com os Lacedemónios daquela façanha. Logo o desejo de glória foi a sua ruína, por despertar a má vontade dos Argivos. Sobraram dela, no entanto, alguns vestígios da muralha e a porta, a que se sobrepõem os leões.³⁰⁰ Segundo a tradição, essas foram obra dos Ciclopes, que construíram também para Preto as muralhas de Tirinte. **16.6.** Nas ruínas de Micenas há: uma fonte chamada Perseia,³⁰¹ os compartimentos subterrâneos de Atreu e dos filhos, onde eles guardavam os tesouros; o túmulo de Atreu,³⁰² e de todos os subordinados de Agamémnon, que, ao regressarem com ele de Ílion, foram mortos por Egisto durante um jantar;³⁰³ quanto

em Plateias (cf. Heródoto 9.28). Sobre a destruição de Micenas em resultado de uma rivalidade, que terá, portanto, ocorrido c. 468-463 a.C., *vide infra* 5.23.3, 7.25.5-6. Cf. ainda Diodoro 11.65, Estrabão 6.6.19. Depois de destruir Micenas e Tirinte (cf. Heródoto 6.83.1), Argos assumiu a hegemonia sobre a região.

³⁰⁰ Esta é a famosa Porta das Leas, a entrada da cidadela de Micenas, segundo a tradição construída por Ciclopes. Trata-se de uma porta monumental que dava acesso à residência régia. No triângulo sobreposto ao lintel da porta, estão esculpidas duas leas frente a frente, separadas por um pilar apoiado num altar. Esta porta rasga uma enorme muralha, que terá sido construída a partir do séc. XIV a.C. com blocos de calcário de enorme dimensão. Pausânias vai referindo os túmulos que identificam a família dos Atridas e os episódios relacionados com a sua soberania sobre Micenas.

³⁰¹ Trata-se de uma cisterna subterrânea.

³⁰² Este é o célebre túmulo de Atreu, uma construção em abóbada, onde foi encontrado o tesouro de Micenas. O conjunto de túmulos encontrados em Micenas constitui o que os arqueólogos conceberam como Círculos Tumulares (*Tholoi*) A e B. O primeiro, mais próximo da muralha, foi escavado por Schliemann, em 1876 (justamente com base nas informações de Pausânias), e seria o lugar de sepultamento das figuras reais. O túmulo circular B, mais antigo (c. XVI a.C.), só foi descoberto mais tarde (1952-1954, e de novo graças à descrição de Pausânias), quando se procedia à reconstrução do túmulo de Clitemnestra; inclui 24 túmulos e a sua descoberta deve-se aos arqueólogos I. Papademetriou e G. Mylonas.

³⁰³ *Vide supra* 1.22.6 e nota respetiva.

ao túmulo de Cassandra, os Lacedemónios que habitam Amiclas dizem-na lá sepultada; o memorial de Agamémnon e do seu auriga, Eurimedonte;³⁰⁴ 16.7. o de Telédamon e de Pélops, que dizem ser os gémeos que ele teve de Cassandra – ainda meninos, foram mortos, com os pais, por Egisto; mas não o de Electra, pois essa foi dada em casamento a Pílates, por Orestes. Segundo o que escreveu Helânico,³⁰⁵ de Electra Pílates teve dois filhos, Estrófio e Medonte. Clitemnestra e Egisto foram sepultados um pouco afastados da muralha, por não parecer bem sepultá-los dentro, no mesmo lugar de Agamémnon e dos que foram assassinados juntamente com ele.³⁰⁶

2.17.1. O TEMPLO DE HERA ARGIVA

A uma distância de quinze estádios de Micenas,³⁰⁷ à esquerda, fica o templo de Hera. Ao longo da estrada há um curso de água chamado Eleutério;³⁰⁸ servem-se dele para as

³⁰⁴ Cf. *Iliada* 4.227-8.

³⁰⁵ *FGrHist* 4F 155.

³⁰⁶ É por demais célebre o homicídio de Agamémnon, às mãos de Clitemnestra, a rainha, e do amante, Egisto, no seu regresso como vencedor de Troia. A peça a que Ésquilo deu o título de *Agamémnon* é uma referência sobre este episódio. O chamado “túmulo de Clitemnestra” data de c. 1300 a.C., e foi construído para abrigar os cadáveres de vários membros da família real. Um corredor conduz a uma câmara funerária. Lá foi de facto inumado o cadáver de uma mulher. Próximo dele, a poucos metros na direção da acrópole, fica o túmulo de Egisto. Nas suas escavações, Schliemann deu o nome de túmulos de Clitemnestra e de Egisto a dois *tholoi* que encontrou próximos da cidadela.

³⁰⁷ A região de Argos constituía-se de uma extensa planície, delimitada a nascente e poente por montanhas, e pelo mar a sul.

³⁰⁸ O rio estava ligado ao culto provavelmente por ser nas suas águas que se banhava a estátua da deusa em ritos purificatórios; por outro lado o seu nome de “Purificador” aponta para a libertação da escravatura que a deusa patrocinava (cf. Ateneu 3.123c, Hesíquio, *s.v.*, ἐλεῦθερον ὕδωρ). A erva de nome Astérion é uma espécie de áster (*Pallenis spinosa* (L.) Cass.); cf. Teofrasto, *História das plantas* 4.12.2, Plínio, *História Natural* 29.86.

purificações e execução de sacrifícios secretos as sacerdotisas de serviço ao santuário. Esse templo está na zona mais baixa de Eubeia, pois esse é o nome que dão à montanha. Dizem então que o rio Astérion teve três filhas, Eubeia, Prosimna e Acreia, que vieram a ser amas de Hera.³⁰⁹ **17.2.** Acreia deu o nome à montanha que fica em frente ao templo de Hera; Eubeia a todo o espaço em volta do santuário; e Prosimna à planície lá em baixo. Esse rio Astérion, que corre acima do templo de Hera, lança-se numa garganta e desaparece. Nas suas margens nasce uma erva a que chamam também Astérion. Esta erva é oferecida a Hera e das suas folhas entrelaçam-se coroas. **17.3.** Ao que se diz, o construtor do templo foi Eupólemo de Argos.³¹⁰ As esculturas que encimam as colunas representam: de um lado o nascimento de Zeus e a luta entre deuses e gigantes; e do outro a guerra de Troia e a tomada de Ílion.³¹¹ À entrada, estão estátuas de mulheres, outrora sacerdotisas de Hera, e outras de heróis, entre eles Orestes.³¹² Aquela que dizem ser de Orestes tem uma inscrição com o nome do imperador Augusto. No vestíbulo há estátuas das Graças, já antigas.

³⁰⁹ É manifesta a conexão que se estabelece entre o culto de Hera e a paisagem envolvente.

³¹⁰ C. 420-410 a.C. Esta é a única menção que é feita a Eupólemo de Argos.

³¹¹ Torelli, Musti (2008) 268, depois de reconhecerem a controvérsia envolvida nesta informação, interpretam o testemunho de Pausânias do seguinte modo: do lado oriental, o frontão representaria o nascimento de Zeus e as métopas (talvez prolongando-se por um dos lados mais longos do edifício) a gigantomaquia; do lado ocidental, a guerra de Troia no frontão e a tomada de Ílion nas métopas. As coincidências entre a técnica e os motivos adotados com edifícios de referência como o Pártenon, por exemplo, são flagrantes.

³¹² Após considerar elementos da arquitetura do edifício, Pausânias passa a referir as ofertas votivas, a partir da entrada principal, do lado oriental.

À direita, está o leito de Hera³¹³ e uma oferta votiva – o escudo que Menelau, um dia, tomou de Euforbo, em Ílion.³¹⁴ **17.4.** A estátua de Hera, de grandes dimensões, está sentada num trono;³¹⁵ é feita de ouro e marfim e obra de Policlito. Usa uma coroa, onde estão representadas as Graças e as Horas; numa mão tem uma romã e na outra um cetro. Quanto à romã – cuja história é secreta³¹⁶ –, não faço comentários. Quanto ao cuco que encima o cetro, conta a lenda que Zeus, quando se apaixonou por Hera, ainda uma virgem, se transformou nessa ave, que a jovem tomou como seu brinquedo. Esta história, como tantas outras que se contam sobre os deuses, não me merecem crédito, mas nem por isso deixo de relatá-las. **17.5.** A estátua junto da de Hera – ao que se diz – representa Hebe, e é obra de Náucides,³¹⁷ também em marfim e ouro. Há ainda uma estátua de Hera, já antiga, sobre uma coluna. Mas a mais antiga de todas é feita de madeira de pereira selvagem, dedicada em Tirinte por Píraso, filho de Argos;³¹⁸ teriam sido os Argivos, depois de destruírem Tirinte, a trazê-la para o templo

³¹³ O *hieros gamos* (casamento sagrado) era relevante no culto de Hera. Segundo uma velha tradição, a primeira união entre Zeus e Hera teria ocorrido na Argólida. O leito de Hera aludia a essa tradição.

³¹⁴ *Iliada* 17.1-81.

³¹⁵ Esta era uma estátua célebre (c. 420-417 a.C.), reproduzida em moedas argivas. Além desta estátua, Policlito (de Argos ou de Sícion, c. 460-410 a.C.) esteve sempre, como artista, ligado a Argos e ficou conhecido como autor de estátuas de atletas, o Doríforo, a propósito do qual escreveu uma obra teórica sobre proporções (*Cânoné*), e o “Jovem de cabelo cintado” (*Diadoumenos*). Embora especialista no trabalho do bronze, construiu esta estátua com ouro e marfim, sem dúvida à semelhança do que Fídias tinha feito em Atenas com a deusa instalada no Pártenon. Cf. Rocha Pereira (2006) 603-7. Como protetora do casamento e da fertilidade, Hera exibia na mão uma romã.

³¹⁶ Porque associada com o culto de Perséfone, a “história da romã” está associada com uma religião mística.

³¹⁷ Escultor argivo, discípulo de Policlito.

³¹⁸ *Vide supra* 2.16.1.

de Hera.³¹⁹ Eu próprio a vi; é uma estátua da deusa sentada, de pequenas dimensões. **17.6.** As oferendas dignas de registro são: um altar em prata, com as bodas lendárias de Hebe e Hércules cinzeladas; um pavão de ouro e pedras preciosas, oferta do imperador Adriano – o pavão é, como é sabido, uma ave sagrada de Hera; e ainda uma coroa de ouro e um manto de púrpura, ofertas de Nero. **17.7.** Acima desse templo, estão os fundamentos do anterior e tudo o mais que escapou ao incêndio,³²⁰ causado por Crísis, a sacerdotisa de Hera, que se deixou adormecer, enquanto uma chama ardia diante das coroas. Crísis fugiu então para Tégea, como suplicante de Atena Álea. Apesar dessa tremenda ocorrência, os Argivos não destruíram a imagem de Crísis, que ainda se mantém diante do tempo que ardeu.

2.18.1. MONARCAS DE ARGOS

No caminho de Micenas para Argos, à esquerda, junto à estrada, fica o *herôon* de Perseu. Também aqui a gente da região lhe presta culto, mas é em Serifos que sobretudo é venerado.³²¹ Em Atenas, foi-lhe consagrado também um recinto, além de um altar de Díctis e Clímene, que são cha-

³¹⁹ Foi em meados do séc. V a.C., provavelmente em 460 a.C., que os Argivos destruíram os seus vizinhos Micenas e Tirinte, outras duas comunidades dóricas na planície da Argólida, e unificaram todos os agregados populacionais da região. *Vide supra* 2.16.5 e nota respetiva.

³²⁰ Esse templo arcaico (séc. VII a.C.) situava-se sobre o terraço mais alto e foi destruído por um incêndio, em 423 a.C. Tucídides (4.133.2-3) relata este acidente em termos semelhantes; em 2.2.1, Tucídides relembra o longo sacerdócio de Crísis, 48 anos ao serviço do santuário. O templo de Hera em Argos era o maior em toda a Argólida, ainda que à mesma deusa estivessem consagrados outros cultos, nomeadamente em Tirinte e Micenas. A reconstrução do templo terá tido lugar entre 423-417 a.C. e foi, portanto, implantada num lugar distinto.

³²¹ *Vide supra* 1.22.7 e nota respetiva.

mados Salvadores de Perseu.³²² Se se avançar um pouco mais na Argólida, a seguir a esse *herôon* à direita, fica o túmulo de Tiestes. O carneiro de mármore que tem em cima alude ao velo de ouro de que Tiestes se apoderou depois de seduzir a mulher do irmão. A ponderação, no entanto, não impediu Atreu de retaliar na mesma medida; degolou os filhos de Tiestes e promoveu o celebrado banquete.³²³ **18.2.** Quanto ao que veio a acontecer mais tarde, não sei dizer com certeza se foi Egisto³²⁴ a encetar uma agressão ou se antes Agamémnon tomou a dianteira ao matar Tântalo, filho de Tiestes. Ao que se diz, este recebeu de Tíndaro a mão de Clitemnestra, ainda uma donzela. Não é minha pretensão admitir que esta família

³²² Díctis era irmão de Polidectes, o tirano de Serifos, que deu guarida a Dánae e Perseu (*vide supra* 2.16.2 e nota respectiva). O seu nome, etimologicamente associado a “rede”, alude ao papel que lhe coube de recolher o baú onde mãe e filho, Dánae e Perseu, tinham sido lançados ao mar. Por sua vez Clímene é o nome de uma ninfa marinha (cf. Hesíodo, *Teogonia* 351), que terá ajudado ao salvamento.

³²³ Nesta sequência mítica, Pausânias faz referência à saga de Perseu e, a seguir, dos Atridas, ou seja, às duas dinastias que se sucederam em Micenas. Foi com Atreu, filho de Pélops, que o domínio de Micenas passou dos descendentes de Perseu para os Pelópidas. Entre Atreu e Tiestes, filhos de Pélops e Hipodamia, veio a gerar-se um tremendo conflito de adultério, competição pelo poder, vingança e extermínio da descendência. Atreu tinha, no seu rebanho, um carneiro com pelo de ouro, garantia do seu poder. Aérope, sua mulher, seduzida pelo cunhado e amante, revelou-lhe a existência do velo mágico, e com ele a possibilidade de aceder ao trono. Atreu vingou-se de forma atroz: matou os filhos do irmão e serviu-lhos num banquete. Este foi um episódio que ganhou grande popularidade na tragédia. Cf. Ésquilo, *Agamémnon* 1090-2, 1095-7, 1191-3, 1217-21, 1583-602, Eurípides, *Electra* 717-25, *Orestes* 810-8, 1007-10.

³²⁴ Egisto, o filho mais novo de Tiestes, sobreviveu à chacina. Entre ele e seu primo Agamémnon, filho de Atreu, vieram a surgir novos conflitos. Sobre a morte de Tântalo, filho de Tiestes, havia a versão que o considerava vítima de Atreu, e a que Pausânias aqui relata, que o considerava vítima de Agamémnon (cf. Eurípides, *Ifigénia em Aulide* 1148-52).

tinha a maldade na massa do sangue. Mas que a culpa de Pélops e a vingança de Mírtilo³²⁵ os perseguia está de acordo com a resposta dada pela Pítia a Glauco de Esparta, filho de Epicides, que se preparava para cometer perjúrio;³²⁶ foi então que ela lhe disse que a pena recairia sobre a sua descendência.

18.3. Quando se sai de Carneiros – é assim que designam o memorial de Tiestes – e se avança um pouco mais, à esquerda fica uma região chamada Mísia, e o templo de Deméter Mísia, oferta de um tal Mísio.³²⁷ Trata-se de mais um sujeito – ao que os Argivos afirmam – que deu hospitalidade a Deméter. Este templo já não tem teto. Dentro dele, foi construído um outro templo em tijolo, que guarda três estátuas de madeira, uma de Perséfone, outra de Pluto e outra de Deméter. Mais adiante fica o rio Ínaco,³²⁸ e, depois que se atravessa o rio, um altar do Sol. A partir daí chega-se à porta da cidade,³²⁹ que recebeu o nome de um templo vizinho, de Ilitia.

18.4. Os Argivos são, que eu saiba, os únicos Gregos que estiveram repartidos em três reinos. Assim, era rei Anaxágoras, filho de Argeu, filho de Megapentes, quando uma demência se apoderou das mulheres, que saíram de casa e passaram a vagar pela região.³³⁰ Foi Melampo, filho de Amitáon, a pôr fim a esta doença, mas em compensação exigiu de

³²⁵ Mírtilo, o auriga de Enómao rei de Olímpia e pai de Hipodamia, sabotou o carro do seu senhor proporcionando a Pélops a vitória na corrida de carros e, com ela, a mão de Hipodamia. Mas quando Pélops o matou, por perceber que afinal o servo pretendia ele próprio assediá-la, lançou sobre ele uma maldição, que determinou todas as infelicidades que vieram a afetar a família.

³²⁶ *Vide infra* 8.7.8, Heródoto 6.86.2.

³²⁷ Com um culto também em Pelene, na Acaia; *vide infra* 7.27.9.

³²⁸ *Vide supra* 2.15.4 e nota respectiva.

³²⁹ Com esta referência, Pausânias anuncia a chegada à cidade de Argos.

³³⁰ Sobre a loucura das filhas de Preto e a adesão que encontrou junto das mulheres argivas, *vide supra* 2.7.8.

Anaxágoras que lhe atribuiu, a ele e ao irmão, Bias, parte equivalente do seu reino.³³¹ Entre Bias e Cianipo, filho de Egialeu, houve cinco monarcas no decurso de quatro gerações, descendentes de Neleu³³² por parte da mãe. Da linhagem de Melampo, houve seis monarcas, que reinaram pelo mesmo número de gerações até Anfíloco, filho de Anfiarau.³³³ **18.5.** Os Anaxagóridas, que eram a estirpe local, reinaram durante mais tempo. Assim Ífis, filho de Alector, filho de Anaxágoras, passou o poder a Esténelo, filho de seu irmão Capaneu. Depois da guerra de Troia, Anfíloco transferiu-se para o que agora é Anfiloquia, e Cianipo morreu sem filhos; foi então que Cilárabes, filho de Esténelo, restabeleceu um único reino. Todavia, ele próprio também não teve filhos. Orestes, o filho de Agamémnon, que era seu vizinho, passou então a assumir o poder de Argos. Ao património paterno Orestes acrescentou a maior parte da Arcádia. Tinha-se tornado também rei de Esparta³³⁴ e dispunha de um contingente de aliados da Fócida, sempre pronto a apoiá-lo. **18.6.** Os Lacedemónios aceitaram que ele os governasse, por entenderem que tinham mais direito ao poder os netos de Tíndaro do que Nicóstrato e Megapentes,

³³¹ *Vide supra* 1.43.5 e nota respetiva, Heródoto 9.34.1-2. Tal como Heródoto, Pausânias contamina o mito de Preto com o do rei Anaxágoras, que obtém de Melampo a cura das mulheres argivas enlouquecidas por Dioniso. A partir daqui, Pausânias passa a descrever as três dinastias que exerciam o poder em Argos, que tiveram por últimos representantes Anfíloco, na descendência de Melanto, Cianipo, na de Bias, e Cilárabes, na de Anaxágoras.

³³² *Vide supra* 2.2.2 e nota respetiva. A Bias sucedeu Talau, e depois dele Adrasto, o líder da campanha dos sete contra Tebas, Diomedes e Cianipo.

³³³ *Vide supra* 1.34.3 e nota respetiva. Desta linhagem fizeram parte Mâncio, filho de Melampo, depois Ecles, Anfiarau, Alcmeón e Anfíloco.

³³⁴ Possivelmente em resultado do seu casamento com Hermíone, a filha de Menelau e Helena, reis de Esparta.

que Menelau tinha tido de uma escrava.³³⁵ Por morte de Orestes, assumiu o poder Tisâmeno, filho de Hermíone, a filha de Menelau, e de Orestes. Cinéton, nos seus versos,³³⁶ escreveu que de Orestes nasceu um bastardo, de nome Pêntilo, que ele tinha tido de Erígone, filha de Egisto. **18.7.** Foi no reinado de Tisâmeno que os Heraclidas regressaram ao Peloponeso;³³⁷ eram eles Témeno e Cresfonte, filhos de Aristómaco, e os filhos de um terceiro irmão já falecido, Aristodemo. A sua pretensão a Argos e ao poder argivo era, na minha opinião, muito mais legítima, porque Tisâmeno descendia de Pélops, enquanto os Heraclidas provinham de Perseu.³³⁸ Entendiam eles que a Tíndaro, depois de derrubado por Hipocoonte, quando Hércules matou Hipocoonte e os filhos, tinha sido confiado o território.³³⁹ No caso da Messénia, diziam algo parecido: que

³³⁵ Cf. *Odisseia* 4.10-2.

³³⁶ Cinéton, um poeta épico, é por vezes considerado autor da *Edipodia*. *Vide supra* 2.3.9 e nota respetiva.

³³⁷ *Vide supra* 2.13.1-2 e nota respetiva. Témeno destacou-se como chefe da invasão dos Heraclidas, que conquistaram a região e fundaram o estado dórico de Argos. A vasta região ocupada por ele e pelos filhos, no nordeste do Peloponeso, incluindo Argos, ficou na tradição conhecida por “lote de Témeno” (*vide infra* 2.29.5, Éforo, *FGrHist* 115F 393). Na divisão do Peloponeso pelos Heraclidas, a Lacedemónia coube a Procles e Eurístenes, os filhos gémeos de Aristodemo, e a Messénia a Cresfonte.

³³⁸ Cf. Tucídides 1.9.2: “Primeiro Pélops, graças à grande fortuna com que chegou, provindo da Ásia, a uma região sem recursos, chamou a si o poder e, apesar de estrangeiro, teve a honra de dar o seu nome àquele território”. Portanto o mítico Pélops, filho de Tântalo, era um asiático que deslumbrou os Gregos pela sua fortuna e luxo. Veio a casar com a filha de Enómao, Hipodamia, e foi pai de inúmeros filhos, entre os quais Atreu e Tiestes. Foi rei de Pisa e da Élide e estendeu o seu poder por boa parte do Peloponeso.

³³⁹ Hipocoonte era meio-irmão de Tíndaro e reinava em Esparta. Hércules atacou-o, e aos filhos, por lhe terem recusado purificação depois da morte de Ífito e lhe terem feito guerra. Cf. Graves (1977) II.185-6.

depois que Hércules tomou Pilos, a confiou a Nestor.³⁴⁰ **18.8.** Expulsaram então, da Lacedemónia e de Argos, Tisâmene, e da Messénia os descendentes de Nestor: Alcméon, filho de Silo, filho de Trasímedes; Pisístrato, filho de Pisístrato; e os filhos de Péon, filho de Antíloco. Expulsaram com eles também Melanto,³⁴¹ filho de Andropompo, filho de Boro, filho de Pêntilo, filho de Periclímene. Nessa altura, Tisâmene e os filhos partiram com um exército para o que hoje é a Acaia. **18.9.** Os descendentes de Neleu, por sua vez, com exceção de Pisístrato – que não sei para onde se retirou –, partiram para Atenas; deles receberam o nome o clã dos Peónidas e o dos Alcmeónidas. Melanto veio a exercer lá o poder, após ter deposto Timetes, filho de Oxintes. Timetes foi, de facto, o último dos descendentes de Teseu a reinar em Atenas.

2.19.1. LENDAS E MONUMENTOS DE ARGOS

As questões relacionadas com Cresfonte e os filhos de Aristodemo, este não é o lugar próprio para as tratar.³⁴² Témeno, abertamente, atribuía a chefia na guerra a Deifontes, filho de Antímaco, filho de Trasianor, filho de Ctesipo, filho de Hércules, e não aos próprios filhos; e, além de lhe ter dado, já antes, em casamento Hirneto, a sua filha favorita, para tudo lhe pedia conselho; criou-se então a suspeita de que lhes destinaria o poder, a ela e a Deifontes.³⁴³ Por isso, os filhos conspiraram contra ele. Dentre eles, foi Ciso, o mais velho,

³⁴⁰ *Vide supra* nota 44.

³⁴¹ Melanto, também oriundo de Pilos, reinou na Messénia.

³⁴² Pausânias exclui a narrativa a respeito de Cresfonte, que diz respeito à Messénia, e a dos filhos de Aristodemo, referente à Lacedemónia, agora que pretende focar-se na história de Argos.

³⁴³ *Vide infra* 2.26.2, 2.28.3-6. Os filhos prejudicados – além de Ciso, Agelau, Eurípilo e Cálías – contrataram uns tantos indivíduos para liquidarem o pai. Mesmo assim, após a morte de Témeno, o

quem chamou a si o trono. **19.2.** Mas os Argivos, que, desde tempos imemoriais, amavam a liberdade e a autonomia, reduziram a tal ponto a autoridade dos seus reis, que a Médon, filho de Ciso, e aos seus descendentes, não restou mais do que uma soberania meramente nominal. O povo veio mesmo a condenar e a retirar todo e qualquer poder a Meltas, filho de Lacedas, e décimo descendente de Médon.

19.3. Entre os Argivos, dentro da cidade, o edifício mais famoso é o santuário de Apolo Lício.³⁴⁴ A imagem que lá está hoje em dia é obra de Átalo de Atenas.³⁴⁵ Mas o templo primitivo e a respetiva estátua em madeira foram oferta de Dánao;³⁴⁶ estou em crer que, naquele tempo, as estátuas eram todas de madeira, sobretudo as provindas do Egito. Dánao erigiu o templo de Apolo Lício por esta razão. Quando chegou a Argos, disputou o poder com Gelanor, filho de Esténelas. Foi perante o povo que ambos defenderam a sua pretensão, cada um usando uma quantidade de argumentos. Como os de Gelanor não pareciam menos justos, o povo, ao que se diz, diferiu a decisão para o dia seguinte. **19.4.** Ao romper do dia, um lobo investiu contra um rebanho de bois que pastava junto às muralhas e atacou o touro que estava à cabeça do rebanho. Ocorreu aos Argivos assimilar Gelanor com o touro e Dánao com o lobo, porque este não é um animal que conviva com o homem, do mesmo modo que Dánao, até então, não tinha vivido com eles. E como o lobo matou o touro, foi essa a razão

exército preferiu atribuir o reino a Deifontes e Hirneto, que lhes ofereciam mais confiança.

³⁴⁴ Cf. Tucídides 5.47.11, que dá a este templo o peso de uma referência política, como lugar de depósito e exposição de um tratado ou decreto; por sua vez Sófocles, *Electra* 6-7 alude ao mesmo mito aqui relatado por Pausânias.

³⁴⁵ Escultor apenas mencionado por Pausânias.

³⁴⁶ *Vide supra* 2.16.1 e nota respetiva.

de Dánao obter o poder. Este, considerando ter sido Apolo a confrontar o lobo com o rebanho de bois, dedicou-lhe um templo como Apolo Lício. **19.5.** Lá existe o trono de Dánao e uma imagem de Bíton,³⁴⁷ um sujeito com um touro aos ombros. Como Líceas disse nos seus versos,³⁴⁸ num dia em que os Argivos conduziam para Némea as vítimas para um sacrifício a Zeus, Bíton, com aquele vigor e força que tinha, pegou num touro e levou-o às costas. A seguir a esta imagem, mantém-se aceso um fogo a que chamam de Foroneu, já que eles não concordam que tenha sido Prometeu a dar o fogo aos homens;³⁴⁹ é a Foroneu que pretendem atribuir a descoberta do fogo. **19.6.** As estátuas em madeira de Afrodite e Hermes, de uma dizem ser obra de Epeu, e a outra uma oferta de Hipermnestra.³⁵⁰ Essa, que foi a única das suas filhas a desobedecer às suas ordens, Dánao levou-a a tribunal, ou por considerar a salvação de Linceu uma ameaça, ou por ela, não patilhando o crime das irmãs, estar a censurar quem deu a ordem. Depois de julgada perante os Argivos, foi absolvida e por isso fez uma oferenda a Afrodite Nicéfora (Portadora da Vitória). **19.7.** Dentro desse templo está Ladas,³⁵¹ que, na corrida, ultrapassava em velocidade todos os homens do seu tempo; e um Hermes a pegar numa tartaruga para fazer uma lira. Diante do templo, num pedestal, existe um baixo relevo representando a luta de um touro e de um lobo, e, com eles, uma jovem a atirar uma pedra ao touro, jovem essa que dizem ser Ártemis. Foi Dánao

³⁴⁷ *Vide infra* 2.20.3.

³⁴⁸ *Vide supra* 1.13.8 e nota respetiva.

³⁴⁹ *Vide supra* nota 298.

³⁵⁰ Sobre a fundação de um templo de Ártemis Peithô por Hipermnestra, *vide infra* 2.21.1. Sobre o mito das Danaides, *vide supra* 2.16.1 e nota respetiva.

³⁵¹ Segundo Musti, Torelli (2008) 275, talvez se trate de um atleta aqueu vencedor em 280 a.C. *Vide infra* 3.21.1.

quem fez esta oferenda, a das colunas ao lado e das estátuas em madeira de Zeus e Ártemis.

19.8. Vêm depois os túmulos de Lino, filho de Apolo e de Psâmate, filha de Crotopo;³⁵² e um outro, ao que dizem, de Lino, o poeta.³⁵³ O que tenho a dizer sobre este último virá mais a propósito num outro capítulo. Sobre o filho de Psâmate, já falei dele a respeito de Mégara. Além deles, estão Apolo Agieus³⁵⁴ e um altar de Zeus Hiécio,³⁵⁵ em que juraram morrer aqueles que se mobilizaram para reintegrar Polinices em Tebas, se não conseguissem tomar a cidade.³⁵⁶ Quanto ao túmulo de Prometeu, parece-me mais fundamentada a versão dos Opúncios,³⁵⁷ apesar de os Argivos insistirem na sua.

2.20.1. MONUMENTOS E LENDAS DE ARGOS

Ultrapassada a estátua de Creugas,³⁵⁸ o pugilista, está um troféu relativo à vitória contra os Coríntios,³⁵⁹ e uma estátua em mármore branco de Zeus Milíquio,³⁶⁰ sentado, obra de Policlito,³⁶¹ que, quanto vim a saber, se erigiu nestas circunstâncias. Depois que os Lacedemónios entraram em guerra com os Argivos, não houve nenhuma trégua até que Filipe,

³⁵² *Vide supra* 1.43.7 e nota respetiva.

³⁵³ *Vide infra* 9.29.6-9.

³⁵⁴ *Vide supra* 1.31.6 e nota respetiva.

³⁵⁵ “Da chuva”. *Vide supra* 1.32.2 e nota respetiva.

³⁵⁶ *Vide* nota 683 do Livro I. Ésquilo, em *Sete contra Tebas* 42-8, reproduz este mesmo juramento radical.

³⁵⁷ *Vide supra* 1.23.4 e nota respetiva.

³⁵⁸ Sobre Creugas de Epidamno, *vide infra* 8.40.3-5.

³⁵⁹ Esta referência genérica é interpretada por Musti, Torelli (2008) 276 como alusiva à guerra contra Corinto e Atenas, em 459 a.C.

³⁶⁰ *Vide supra* 1.37.4 e nota respetiva.

³⁶¹ *Vide supra* 2.17.4 e nota respetiva.

filho de Amintas,³⁶² os obrigou a manterem-se dentro dos limites inicialmente estabelecidos. Antes, no tempo em que os Lacedemónios não se envolviam em querelas exteriores ao Peloponeso, era sempre aos Argivos que iam buscar território; por seu lado os Argivos, quando eles se envolviam em qualquer campanha fora das suas fronteiras, aproveitavam a ocasião para os atacar. **20.2.** Quando o ódio mútuo chegou ao limite, os Argivos entenderam criar um corpo de mil operacionais³⁶³ e encarregaram de os comandar Brias, um argivo. Este, entre outros desmandos cometidos contra homens do povo, raptou aos que a acompanhavam uma moça, durante um cortejo de casamento, e violou-a. Chegada a noite, a moça pôs-se de vigia até ver Brias adormecido e cegou-o. No dia seguinte, ao ver-se surpreendida, escapou-se e apresentou-se como suplicante ao povo, que não a entregou à vingança dos mil. No combate que se travou entre as duas partes,³⁶⁴ o povo saiu vencedor e, tomado de fúria, não poupou nenhum dos adversários. Mais tarde, procederam a diversas purificações do sangue derramado nessa guerra civil, e entre elas erigiram essa estátua a Zeus Milíquio.

20.3. Lá perto existe um baixo relevo em pedra de Cléobis e Bíton a puxarem o carro para levarem a mãe ao templo de Hera.³⁶⁵ Em frente, fica o santuário de Zeus Nemeu, e uma

³⁶² *Vide supra* 1.4.1 e nota respectiva. Após a incursão de Filipe II da Macedónia em território grego e da vitória por ele obtida na batalha de Queroneia (*vide* Livro I nota 81), em 338 a.C., foram impostas determinadas condições às cidades gregas. No que se refere ao Peloponeso, a nova distribuição do território reduziu o espaço de Esparta, em benefício de Argos, Messénia, Tégea e Megalópolis (cf. Políbio 9.20.7, 9.33.8).

³⁶³ Criado em 421 a.C. Sobre a alta preparação destas forças, cf. Tucídides 5.67.2, 5.73.3.

³⁶⁴ Este massacre ocorreu em 418 a.C.

³⁶⁵ Cf. Heródoto 1.31, que, na entrevista entre Creso e Sólon a propósito de paradigmas da felicidade humana, coloca em segundo

estátua de bronze do deus em pé, obra de Lisipo.³⁶⁶ A seguir, à direita, está o túmulo de Foroneu,³⁶⁷ que ainda no meu tempo é homenageado como um herói. Acima do santuário de Zeus Nemeu, está um templo da Fortuna decerto muito antigo, se foi lá que Palamedes fez uma oferenda dos dados que tinha inventado.³⁶⁸ **20.4.** O memorial a seguir diz-se que é da ménade Cória, e afirma-se que pertencia ao grupo de mulheres que atacou Argos com Dioniso;³⁶⁹ Perseu, que saiu vencedor, teria matado a maior parte das mulheres; as restantes foram sepultadas em conjunto, mas para ela, por ter um estatuto superior, fizeram-lhe uma sepultura à parte. **20.5.** Um pouco mais adiante está o santuário das Horas.³⁷⁰

lugar os dois jovens argivos. Os critérios a que essa hierarquização obedece são a pertença a uma cidade distinta e uma morte gloriosa, o fim precoce concedido por Hera argiva para distinguir a dedicação filial de que tinham dado provas. Ainda segundo Heródoto, os Argivos homegearam-nos com estátuas em Delfos, celebrando a sua *arete*.

³⁶⁶ *Vide supra* 1.43.6 e nota respetiva. Este culto de Zeus Nemeu estava certamente relacionado com a jurisdição que Argos teve na organização dos Jogos Nemeus (*vide supra* 2.15.2).

³⁶⁷ *Vide supra* 2.15.5 e nota respetiva.

³⁶⁸ Segundo a tradição épica, Palamedes, filho de Náuplio, rei de Eubeia, participou na guerra de Troia como aliado dos Aqueus. Entre Palamedes e Ulisses, ambos detentores de um espírito imaginativo, gerou-se uma concorrência que acabou com a denúncia fraudulenta do rei de Ítaca aos companheiros de haver, entre Palamedes e Príamo, um acordo secreto pago pelos Troianos a peso de ouro. Acusado de traição, Palamedes foi lapidado pelos companheiros. Eram-lhe atribuídas várias invenções: dos números, de algumas letras do alfabeto, da moeda, além do jogo dos dados. Os três grandes trágicos ocuparam-se deste mito: cf. Ésquilo fr. 181-2 Radt, Sófocles fr. 478-81 Radt, Eurípides frs. 578-90 Kannicht. Os incidentes em Troia envolvendo Palamedes eram narrados nos *Cypria* (cf. 40.30-3, 43.66 Bernabé). Sobre a vingança de Náuplio pelo ultraje feito ao filho, *vide* Livro I nota 433.

³⁶⁹ Na sua passagem por Argos, Dioniso enlouqueceu as mulheres, como aconteceu com as filhas de Preto; *vide supra* 2.7.8. De resto, esta terá sido uma situação semelhante à que ocorreu em Tebas, onde reinava Penteu.

³⁷⁰ *Vide supra* 1.40.4 e nota respetiva.

Quem vem de lá encontra as estátuas de Polinices, filho de Édipo, e daqueles que com ele combateram e encontraram a morte junto às muralhas de Tebas.³⁷¹ Esses homens, Ésquilo reduziu-os a sete,³⁷² embora nessa campanha os chefes fossem mais, provindos quer de Argos, quer da Messénia, e mesmo alguns da Arcádia. Perto desses sete – porque os Argivos seguiram a versão de Ésquilo –, estavam também os que tomaram Tebas e são eles:³⁷³ Egialeu, filho de Adrasto; Prómaco, filho de Partenopeu e neto de Talau; Polidoro, filho de Hipomedonte; Tersandro; os filhos de Anfiarau, Alcméon e Anfíloco; Diomedes e Esténelo. Além desses, incluíam-se ainda Euríalo, filho de Mecisteu,³⁷⁴ e Adrasto e Tímeas, filhos de Polinices. **20.6.** Não longe dessas estátuas, pode ver-se o túmulo de Dánao e o cenotáfio dos Argivos, tanto os caídos em Ílion como aqueles que a morte colheu no regresso a casa. Aí fica também

³⁷¹ *Vide supra* 1.30.4 e nota respetiva.

³⁷² Na peça que dedicou a esta campanha dos Sete contra Tebas, Ésquilo identificou os seguintes comandantes no exército invasor: para além de Polinices, 1.Tideu (377; cf. Sófocles, *Édipo em Colono* 1315-6, Eurípides, *Fenícias* 1119-22), filho de Eneu rei de Cálidon, na Etólia, que um crime levou ao exílio em Argos, onde desposou uma das filhas de Adrasto e veio a ser pai de Diomedes (cf. *Iliada* 14.113-25, em que Diomedes sintetiza a história dos seus ascendentes); 2.Capaneu (423; Sófocles, *Édipo em Colono* 1318-9, Eurípides, *Fenícias* 1128-33), filho de Hipónoo e de uma princesa argiva, era conhecido pela arrogância; do seu casamento com Evadne, nasceu Esténelo; 3.Etéoclo (458; cf. Sófocles, *Édipo em Colono* 1316), um argivo filho de Ífis; 4.Hipomedonte (488; cf. Sófocles, *Édipo em Colono* 1317-8, Eurípides, *Fenícias* 1113-8), filho de Talau; 5.Partenopeu (547; cf. Sófocles, *Édipo em Colono* 1320-2, Eurípides, *Fenícias* 1104-9), um arcádio filho de Atalanta; e 6.Anfiarau (569; Sófocles, *Édipo em Colono* 1313-4, Eurípides, *Fenícias* 1110-2; *vide supra* 1.8.2 e nota respetiva).

³⁷³ Pausânias passa a enumerar os chamados Epígonos, os descendentes dos primeiros invasores que, numa arremetida posterior, vieram a vingar os seus progenitores antes caídos em combate e a conquistar Tebas. Cf. Graves (1977) II.21-4.

³⁷⁴ *Vide supra* 1.28.7 e nota respetiva.

o santuário de Zeus Salvador (*Soter*) e, ultrapassado ele, um edifício onde as mulheres de Argos choram por Adónis.³⁷⁵ À direita da entrada desse edifício, foi construído um santuário de Cefiso.³⁷⁶ Dizem os Argivos que Posídon não fez desaparecer por completo a água desse rio, mas que justamente aí, onde o templo se encontra, se sente a água correr no subsolo. **20.7.** Junto do santuário de Cefiso, está uma cabeça de Medusa³⁷⁷ feita em mármore, que dizem ser também obra dos Ciclopes. Ao espaço atrás continuam a chamar Critérion (Tribunal), dizendo que foi aí que Hipermnestra foi sujeita por Dánao a julgamento.³⁷⁸ Não longe fica o teatro. Aí, entre outras coisas dignas de registo, há um homem a matar outro homem,³⁷⁹ ou seja, o argivo Perilau, filho de Alcenor, a matar Otríades de Esparta.³⁸⁰ Esse Perilau, antes, tinha saído vencedor na luta nos Jogos Nemeus.

³⁷⁵ As Adónias, festival celebrado por mulheres, tiveram origem no oriente, talvez em Chipre, e festejavam Adónis, o amado de Afrodite, morto na caça quando era ainda jovem (cf. Aristófanes, *Lisístrata* 387-98, Menandro, *Samia* 39-46). O seu culto, popular em Atenas a partir do séc. V a.C., tinha as características de um ritual de reflorescimento e definia-se por um elevado grau de emotividade; as mulheres, tomadas de frenesi, choravam, rasgavam os vestidos e batiam no peito, lamentando a morte do jovem caçador. Mas, ao mesmo tempo, um dos hábitos mais ligados com estes festejos consistia em fazer germinar plantas em vasos, onde nasciam e murchavam, simbolizando deste modo o ciclo da vida, que o próprio Adónis representava.

³⁷⁶ *Vide supra* 1.34.3 e nota respetiva.

³⁷⁷ *Vide supra* 1.22.7 e nota respetiva. Sobre os Ciclopes, pela sua corpulência capazes da construção de grandes obras, *vide supra* 2.2.1 e nota respetiva.

³⁷⁸ *Vide supra* 2.16.1 e nota respetiva.

³⁷⁹ Certamente um baixo relevo ou uma estátua.

³⁸⁰ Cf. Heródoto 1.82. Na luta que confrontou 300 Argivos contra 300 Lacedemónios – uma forma acordada entre as duas partes de poupar vidas num confronto alargado – pela conquista de Tírea (uma região situada entre as duas cidades) sobreviveram dois Argivos – Alcenor e Crómio – e um espartano, Otríades. Terminado o combate, os dois argivos, certamente iludidos pela noite que os convenceu de

20.8. Acima do teatro fica um templo de Afrodite, e diante da sua estátua, numa estela, está representada Telesila, a poetisa; tem livros espalhados aos pés; está de olhos postos num elmo que segura na mão, como se se preparasse para o pôr na cabeça. Telesila era já célebre entre as mulheres por outros motivos, mas sobretudo pela sua poesia.³⁸¹ Aconteceu que os Argivos tinham sofrido um grande desaire contra Cleómenes, filho de Anaxândrides, e os Lacedemónios; uns tinham morrido em combate, e aqueles que se refugiaram no bosque de Argos morreram também: quer os primeiros a sair depois de feito um acordo, quer os restantes, que se aperceberam do engano e foram queimados juntamente com o bosque. Assim, foi contra uma Argos desprovida de defensores que Cleómenes conduziu os Lacedemónios. **20.9.** Então Telesila, aos escravos e a todos os que, pela sua pouca idade ou velhice eram incapazes de pegar em armas, fê-los subir às muralhas e ela própria reuniu todas as armas que havia nas casas e nos templos, e armou todas as mulheres na força da idade. Depois de as armar, alinhou-as naquele local por onde sabia que os

serem os únicos sobreviventes, retiraram-se, seguros da vitória, dando oportunidade ao único adversário de despojar de armas os inimigos mortos e de se manter no seu posto, assim talvez assinalando a vitória. A controvérsia gerada no dia seguinte produziu o confronto alargado que se pretendia evitar. Cf. Isócrates, *Arquidamo* 99, Estrabão 8.6.17, 376.

³⁸¹ O ataque de Esparta contra Argos, comandado por Cleómenes I, ocorreu c. 494 a.C., em Sepeia, e representou para os Argivos uma verdadeira chacina (cf. Heródoto 6.77-80); Cleómenes, que pretendia eliminar todos os inimigos, persuadiu os que se refugiaram no bosque de que tinha sido pago um resgate e que eles estariam a salvo; mas bastou o avanço dos primeiros para se perceber que se tratava de uma mentira. Por isso, quando os Lacedemónios passaram ao ataque da cidade, Argos estava sem defensores (Heródoto 6.83.1). Telesila imortalizou-se então pela sua ação na defesa da cidade, além de ser uma reconhecida poetisa argiva do séc. V a.C., autora de versos particularmente ligados ao culto.

inimigos iam avançar. Quando os Lacedemónios se apresentaram, as mulheres não se deixaram intimidar pelo seu grito de guerra, antes os enfrentaram e aguentaram o choque com valentia. Então os Lacedemónios, considerando que dizimar mulheres não lhes traria um sucesso invejável, enquanto, se saíssem vencidos, a vergonha seria tremenda, cederam perante as mulheres. **20.10.** Já antes este confronto tinha sido previsto pela Pítia, num oráculo registado por Heródoto,³⁸² quer se entenda no sentido de lhe deu, ou noutro:

Mas quando as mulheres, após terem vencido os homens,
Os expulsarem e encherem Argos de glória,
Muitas Argivas hão-de arranhar o rosto de dor.

Eram estas as palavras do oráculo em relação ao feito das mulheres.

2.21.1. A AGORA DE ARGOS

Quando se toma o caminho da descida e se volta de novo para a ágora, está o memorial de Cerdo,³⁸³ a mulher de Foroneu, e o templo de Asclépio; o santuário de Ártemis, apodada

³⁸² Antes de tomar a iniciativa do ataque contra Argos, Cleómenes I tratou de se assegurar do patrocínio de Apolo para assim convencer o povo a aderir à campanha. Sobre o oráculo, cf. Heródoto 6.77.2. Ferreira (2000) 43-4 sintetiza as diversas interpretações deste oráculo: uma favorável a Argos, segundo a qual a mulher vitoriosa (Hera argiva) expulsa os Lacedemónios, embora a custo de muito sofrimento para as Argivas; outra que lhe é contrária, segundo a qual Esparta, representando o elemento feminino, sairá vencedora de Argos, o masculino, causando muito sofrimento; ou então, segundo a leitura de Pausânias, a mulher seria Telesila, que consegue expulsar Cleómenes da cidade, após a derrota de Sepeia.

³⁸³ Uma ninfa referida, entre outros nomes, como esposa de Foroneu.

de *Peithô*, foi Hipermnestra quem o edificou quando escapou ao processo instaurado pelo pai por causa de Linceu.³⁸⁴ Lá existe uma estátua em bronze de Eneias, e um lugar chamado Delta; como a explicação que me deram para esse nome não me satisfaz, passo-a adiante. **21.2.** Em frente a esse lugar foi construído um altar de Zeus Fíxio (Protetor dos Fugitivos), e lá perto fica o memorial de Hipermnestra, mãe de Anfiarau, e um outro de Hipermnestra, filha de Dánao. Com ela está também sepultado Linceu. Do lado oposto está o túmulo de Talau, filho de Bias. A história de Bias e seus descendentes já antes a relatei.³⁸⁵ **21.3.** O templo de Atena Sálpinx (Trombeta), ao que dizem, foi edificado por Hegéleo, que se dizia ser filho de Tirseno, filho de Hércules e da mulher da Lídia.³⁸⁶ Tirseno foi o inventor da trombeta, e Hegéleo, filho de Tirseno, ensinou os Dórios, companheiros de Témeno,³⁸⁷ a usar esse instrumento. É por isso que chamam a Atena Sálpinx. Diante do templo de Atena, está – ao que dizem – o túmulo de Epiménides;³⁸⁸ assim, após uma guerra entre Lacedemónios e tropas de Cnossos, aqueles teriam capturado Epiménides com vida, mas vieram a matá-lo, porque só lhes dava vaticínios sinistros; foi então que os Argivos recuperaram o corpo e o sepultaram ali. **21.4.** O edifício de mármore branco que

³⁸⁴ *Vide supra* 2.16.1, 2.19.6 e notas respectivas.

³⁸⁵ *Vide supra* 2.18.4 e nota respectiva.

³⁸⁶ Ou seja, Ônfale (*vide* Livro I nota 783). O nome dado ao filho de Hércules e Ônfale varia conforme as fontes: Lamo (Diodoro Sículo 4.31.8, Ovídio, *Heroides* 9.54) ou Agelau (Apolodoro 2.7.8). A alternância entre a versão do nome como Tirseno e Tirreno proporcionou a tradição de que teria sido o filho de Hércules o condutor de um povo que se instalou na Itália, designado por Tirrenos (cf. Dionísio de Halicarnasso 1.28.1). Sobre a origem lídia dos Tirrenos (Etruscos), cf. Heródoto 1.94.2-7.

³⁸⁷ *Vide supra* 2.7.6 e nota respectiva.

³⁸⁸ *Vide supra* 1.14.4 e nota respectiva.

está no meio da ágora não é um troféu em honra da vitória contra Pirro, rei do Epiro, como dizem os Argivos; mas seria de admitir que se trata de um memorial construído no local em que o corpo foi queimado, em que estão esculpidos todos os instrumentos de combate e os elefantes que Pirro usava. Este edifício foi construído no lugar em que se encontrava a pira; mas as ossadas estão no santuário de Deméter, junto do qual ele veio a morrer, como relatei no livro sobre a Ática.³⁸⁹ À entrada desse templo de Deméter pode ver-se o escudo de Pirro, em bronze, colocado sobre a porta.

21.5. Na ágora de Argos, perto deste edifício, há uma sepultura de terra onde jaz, ao que se diz, a cabeça da Górgona Medusa.³⁹⁰ Pondo de lado a lenda, é esta a outra versão que se dá sobre ela: Medusa era filha de Forco e, após a morte do pai, teria reinado sobre os povos que habitam em torno do lago Tritonis.³⁹¹ Era caçadora e comandava os Líbios quando partiam para a guerra; um dia, quando enfrentava com o seu exército Perseu, acompanhado de tropas de elite do Peloponeso, durante a noite foi morta à traição. Apesar de morta, Perseu a tal ponto se fascinou com a sua beleza que lhe cortou a cabeça para a exibir perante os Gregos. **21.6.** Procles,³⁹² um sujeito de Cartago, filho de Êucrates, considera uma outra versão mais credível do que a anteriormente referida. O deserto da Líbia produz monstros inacreditáveis para quem ouve e, entre eles,

³⁸⁹ *Vide supra* 1.13.8 e nota respetiva.

³⁹⁰ *Vide supra* 1.22.7 e nota respetiva. Pausânias dá aqui preferência a duas versões mais racionalizadas da história de Medusa.

³⁹¹ *Vide supra* 1.14.6 e nota respetiva.

³⁹² *Vide infra* 4.35.4; cf. *FGrHist* IV 483 1. Procles teria vivido no séc. II a.C. e, como cartaginês, usava um nome que permite imaginar um sujeito helenizado. Ficou conhecido pelas suas interpretações racionalísticas dos mitos e pela comparação de chefes militares famosos (como Alexandre e Pirro, Pausânias 4.35.4), servindo os interesses de um público greco-romano.

homens e mulheres selvagens. Dizia Procles ter visto um desses homens que tinha sido levado para Roma. Imaginou então que uma dessas mulheres se tivesse escapado e, chegada ao lago Tritonis, perturbasse os habitantes, até que Perseu a matou. Supôs-se que Atena lhe tinha dado uma ajuda, uma vez que os povos que habitam as margens do lago Tritonis lhe estão consagrados. **21.7.** Em Argos, junto deste memorial da Górgona, fica o túmulo de Gorgófona (Que Mata a Górgona), filha de Perseu. A razão por que se lhe deu este nome fica explicada mal que se ouve; segundo a lenda, foi ela a primeira mulher que, morto o marido, Perieres, filho de Éolo – com quem se casou ainda donzela –, contraiu segundas núpcias com Ébalo. Antes, a prática era que as mulheres permanecessem viúvas, após a morte do marido. **21.8.** Diante deste túmulo foi erigido um troféu em pedra, comemorativo da vitória contra um argivo de nome Láfaes.³⁹³ Depois que este indivíduo – registo o que dizem os próprios Argivos – se tornou um tirano, o povo revoltou-se e expulsou-o; ele então fugiu para Esparta e os Lacedemónios tentaram repô-lo no poder. Mas os Argivos, tendo saído vencedores do conflito, mataram Láfaes e a maior parte dos Lacedemónios.

O santuário de Leto fica perto do troféu, e a sua estátua é obra de Praxíteles. **21.9.** À imagem de uma jovem que está perto da deusa chamam Clóris, e dizem que é filha de Níobe.³⁹⁴ Antes chamava-se Melibeia. Mortos por Ártemis e Apolo os filhos de Anfíon, só ela foi poupada, juntamente com

³⁹³ Tirano de Argos no séc. III a.C.

³⁹⁴ *Vide supra* 1.21.3 e nota respetiva. Musti, Torelli (2008) 284 recordam a versão alternativa, de origem argiva, que faz de Níobe a filha de Foroneu e mãe, por uma união com Zeus, de Argos e Pelasgo. Esta tradição fica patente pelas referências acumuladas nesta zona da cidade, onde se sucedem diversas alusões a esta genealogia: a estátua de Clóris e os túmulos de Pelasgo, Tântalo, Argos e da própria Níobe.

uma das irmãs, Amicla, graças às preces que fizeram a Leto. Mas o medo que desde logo se apoderou de Melibeia fê-la tremendamente esverdeada e assim se conservou para o resto da vida; daí lhe veio o nome de Clóris, em vez de Melibeia. **21.10.** Dizem os Argivos que foram elas as primeiras fundadoras do templo de Leto. Mas eu – que faço mais confiança do que outros nos versos de Homero – creio que nenhum dos filhos de Níobe sobreviveu; e a prova está neste verso:

Apesar de serem só dois, liquidiram-nos a todos.³⁹⁵

Ele bem sabia que a família de Anfion foi completamente arrasada.

2.22.1. ARGOS, OUTROS ROTEIROS

O templo de Hera Anteia (Das Flores) fica à direita do santuário de Leto e, em frente, está o túmulo das mulheres mortas num combate contra Perseu e os Argivos. Estas mulheres acompanharam Dioniso desde as ilhas do Egeu; daí receberem o nome de Hálías (Marinhas).³⁹⁶ Do lado oposto do túmulo das mulheres, está o santuário de Deméter com o epíteto de Pelásgia, por ter sido edificado por Pelasgo, filho de Tríopas.³⁹⁷ Não longe desse templo está o sepulcro de Pelasgo. **22.2.** Diante do sepulcro, há um vaso em bronze, pequeno, que

³⁹⁵ *Iliada* 24.609. Este verso inclui-se no episódio em que Aquiles, apiedado da velhice de Príamo, lhe restitui o cadáver de Heitor. Para o incentivar, apesar do sofrimento, a ingerir algum alimento, Aquiles dá-lhe o exemplo de Níobe que, apesar da morte de todos os seus doze filhos, não deixou de comer (24.602-9). Segundo o poeta da *Iliada*, Apolo eliminou os seis rapazes e Ártemis as seis raparigas; portanto os dois deuses bastaram para eliminar toda a descendência de Níobe.

³⁹⁶ Sobre a campanha mítica de Dioniso contra Argos, *vide supra* 2.20.4 e nota respetiva.

³⁹⁷ *Vide supra* 2.16.1. Sobre o relacionamento entre Pelasgo e Deméter, *vide supra* 1.14.2 e nota respetiva.

sustenta imagens antigas de Ártemis, Zeus e Atena. Líceas³⁹⁸ disse, nos seus versos, que esta estátua representa Zeus *Mechaneus* (Inventor), e que foi lá que os Argivos, quando partiram à conquista de Ílion, juraram continuar a luta ou até à tomada de Troia, ou à sua morte em combate. Outros dizem que, neste vaso em bronze, estão os ossos de Tântalo. **22.3.** Este era filho de Tiestes³⁹⁹ ou de Bróteas⁴⁰⁰ – porque o dizem filho de qualquer deles – e marido de Clitemnestra antes de Agamémnon. Não discuto que se trate do túmulo desse Tântalo; mas o daquele outro que nasceu de Zeus e de Pluto⁴⁰¹ fica no monte Sípilo,⁴⁰² onde eu o vi, e de resto merece uma visita. Nada houve que forçasse Tântalo a abandonar o Sípilo, como mais tarde aconteceu com Pélops, quando atacado por um exército de Ilo da Frígia.

Eis o que há a dizer sobre este assunto. Os rituais que se fazem numa cova ali perto foram instituídos, ao que consta, por Nicóstrato, um sujeito da região. Ainda hoje se lança nessa cova tochas a arder em honra de Perséfone, filha de

³⁹⁸ *Vide supra* 1.13.8 e nota respetiva.

³⁹⁹ *Vide supra* 2.18.2 e nota respetiva.

⁴⁰⁰ Juntamente com Pélops e Níobe, Bróteas contava-se entre os filhos de Tântalo. Cf. Graves (1977) II.27.

⁴⁰¹ Este é o Tântalo que veio a ser pai de Pélops, Níobe e Bróteas. Tântalo gozava do favor dos deuses e da sua intimidade, até ao dia em que ousou roubar os alimentos divinos – o néctar e a ambrosia – para os proporcionar aos mortais. A agravar esta primeira ofensa, teve ainda a estultícia de convidar os deuses para um banquete no monte Sípilo, em que lhes serviu as carnes esquartejadas do seu filho Pélops, para pôr à prova a onisciência divina. Foi então que incorreu na sua ira e se viu privado do seu reino e condenado a um suplício no Hades. Por decisão de Zeus, o corpo de Pélops foi reconstituído e devolvido à vida. De acordo com uma tradição referida por Estrabão (12.8.21), Tântalo, Pélops e Níobe eram frígios. De lá Pélops viria a ser expulso por Ilo, cujo irmão Ganimedes ele tinha seduzido e raptado. Cf. Graves (1977) II.25-31.

⁴⁰² *Vide supra* 1.20.5 e nota respetiva e *infra* 5.13.7.

Deméter. **22.4.** Aí existe um santuário de Posídon, chamado Proclístio (Deus das Inundações); de facto, Posídon, ao que se diz, inundou a maior parte da região, por Ínaco e os outros juízes terem decidido atribuir o território a Hera e não a ele.⁴⁰³ Hera, no entanto, conseguiu que Posídon fizesse recuar o mar. Então os Argivos, no local de onde o mar se tinha retirado, edificaram um templo a Posídon Proclístio. **22.5.** Avançando-se um pouco mais, fica o túmulo de Argos, que se dizia ser filho de Zeus e de Níobe, a filha de Foroneu.⁴⁰⁴ Depois fica o templo dos Dioscuros. As imagens representam os próprios Dioscuros e os seus filhos, Anaxis e Mnasínoo, juntamente com as suas mães, Hilaíra e Febe.⁴⁰⁵ São obra de Dipeno e Cilis,⁴⁰⁶ e feitas em ébano. Os seus cavalos são também, na sua maior parte, de ébano, embora com alguns pormenores em marfim. **22.6.** Perto dos Soberanos,⁴⁰⁷ há um santuário de Ilitia, oferta de Helena, quando Teseu partiu com Pirítoo para os Tesprotos,⁴⁰⁸ Afidnas foi tomada pelos Dioscuros e Helena levada para a Lacedemónia.⁴⁰⁹ Ela então estava grávida e, depois de dar à luz em Argos, aí fundou o santuário de Ilitia. A filha que nasceu, entregou-a a Clitemnestra – já então casada com Agamémnon –, vindo ela própria, mais tarde, a casar com Menelau. **22.7.** Sobre este assunto, Eufóron de

⁴⁰³ *Vide supra* 2.15.5 e nota respetiva.

⁴⁰⁴ Sobre as duas versões do mito de Níobe, *vide supra* 1.21.3, 2.21.9-10 e notas respetivas.

⁴⁰⁵ Sobre a relação entre os Dioscuros e as duas sacerdotisas, Hilaíra de Ártemis e Febe de Atena, cf. Graves (1977) I.246; cf. Apolodoro 3.11.2.

⁴⁰⁶ *Vide supra* 2.15.1 e nota respetiva.

⁴⁰⁷ Tratamento dado aos deuses e em particular aos Dioscuros.

⁴⁰⁸ *Vide supra* 1.17.4 e nota respetiva.

⁴⁰⁹ *Vide supra* 1.17.5 e nota respetiva.

Cálcis e Alexandre de Plêuron,⁴¹⁰ nos seus versos, como já antes Estesícoro de Hímera,⁴¹¹ estão de acordo com os Argivos ao dizerem que Ifigénia era filha de Teseu. Diante do santuário de Ilitia está o templo de Hécate, com uma estátua feita em mármore da autoria de Escopas.⁴¹² As duas imagens de Hécate, frente a frente, são uma de Policlito,⁴¹³ e a outra do irmão de Policlito, Náucides,⁴¹⁴ filho de Móton. **22.8.** Seguindo-se por um caminho a direito até ao ginásio, chamado Cilárabes,⁴¹⁵ a partir do filho de Esténelo,⁴¹⁶ fica o túmulo de Licímnio, filho de Eléctrion. Diz Homero que ele foi morto por Tleptólemo,⁴¹⁷ filho de Hércules. Devido a esse crime, Tleptólemo exilou-se de Argos. Saindo um pouco do caminho que leva a Cilárabes e à porta respetiva, fica o memorial de Sácadas,⁴¹⁸ o primeiro a executar à flauta, em Delfos, o *nomos* pítico. **22.9.** A antipatia que Apolo sempre nutriu pelos tocadores de flauta – a partir de

⁴¹⁰ Poetas da época helenística. Eufó里昂 (nascido c. 276 a.C.) teria ficado célebre pelos seus epílios. Parte da sua vida foi passada em Antioquia, ao serviço de Antíoco III. Sobre a sua intervenção na poesia helenística, cf. Cícero, *Tusculanas* 3.45. Sobre os poucos vestígios que restam da sua produção, cf. Lesky (1968) 787-8. Algumas décadas mais tarde, Alexandre de Plêuron esteve ativo numa primeira organização da Biblioteca de Alexandria; Lesky (1968) 733.

⁴¹¹ *Vide* Livro I nota 877.

⁴¹² *Vide supra* 1.43.6 e nota respetiva.

⁴¹³ *Vide supra* 2.17.4 e nota respetiva.

⁴¹⁴ *Vide supra* 2.17.5 e nota respetiva.

⁴¹⁵ *Vide supra* 2.18.5 e nota respetiva.

⁴¹⁶ Um dos Epígonos.

⁴¹⁷ *Iliada* 2.661-3. Licímnio e Tleptólemo eram parentes, o primeiro tio de Hércules e o segundo filho do herói. A convite dos Argivos, instalaram-se na cidade, onde Licímnio veio a morrer de uma paulada que lhe foi dada por Tleptólemo, talvez não intencional.

⁴¹⁸ Poeta da mélica dórica (séc. VII a.C.). Pausânias 10.7.4-5 regista uma alteração produzida em Delfos, em 586 a.C., pelos Anfictíones que, na organização dos Jogos Píticos, acrescentaram à prova de citaródia, a do *aulos* executado sem acompanhamento de canto; foi justamente nesta modalidade que Sácadas se celebrou; cf. Lesky (1968) 133, 174.

Mársias⁴¹⁹ e da disputa com o Sileno – cessou, ao que parece, graças a esse Sácadas. No ginásio de Cilárabes há também uma estátua de Atena dita *Panía*, e mostram-nos os túmulos de Esténelo e do próprio Cilárabes.⁴²⁰ Perto do ginásio, construiu-se um túmulo coletivo dos Argivos que navegaram com os Atenienses para tomar Siracusa e a Sicília.⁴²¹

2.23.1. OUTROS TEMPLOS, CULTOS E TÚMULOS DE ARGOS

A partir daí, tomando-se a rua chamada *Cele* (Cava), à direita há um templo de Dioniso, cuja estátua, ao que se diz, provinha de Eubeia. De facto, no regresso de Ílion, no naufrágio que os Gregos sofreram junto ao Cafereu,⁴²² os Argivos que conseguiram chegar a terra foram torturados pelo frio e pela fome. Imploraram então a um qualquer dos deuses que os salvasse daquele apuro; e logo, quando avançaram um pouco, lhes apareceu uma gruta de Dioniso, onde estava uma estátua do deus. Nessa altura, umas cabras selvagens em fuga da tempestade procuraram lá refúgio. Os Argivos degolaram-nas, comeram-lhes a carne e usaram-lhe as peles como agasalho. Quando a tempestade passou, e eles prepararam os navios para voltar para casa, trouxeram da gruta a estátua de madeira,

⁴¹⁹ *Vide supra* 1.24.1 e nota respetiva.

⁴²⁰ *Vide supra* 2.18.5 e nota respetiva.

⁴²¹ Durante a campanha da Sicília, entre 415-413 a.C.; *vide supra* 1.29.11-3 e notas respetivas.

⁴²² Promontório situado no extremo sudoeste da ilha de Eubeia. O naufrágio aí sofrido foi, segundo a tradição, causado por Náuplio, o pai de Palamedes, como vingança pela injustiça cometida contra o filho pelos companheiros, em Troia. Com a luz de uma fogueira, Náuplio atraiu-os para as falésias e provocou a destruição dos navios. Sobre este mito, cf. Sófocles frs. 425-38 Radt, Eurípides, *Troianas* 90-1, *Helena* 767, 1126-31, Virgílio, *Eneida* 11.260. À história tradicional, os Argivos acrescentaram um *aition* associado com a estátua de madeira que veneravam.

a que ainda hoje prestam homenagem. **23.2.** Pertíssimo do templo de Dioniso pode ver-se a casa de Adrasto⁴²³ e, um pouco mais afastado, o santuário de Anfiarau;⁴²⁴ mais adiante, o túmulo de Erifile.⁴²⁵ A seguir, está um santuário de Asclépio, e depois o templo de Báton.⁴²⁶ Báton pertencia à família dos Melampódidas,⁴²⁷ tal como Anfiarau, cujo cavalos ele conduzia em combate. Quando os Argivos se retiraram das muralhas de Tebas, abriu-se uma brecha no solo que engoliu Anfiarau, o seu carro e o próprio Báton.

23.3. Ao deixar a rua *Cele*, está o túmulo que dizem ser de Hirneto.⁴²⁸ Se o que afirmam é que se trata de um cenotáfio em memória desta mulher, é aceitável; mas se pensam que lá se encontram os restos mortais de Hirneto, não me convencem; que acredite quem não conhecer a história de Epidauro.⁴²⁹ **23.4.** O templo mais famoso de Asclépio, em Argos, abriga hoje em dia uma estátua do deus sentado, em mármore branco, e, junto dele, em pé, Higia. Sentados estão também Xenófilo e Estráton, os autores das estátuas.⁴³⁰ Originalmente quem edificou este templo foi Esfiro, filho de Macáon⁴³¹ e irmão do Alexanor que é venerado pelos Siciónios, em Titane.⁴³² **23.5.** A estátua de Ártemis Feraia – venerada pelos Argivos, como também pelos Atenienses e pelos Siciónios

⁴²³ *Vide supra* 1.30.4 e nota respetiva.

⁴²⁴ *Vide supra* 1.8.2 e nota respetiva.

⁴²⁵ *Vide supra* 1.34.3 e nota respetiva.

⁴²⁶ *Vide infra* 5.17.8, 10.10.3.

⁴²⁷ *Vide supra* 2.18.4.

⁴²⁸ *Vide supra* 2.19.1 e nota respetiva.

⁴²⁹ *Vide infra* 2.28.3, onde é narrada a versão da gente de Epidauro.

⁴³⁰ Escultores argivos de finais do séc. II a.C.

⁴³¹ *Vide supra* 1.21.4 e nota respetiva.

⁴³² *Vide supra* 2.11.5 e nota respetiva.

– dizem eles que foi trazida de Feras, na Tessália.⁴³³ Mas fazem afirmações com que eu não concordo, como seja: dizem os Argivos que em Argos está o memorial de Dejanira, filha de Eneu,⁴³⁴ e o de Heleno,⁴³⁵ filho de Príamo; e que em Argos está a estátua de Atena trazida de Ílion, que motivou a captura da cidade. É que o Paládio – nome dado a essa estátua –⁴³⁶ é sabido que foi levado para a Itália por Eneias. Quanto a Dejanira, sabemos que morreu em Tráquis, não em Argos, e que o túmulo dela fica perto de Heracleia, no sopé do Eta. **23.6.** Sobre a história de Heleno, filho de Príamo, já eu disse⁴³⁷ que ele foi com Pirro, filho de Aquiles, para o Epiro, lá casou com Andrômaca e veio a ser o tutor dos filhos de Pirro; e que a região chamada Cestrina recebeu o nome de Cestrino, filho de Heleno. A verdade é que aos exegetas argivos não passou despercebido que a sua versão não era inteiramente correta. Mas continuam na deles, porque não é fácil fazer as pessoas aceitarem a opinião contrária à que estão habituadas. **23.7.** Em Argos há ainda outras curiosidades dignas de serem vistas. Assim, uma construção subterrânea sobre a qual ficavam

⁴³³ Cidade do sudeste da Tessália, onde reinou o soberano mítico Feres e depois seu filho Admeto, o marido de Alceste.

⁴³⁴ *Vide supra* 2.13.8 e nota respectiva. Dejanira é a célebre esposa de Hércules, em Sófocles, *Traquínias*, nesta versão responsável pela morte do herói, a quem ofereceu uma túnica envenenada com o que supunha ser um filtro amoroso. Com ela pretendia recuperar o amor do marido, entretanto seduzido por uma cativa, Íole. A ação da peça decorre em Tráquis, onde Dejanira se suicida, por remorso do ato cometido e por receio da ira de Hércules.

⁴³⁵ *Vide supra* 1.11.1 e nota respectiva.

⁴³⁶ *Vide supra* 1.28.9 e nota respectiva. A tradição de que o Paládio teria sido levado para Roma por Eneias e instalado no templo de Vesta é testemunhada por Dionísio de Halicarnasso 1.69.2, 1.69.4. Virgílio, *Eneida* 2.162-84, Ovídio, *Fastos* 6.416-61, Lucano 1.596-9; cf. Galán (2016).

⁴³⁷ *Vide supra* 1.11.1.

os aposentos de bronze em que Acrísio aprisionou a filha.⁴³⁸ Perilau⁴³⁹ derrubou-os, quando assumiu o poder. Junto fica o túmulo de Crotopo⁴⁴⁰ e o templo de Dioniso Cretense. Depois de ter feito guerra a Perseu,⁴⁴¹ o deus acabou por se reconciliar com ele; recebeu então, ao que dizem, grandes homenagens dos Argivos, incluindo este santuário que lhe foi atribuído em exclusivo. **23.8.** Foi mais tarde chamado Cretense, porque Ariadne, após a sua morte, foi lá sepultada.⁴⁴² Diz Líceas⁴⁴³ que, quando o templo estava a ser reconstruído, se encontrou uma urna de terracota, que se julgou ser a de Ariadne; e ele próprio afirma, juntamente com outros Argivos, que viu essa urna. Perto do templo de Dioniso fica o de Afrodite Urânia.

2.24.1. A ACRÓPOLE DE LARISSA

A acrópole de Larissa recebeu o nome da filha de Pelasgo.⁴⁴⁴ Foi também a partir dela que se designaram duas das cidades da Tessália, a que fica sobre o mar e uma outra junto ao Peneu. Quando se sobe à Acrópole, fica o santuário de Hera Acraia (Das Alturas), e também um templo de Apolo, que se

⁴³⁸ *Vide supra* 2.16.3 e nota respetiva.

⁴³⁹ *Vide supra* 2.20.7 e nota respetiva.

⁴⁴⁰ *Vide supra* 1.43.7 e nota respetiva.

⁴⁴¹ *Vide supra* 2.20.4 e nota respetiva.

⁴⁴² *Vide supra* 1.20.3 e nota respetiva.

⁴⁴³ *Vide supra* 1.13.8 e nota respetiva.

⁴⁴⁴ Sobre as cidades tessálias com o nome de Larissa, *vide supra* 1.13.2, 1.16.2. A correspondência toponímica é um testemunho das afinidades entre a Argólida e a Tessália, relacionadas através de mitos ligados aos Pelasgos (*vide supra* 1.28.3 e nota respetiva). Argos era conhecida pelas suas duas acrópoles: a mais antiga, designada por *Aspis* (“escudo”) devido à sua configuração, e aquela que a substituiu quando fortificada no séc. VI a.C., a de Larissa. Cf. Plutarco, *Vida de Cleómenes* 17, 21, *Vida de Pirro* 32. Musti, Torelli (2008) 291-2 discutem a possibilidade de se tratar de duas designações para a mesma colina.

diz ter sido originalmente construído por Piteu,⁴⁴⁵ no regresso de Delfos. A estátua de bronze que agora lá existe, do deus em pé, é chamada de Apolo *Diradiótes*, porque também este lugar é chamado Diras (Desfiladeiro).⁴⁴⁶ Ainda hoje lá se emitem oráculos, produzidos da seguinte maneira. Há uma mulher que debita as profecias, a quem as relações com um homem estão interditas. Todos os meses, durante a noite, é sacrificado um cordeiro; então a mulher, depois de lhe provar o sangue, fica inspirada pelo deus. **24.2.** Ao lado de Apolo *Diradiótes*, está o santuário de Atena chamada *Oxydérkes* (De Vista Penetrante), oferta de Diomedes, porque a deusa, quando ele um dia lutava em Ílion, lhe retirou a névoa dos olhos.⁴⁴⁷ Vem depois o estádio, onde decorrem os jogos em honra de Zeus Nemeu⁴⁴⁸ e as festas de Hera. Quando se avança para a cidadela, à esquerda do caminho fica o túmulo dos filhos de Egito,⁴⁴⁹ onde estão as cabeças separadas dos corpos, que se encontram em Lerna. De facto, foi em Lerna que ocorreu o homicídio; depois de mortos, as mulheres cortaram-lhes as cabeças, para mostrarem ao pai a ousadia do seu ato. **24.3.** No cimo de Larissa, está um templo de Zeus, apodado de Laríssio, desprovido de teto. A imagem feita em madeira já não se encontrava sobre o pedestal. Há também um templo

⁴⁴⁵ *Vide supra* 1.41.5 e nota respetiva. Sobre os tributos enviados a este templo por Epidauro e Esparta, cf. Tucídides 5.53. Na Argólida havia dois santuários conhecidos de Apolo Pítio, este vizinho da cidade de Argos e um outro em Ásine, a sudeste de Argos, junto ao golfo de Náuplia. *Vide infra* 2.36.5.

⁴⁴⁶ O templo de Apolo *Diradiótes* está situado na acrópole *Aspis*.

⁴⁴⁷ Cf. *Iliada* 5.127-8. Em plena *aristeia*, Diomedes conta com a ajuda esclarecida da deusa Atena, que lhe revigora as forças e lhe retira dos olhos a névoa para que não confunda deuses com mortais, no combate para que se prepara.

⁴⁴⁸ *Vide supra* 2.15.3 e nota respetiva.

⁴⁴⁹ *Vide supra* 2.16.1 e nota respetiva.

de Atena digno de ser visto. Entre as ofertas votivas que lá se encontram, há uma imagem de Zeus em madeira, com dois olhos implantados no lugar próprio, e um terceiro na testa. Este Zeus, ao que se diz, era um deus patrono de Príamo, filho de Laomedonte; encontrava-se no pátio ao ar livre, e quando Ílion estava prestes a ser tomada pelos Gregos, foi no seu altar que Príamo procurou refúgio.⁴⁵⁰ Na hora de repartir o saque, foi Esténelo, filho de Capaneu,⁴⁵¹ quem ficou com a estátua. Foi por essa razão que ela cá veio parar. **24.4.** Talvez o motivo para os três olhos se possa imaginar ser o seguinte: que Zeus reine no céu, é uma tradição comum a toda a humanidade. Quanto ao deus que dizem governar debaixo da terra, dá-lhe também Homero o nome de Zeus no verso seguinte:⁴⁵²

Zeus subterrâneo e a venerável Perséfone.

Ésquilo, filho de Eufóron, chama igualmente Zeus ao senhor do mar.⁴⁵³ Daí que, seja lá quem fez a estátua, lhe tenha atribuído três olhos, numa alusão a que é o mesmo deus quem governa as ditas três partes do universo.

24.5. De Argos, há estradas para diversas regiões do Peloponeso, uma delas para Tégea, na direção da Arcádia. À direita fica o monte Licone, sobretudo florestado com ciprestes. No cimo desse monte foi edificado um templo de Ártemis *Ortía*, com estátuas, em mármore branco, de Apolo, Leto e Ártemis, obra – ao que se diz – de Policlito. Quando se volta a descer o

⁴⁵⁰ A morte de Príamo coincide com os últimos momentos da cidade. O golpe é-lhe desfechado por Neoptólemo, filho de Aquiles. Virgílio, *Eneida* 2.506-58, Séneca, *Toianas* 44-56 fazem descrições minuciosas deste episódio; cf. ainda Eurípides, *Hécuba* 23-4.

⁴⁵¹ *Vide supra* 2.18.5 e nota respetiva.

⁴⁵² *Iliada* 9.457.

⁴⁵³ Fr. 464 Mette.

monte, à esquerda da avenida fica um santuário de Ártemis. **24.6.** Um pouco mais adiante, do lado direito, há um monte a que chamam Cáon, em cujo sopé se produzem árvores de cultivo. É aí que a água do Erasino aparece;⁴⁵⁴ ele corre até aqui vindo do Estinfalo, na Arcádia, tal como os *Reitos*, que aparecem em Elêusis e se lançam no mar, provêm do Euripo.⁴⁵⁵ Junto aos pontos de onde brota o Erasino a partir da montanha, fazem-se sacrifícios a Dioniso e a Pã. A Dioniso dedicam também uma festa chamada *Tirbe* (Tumulto).⁴⁵⁶ **24.7.** Retomando-se o caminho para Tégea, à direita do chamado *Trochos* (Roda), fica Cêncreas.⁴⁵⁷ Porque deram esse nome àquele lugar, não sabem dizer; a menos que o tenha recebido devido a Cêncrias, filho de Pirene.⁴⁵⁸ Aí há um túmulo comum dos Argivos vencedores contra os Lacedemónios, na batalha junto a Hísias.⁴⁵⁹ Este conflito aconteceu, tanto quanto averigui, ao tempo do arcontado de Pisístrato em Atenas,⁴⁶⁰ no quarto ano da vigésima sétima olimpíada,⁴⁶¹ em que o ateniense Euríbotto venceu a prova de corrida do estádio. Quando se desce até ao fundo do monte, encontra-se as ruínas de Hísias, outrora uma

⁴⁵⁴ Cf. Heródoto 6.76.1: “... chegou ao rio Erasino, que se diz proveniente do lago Estinfalo (de facto, este lago mergulha numa fenda escondida e vai reaparecer em Argos; é então que essa corrente toma o nome de Erasino, dado pelos Argivos)”. Cf. ainda Estrabão 6.275, 8.371.

⁴⁵⁵ *Vide supra* 1.38.1 e nota respetiva.

⁴⁵⁶ Em referência à exuberância da festa.

⁴⁵⁷ Cf. Estrabão 8.376.

⁴⁵⁸ *Vide supra* 2.2.3 e nota respetiva.

⁴⁵⁹ Hísias situava-se no espaço entre Argos e Tégea. C. 669 a.C., foi cenário de uma primeira batalha entre Argivos e Lacedemónios, que resultou na expulsão dos Espartanos da Argólida. Mais tarde, ao tempo da guerra do Peloponeso (c. 417 a.C.), ocorreu uma segunda batalha entre os mesmos contendores, desta vez com a vitória espartana. A cidade foi então destruída e os homens executados.

⁴⁶⁰ *Vide supra* 1.3.3 e nota respetiva.

⁴⁶¹ 669-668 a.C.

das cidades da Argólida, onde – ao que dizem – a derrota foi infligida aos Lacedemónios.

2.25.1. VIAS DE COMUNICAÇÃO A PARTIR DE ARGOS

A estrada de Argos para Mantinea não é a mesma que leva a Tégea.⁴⁶² Tem o seu começo nas portas junto a Diras.⁴⁶³ Nessa via foi edificado um santuário com dois compartimentos, e com uma entrada a poente e outra a nascente. Nesta segunda há uma estátua de madeira de Afrodite, e na do lado poente uma de Ares. Diz-se que estas imagens foram oferta de Polinices e daqueles Argivos que se mobilizaram para o vingar.⁴⁶⁴ **25.2.** Mais adiante, depois de se atravessar a torrente chamada Cáradro, fica Énoe, que recebeu o nome, ao que dizem os Argivos, de Eneu.⁴⁶⁵ De facto, segundo a tradição, quando Eneu reinava na Etólia e foi destituído do poder pelos filhos de Ágrio, refugiou-se em Argos, junto de Diomedes. Este, com uma força armada, fez uma campanha à Calidónia para o vingar. Disse-lhe, no entanto, que não podia permanecer ali com ele e convidou-o, se essa fosse a sua vontade, a acompanhá-lo a Argos. Como ele aceitou vir, Diomedes cumulou-o de atenções, como é natural ter-se para com o avô paterno; e quando ele morreu, sepultou-o naquele

⁴⁶² Embora ambas situadas a ocidente de Argos, Tégea ficava um pouco mais a sul. As mesmas estradas são referidas em 8.6.4, quando se fala da Arcádia.

⁴⁶³ *Vide supra* 2.24.1 e nota respetiva.

⁴⁶⁴ *Vide supra* 2.19.8 e nota respetiva.

⁴⁶⁵ *Vide supra* 2.13.8 e nota respetiva. Ágrio e Eneu eram irmãos, ambos filhos de Pórtaon. Portanto, Eneu foi agredido e destituído do poder pelos sobrinhos (Tersites, Onquesto, Prótoo, Celéotor, Licopeu e Melanipo; sobre este mito, cf. Higino, *Fábula* 175), que o passaram para as mãos do pai. Terminada a guerra de Troia, Diomedes, filho de Tideu, acudiu em defesa dos direitos do avô; matou os primos e restituiu-o no trono.

lugar. Foi por isso que os Argivos designaram a região de Énoe. **25.3.** Acima de Énoe fica o monte Artemísio e um santuário de Ártemis situado lá no alto. É também neste monte que se encontram as nascentes do Ínaco.⁴⁶⁶ Porque o rio tem nascentes, ainda que o curso não faça um grande percurso ao de cima da terra.

25.4. Aí não existe nada mais interessante de se ver. Há uma outra estrada que parte também das portas junto a Diras e que leva a Lirceia. Foi nessa região – ao que se diz – que Linceu,⁴⁶⁷ o único dos seus cinquenta irmãos a escapar à morte, se refugiou. Quando se viu a salvo, ergueu uma tocha acesa, de acordo com o que tinha combinado com Hipermnestra, se escapasse a Dánao e estivesse em segurança. Ela própria – ao que se conta – acendeu também uma tocha em Larissa, para lhe dar sinal de que estava igualmente livre de perigo. Daí que os Argivos, todos os anos, celebrem a festa das tochas. **25.5.** A região recebeu então o nome de Linceia. Mas quando, mais tarde, lá se estabeleceu Lirco – filho bastardo de Abante⁴⁶⁸ –, mudou-se-lhe o nome para Lirceia. Entre as ruínas, além de várias coisas que não merecem uma referência, há uma imagem de Lirco numa estela. Lirceia fica mais ou menos a sessenta estádios de Argos, e a outros tantos de Órneas. Da cidade de Lirceia, já deserta ao tempo da guerra de Troia, Homero não faz qualquer menção no catálogo das naus. Mas Órneas – ainda então habitada – situa-a, no poema,⁴⁶⁹ no lugar da Argólida onde ela efetivamente estava, antes de

⁴⁶⁶ *Vide supra* 2.15.4-5 e nota respetiva.

⁴⁶⁷ *Vide supra* 2.16.1 e nota respetiva.

⁴⁶⁸ *Vide supra* 2.16.2 e nota respetiva. Abante era filho de Linceu e Hipermnestra. Portanto a alteração do nome da cidade, segundo este mito, deu-se duas gerações depois.

⁴⁶⁹ *Iliada* 2.571.

Fliunte e de Sícion. **25.6.** O nome veio-lhe de Orneu, filho de Erecteu. Deste Orneu nasceu Peteu,⁴⁷⁰ e dele Menesteu,⁴⁷¹ com uma força ateniense, Menesteu colaborou com Agamémnon na conquista do reino de Príamo. Foi, portanto, dele que a cidade ganhou nome; mais tarde, os Argivos expulsaram os Orneatas,⁴⁷² que então passaram a residir em Argos. Em Órneas há um santuário e uma estátua de madeira em pé de Ártemis, e um outro santuário comum a todos os deuses. Fazem fronteira com Órneas a Siciónia e a Fliásia.

25.7. No caminho de Argos para a região de Epidauro, encontra-se à direita um edifício muito parecido com uma pirâmide, com uns escudos de tipo argivo. Foi aí que se deu a luta entre Preto e Acrísio⁴⁷³ pelo poder, que resultou, ao que se diz, num empate; por isso mais tarde se fez uma reconciliação, porque nenhum dos dois conseguiu obter uma vitória clara. Ao que consta, tanto eles como as forças que os acompanhavam usavam escudos, pela primeira utilizados neste combate. Como os caídos, de uma parte e da outra, eram co-cidadãos e mesmo parentes, foi-lhes no próprio lugar erguido um memorial comum.

25.8. Mais adiante, virando à direita, estão as ruínas de Tirinte. Os Argivos transferiram também a gente de Tirinte, no propósito de os assumir como habitantes e aumentar a

⁴⁷⁰ Sobre Peteu, *vide infra* 10.35.8.

⁴⁷¹ *Vide supra* 1.1.2 e nota respectiva.

⁴⁷² A destruição de Órneas e a transplantação dos seus habitantes aconteceu em 416 a.C.

⁴⁷³ *Vide supra* 2.16.2 e nota respectiva. Acrísio e Preto eram irmãos gémeos, filhos de Abante e Aglaia. A tradicional divergência que separava os dois já desde o ventre materno exprimiu-se mais tarde por este confronto pelo poder de Argos. Cf. Apolodoro 2.2.1. Após esta luta inconclusiva, Preto veio a retirar-se para a Lícia, onde acabou casando com a filha do rei local, Estenebeia.

população de Argos.⁴⁷⁴ Tirinte, o herói, de quem a cidade recebeu o nome, era, ao que dizem, filho de Argos, filho de Zeus. A muralha – que é a única coisa que resta das ruínas – é obra dos Ciclopes. Foi feita com pedras brutas, todas de uma tal dimensão que nem uma parelha de mulos conseguiria mover a mais pequena delas. Noutros tempos foram encaixadas entre elas pedras pequenas, de modo a que cada uma trouxesse solidez aos grandes blocos. **25.9.** Quando se desce em direção ao mar, ficam as câmaras das filhas de Preto.⁴⁷⁵ Subindo-se para a estrada principal, à esquerda chega-se a Mídea.⁴⁷⁶ Diz-se que lá reinou Eléctrion, o pai de Alcmena.⁴⁷⁷ No meu tempo, nada resta de Mídea a não ser as fundações. **25.10.** Na estrada direta a Epidauro fica a aldeia de Lessa, onde existe um templo de Atena e uma estátua de madeira muito parecida com a que está na acrópole de Larissa. Acima de Lessa fica o monte Aracneu, que outrora recebeu esse nome, no tempo de Ínaco.⁴⁷⁸ Lá ficam os altares de Zeus e de Hera, a quem se faz sacrifícios quando há falta de chuva.

2.26.1. EPIDAURO E O CULTO DE ASCLÉPIO

Em Lessa, o território argivo confina com o de Epidauro. Mas antes de se chegar propriamente à cidade, encontra-se o santuário de Asclépio. Não sei quem eram os habitantes desta região antes da chegada de Epidauro, como também não

⁴⁷⁴ *Vide supra* 2.16.5, 2.17.5 e notas respetivas.

⁴⁷⁵ *Vide supra* 2.7.8 e nota respetiva.

⁴⁷⁶ Região dos tempos micénicos, com vestígios de um palácio e de uma necrópole dos séc. XVI-XIII a.C.

⁴⁷⁷ Eléctrion, o pai de Alcmena e rei de Micenas, era filho de Perseu; *vide supra* 2.15.4 e nota respetiva. Acabou morto involuntariamente por Anfitrião, a quem tinha concedido a mão da filha; cf. Eurípides, *Hércules Furioso* 16-7, 1258-60.

⁴⁷⁸ *Vide supra* 2.15.4-5 e nota respetiva.

consegui apurar junto da população local quem eram os seus descendentes. O último soberano que tiveram antes da vinda dos Dórios para o Peloponeso⁴⁷⁹ – ao que dizem – foi Pitireu, um descendente de Íon, filho de Xuto.⁴⁸⁰ E esse, segundo eles, entregou o território a Deifontes⁴⁸¹ e aos Argivos sem resistência. **26.2.** Dirigiu-se então para Atenas com os concidadãos e lá se estabeleceu, enquanto Deifontes e os Argivos tomavam posse de Epidauro. Depois da morte de Témeno, este grupo separou-se dos outros Argivos: Deifontes e Hirneto por animosidade com os filhos de Témeno, e o exército que os seguia, por respeitar mais Deifontes e Hirneto do que Ciso e os irmãos. Epidauro, de quem a região recebeu o nome, era, segundo a gente de Eleia, filho de Pélops. No entanto, na versão dos Argivos e do poema das *Grandes Eeias*,⁴⁸² o pai de Epidauro era Argos, filho de Zeus. O povo de Epidauro, por sua vez, propõe que ele fosse filho de Apolo. **26.3.** Eis o motivo por que este território é particularmente consagrado a Asclépio.⁴⁸³ Segundo a gente de Epidauro, Flégias⁴⁸⁴ veio para o Peloponeso a pretexto de ver a região, mas na verdade para espiar

⁴⁷⁹ *Vide supra* 2.6.7 e nota respetiva. Pausânias documenta as sucessivas ocupações verificadas no território, pelos Dórios e pelos Iónios. A informação que dá sobre o herói epónimo é incompleta e insegura.

⁴⁸⁰ *Vide supra* 2.14.2.

⁴⁸¹ *Vide supra* 2.19.1, *infra* 2.28.

⁴⁸² Fr. 247 Merkelbach-West.

⁴⁸³ Sobre o culto de Asclépio, *vide* Zaidman, Pantel (1989) 128-32, Larson (2007) 192-5.

⁴⁸⁴ Flégias, o pai de Corónis, era rei dos Lápitias, irmão de Ixião e habitava a Tessália. No entanto, com origem em Epidauro havia uma outra versão que fazia dele o fundador de uma cidade com o seu nome, onde controlava um exército bem preparado com o qual fazia saques. O que o trouxe a Epidauro teria sido, justamente, a verificação do potencial do lugar para justificar a sua atividade. Veio a tornar-se, de acordo com esta versão, avô de Asclépio. Cf. Graves (1977) I.173-4. *Vide infra* 9.36.1-4.

o número de habitantes e se se tratava, na sua maioria, de um povo com capacidade militar. De facto, esse Flégias era o sujeito mais aguerrido do seu tempo; fazia incursões por onde quer que fosse, apropriava-se das colheitas e levava o gado. **26.4.** Quando chegou ao Peloponeso, vinha acompanhado da filha, que, no desconhecimento do pai, estava grávida de Apolo. Foi em Epidauró que ela deu à luz o filho, que expôs no monte hoje chamado Títio (Teta), e naquele tempo chamado Mírtio. Abandonada a criança, uma das cabras que pastavam no monte amamentou-a e o cão guardador do rebanho protegeu-a. **26.5.** Arestanas – era esse o nome do pastor –, ao descobrir que o número das cabras não conferia, e que o cão se tinha afastado do rebanho, passou o lugar a pente fino e, ao encontrar a criança, decidiu ficar com ela. Mas quando se aproximou, viu que do menino se projetava uma luz intensa; ao perceber que havia ali alguma coisa de divino – como de facto havia – afastou-se. Logo se espalhou por toda a parte, na terra e no mar, a notícia de que Asclépio descobria tudo o que quisesse para curar os doentes, e que até os mortos ressuscitava.⁴⁸⁵ **26.6.** Há também uma outra lenda a seu respeito. Estando Corónis grávida de Asclépio, teve relações com Ísquis, filho de Élató.⁴⁸⁶ Foi então morta por Ártemis como

⁴⁸⁵ Esta capacidade de ressuscitar os mortos valeu-lhe, de resto, a inimizade divina, atingida nas suas prerrogativas de imortalidade. Por isso Zeus o puniu com o seu raio. Então Apolo, desagradado com a penalização infligida ao seu filho, vingou-se massacrando os Ciclopes, que preparavam os raios do deus supremo, e obrigou o senhor do Olimpo a reverter a decisão.

⁴⁸⁶ A lenda da traição de Corónis ao amor de Apolo, quando cedeu à sedução de Ísquis, um arcádico, é longamente narrada por Píndaro, *Pítica* 3.8-46. Cf. ainda Hesíodo, fr. 60 Melkerbach-West. Vries (2012) 45-6 chama a atenção para a existência de duas figuras com o nome de Élató: além do filho mais velho de Arcas, procedente da Arcádia, também um outro proveniente de Larissa, na Tessália. Esta dúvida está

castigo pela ofensa cometida contra Apolo. Mas quando a pira já ardia, diz-se que Hermes arrebatou a criança das chamas. **26.7.** Uma terceira versão parece-me ser a menos compatível com a verdade: a que considera Asclépio filho de Arsínoe, filha de Leucipo. Assim, quando Apolófanes, um arcádico, se dirigiu a Delfos e perguntou ao deus se Asclépio seria filho de Arsínoe – e, portanto, pertencente aos Messénios –,⁴⁸⁷ a Pítia respondeu-lhe:

Ó Asclépio, que nasceste para grande alegria de todos os mortais,
Foi unindo-se comigo em amor que a filha de Flégias, a sedutora Corónis,
Te deu à luz na pedregosa Epidauro.

Este oráculo deixa muito evidente que Asclépio não era filho de Arsínoe, mas que foi Hesíodo⁴⁸⁸ – ou alguém que interpolou Hesíodo – quem compôs esses versos para agradar aos Messénios. **26.8.** Há também esta outra prova de que o deus nasceu em Epidauro: é que descobri que os templos de Asclépio mais importantes provêm de Epidauro.⁴⁸⁹ Para

relacionada com a própria associação da origem de Asclépio com uma determinada região da Grécia.

⁴⁸⁷ Muito provavelmente esta consulta teve por objetivo esclarecer a polémica existente entre diversas cidades – de que Pausânias aqui é testemunha – quanto à origem do deus. Já a *Iliada* 2.729-33 associava Asclépio e os filhos com Trica, na Tessália, e com Itoma e Ecália, na Messénia.

⁴⁸⁸ Fr. 50 Merkelbach-West.

⁴⁸⁹ Foi sobretudo a partir do séc. VI a.C., depois de implantado em Epidauro desde o século anterior, que o culto de Asclépio se expandiu pelo mundo grego. Epidauro afirmava a sua prerrogativa como berço do deus e ponto de origem para outros cultos. Sobre este processo diz Vries (2012) 50: “De facto, ainda que politicamente pobre, Epidauro teria tido uma grande influência religiosa e teria exportado o seu culto graças

começar os Atenenses,⁴⁹⁰ que afirmam ter integrado Asclépio nos seus mistérios, designam esse dia como ‘Epidáuria’, afirmando que desde então se instituiu um culto de Asclépio. Por sua vez Árquias, filho de Aristecmo, depois de ter sido curado em Epidauro de uma luxação feita quando caçava junto ao Píndaso, levou o deus para Pérgamo.⁴⁹¹ **26.9.** A partir do de Pérgamo, foi construído no nosso tempo um templo a Asclépio em Esmirna, junto ao mar. Foi também de Epidauro que veio o de Bálagra, na Cirenaica, designado por Asclépio, o Médico. De Cirene, o culto passou para Lebena, em Creta.⁴⁹² A diferença entre o culto de Cirene e o de Epidauro é a seguinte: é que os Cireneus sacrificam cabras, o que não se usa

a pessoas de renome, a oradores e à propaganda veiculada pelos sacerdotes”. O facto de cidades de relevo no mundo grego terem adotado o seu culto só contribuiu para incrementar a importância e prestígio do deus. Na época clássica, Apolo cede as suas competências como deus curador a Asclépio, seu filho.

⁴⁹⁰ *Vide supra* 1.21.4, sobre a existência do culto de Asclépio em Atenas, adotado em 420 a.C. Foi a partir de então que se instituiu, nos mistérios de Elêusis, um dia dedicado “a um festival subsidiário de Asclépio” (Larson (2007) 74-5). A introdução do culto do deus em Atenas sucedeu-se à Paz de Nícias, que pacificou as relações com Epidauro. De resto, Pausânias refere numerosos santuários e recintos sagrados do deus dispersos pelo mundo grego, abonando a enorme popularidade do seu culto: além de Atenas, na região de Corinto (2.2.3, 2.10.2-3, 2.11.5-8, 2.23.4, 2.29.1, 2.30.1), na Lacónia (3.14.2, 3.14.7, 3.20.5, 3.21.2, 3.22.7, 3.22.9, 3.23.6, 3.24.2, 3.24.4, 3.24.6), na Messénia (4.31.10), em Élide (5.7.1, 6.26.5), na Acaia (7.5.9, 7.23.7-8, 7.27.11), na Arcádia (8.21.3, 8.25.1, 8.26.5-6, 8.31.4-5), na Beócia (9.39.2) e na Fócida (10.38.7).

⁴⁹¹ O facto de Pausânias fazer, ao longo da sua narrativa, quinze menções do templo de Asclépio em Pérgamo aponta no sentido de se atribuir a esta cidade ou à sua região a pátria do autor; Vries (2012) 7 coloca a hipótese de ter sido na biblioteca de Pérgamo que Pausânias trabalhou na redação da sua obra, sobre notas recolhidas nas suas viagens. O monte Píndaso situa-se na Tróade.

⁴⁹² Lebena, situada do lado sul da ilha de Creta, no golfo líbico, foi fundada no séc. IV a.C. Durante o período de ocupação romana desenvolveu-se, funcionando como o porto de Gortina. O templo de Asclépio representava um dos edifícios proeminentes da localidade.

em Epidauro. **26.10.** Que Asclépio foi considerado um deus desde o início e que não foi só com o tempo que recebeu esse estatuto é a conclusão a que chego, entre vários indícios, pelo testemunho de Homero, onde Agamémnon afirma a propósito de Macáon:⁴⁹³

Taltíbio, vai a toda a pressa procurar Macáon,
Um mortal, filho de Asclépio,
Como se quisesse dizer ‘um mortal filho de um deus’.

2.27.1. O RECINTO SAGRADO DE ASCLÉPIO

O bosque sagrado de Asclépio está delimitado com marcos a toda a volta. Nem os seres humanos podem morrer, nem as mulheres dar à luz dentro do recinto, um costume que existe igualmente na ilha de Delos.⁴⁹⁴ As oferendas, seja o sacrificador alguém de Epidauro ou um estrangeiro, são consumidas dentro dos seus limites.⁴⁹⁵ E o mesmo se passa, tanto quanto sei, em Titane.⁴⁹⁶ **27.2.** A estátua de Asclépio, em tamanho correspondente a metade da de Zeus Olímpico, em Atenas,⁴⁹⁷ é feita de marfim e ouro. Uma inscrição regista que o seu autor foi

⁴⁹³ *Iliada* 4.193-4. Na verdade, foi só a partir do séc. V a.C. que o culto de Asclépio como uma divindade se desenvolveu. No entanto, Larson (2007) 192 afirma: “Mas com certeza era já bem conhecido como um culto heroico, antes de surgir como um culto pan-helénico” (cf. *Iliada* 2.729-33, em que se fala de Asclépio e dos filhos, Podalírio e Macáon, como “excelentes médicos”).

⁴⁹⁴ Pausânias compara estas restrições com as praticadas em Delos, num santuário dedicado a Apolo, destinadas a preservar o espaço sacro de qualquer poluição. Cf. Tucídides 3.104.1-2.

⁴⁹⁵ Estas são regras estritas próprias de lugares sagrados e não apenas de Epidauro. Depois de dedicados, todos os objetos passavam a ser propriedade do deus e, por isso, não podiam ser retirados do recinto sagrado.

⁴⁹⁶ *Vide supra* 2.11.5 e nota respetiva.

⁴⁹⁷ *Vide supra* 1.18.6.

Trasímedes de Paros,⁴⁹⁸ filho de Arignoto. O deus está sentado num trono empunhando um bastão. A outra mão está pousada na cabeça de uma serpente. Ao lado, está também deitado um cão. No trono, estão representados os feitos dos heróis argivos, o de Belerofonte contra a Químera⁴⁹⁹ e Perseu a decepar a cabeça de Medusa.⁵⁰⁰ Do outro lado do templo⁵⁰¹ está o lugar onde os suplicantes do deus dormem. **27.3.** Lá perto, foi construído um edifício circular, em mármore branco, a que chamam *Tholos*,⁵⁰² digno de ser visto. Nesse edifício, há uma pintura de Páusias,⁵⁰³ que representa Eros a acabar de pousar

⁴⁹⁸ Um escultor do séc. IV a.C.

⁴⁹⁹ *Vide supra* 2.1.9 e nota respetiva.

⁵⁰⁰ *Vide supra* 2.21.5 e nota respetiva.

⁵⁰¹ Uma construção da primeira metade do séc. IV a.C., obra do arquiteto Teódoto. Pausânias refere-se ao ritual da incubação, que consistia em que o fiel dormisse dentro do santuário, para propiciar a aparição do deus sob forma de serpente (cf. Aristófanes, *Pluto* 633-747, que constitui a primeira descrição do processo de incubação). Essa visão havia de transmitir-lhe o meio de cura para o seu mal, que, quando acordado, ele deveria reproduzir aos sacerdotes do deus, para que fosse posto em prática.

⁵⁰² “Construção redonda”. Segundo Larson (2007) 193, foi a partir de c. 380 a.C. que se foram criando novas estruturas dentro do santuário: um templo dórico de Asclépio, um poço sagrado, um edifício circular de função ainda indefinida (cf. Musti, Torelli (2008) 302). O estádio e o teatro são um pouco mais tardios (de finais do séc. IV a.C.), ainda que concursos musicais e atléticos em honra do deus estejam já documentados por Platão, *Íon* 530^a.

⁵⁰³ Um conhecido pintor de Sícion, do séc. IV a.C. Esta foi uma época em que Sícion se tornou uma escola destacada de pintura, em que Páusias se incluiu como um nome relevante. Esta escola foi inovadora nos temas – com preferência para cenas domésticas e festivas – e na técnica. Com a popularização da pintura, foi proliferando a produção de painéis portáteis pintados sobre madeira, de uso privado e decorativo. Plínio, *História Natural* 35.40 dá alguma informação sobre os motivos da preferência de Páusias: retratos de raparigas com flores. A sua intervenção ficou sobretudo associada à técnica da encaústica, um processo que usava as incisões sobre uma base de cera, aglutinadora de pigmentos coloridos.

as flechas e o arco, para, em vez deles, empunhar uma lira. Lá está também a Embriaguez, igualmente obra de Páusias, a beber de uma taça de vidro. Pode ver-se na pintura a taça de vidro e, através dela, um rosto de mulher. Dentro do recinto, erguem-se estelas, que dantes eram mais e de que no meu tempo restam seis. Nelas estão inscritos os nomes de homens e mulheres curados por Asclépio, a doença de que cada um sofria e o processo de cura,⁵⁰⁴ tudo em dialeto dórico. **27.4.** Destacada das restantes está uma estela antiga, onde se lê que Hipólito⁵⁰⁵ dedicou ao deus vinte cavalos. Os Aricinos contam uma história que está de acordo com o que está escrito nesta estela: que quando Hipólito morreu, amaldiçoado por Teseu, Asclépio o ressuscitou. Ao voltar à vida, ele recusou-se a ouvir os apelos do pai e a perdoar-lhe. Partiu então para Itália, a juntar-se aos Aricinos. Após ter sido feito soberano da região, dedicou um santuário a Ártemis, onde ainda no meu tempo se dava, como prémio, ao vencedor de um combate singular o sacerdócio da deusa. Esse combate não estava aberto a homens livres, mas apenas aos escravos em fuga dos patrões. **27.5.**

⁵⁰⁴ Trata-se dos chamados *iamata*, testemunhos das curas oferecidos pelos beneficiários da generosidade divina.

⁵⁰⁵ *Vide supra* 1.22.1-2 e nota respetiva. Aricina era um epíteto de Ártemis, derivado do nome de Arícia, uma cidade do Lácio, onde a deusa tinha um culto. Segundo a tradição aqui recordada por Pausânias, Hipólito, depois de ressuscitado por Asclépio, foi para a Itália, onde reinou sobre essa cidade em que estabeleceu um culto da deusa. Julgava-se que a estátua da deusa aí existente era a mesma que Orestes tinha resgatado da Táurica (cf. Eurípides, *Ifigénia entre os Tauros*). Segundo Estrabão (5.239), o sacerdote desta Ártemis Arícia era sempre um escravo em fuga, que ascendia a essa função da forma seguinte: no bosque sagrado de Ártemis existia uma árvore de onde era proibido cortar um ramo. Se um escravo o fizesse, o sacerdote era obrigado a lutar com ele; se saísse vencido, o escravo detentor da vitória assumia-lhe o cargo, até ser morto por outro escravo, que lhe sucederia. Este sacerdote era designado por *rex nemorensis*.

Dentro do santuário de Epidauro, existe um teatro,⁵⁰⁶ que me parece realmente digno de ser visto. De facto, os teatros romanos suplantam, em toda a parte do mundo, quaisquer outros pela sua magnificência, nem existe algum que, em dimensão, ultrapasse o de Megalópolis, na Arcádia.⁵⁰⁷ Mas, em harmonia ou beleza, que arquiteto poderia competir com Policlito? Pois foi Policlito quem construiu esse teatro e o tal edifício redondo. Dentro do bosque, há um templo de Ártemis, uma estátua de Epíone,⁵⁰⁸ um templo de Afrodite e de Témis, e um estádio, em terra batida, como a maior parte dos estádios gregos; há também uma fonte, de que são dignos de ver-se o teto e a ornamentação. **27.6.** Um senador romano, de nome Antonino,⁵⁰⁹ edificou no meu tempo uns banhos de Asclépio e um templo dos deuses designados por Epidotas (Dadivosos).⁵¹⁰ Edificou também um templo de Higia, Asclépio e Apolo,

⁵⁰⁶ O teatro de Epidauro é ainda o mais belo e impressionante dos teatros gregos antigos conservados, com uma capacidade para 14.000 espectadores, o que é significativo para a popularidade do santuário.

⁵⁰⁷ *Vide infra* 8.32.1. Pausânias ensaia aqui uma vaga comparação entre os teatros construídos à maneira grega e à romana. Primeiro feitos de madeira, uma estrutura precária, conheceram uma primeira fase de edificação estável em meados de 55 a.C. Na sua conceção geral seguiram o modelo grego. Mas, sobretudo devido às dimensões e a fatores arquitetónicos como as grandes fachadas monumentais edificadas atrás do proscénio, ganharam de facto em magnificência, sem que, na opinião de Pausânias, conseguissem ultrapassar a beleza e harmonia dos seus modelos. O teatro de Megalópolis, na Arcádia, com capacidade para 20.000 espectadores, é referido como o maior em dimensão. A água, em poços, fontes ou banhos era frequente nos recintos sagrados de Asclépio, como elemento de purificação, de cura, ou mesmo de conforto para os peregrinos.

⁵⁰⁸ Considerada esposa de Asclépio e mãe dos seus filhos (*vide supra* 1.21.4 e nota respetiva).

⁵⁰⁹ Trata-se de Sexto Júlio Maior Antonino Pitodoro, ativo em 160 d.C., um sujeito de família abonada e aristocrática, proveniente do Ponto e ainda relacionado com a casa real. O povo de Epidauro considerou-o seu benfeitor.

⁵¹⁰ Epíteto aplicado a Apolo Maleates e a Asclépio.

apodados de Egípcios. Procedeu ainda ao restauro do pórtico chamado de Cótis, cujo teto tinha desabado e toda a restante construção, feita em adobe, se encontrava em ruínas. Além disso, a gente de Epidauro que habitava em torno do santuário sentia-se infeliz porque as mulheres não tinham um abrigo para dar à luz e os doentes morriam ao ar livre. Foi então que ele solucionou o problema, com a construção de um edifício onde os homens pudessem morrer e as mulheres dar à luz.

27.7. Os montes sobranceiros ao bosque são o Títio e um outro chamado Cinórcio, onde está situado um santuário bem antigo de Apolo Maleates.⁵¹¹ Tudo o que existe em torno deste templo de Apolo, bem como a fonte onde são captadas as águas pluviais, foi igualmente oferta de Antonino ao povo de Epidauro. **2.28.1.** As serpentes, incluindo aquela espécie particular com uma cor amarelada, são consideradas consagradas a Asclépio, e inofensivas para os homens. Pertencem a uma espécie exclusiva da região de Epidauro. Verifiquei que outro tanto acontece com outros territórios. Assim, só na Líbia é que há crocodilos de terra com não menos de dois côvados de comprimento; só da Índia é que vêm, entre outros animais, papagaios. Aqueles répteis enormes, com mais de trinta côvados, como existem na Índia e na Líbia, o povo de Epidauro considera que se trata de uma espécie diferente, que não de serpentes. **28.2.** Quem sobe ao monte Corifeu encontra pelo caminho um exemplar de oliveira a que chamam ‘Retorcido’. Terá sido Hércules que o torceu com uma mão e lhe

⁵¹¹ Sobre o templo de Apolo Maleates, situado no monte Cinórcio (“do cão”), *vide* Larson (2007) 98-9. Trata-se de um culto muito antigo, já existente na idade do bronze, cujos vestígios permitem identificar um altar, um conjunto de edifícios de apoio e um terraço onde eram realizadas as refeições rituais. Os instrumentos encontrados permitem identificar este culto de Apolo com um deus da saúde. Foi daí que o culto se estendeu à planície, com o crescimento da cidade.

deu essa forma. Se a intenção foi estabelecer o limite entre a gente de Ásine e a Argólida eu não saberia dizer, uma vez que, depois de uma região ter sido despovoada, deixa de ser possível determinar-lhe os limites, aqui ou noutro lado qualquer. No cimo do monte há um santuário de Ártemis Corifeia, de que Telesila⁵¹² fez menção num poema.

28.3. Quando se desce em direção à cidade de Epidauro, há um lugar com oliveiras selvagens, a que chamam Hirnétio. Vou relatar a versão que sobre ele se conta em Epidauro, que me parece verosímil. Ciso e os restantes filhos de Témeno sabiam que o pior agravo que podiam fazer a Deifontes seria arranjar maneira de separá-lo de Hirneto.⁵¹³ Dirigiram-se então a Epidauro Cerines e Falces, porque o mais novo, Ageu, não aprovou o propósito deles. Estacionaram o carro sob a muralha e enviaram um arauto à irmã pedindo-lhe que viesse porque queriam falar com ela. **28.4.** Quando ela atendeu ao chamamento, aí os rapazes fizeram um sem fim de acusações contra Deifontes e pediram-lhe que voltasse a Argos, prometendo-lhe, entre outras coisas, que a dariam a um marido em tudo melhor do que Deifontes, e senhor de um território mais povoado e mais rico. Hirneto, porém, incomodada com aquela conversa, deu-lhes uma resposta à altura: que Deifontes era um marido muito do seu agrado, que sempre se tinha mostrado também, para com Témeno, um genro irrepreensível, e quanto a eles, que seria mais apropriado chamar-lhes assassinos de Témeno do que seus filhos. **28.5.** Sem mais comentários, eles agarraram nela, enfiaram-na no carro e partiram. Um sujeito de Epidauro foi contar a Deifontes que Cerines e Falces se tinham posto a andar e levado com eles Hirneto, à

⁵¹² Fr. 4 Page. *Vide supra* 2.20.8-9 e nota respetiva.

⁵¹³ *Vide supra* 2.19.1 e nota respetiva.

força. Logo ele se precipitou a toda a pressa para a resgatar, e o povo de Epidauro, ao saber da história, correu em seu socorro. Quando os apanharam, Deifontes atingiu Cerines e matou-o; mas como Falces tinha Hirneto presa, Deifontes teve medo de o atingir, não vá que falhasse o alvo e se tornasse no assassino da mulher. Envolveu-se então com ele numa luta, procurando tirar-lha. Mas Falces resistiu e arrebatou-a com tal violência que a matou, porque estava grávida. **28.6.** Ao dar-se conta do que tinha feito à irmã, pôs-se a guiar o carro a toda a velocidade, apressando-se a ganhar terreno antes que todo o povo de Epidauro se juntasse contra ele. Deifontes com os filhos – porque lhe tinham nascido outros filhos antes deste, Antímenes, Xantipo e Argeu, e uma filha, Orsóbia. Esta, ao que se diz, veio mais tarde a casar com Pânfilo, filho de Egímio. Pois Deifontes com os filhos pegaram no cadáver de Hirneto e trouxeram-no para este lugar que, com o tempo, veio a chamar-se Hirnétio. **28.7.** Construíram-lhe um *herôon* e, entre outras homenagens que lhe dedicaram, estabeleceram, em relação às oliveiras, como em relação a outras árvores ali existentes, que ninguém pudesse levar para casa os ramos partidos ou usá-los fosse para o que fosse; que os deixassem no lugar para serem consagrados a Hirneto.

28.8. Não longe da cidade está o túmulo de Melissa, que foi casada com Periandro, filho de Cípselo,⁵¹⁴ e um outro de Procles, pai de Melissa. Também ele reinou em Epidauro, do mesmo modo que Periandro, o genro, foi rei de Corinto.

⁵¹⁴ Cf. Heródoto 3.50.3, 5.92. Diógenes Laércio (1.94) informa que o ato tresloucado de Periandro, o assassino da mulher, se deveu a uma questão de ciúmes. Procles é também referido por Heródoto (3.50-2) como vítima da animosidade de Periandro, por ter denunciado aos netos a responsabilidade do pai no homicídio de Melissa.

2.29.1. CURIOSIDADES DE EPIDAURO. EGINA

Eis o que a cidade de Epidauro propriamente dita tem para oferecer que seja mais digno de registo. Há um santuário de Asclépio, com as imagens do deus e de Epíone,⁵¹⁵ que dizem ser a esposa de Asclépio. São de mármore de Paros e estão no exterior. Na cidade ficam também os templos de Dioniso e de Ártemis, e um bosque sagrado. Quanto à imagem de Ártemis parece corresponder a uma deusa caçadora. Há também um santuário de Afrodite e, no porto, num promontório que avança mar adentro, há um que dizem ser de Hera. A Atena que está na cidadela, uma estátua de madeira digna de se ver, é apodada de Cisseia.

29.2. Os Eginetas ocupam a ilha fronteira a Epidauro. Ao que se conta, no princípio nela não havia presença humana. Mas quando Zeus – estava a ilha ainda deserta – para lá levou Egina, filha de Asopo, a ilha dela recebeu o nome, sendo que antes se chamava Enone.⁵¹⁶ Entretanto Éaco⁵¹⁷ cresceu e pediu a Zeus povoadores; foi então que Zeus fez brotar homens do próprio solo. Ninguém saberia indicar outro soberano na região a não ser Éaco, uma vez que não conhecemos um sequer dos filhos de Éaco que lá tenha permanecido. Assim, a Peleu e Télamon tocou o exílio pelo homicídio de Foco, enquanto os filhos de Foco se estabeleceram junto ao Parnaso, no que agora

⁵¹⁵ Vide *supra* 2.27.5 e nota respetiva.

⁵¹⁶ Vide *supra* 2.5.1 e nota respetiva. O nome de Enone aplicado à ilha aparece em Píndaro, *Ístmica* 5.34.

⁵¹⁷ Da união de Zeus e Egina, filha do rio Asopo, nasceu Éaco. Cf. Graves (1977) I.212-6. Mais tarde, a união deste com Endeis originou Peleu e Télamon, os pais de Aquiles e Ájax, respetivamente. Sobre o pedido de Éaco a Zeus “para que aquela terra fosse fecunda em homens valentes e ilustres pela armada”, cf. Píndaro, *Nemeia* 5.9-12. Uma genealogia semelhante sobre os vários ramos dos Eácidas é fornecida por Apolodoro 3.12-3.

se chama Fócida.⁵¹⁸ **29.3.** Esse era já o nome da região anteriormente, desde que Foco, filho de Ornítion, para lá tinha ido, na geração precedente. Mas no tempo desse Foco, só a região em volta de Titórea⁵¹⁹ e o Parnaso se chamavam Fócida; entretanto no tempo de Éaco esse nome estendeu-se a todas as regiões desde a fronteira com Míncias, em Orcómeno, até Escarfeia, na Lócrida.⁵²⁰ **29.4.** De Peleu descendiam os soberanos do Epiro.⁵²¹ Quanto aos filhos de Télamon,⁵²² a descendência de Ájax não teve projeção porque ele se manteve um cidadão privado, salvo Milcíades, comandante dos Atenenses em Maratona, e Címon, filho de Milcíades, que se tornaram famosos.⁵²³ Os descendentes de Teucro mantiveram-se no trono de Chipre

⁵¹⁸ *Vide infra* nota 551. Télamon e Peleu eram filhos legítimos de Éaco e Endeis, enquanto Foco era um bastardo nascido de Psâmata, irmã de Tétis. Dada a animosidade que o cercava em Egina, Foco, por amor à paz, tinha saído da ilha com um punhado de emigrantes a caminho da Fócida – que um outro Foco, filho de Ornítion (*vide supra* 2.4.3), de origem coríntia, tinha já colonizado antes. Anos passados, os filhos de Foco de Egina ampliaram o território fócio para uma nova dimensão. Sobre o nome dado à região – Fócida – *vide infra* 10.1.1.

⁵¹⁹ *Vide supra* 2.4.3.

⁵²⁰ Musti, Torelli (2008) 309 valorizam o facto de, em diversos capítulos do Livro II, Pausânias se referir a regiões que não constam da sua *Descrição da Grécia*. Assim, a Fócida foi também referida *supra* 2.4.3, 2.18.5; juntam-se-lhe menções à Tessália (2.2.5, 2.6.1, 2.23.5, 2.24.1), à Lócrida (2.19.8) e a Creta (2.6.7).

⁵²¹ Peleu dirigiu-se para a Ftia, na Tessália, onde se refugiou na corte de Actor. Mais tarde, Zeus escolheu Peleu para marido de Tétis e dessa união nasceu Aquiles; posteriormente, através de Pirro ou Neoptólemo (nome alternativo para o filho de Aquiles), teve origem a dinastia dos Eácidas, no Epiro. Cf. Graves (1977) I.268-76.

⁵²² Télamon, em fuga depois do fratricídio, foi estabelecer-se em Salamina. Dele nasceram Ájax e Teucro, afastado pelo pai por não ter podido evitar o suicídio de Ájax, em Troia (cf. Eurípides, *Helena* 87-94). Os seus descendentes reinaram em Chipre, para onde se afastou, até Evágoras.

⁵²³ Sobre Milcíades, *vide*, no Livro I, 15.3, 17.6, 18.3, 28.3, 29.8, 29.15, 32.4; e sobre Címon, no mesmo livro, 17.6, 28.3, 29.8, 29.13, 29.14, 29.15 e notas respetivas.

até ao tempo de Evágoras. Ásio,⁵²⁴ o poeta épico, diz nos seus versos que de Foco nasceram Panopeu e Criso. De Panopeu, nasceu Epeu, que construiu, ao que diz Homero,⁵²⁵ o cavalo de madeira; de Criso veio a ser neto Pílades, filho de Estrófiu, por sua vez filho de Criso e de Anaxíbia, irmã de Agamémnon. São estes os ramos da descendência dos Eácidas,⁵²⁶ como eram chamados, que desde tempos imemoriais partiram para outras terras. **29.5.** Anos mais tarde, uma parte dos Argivos que, com Deifontes, se tinham apoderado de Epidauro,⁵²⁷ atravessaram para Egina, e ao misturarem-se com os antigos Eginetas, instalaram na ilha costumes e o dialeto dóricos.⁵²⁸ Embora os Eginetas tenham atingido um grande poder, a ponto de, pela armada, suplantarem os Atenenses – nas guerras pérsicas, a seguir aos Atenenses, foram eles a contribuir com mais navios –,⁵²⁹ essa prosperidade não se manteve para sempre. Quando expulsos pelos Atenenses,⁵³⁰ foram estabelecer-se em Tírea,

⁵²⁴ Fr. 5 Kinkel. *Vide supra* 2.6.4 e nota respetiva.

⁵²⁵ *Odisseia* 8.492-5. *Vide* Livro I, nota 462.

⁵²⁶ A relação dos Eácidas com Egina parece desconhecida de Homero, porque, ao citar a sua genealogia, Aquiles (*Iliada* 21.187-9) diz-se filho de Peleu e neto de Éaco, este, por sua vez, filho de Zeus, sem menção de Egina. Do mesmo modo, Ajax é conhecido como filho de Télamon (e.g., *Iliada* 2.768) com igual omissão da ninfa. Só mais tarde, ao longo dos séc. VII-VI a.C., o *Catálogo de Mulheres* de Hesíodo (fr. 205 Merkelbach-West) dá conta de que os descendentes de Éaco, os Mirmidões, habitam uma ilha que será a de Egina.

⁵²⁷ *Vide supra* 2.26.1-2.

⁵²⁸ Cf. Heródoto 8.46.1.

⁵²⁹ Heródoto 8.46.1 precisa que os Eginetas, para o confronto contra os Persas em Salamina, forneceram trinta barcos, reservando-se ainda outros para defesa da própria ilha. No entanto, Heródoto, em 8.1.1-2, coloca os Coríntios em vantagem sobre os Eginetas no seu contributo para esta batalha. Sobre as divergências entre Atenas e Egina, *vide* 1.29.7 e notas 624 e 633.

⁵³⁰ Tucídides refere-se reiteradamente às divergências entre Atenas e Egina. Em 2.27.1-2 regista a expulsão de todos os Eginetas da sua ilha, em 459-456 a.C., substituídos por Atenenses, possivelmente como

na Argólida,⁵³¹ que os Lacedemónios lhes deram para habitar. Vieram a recuperar a ilha, quando as trirremes atenienses foram capturadas no Helesponto,⁵³² sem nunca conseguirem atingir a mesma riqueza e poder de antes.

29.6. Egina é, das ilhas gregas, a que tem um acesso mais difícil à navegação, por estar rodeada de rochedos submersos e de escolhos a toda a volta. Diz-se que foi Éaco quem propositadamente usou esta estratégia por receio das incursões piratas a partir do mar, e para tornar a aproximação perigosa aos inimigos. Perto do porto em que os navios sobretudo atracam⁵³³ há um templo de Afrodite, e na zona mais em evidência da cidade o chamado Eaceu, um recinto quadrangular em mármore branco.⁵³⁴ **29.7.** Foram esculpidos, à entrada, os emissários que outrora os Gregos enviaram a Éaco. Sobre o motivo dessa embaixada, a versão dos Eginetas tem a concordância dos restantes Gregos. Uma seca desde há tempos assolava a Grécia, sem que chovesse nem na região além do Istmo nem no Peloponeso. Por isso, enviaram emissários a Delfos, para inquirirem sobre a origem e suplicarem pela libertação do flagelo. A Pítia disse-lhes que apaziguassem Zeus,

precaução pela proximidade entre Egina e o Peloponeso e por temor de alguma arremetida espartana através da ilha. Talvez estas hostilidades se tenham refletido, anos mais tarde, na integração forçada de Egina, em 431 a.C., na liga que apoiava Atenas na guerra do Peloponeso. *Vide infra* 2.38.5.

⁵³¹ Tírea estava situada a sul de Argos e a nordeste de Esparta, numa região costeira (cf. Tucídides 4.56.2, 5.41.2, 6.95.1).

⁵³² Foi Lisandro quem, em 404 a.C., após a batalha de Egospótamo, lhes permitiu esse regresso (cf. Xenofonte, *Helénicas* 2.2.2., 2.2.9).

⁵³³ Egina tinha dois portos, um mais a norte, com funções militares, designado por “Secreto” (*vide infra* 2.29.10), e um outro, mais a sul, sobretudo comercial e mais movimentado.

⁵³⁴ Píndaro, *Nemeia* 5.53-4, elogia a vitória de Temístio, nas provas de pugilismo e do pancrácio, obtida “no pórtico do Eaceu”, testemunhando a existência de jogos em homenagem a Éaco.

e que, para que as suas preces fizessem efeito, devia ser Éaco a fazê-las. **29.8.** Foram então enviados a Éaco emissários de cada uma das cidades. Depois de ele fazer sacrifícios e preces a Zeus Pan-helénio, o deus fez com que chovesse em toda a Grécia; então os Eginetas fizeram essas imagens daqueles que lá foram. Dentro do recinto, estão plantadas oliveiras antigas e há um altar com pouca altura. Que este altar seja o túmulo de Éaco é contado como um segredo. **29.9.** Junto do Eaceu, fica o túmulo de Foco, um monte de terra cercado de um muro, com uma pedra tosca em cima. Quando Télamon e Peleu convenceram Foco a competir no pentatlo, e chegou a vez de Peleu lançar a pedra – que usavam como se fosse um disco –, ele atingiu Foco de propósito. Procuravam, com esse gesto, agradar à mãe. É que eles nasceram da filha de Escíron, enquanto Foco não era filho dela, mas de uma irmã de Tétis, se o que os Gregos dizem é verdade.⁵³⁵ Creio que foi por essa razão, e não apenas por amizade com Orestes, que Pílates decidiu matar Neoptólemo. **29.10.** Uma vez que, atingido pelo disco, Foco morreu,⁵³⁶ os filhos de Endeis embarcaram num navio e fugiram. Télamon, mais tarde, mandou um emissário para desmentir a sua culpa na morte de Foco. Éaco, no entanto, não lhe permitiu desembarcar na ilha, antes lhe ordenou que, em pé, fizesse a sua defesa do navio, ou, se quisesse, de um paredão construído no mar. Então ele navegou para o porto chamado “Secreto” e, durante a noite, construiu o paredão, que depois de edificado ainda hoje lá permanece.

⁵³⁵ Os ciúmes causados em Endeis pela própria origem de Foco agravaram-se por ele se ter tornado o favorito do pai, que o teria mandado chamar da Fócida para fazer dele rei de Egina. Foi então que Télamon e Peleu congeminaram eliminá-lo. Era conhecida a sua destreza atlética, o que se tornou a estratégia de traição e morte usada pelos meio-irmãos. *Vide supra* nota 543.

⁵³⁶ Cf. Píndaro, *Nemeia* 5.14-6.

Mas como não conseguiu afirmar a sua inocência na morte de Foco, navegou de volta a Salamina. **29.11.** Não longe do porto Secreto, há um teatro digno de ser visto, muito parecido com o de Epidauro em dimensão e estrutura. Por trás, foi construído um estádio, de que uma das alas fica encostada ao teatro e que se serve dele também como um apoio.

2.30.1. OUTROS TEMPLOS E CULTOS DE EGINA. TREZENA

Não muito longe uns dos outros há três templos – um de Apolo, outro de Ártemis e o terceiro de Dioniso. A estátua de Apolo, de madeira, representa-o nu e é de um artista local; a de Ártemis está vestida, bem como a de Dioniso, que tem barba. O santuário de Asclépio está num outro lugar, não aqui; a estátua do deus, sentado, é em mármore. **30.2.** Dos deuses, é Hécate que os Eginetas sobretudo veneram,⁵³⁷ e em sua honra todos os anos celebram uns mistérios; dizem eles que esses mistérios foi Orfeu da Trácia quem os instituiu.⁵³⁸ O templo está dentro de um recinto, e a estátua de madeira da deusa é obra de Míron,⁵³⁹ com um só rosto e um só corpo.⁵⁴⁰

⁵³⁷ De facto, o culto de Hécate tinha uma origem asiática e estava sobretudo associado com a Cária, de onde se expandiu para a Grécia.

⁵³⁸ *Vide supra* 1.14.3 e nota respetiva.

⁵³⁹ *Vide supra* 1.23.7 e nota respetiva.

⁵⁴⁰ As imagens mais antigas de Hécate representavam-na com um só rosto (*monoprósopos*) e um só corpo. A versão tripla (*trímorphos*, *triprósopos*, *triképhalos*) tornou-se popular mais tarde, de acordo com o entendimento de Hécate como deusa das encruzilhadas de três caminhos e de uma natureza múltipla. Houve, portanto, uma evolução significativa durante o tempo em que o culto da deusa se manteve pujante, entre os séc. VI-IV a.C. Sobre as representações, uma ou tripla, e o progresso no seu culto, *vide* Sarian (2000-2001) 101-7; em 102, Sarian lembra que “Pausânias é o mais antigo testemunho de uma Hécate do tipo τριμορφος”.

Foi Alcâmenes,⁵⁴¹ julgo eu, o primeiro a fazer três estátuas de Hécate ligadas umas às outras, a que os Atenienses chamam ‘Epipirgídia’ (Posta sobre uma Torre);⁵⁴² encontra-se junto ao templo da Vitória (*Nike*) Áptera. **30.3.** Em Egina, quando se vai para o monte de Zeus Pan-helénio, fica o santuário de Afaia, em cuja honra Píndaro compôs um poema para os Eginetas.⁵⁴³ Dizem os Cretenses – porque as lendas relativas a esta deusa fazem parte da sua tradição – que Carmanor,⁵⁴⁴ que purificou Apolo do assassinio de Píton, tinha um filho, Eubulo; de Zeus e de Carme, filha de Eubulo, nasceu Britomártis.⁵⁴⁵ Esta era aficionada por corridas e caçadas e particularmente querida a Ártemis. Em fuga de Minos, que estava apaixonado por ela, enredou-se nas redes montadas para a pesca. Ártemis fez dela uma deusa, venerada não só pelos Cretenses, mas também pelos Eginetas, que dizem que Britomártis lhes aparece na ilha. O epíteto que ela tem entre os Eginetas é Afaia, e Dictina (Senhora das Redes), em Creta. **30.4.** O monte Pan-helénio, tirando o santuário de Zeus, não

⁵⁴¹ *Vide supra* 1.1.5 e nota respetiva. A propósito da Hécate de Alcâmenes, *vide* Sarian (2000-2001) 103. Sobre a intervenção de Orfeu na instituição de rituais místéricos – de Apolo, na Trácia, de Deméter, em Esparta, e de Hécate, em Egina –, cf. Graves (1977) I.113.

⁵⁴² Sobre a possível localização desta estátua na Acrópole, *vide* Sarian (2000-2001) 103.

⁵⁴³ Fr. 89b Snell.

⁵⁴⁴ *Vide supra* 2.7.7 e nota respetiva. O que resta do templo de Afaia, que data do final do séc. VI a.C., foi durante muito tempo identificado como de Zeus Pan-helénio e só depois de Atena com o epíteto de Afaia.

⁵⁴⁵ A mesma identificação entre Afaia e Britomártis, uma ninfa de Creta, muitas vezes confundida ou sobreposta a Ártemis, é feita por Antonino Liberal (*Metamorfoses* 40). Apesar da sua ânsia pela castidade, viu-se por longo tempo perseguida por Minos, o que a levou a lançar-se ao mar. Foi então recolhida por pescadores, nas suas redes. Segundo a tradição, Ártemis, para a proteger, tê-la-ia feito desaparecer, de onde o nome de Afaia, “Invisível”.

tem mais nada digno de registo. Esse santuário, ao que se diz, foi edificado por Éaco, a Zeus. Quanto a Auxésia e Dâmia, e como o povo de Epidauro se viu privado de chuva, como, por ordem de um oráculo, essas estátuas foram construídas de madeira de oliveira fornecida pelos Atenienses, como a gente de Epidauro não pagou aos Atenienses aquilo que estava combinado pagar-lhes, por os Eginetas terem ficado com as estátuas, e como os Atenienses que atravessaram para Egina para fazerem a cobrança pereceram, tudo isso, dado que Heródoto⁵⁴⁶ o relatou em pormenor e com rigor, não tenciono relatá-lo, porque é um assunto que já foi tratado. Limito-me a acrescentar que vi as imagens e lhes fiz sacrifícios, de acordo com o mesmo rito que é habitual fazer-se em Elêusis.

30.5. Será então este o registo devido a Egina e aos feitos de Éaco. Os vizinhos de Epidauro são os Trezénios, que se

⁵⁴⁶ Em 5.82-7, Heródoto é de facto minucioso no relato deste episódio. Tudo começou com a esterilidade do solo de Epidauro; o oráculo de Delfos, então consultado, denunciou como causa dessa catástrofe a morte de Dâmia e Auxésia, duas jovens cretenses lapidadas durante uma visita a Trezena, e ordenou a construção de um templo e a instituição de um culto que as homenageasse como deusas da fertilidade (*vide infra* 2.32.2). Mas interpôs ainda uma exigência: o material usado nas estátuas deveria ser madeira de oliveira, que os Atenienses consentiram em fornecer com a condição de que os beneficiados honrassem Atena Políade (*Polias*) e Erecteu com sacrifícios anuais. Com o tempo, dificuldades de relacionamento, apesar das afinidades que as ligavam (*vide supra* 2.29.5), foram-se desencadeando entre as gentes de Epidauro e de Egina, sobretudo à medida que o poder da ilha cresceu. No final do séc. VII a.C. a rutura estava mais ou menos consumada. E como cúmulo desse desrespeito, o autor de *Histórias* alude ao roubo, por parte dos Eginetas, das estátuas de Dâmia e Auxésia, que “levaram consigo e consagraram num local do interior do seu território, chamado Ea”, onde passaram a realizar festas em sua honra. Quando a gente de Epidauro, privada das estátuas, rompeu o compromisso para com os Atenienses, estes foram reclamar o cumprimento do voto aos Eginetas, que se mostraram indiferentes. E por razões obscuras, que cada parte conta a seu modo, a verdade é que os Atenienses enviados à ilha acabaram mortos.

gabam como ninguém do seu património. Dizem eles que Oro foi a primeira pessoa a existir na sua terra. Mas eu acho que se trata de um egípcio, porque o nome Oro não me parece de todo grego. Afirmam eles que Oro foi seu rei e que dele o seu território recebeu o nome de Oreia. Acrescentam que Altepo, filho de Posídon e de Leida, filha de Oro, ao assumir o poder depois do avô, lhe deu o nome de Altépia. **30.6.** Durante o seu reinado, ao que corre, Atena e Posídon disputaram a região,⁵⁴⁷ e após a disputa partilharam-lhe a propriedade, de acordo com a determinação de Zeus. Por isso veneram Atena apodada de *Pólias* e *Esténias* (Urbana e Forte), e Posídon com o epíteto de Soberano (*Basileus*); e as suas moedas antigas têm gravado um tridente e o rosto de Atena. **30.7.** Depois de Altepo reinou Sáron. Ao que diziam, foi este rei quem edificou o santuário de Ártemis Sarónide, junto a um mar que é muito lamacento e pouco profundo, razão pela qual o designam por Lago Febeu. Sáron – que era fanático por caça –, quando ia em perseguição de uma corça, precipitou-se no mar atrás do animal. A corça foi-se afastando cada vez mais de terra e Sáron foi seguindo a sua presa, até que, na sua excitação, se viu no alto mar. Faltaram-lhe as forças e foi engolido pelas ondas. O seu cadáver foi então atirado, junto ao Lago Febeu, para o bosque sagrado de Ártemis, onde o sepultaram dentro do recinto do santuário; foi a partir dele que, nessa região, o mar recebeu o nome de Sarónico em vez de Febeu. **30.8.** Não são conhecidos os reis seguintes até Híperes e Antas, que se diz serem filhos de Posídon e Alcíone, filha de Atlas. Terão sido eles a edificar na região – é o que se conta – as cidades de

⁵⁴⁷ Numa disputa semelhante à que confrontou os mesmos deuses pela posse da Ática, *vide supra* 1.24.3, 1.27.2 e notas respetivas; Posídon e o Sol pela posse de Corinto, 2.1.6; e Posídon e Hera pela posse de Argos, 2.15.5.

Hipereia e Anteia. Aécio, filho de Antas, herdou do pai e do tio o poder, e designou uma das cidades por Posidónias.⁵⁴⁸ Quando Trézen e Piteu se juntaram a Aécio, passou a haver três reis em vez de um, mas os filhos de Pélops⁵⁴⁹ dominaram. **30.9.** E a prova é a seguinte. Quando Trézen morreu, Piteu reuniu os habitantes de Hipereia e Anteia na cidade que agora existe e chamou-lhe Trezena, do nome do irmão.⁵⁵⁰ Muitos anos mais tarde, os descendentes de Aécio, filho de Antas, partiram de Trezena e foram fundar, na Cária, Halicarnasso e Mindo.⁵⁵¹ Por sua vez os filhos de Trézen, Anaflisto e Esfeto, emigraram para a Ática, e deles receberam nome os respetivos *demos*. Não vou escrever nada sobre Teseu, neto de Piteu, cuja história já é por demais conhecida.⁵⁵² Há só um pormenor que devo referir a este propósito. **30.10.** Quando os Heraclidas regressaram,⁵⁵³ os Trezénios acolheram alguns dórios de Argos como seus concidadãos, dado que antes tinham sido súbditos dos Argivos. Também Homero, no seu catálogo,⁵⁵⁴ diz que eram comandados por Diomedes, já que Diomedes e Euríalo,

⁵⁴⁸ Cf. Estrabão 8.6.14.

⁵⁴⁹ Ou seja, Trézen e Piteu. O que primeiro começou por ser uma partilha de poder com o rei local, terminou com o domínio dos dois príncipes vindos do exterior, que puseram fim à dinastia anterior e instituíram a dos Pelópidas. Cf. Graves (1977) I.323-4.

⁵⁵⁰ Cf. Plutarco, *Vida de Teseu* 3.2.

⁵⁵¹ O que prova o seu poder marítimo ainda em época arcaica. Cf. Heródoto 7.99.3. Em 1.144.1-3, Heródoto identifica as colónias dóricas da Ásia Menor, entre elas Halicarnasso, e o seu fracionamento por divergências religiosas. Tanto quanto hoje sabemos, os Dórios emigrados para oriente ocuparam sobretudo as ilhas do sul das Cíclades, como Melos e Tera, bem como várias ilhas próximas da Ásia Menor, caso de Rodes e Cós. A sua presença foi também forte na região da Cária, a sul de Mileto, onde se estabeleceram cidades como Cnidos e Halicarnasso.

⁵⁵² O próprio Pausânias dedica a Teseu inúmeras referências no Livro I (*vide* Índice, s.v.).

⁵⁵³ *Vide supra* 1.41.2, 2.13.1 e notas respetivas.

⁵⁵⁴ *Iliada* 2.561-8.

filho de Mecisteu, comandaram os Argivos contra Troia como tutores de Cianipo, filho de Egialeu.⁵⁵⁵ Mas Esténelo, como antes relatei,⁵⁵⁶ provinha de uma família de maior distinção, de apelido Anaxagóridas, e, por isso, mais do que qualquer outro tinha direito ao trono de Argos. É esta a história dos Trezénios, abstraindo aquelas cidades de que eles se dizem fundadores. Passo agora a relatar o património de templos que eles têm e tudo o mais que há a visitar.

2.31.1. MONUMENTOS E TRADIÇÕES DE TREZENA

Na ágora de Trezena há um templo e uma estátua de Ártemis Salvadora. Ao que se dizia, foi Teseu que o edificou e lhe deu o nome de Salvadora (*Soteira*), quando regressou de Creta depois de vencer Astério, filho de Minos.⁵⁵⁷ Esta, no seu entender, foi a vitória mais notável entre os seus feitos, não tanto – julgo eu – por Astério se distinguir pela coragem entre os adversários mortos por Teseu, mas porque o facto de ele ter ultrapassado as dificuldades da saída do labirinto e escapado oculto depois da sua proeza tornou credível a história de que não só o próprio Teseu como os que o acompanhavam tinham sido salvos pela providência divina. **31.2.** Neste templo há altares dos deuses que se diz reinarem sob a terra. Foi por lá, segundo a lenda, que Sémele foi resgatada do Hades por

⁵⁵⁵ *Vide supra* 2.18.4.

⁵⁵⁶ *Vide supra* 2.18.5.

⁵⁵⁷ Astério – ou Minotauro – era o nome de um filho que Pasífae teria tido com o touro enviado por Posídon, e que se concebia como um ser híbrido, metade homem e metade touro. O seu nome integra o do pai adotivo, Minos, o rei de Creta. Esta é, portanto, uma referência à aventura do labirinto, a mais emblemática de quantas se atribuíam a Teseu. Cf. Apolodoro 3.1.4.

Dioniso, e que Hércules teria trazido o cão de Hades.⁵⁵⁸ Mas eu nem mesmo creio que Sêmele tenha morrido, sendo ela esposa de Zeus; e quanto ao chamado cão de Hades vou pôr a claro noutro lugar o que penso sobre o assunto.⁵⁵⁹

31.3. Atrás do templo está o túmulo de Piteu,⁵⁶⁰ que tem em cima três assentos em mármore branco. Era neles, ao que se conta, que Piteu e dois outros homens juntamente com ele se sentavam a julgar. Não longe fica o santuário das Musas, que, ao que se diz, foi fundado por Árdalo, filho de Hefesto.⁵⁶¹ Consideram também que foi ele o inventor da flauta, e que do seu nome as Musas passaram a chamar-se Ardálidas. Foi aí, dizem eles, que Piteu ensinou a arte do discurso, e eu mesmo li um livro escrito por Piteu e editado por um sujeito de Epidauro. Não longe do *Mouseion*, está um altar antigo, que se diz ter sido dedicado também por Árdalo.

⁵⁵⁸ Diodoro Sicúlo (4.25.2-3), a propósito do mito de Orfeu, faz uma síntese dos tradicionais heróis catábaticos: além do cantor que tentou resgatar a esposa, Eurídice, também Dioniso, que trouxe de volta a mãe, Sêmele, e Hércules, o raptor do cão Cérbero, guardião da entrada do Inferno. Segundo o mito, Sêmele, filha de Cadmo, rei de Tebas, figura entre as amadas mortais de Zeus e das vítimas dos ciúmes de Hera, a esposa divina do senhor do Olimpo. Foi quando Zeus, a pedido de Sêmele por inspiração de Hera, se lhe mostrou em todo o seu esplendor, que a fulminou. O filho que ela então gerava, Dioniso, foi salvo, para concluir a gestação na coxa paterna. Sobre os locais de acesso aos Infernos, Pausânias regista diferentes versões; cf. 2.35.10, 3.25.6.

⁵⁵⁹ *Vide infra* 3.25.6.

⁵⁶⁰ *Vide supra* 1.22.2, 1.27.7, 1.37.4. Piteu, um dos filhos de Pélops (*vide supra* 2.30.8 e nota respetiva), era considerado um sábio. Pausânias dá conta de alguns dos benefícios de que dotou Trezena: um oráculo de Apolo, o santuário mais antigo da Grécia, e um altar à deusa tripla designada por Témis. Os três assentos colocados sobre o seu túmulo recordavam-no como juiz, juntamente com outros dois *basileis*. Foi ainda professor de retórica e autor de um tratado sobre o assunto, além de inventor da flauta. Cf. Graves (1977) I.324.

⁵⁶¹ Árdalo contava-se entre os Sete Sábios; cf. Plutarco, *Banquete dos Sete Sábios* 149f-150a.

Nele fazem-se sacrifícios às Musas e ao Sono (*Hypnos*), que, segundo eles, é o deus mais querido das Musas.⁵⁶² **31.4.** Perto do teatro, Hipólito construiu um templo de Ártemis Liceia (Dos Lobos).⁵⁶³ Sobre esse epíteto não consegui nenhuma informação dos guias, mas estou em crer que ou Hipólito eliminou os lobos que dizimavam Trezénia, ou que Liceia é um epíteto de Ártemis entre as Amazonas, de quem ele descendia por parte da mãe. Pode até haver outra explicação que eu não conheça. Diante do templo há uma pedra, a que chamam “Sagrada”, sobre a qual – ao que dizem – um dia nove homens de Trezena purificaram Orestes pelo homicídio da mãe. **31.5.** Não longe do templo de Ártemis Liceia há uns altares não muito separados uns dos outros. O primeiro deles é dedicado a Dioniso, com o epíteto – de acordo com um oráculo – de *Saótes* (Salvador); o segundo é chamado das deusas Témis⁵⁶⁴ e foi dedicado, ao que dizem, por Piteu. Tinham todas as razões, ao que me parece, para fazerem um altar a Hélio Eleutério, por terem escapado a tornarem-se escravos de Xerxes e dos Persas. **31.6.** O santuário de Apolo Teário (Emissário) foi, tanto quanto me disseram, Piteu que o construiu, e é o mais antigo que conheço. Antigo é também o templo de Atena que os Fócios têm na Iónia,⁵⁶⁵ e que um dia

⁵⁶² Como fonte de inspiração.

⁵⁶³ Sobre Hipólito, *vide supra* 1.22.1-2, 2.27.4 e notas respectivas. Segundo a tradição, depois de casar com Fedra, Teseu enviou para Trezena o filho bastardo que tinha tido da Amazona Antíope (embora haja vários nomes de Amazonas indicadas como mãe de Teseu; na peça de Eurípidés (10) não lhe é dado nenhum nome). Piteu acolheu-o na sua corte e fez dele herdeiro do trono. Dessa forma, o rei de Atenas procurava evitar a concorrência entre os seus filhos legítimos, Acamante e Demofonte, e o bastardo.

⁵⁶⁴ Três deusas patrocinadoras das “Leis”. *Vide supra* 1.22.1 e nota respectiva.

⁵⁶⁵ Cf. Heródoto 1.164.1-3. Hárpago, um comandante medo, tinha sido encarregado por Ciro da Pérsia da conquista das cidades da Iónia

Hárpago, o Medo, incendiou. Como é também antigo o dos Sâmios, a Apolo Pítio.⁵⁶⁶ Mas estes foram edificados muito mais tarde do que o de Trezena. A estátua existente no meu tempo foi dedicada por Aulisco, e é obra de Hérmon de Trezena.⁵⁶⁷ Deste Hérmon são também as estátuas de madeira dos Dioscuros. **31.7.** No pórtico da ágora há umas mulheres em pedra, elas e os filhos. Trata-se daquelas mulheres e crianças que os Atenenses confiaram à guarda dos Trezénios quando lhes pareceu conveniente abandonar a cidade e não ficar à espera, com um exército de infantaria, que os Medos avançassem.⁵⁶⁸ Ao que se diz, não dedicaram as imagens de todas as mulheres – cujas estátuas realmente não eram muitas –, mas apenas das de maior distinção. **31.8.** Diante do santuário de Apolo fica um edifício a que chamam “Tenda de Orestes”.⁵⁶⁹ Como, antes de ser purificado do sangue da mãe, nenhum Trezénio o queria receber em casa, instalaram-no ali, alimentaram-no e purificaram-no, até cumprir a expiação. Ainda nos dias de hoje, os descendentes desses que o purificaram comem ali em determinados dias. Um pouco longe da tenda foram enterrados, ao que eles dizem, os instrumentos de purificação, de que nasceu um loureiro, que de facto no meu tempo ainda lá está diante da tenda. **31.9.** Além de outros instrumentos, ao

(cf. Heródoto 1.162.2). Várias foram-se rendendo ao seu método de terraplanagem; “fazia-lhes cerco, acumulava terra contra os muros e assaltava-as”. Os habitantes de Focéia, mesmo assim, embora não tivessem podido evitar a destruição da cidade, pelo menos iludiram as atenções do invasor e conseguiram pôr toda a população a salvo a caminho de Tartessos, na Península Ibérica, onde encontraram acolhimento.

⁵⁶⁶ *Vide infra* 7.5.4.

⁵⁶⁷ Escultor de que não existe qualquer outra informação.

⁵⁶⁸ *Vide supra* 1.18.2 e nota respetiva.

⁵⁶⁹ Sobre o matricídio cometido por Orestes, *vide supra* 1.22.6 e nota respetiva. Diferentes tradições situavam a purificação de Orestes em múltiplos lugares da Grécia: em Delfos, na Trácia, na Cilícia ou em Atenas.

que eles dizem, usados na purificação de Orestes há também a água de Hipocrene (Fonte do Cavalo);⁵⁷⁰ de facto, os Trezénios também têm uma fonte chamada “do Cavalo”, de que relatam uma história idêntica à dos Beócios. Dizem eles também que do solo brotou água depois que o cavalo Pégaso feriu o chão com o seu casco, quando Belerofonte⁵⁷¹ veio a Trezena pedir a Piteu a mão de Etra. Mas antes que o casamento tivesse lugar, ele foi expulso de Corinto.⁵⁷² **31.10.** Aí há também uma estátua de Hermes chamado Polígio, a que Hércules – conta a lenda – encostou a sua clava. Então a clava – que era de oliveira selvagem – ganhou raízes (se é que se pode crer em tal história) rebentou e mantém-se viva. Dizem também que Hércules encontrou essa oliveira selvagem no Sarónico e foi dela que cortou a clava. Há ainda um santuário de Zeus, cognominado Salvador (*Soter*), mandado construir, segundo eles, por Aécio, filho de Antas, enquanto rei. À corrente dão o nome de “Rio do Ouro (*Chrysorróas*)”. Contam a propósito que, quando o seu território sofreu uma seca durante nove anos, sem que caísse uma gota de chuva, todos os outros cursos de água secaram, e só o Rio do Ouro continuou a correr como sempre.

⁵⁷⁰ Sobre a Hipocrene beócia, *vide infra* 9.31.3. Esta célebre fonte situava-se na encosta do monte Hélicon e era consagrada a Apolo e às Musas que, segundo uma tradição semelhante à que existia em Trezena, teria brotado depois que Pégaso fendeu o solo com o casco. A sua água era considerada inspiradora dos poetas.

⁵⁷¹ *Vide supra* 2.1.9 e nota respetiva.

⁵⁷² Cf. Graves (1977) I.324. Depois de pedida a mão de Etra e antes que a boda se tivesse realizado, Belerofonte caiu em desgraça e foi enviado para a Cária. Portanto, embora comprometida, Etra não tinha grande esperança de ver regressar o noivo. Foi então que Piteu embebedou Egeu, que lá se encontrava de passagem, e proporcionou um encontro amoroso com a filha. Ainda na mesma noite, Posídon manteve com ela também uma relação. O filho que nasceu – Teseu – passou a ter uma paternidade duvidosa. *Vide infra* 2.33.1.

2.32.1. DEPOIS DO CENTRO, A PERIFERIA DE TREZENA

A Hipólito, filho de Teseu,⁵⁷³ está dedicado um santuário muito famoso, onde fica um templo e uma estátua antiga.⁵⁷⁴ Foi Diomedes,⁵⁷⁵ ao que eles dizem, que os edificou e além disso quem pela primeira vez fez sacrifícios a Hipólito. Os Trezénios têm um sacerdote de Hipólito, que exerce o sacerdócio durante toda a vida, e instituíram sacrifícios anuais. Praticam também este outro ritual: todas as moças antes do casamento cortam, em sua homenagem, um anel de cabelo e, depois de o cortarem, vão ofertá-lo no templo.⁵⁷⁶ Não aceitam que ele tenha morrido arrastado pelos cavalos e, embora lhe conheçam o túmulo, não o mostram. Crêem que a constelação celeste chamada “Auriga” é esse Hipólito e que foram os deuses a conceder-lhe essa honra.⁵⁷⁷ 32.2. Dentro desse recinto há um templo de Apolo *Epibatério* (Protetor dos Embarcados), oferta de Diomedes por ter escapado à tempestade que desabou sobre os Gregos no regresso de Troia. Segundo eles, foi também Diomedes o primeiro a instituir os jogos píticos em honra de Apolo. De Dâmia e Auxésia (a quem os Trezénios

⁵⁷³ *Vide supra* 1.22.1-2 e notas respectivas.

⁵⁷⁴ Sobre a possível configuração deste santuário, cf. Musti, Torelli (2008) 320-2.

⁵⁷⁵ A importância de Diomedes na Argólida justifica as várias menções que lhe são feitas; cf., ao longo deste Livro II, 20.5, 24.2, 25.2, 30.10.

⁵⁷⁶ O culto prestado a Hipólito em Trezena era muito mais antigo do que o tratamento célebre que lhe deu Eurípides nos seus dois *Hipólitos*. Esta homenagem das jovens antes do casamento aludia à sua natureza casta. Sobre este ritual, cf. Eurípides, *Hipólito* 1423-30; e sobre a grande veneração em que era tido Hipólito, cf. Diodoro Sículo 4.62.4.

⁵⁷⁷ Esta constelação bem conhecida desde a Antiguidade estava relacionada com vários mitos, entre os quais o do cocheiro de Enómao, Mírtilo (*vide supra* 2.18.2 e nota respetiva) e o do ateniense Erictónio, por vezes considerado o inventor da quadriga. Esta versão que a associava a Hipólito é com certeza local.

também prestam culto), não contam a mesma história que a gente de Epidauro ou os Eginetas;⁵⁷⁸ dizem que elas eram duas moças vindas de Creta; e ao tempo de uma insurreiçãõ geral na cidade, também elas – ao que consta – foram lapidadas pelos da façãõ contrária; por isso lhes celebram uma festa a que chamam *Litobólia* (Apedrejamento). **32.3.** Na outra parte do recinto, há um estádio dito de Hipólito, e acima dele um templo de Afrodite *Catascópia* (Observadora). De facto era de lá que, quando Hipólito praticava desporto, Fedra, apaixonada por ele, o observava. Nesse mesmo sítio ainda existe o mirto, com as folhas perfuradas, como escrevi acima.⁵⁷⁹ Quando Fedra entrou em desespero, sem conseguir encontrar alívio para a paixão, descarregava nas folhas deste mirto. **32.4.** Há também o túmulo de Fedra, que não fica longe do memorial de Hipólito; é uma sepultura não distante do mirto. A estátua de Asclépio é obra de Timóteo,⁵⁸⁰ que os Trezénios não consideram uma representação de Asclépio, mas uma imagem de Hipólito. Conheço, por a ter visto, a casa de Hipólito; em frente fica a chamada fonte de Héracles, por ter sido ele – na versão dos Trezénios –, quem a descobriu. **32.5.** Na acrópole, fica o templo de Atena chamada *Esténias* (Fortalecedora). A estátua de madeira da deusa é obra de Cálon, de Egina.⁵⁸¹ Este Cálon foi discípulo de Tecteu e de Angélion,⁵⁸² os autores da estátua de Apolo em Delos. Angélion e Tecteu,

⁵⁷⁸ *Vide supra* 2.30.4 e nota respetiva.

⁵⁷⁹ *Vide supra* 1.22.2.

⁵⁸⁰ Cf. Plínio, *História Natural* 36.31, que o cita entre outros nomes de escultores do séc. IV a.C., como Escopas, Briáxis e Leócares. *Vide supra* Livro I, nota 867.

⁵⁸¹ Um escultor de finais do séc. VI a.C.

⁵⁸² Estes dois escultores da segunda metade do séc. VI a.C. são sempre mencionados em conjunto (cf. Plutarco, *Sobre a Música* 1136^a).

por sua vez, foram ensinados por Dipeno e Cílis.⁵⁸³ **32.6.** Na descida, encontra-se o santuário de Pã Litério (Libertador). O nome vem-lhe de ter revelado aos magistrados de Trezena, em sonhos, a cura para uma peste que os vitimava, e aos Atenien-
ses mais que a ninguém.⁵⁸⁴ Depois de se atravessar na direção de Trezénia, vê-se um templo de Ísis e, acima dele, o de Afrodite Acraia (Das Alturas). Foi o povo de Halicarnasso que o construiu, em homenagem a Trezena, sua cidade-mãe.⁵⁸⁵ A imagem de Ísis, no entanto, foi o povo de Trezena a dedicá-la.

32.7. Quem toma, através das montanhas, o caminho de Hermíone, encontra uma nascente do rio Hílico, originariamente chamado Táurio,⁵⁸⁶ e uma pedra dita de Teseu. Quando Teseu retirou debaixo dela as sandálias e a espada de Egeu,⁵⁸⁷ também ela mudou de nome, sendo antes designada como altar de Zeus Esténio (Forte). Perto dessa pedra fica o santuário de Afrodite Nínfia (Noiva), edificado por Teseu quando casou com Helena.⁵⁸⁸ **32.8.** No exterior da muralha, está o santuário de Posídon Fitálmio (Alimentador). Diz-se que Posídon, irritado com os Trezénios, lhes tornou o território estéril, permitindo que a salmoura marinha atingisse as sementes e as raízes das plantas; depois de apaziguado com sacrifícios e preces, deixou de infiltrar a salmoura na terra. Acima do templo de Posídon, está Deméter Tesmófora, cujo culto foi fundado, ao que se diz, por Altepo.⁵⁸⁹ **32.9.** Quando se desce para o porto situado junto à chamada Celênderis, fica um lugar conhecido

⁵⁸³ *Vide supra* 2.15.1, 2.22.5.

⁵⁸⁴ *Vide supra* 1.3.4 e nota respetiva.

⁵⁸⁵ *Vide supra* 2.30.9 e nota respetiva.

⁵⁸⁶ Cf. Ateneu 3.122f.

⁵⁸⁷ *Vide supra* 1.27.8, *infra* 2.34.6.

⁵⁸⁸ *Vide supra* 1.41.5 e nota respetiva.

⁵⁸⁹ *Vide supra* 2.30.5, 30.7. Sobre o culto de Deméter Tesmófora, *vide supra* 1.31.1 e nota respetiva.

por Genétlion (Do Nascimento), onde se diz que Teseu foi dado à luz. Antes deste lugar fica o templo de Ares, onde Teseu saiu vencedor em combate com as Amazonas. Estas Amazonas fariam certamente parte das que atacaram, na Ática, Teseu e os Atenienses.⁵⁹⁰ **32.10.** A caminho do mar Psifeu,⁵⁹¹ brotou uma oliveira selvagem chamada *Ráchos Streptós*. Os Trezénios chamam *ráchos* a todo o tipo de oliveira estéril, seja ela brava, castanha ou doméstica;⁵⁹² e acrescentam-lhe *streptós* (Retorcida), porque as rédeas se ensarilharam nela e o carro de Hipólito virou-se. O santuário de Ártemis Sarónide, de que já contei a história,⁵⁹³ não fica longe dela. Vou ainda acrescentar o seguinte: todos os anos fazem, em honra de Ártemis, uma festa a que chamam Sarónia.

2.33.1. ILHAS DA TREZÉNIA – SAGRADA E CALÁURIA

Os Trezénios têm várias ilhas, uma delas próxima do continente, de modo que é possível atravessar para lá a pé. Esta dantes chamava-se Esféria,⁵⁹⁴ nome que foi alterado para

⁵⁹⁰ Vide supra 1.2.1 e notas respetivas.

⁵⁹¹ Provavelmente a lagoa que fica a sudoeste da península de Metana.

⁵⁹² *Kótinós* (“oliveira-brava”, *Olea europaea* L. subsp. *europaea* var. *sylvestris* (Mill.) Lehr) e *élaion* (“doméstica”, *Olea europaea* L. subsp. *europaea* var. *europaea*) são as designações correntes para os dois tipos de oliveira em Teofrasto. Pausânias associa com elas um terceiro tipo a que chama *phyllía*, talvez uma espécie importada e que, com o passar dos séculos, passou a fazer parte da flora grega. Poderíamos identificá-la, por exemplo, com a chamada “oliveira-castanha” (*Olea chrysophylla* Lam., cujo nome válido é *Olea europaea* subsp. *Cuspidata* (Wall. & G. Don) Cif.) e, dada a sua existência no Médio e Próximo Oriente, admitir o seu transplante ao tempo da campanha de Alexandre, como aconteceu com outras espécies.

⁵⁹³ Vide supra 2.30.7.

⁵⁹⁴ Cf. Musti, Torelli (2008) 325: “Esta ilha é identificável com o mais ocidental dos dois ilhéus situados entre o atual porto de Gálata e a ilha de Caláuria (hoje Poros)”.

“Sagrada” pela razão seguinte: porque lá fica o túmulo de Esfero que, segundo a tradição, era auriga de Pélops. Foi a ele que Etra, em obediência a um sonho enviado por Atena, atravessou para a ilha e foi levar libações. E, depois de ter atravessado, ao que se conta, foi lá que Posídon teve relações com ela.⁵⁹⁵ Essa a razão por que Etra fundou nesse lugar um templo de Atena Apatúria (Enganadora), e mudou o nome da ilha de Esféria para “Sagrada”. Instituiu também, para as moças de Trezena, o ritual de ofertarem, antes do casamento, o cinto a Atena Apatúria. **33.2.** Caláuria foi, ao que consta, em tempos antigos dedicada a Apolo, na altura em que Delfos era consagrada a Posídon. E acrescenta-se que esses deuses fizeram uma troca entre eles.⁵⁹⁶ Em abono do que dizem, citam este oráculo:

Tanto faz habitar Delos ou Caláuria,
A sagrada Pito ou o tempestuoso Ténaro.

A verdade é que Posídon lá tem consagrado um santuário;⁵⁹⁷ a sacerdotisa é uma jovem, que exerce essa função até à idade de casar. **33.3.** Dentro do recinto fica também o túmulo de Demóstenes. Este é um caso – e antes dele o de Homero – que me parece comprovar como a divindade é maldosa. Pois Homero, além de ficar cego, como se esta já não fosse pouca desgraça, ainda sofreu outra – caiu na pobreza e passou a andar de terra em terra a mendigar. A Demóstenes

⁵⁹⁵ *Vide supra* 1.17.3, 2.31.9 e notas respetivas. Daqui a tradição de uma dupla paternidade para Teseu: Egeu ou Posídon.

⁵⁹⁶ Cf. Estrabão 8.373-4. Segundo Estrabão, o oráculo tinha sido registado por Éforo (*FGrHist* 70F 150).

⁵⁹⁷ Foi neste templo que, segundo Plutarco, *Vida de Demóstenes* 29, o orador exilado em Caláuria procurou refúgio contra os perseguidores macedónios que vieram capturá-lo.

tocou em sorte a experiência do exílio na velhice e ter uma morte violenta.⁵⁹⁸ Foi afirmado vezes sem conta, a seu respeito – por outros e pelo próprio Demóstenes – que ele nada tinha a ver com o dinheiro que Hárpalo trouxe da Ásia.⁵⁹⁹ Mas vou relatar o desfecho deste caso. **33.4.** Hárpalo, pouco tempo depois de ter fugido de Atenas e atravessado com uma armada para Creta, foi morto pelos criados que o serviam. Há também quem diga que ele foi assassinado à traição por um sujeito da Macedónia, chamado Pausânias. O gestor dos seus bens fugiu para Rodes, onde foi capturado por Filóxeno, um Macedónio, que já tinha reclamado Hárpalo aos Atenienses. Depois de ter o escravo na mão, Filóxeno questionou-o até ficar a saber em pormenor quantos é que tinham recebido dinheiro de Hárpalo. Já informado, enviou uma carta para Atenas. **33.5.** Nessa carta enumerava os que tinham recebido dinheiro de Hárpalo, com os nomes e as somas recebidas por cada um deles, sem fazer referência a Demóstenes, apesar da inimizade terrível que Alexandre tinha por ele e com quem o próprio Filóxeno tinha um conflito. Daí que Demóstenes goze de prestígio em diferentes partes da Grécia, e entre os habitantes de Caláuria.

⁵⁹⁸ *Vide supra* 1.8.2-3. Desta vez Pausânias acrescenta mais pormenores sobre a morte de Demóstenes.

⁵⁹⁹ *Vide supra* 1.37.5 e nota respetiva. Plutarco, *Vida de Demóstenes* 25-6 relata em pormenor este mesmo episódio. Justifica, em primeiro lugar, a fuga de Hárpalo para Atenas por receio de Alexandre (324 a.C.), cuja confiança tinha traído. Aí serviu-se do dinheiro que tinha trazido da Ásia para subornar alguns Atenienses e conseguir apoios. Demóstenes, na versão de Plutarco, aceitou um presente que o colocou numa situação difícil: foi julgado, condenado e, por fim, compelido a um exílio voluntário. Depois de um regresso breve a Atenas, em pouco tempo viu-se de novo obrigado a partir e foi em Caláuria que veio a morrer (em 322 a.C.). Em *Vida de Demóstenes* 29, Plutarco descreve o suicídio que preferiu a cair na mão do inimigo macedónio.

2.34.1. NAS PROXIMIDADES DE TREZENA – METANA E HERMÍONE

De Trezena faz parte um istmo que se prolonga mar adentro, onde se encontra uma cidade pequena, edificada sobre o mar, chamada Metana. Aí existe um santuário de Ísis e, na ágora, uma estátua de Hermes e outra de Héracles. A uns trinta estádios da cidade há umas termas. Ao que se diz, foi no tempo em que Antígono, filho de Demétrio, reinava na Macedónia,⁶⁰⁰ que esta água pela primeira vez apareceu; o que apareceu logo não foi água, mas uma labareda enorme que borbulhava do solo. Foi quando a chama se extinguiu que a água brotou, uma água que ainda no meu tempo sai quente e terrivelmente salgada. Não há por ali perto água fria para quando se sai do banho, nem se pode mergulhar e nadar, porque é perigoso, uma vez que o mar está infestado de tubarões e de outras feras marinhas. **34.2.** E passo a registar o que mais me impressionou em Metana:⁶⁰¹ o vento Lips,⁶⁰² vindo do golfo Sarónico, na altura em que as vinhas brotam, queima os rebentos. Daí que, quando o vento sopra, dois homens espartejam um galo com as asas todas brancas e correm em volta do vinhedo, em direcções contrárias, cada um levando metade do galo. Quando chegam ao ponto de partida, enterram-no ali. **34.3.** Foi o meio que descobriram para se defenderem do Lips. Os ilhéus, em número de nove, que se encontram junto à costa são chamados de Pélops. Num deles, ao que se diz – e

⁶⁰⁰ Vide *supra* 1.1.1, 1.2.3, 1.9.8, 1.10.2 e notas respetivas.

⁶⁰¹ A cidade que, na Antiguidade, estava do lado ocidental da península, passou modernamente para o lado contrário. O golfo de Metana é conhecido pelos tubarões que o frequentam. Trata-se de um território vulcânico, onde Atenas teve, durante a guerra do Peloponeso, um posto avançado em terreno inimigo (cf. Tucídides 4.45.2). A grande erupção referida por Pausânias ocorreu em 238 a.C. As termas surgiram em meados do séc. III a.C.

⁶⁰² Vindo de sudoeste.

é caso único –, mesmo quando há chuva, lá nunca chove. Se é isso que se passa, não sei, mas era o que dizia a população de Metana. Certo é que já vi gente a afastar o granizo com sacrifícios e fórmulas mágicas.

34.4. Portanto, Metana é um istmo do Peloponeso. Dentro desse istmo, na fronteira com Trezena, fica Hermíone. O fundador da cidade antiga – ao que dizem os Hermíones – foi Hérmiôn, filho de Europe, por sua vez filho de Foroneu⁶⁰³ (um bastardo, segundo Herófanés de Trezena). Porque – diz ele –, se Foroneu tivesse tido um filho legítimo, o seu herdeiro não teria sido Argos, o filho de Níobe e seu neto.⁶⁰⁴ **34.5.** Mas eu, mesmo admitindo que Europe fosse filho legítimo de Foroneu e tivesse morrido antes do pai, estou certo de que este filho não teria condições de disputar de igual para igual o poder com o de Níobe, que era considerado filho de Zeus. Mais tarde, Dórios, vindos de Argos, instalaram-se também em Hermíone,⁶⁰⁵ mas não creio que tenha havido guerra entre eles, ou os Argivos teriam feito algum comentário.⁶⁰⁶

34.6. Existe um caminho de Trezena para Hermíone que passa junto do rochedo antes chamado “altar de Zeus Esténio”; mas quando Teseu o levantou para recuperar os objetos de reconhecimento, passou a chamar-se “de Teseu”.⁶⁰⁷ Quem segue, então, por esse caminho de montanha que passa junto da tal pedra encontra um templo de Apolo, com o epíteto

⁶⁰³ *Vide supra* 2.15.5 e nota respetiva. Hermíone é referida em *Iliada* 2.560, como uma das cidades sob o comando de Diomedes.

⁶⁰⁴ *Vide supra* 2.16.1, 2.21.9 e nota respetiva.

⁶⁰⁵ Hermíone situava-se na costa sul da península que separa os golfos Sarónico e de Argos (cf. Tucídides 1.27.2).

⁶⁰⁶ Este teria sido mais um caso de fusão de populações locais com os Dórios invasores, sem ter provocado conflito neste local. A data provável desta ocupação de Hermíone pelos Argivos será 464 a.C., coincidindo com a supremacia de Argos também sobre Micenas e Tirinte.

⁶⁰⁷ *Vide supra* 2.32.7 e nota respetiva.

de Platanístio (Deus do Plátano), e um lugar chamado Ileu, onde existem santuários de Deméter e da filha, Perséfone. Na direção do mar, nos limites de Hermíone, há um santuário de Deméter, dita Termásia.⁶⁰⁸ **34.7.** A uns 80 estádios, no máximo, fica o promontório de Cileu, assim chamado a partir da filha de Niso.⁶⁰⁹ De facto, quando ela, à traição, entregou Niseia e Mégara a Minos, este declarou que não a queria por esposa e ordenou aos Cretenses que a atirassem borda fora. Depois de morta, a ondulação arrastou-a para esse promontório.⁶¹⁰ Não existe um túmulo dela que se possa mostrar, mas dizem por lá que se deixou às aves marinhas o encargo de destroçarem o cadáver. **34.8.** Quando se navega de Cileu em direção à cidade, encontra-se um outro promontório chamado Bucéfala e, a seguir ao promontório, umas ilhas: a primeira é a Haliussa (Ilha do Sal), provida de um porto muito cómodo para os navios; a seguir fica a Pitiussa (Ilha dos Pinheiros) e, em terceiro lugar, aquela a que chamam Arístera. Passadas as ilhas, chega-se de novo a um promontório, o de Coliégria, que se projeta do continente; a seguir há uma ilha chamada Tricrana (Três Cabeças) e, por fim, um monte – o Buportmo – que, a partir do Peloponeso, se projeta no mar. No Buportmo foi edificado um santuário de Deméter e da filha, e um outro de Atena, chamada Promacorma (Senhora do Ancoradouro). **34.9.** Em frente do Buportmo, fica uma ilha chamada Ape-rópia, e não longe dela uma outra de nome Hídrea. A seguir, o continente forma uma praia em meia-lua e, depois da praia, há uma faixa de terra que vai até Posídio, começando no mar do lado nascente e prolongando-se para poente. Há também

⁶⁰⁸ Possivelmente este epíteto refere-se ao calor necessário, disponibilizado pela deusa, para maturar o grão.

⁶⁰⁹ Cila de seu nome; *vide supra* 1.19.4 e nota respetiva.

⁶¹⁰ *Vide supra* 1.19.4 e nota respetiva.

portos nesta faixa, que tem sete estádios de comprimento e não mais do que três estádios de largura máxima. **34.10.** Foi aqui que os Hermíones tiveram a sua primeira cidade, de que ainda lá restam hoje alguns templos: um de Posídon no princípio da faixa de terra e, já mais para o interior, na direção da parte alta, um de Atena. Junto deste estão as ruínas de um estádio, onde, ao que se diz, os filhos de Tíndaro competiram.⁶¹¹ Lá fica também outro santuário de Atena, pequeno, cujo teto ruiu. Há ainda um templo do Sol, um outro das Graças e um terceiro de Serápis e Ísis. Além deles existe um recinto de grandes pedras em bruto; lá dentro fazem rituais místicos a Deméter.

34.11. São então estes os monumentos dos Hermíones neste sítio. A cidade atual dista do promontório, onde se encontra o santuário de Posídon, mais ou menos quatro estádios; situa-se num nível baixo, vai subindo lentamente encosta acima, que já faz parte do monte Pron, como ele é chamado. Há uma muralha a toda a volta de Hermíone; nela são vários os aspetos dignos de registo, muito em especial o templo de Afrodite chamada Pôntia e Liménia (Do Mar e do Porto) e uma estátua em mármore branco, de grandes dimensões e digna de ser vista pela qualidade técnica. **34.12.** Há ainda um outro templo de Afrodite. Entre as homenagens que lhe prestam os Hermíones há a seguinte: está estabelecido que as moças, e mesmo uma mulher viúva que vá contrair segundas núpcias, todas elas, antes do casamento, façam sacrifícios neste templo. Existem também dois santuários de Deméter Termásia, um na fronteira com Trezena, a que já me referi,⁶¹² e um outro dentro da cidade.

⁶¹¹ *Vide supra* 2.1.9 e nota respetiva.

⁶¹² *Vide supra* 2.34.6.

2.35.1. AINDA HERMÍONE E OS SEUS CULTOS

Lá perto fica um templo de Dioniso Melanégide (De Pele Negra); em sua homenagem organiza-se todos os anos um concurso musical; atribuem-se também prémios em competições de natação e corridas de barcos. Existe ainda um santuário de Ártemis com o epíteto de Ifigénia, e um Posídon em bronze com um pé sobre um golfinho. Quando se entra no santuário de Héstia, não há nenhuma imagem, mas só um altar; é sobre ele que se fazem sacrifícios a Héstia. **35.2.** De Apolo existem três templos e três imagens. Um não tem qualquer qualificativo, outro é designado por Piteu, e o terceiro por Hório (Da Fronteira). O nome de Piteu aprenderam-no com os Argivos, dado que, ao que diz Telesila,⁶¹³ foi ao seu território que, entre os Gregos, primeiro chegou Piteu, filho de Apolo. Porque é que chamam a um deles Hório, não sei dizer com certeza, mas imagino que possam ter saído vencedores nalguma guerra ou disputa pelas fronteiras do seu território; daí venerarem Apolo Hório. **35.3.** O santuário da Fortuna, ao que afirmam os Hermíones, é o mais recente dos que eles possuem, e lá existe um colosso em mármore de Paros. Entre as fontes, há uma bastante antiga, em que se não vê correr a água que a alimenta, mas que nunca se esgotaria, nem mesmo que toda a gente descesse a tirar dela água. Há uma outra construída no meu tempo; o nome da região de onde provém a água que a abastece é Límon (Prado).

35.4. Sobretudo digno de referência é o santuário de Deméter, no alto do Pron.⁶¹⁴ Dizem os Hermíones que este

⁶¹³ Fr. 3 Page. Sobre Telesila, *vide supra* 2.20.8-9 e nota respetiva.

⁶¹⁴ A arqueologia fez remontar este culto ao séc. VI a.C. Inicialmente o templo ocuparia uma situação extra-urbana mas, com a expansão da cidade, acabou integrado no espaço urbano.

santuário foi erigido por Clímeno, filho de Foroneu, e por Ctónia, a irmã de Clímeno.⁶¹⁵ Em contrapartida, os Argivos relatam que, quando Deméter veio para a Argólida, Átera e Mísio⁶¹⁶ prestaram à deusa acolhimento ... enquanto Colontas nem a recebeu na sua casa, nem lhe dispensou qualquer outro sinal de homenagem. Comportamento que não teve a aprovação de Ctónia, a sua filha. Por este procedimento, Colontas foi então – ao que se diz – queimado juntamente com a sua casa, enquanto Ctónia foi levada para Hermíone, por Deméter, e lá erigiu o santuário para os Hermíones.⁶¹⁷ **35.5.** Assim a deusa foi apodada de Ctónia e Ctónia passou a ser o nome de uma festa celebrada todos os anos, no verão. A celebração é a seguinte. Abrem a procissão os sacerdotes dos deuses e todos os que desempenham cargos naquele ano, seguidos por mulheres e homens. Entretanto também se estabeleceu que alguns ainda crianças possam honrar a deusa na procissão. Estes vestem de branco e levam coroas na cabeça. Essas coroas são entrelaçadas com a flor a que os locais chamam *cosmossândalo*, que me parece semelhante ao jacinto em tamanho e cor; tem até, do mesmo modo, inscritas as letras de sofrimento.⁶¹⁸ **35.6.** Atrás

⁶¹⁵ Pausânias combina duas tradições distintas: uma proveniente de Trezena, que considera Clímeno e Ctónia irmãos e filhos de Foroneu; outra argiva, que identifica Ctónia como filha de Colontas, um paradigma de impiedade. Por ter recusado acolher Deméter quando procurava a filha, Colontas foi queimado pela deusa, com a sua própria casa.

⁶¹⁶ *Vide supra* 2.18.3.

⁶¹⁷ O culto de Deméter Ctónia, uma divindade de tradição dríope, tinha grande importância em Hermíone. Além das lendas narradas por Pausânias sobre a fundação deste culto e a justificação do seu nome, Ctónia significa “da terra”, epíteto que a deusa partilha com Hécate (cf. Apolónio de Rodes, *Argonáuticas* 4.148).

⁶¹⁸ AI. Sobre o jacinto, as letras que apresenta e a sua relação, em Salamina, com uma planta associada com a morte de Ajax (*Delphinium ajacis* L.), *vide supra* 1.35.4.

dos que seguem na procissão vêm os que conduzem uma vaca do rebanho, presa com cordas, e ainda brava e selvagem.⁶¹⁹ Depois de a levarem para o templo, uns tantos soltam-na das cordas para que ela irrompa por ele adentro, enquanto outros, que até então mantinham as portas abertas, as fecham, quando vêem a vaca já no interior. **35.7.** Quatro mulheres de idade, que ficam lá dentro, são quem domina a vaca. Aquela que a sorte ditar degola o animal com uma foice. A seguir, abre-se as portas e aqueles que forem encarregados de o fazer conduzem uma segunda vaca, a seguir a esta uma terceira, e ainda uma quarta. São as mulheres que as dominam todas, da mesma maneira. No sacrifício há ainda um outro procedimento estranho. Qualquer que seja o lado para que a primeira vaca caia, todas as outras devem cair para o mesmo lado.⁶²⁰ **35.8.** É, portanto, desta maneira que os Hermíones realizam esse sacrifício. Em frente ao templo erguem-se umas tantas estátuas de mulheres sacerdotisas da deusa, e quando se entra, estão os assentos em que as mulheres aguardam que as vacas entrem, uma a uma; há também imagens, não muito antigas, de Atena e Deméter. Mas aquilo que elas veneram mais do que qualquer outra coisa nunca cheguei a vê-lo, nem eu nem qualquer outra pessoa, seja ela de fora ou um Hermíone. Só as tais mulheres sabem do que se trata.

35.9. Há também um outro templo, com estátuas a toda a volta. Esse templo fica diante do de Ctônia, e é chamado de

⁶¹⁹ Este ritual, que Pausânias descreve em pormenor, coincide em alguns aspetos com as *Bufônias*, celebradas em Atenas (*vide supra* 1.24.3, 1.28.10).

⁶²⁰ Torelli, Musti (2008) 332 chamam a atenção para o caráter arcaico do ritual: “A tradição da apresentação espontânea da vítima no altar (...), o sacrifício secreto, seguido por uma espécie de corrida de quatro velhas, com o simbólico instrumento da foice, são traços de forte arcaísmo e de particular importância mágico-religiosa”.

Clímeno; é lá que os sacrifícios a Clímeno têm lugar. Não creio que Clímeno fosse um sujeito vindo de Argos para Hermíone, mas sim o epíteto de um deus, seja ele qual for, que a lenda dá como rei das profundas.⁶²¹ **35.10.** Junto a este há um outro templo e estátua de Ares, e à direita do templo de Ctónia há um pórtico, chamado pelos locais “de Eco”. É que aquilo que se disser, ele repete-o pelo menos três vezes. Atrás do templo de Ctónia há três lugares a que os Hermíones dão estes nomes: de Clímeno, de Plutão e ao terceiro de lago Aquerúsio. Todos são cercados por muros de pedra; no de Clímeno há uma brecha no solo.⁶²² Foi por aí, ao que dizem os Hermíones, que Hércules trouxe do Hades o cão.⁶²³ **35.11.** Junto à porta de onde parte um caminho a direito que leva a Mases, há, dentro da muralha, um santuário de Ilitia. Todos os dias, com sacrifícios e fumigações, eles propiciam generosamente a deusa, além de dedicarem a Ilitia oferendas abundantes. A imagem não está visível para ninguém, a não ser para as sacerdotisas.

2.36.1. OUTRAS POVOAÇÕES EM TORNO DE ARGOS

Quando se avança cerca de sete estádios pela estrada direta para Mases, voltando à esquerda, fica o caminho para Hállice.⁶²⁴ Hállice é, no meu tempo, um lugar deserto, mas antes era habitado. Existe uma menção aos Halícios em estelas

⁶²¹ Cf. Ateneu 624a, onde se afirma a ligação de Perséfone com Clímeno. De resto, Clímeno (“ilustre”), bem como Eubuleu (“de bom conselho”), parecem ser eufemismos para aludir a Hades, um deus sombrio e temível.

⁶²² Este tipo de brechas existia em vários lugares da Grécia; *vide supra* 2.31.2.

⁶²³ *Vide supra* 2.31.2 e nota respetiva.

⁶²⁴ Hállice foi fundada por Tirinte, depois da batalha de Plateias; cf. Heródoto 7.137. Torelli, Musti (2008) 333 admitem que o abandono da cidade se tenha verificado em consequência de um terramoto que, cerca de 250 a.C., devastou a Argólida oriental (cf. Estrabão 1.59).

de Epidauro, que têm registadas as curas de Asclépio.⁶²⁵ Mas não conheço outro documento digno de crédito, em que haja referência à cidade e ao povo dos Halícios. Há, portanto, um acesso para essa cidade, que fica a meio caminho entre o Pron e um outro monte, antigamente chamado Tórnax. Ao que eles dizem, a troca de nome deveu-se, segundo a lenda, a ter sido lá que se operou a metamorfose de Zeus em cuco.⁶²⁶

36.2. Ainda hoje há santuários no cume dos montes, no Cuco um de Zeus, e no Pron um de Hera. Nos confins do monte Cuco há um templo, cujas portas já não resistem; não tem teto nem qualquer imagem lá dentro; ao que se dizia, este templo era dedicado a Apolo. Ali perto, quem se tenha desviado do caminho direto para Mases, tem uma outra estrada. Mases é uma cidade antiga, de acordo com o que é dito por Homero no catálogo dos Argivos;⁶²⁷ no meu tempo os Hermíones servem-se dela como porto. **36.3.** De Mases, à direita, existe um caminho para uma região elevada, chamada Estrúton (Avestruz). Dessa região elevada, pelos cumes das montanhas, são duzentos e cinquenta estádios até ao chamado Filanório e aos Bóleos. Esses Bóleos são aglomerados de pedras brutas. Há uma outra região, a que dão o nome de Dídimos (Gêmeos), que de lá dista vinte estádios. Nesse lugar existe um santuário de Apolo, outro de Posídon e, além desses, um de Deméter; as estátuas dos deuses, em pé, são em mármore branco.

36.4. A seguir vem uma região pertencente aos Argivos, dantes chamada Asineia e, junto ao mar, as ruínas de

⁶²⁵ Esta é uma informação importante sobre as fontes a que Pausânias recorreu.

⁶²⁶ *Vide supra* 2.17.4 e nota respetiva. Ou seja, de Tórnax o monte passou a chamar-se “Cuco”.

⁶²⁷ *Iliada* 2.562; cf. ainda Estrabão 8.376.

Ásine.⁶²⁸ Quando os Lacedemónios e o seu rei Nicandro, filho de Carilo, filho de Polidectes, filho de Êunomo, filho de Prítanis, filho de Euriponte,⁶²⁹ invadiram a Argólida com um exército,⁶³⁰ os Asineus juntaram-se a eles e com eles devastaram território argivo. Quando, porém, os invasores lacedemónios regressaram a casa, os Argivos e o seu rei Érato atacaram Ásine. **36.5.** Durante um certo tempo, os Asineus resistiram a partir das muralhas, e mataram, entre outros, Lisítrato, um Argivo de grande distinção. Com a tomada das muralhas, fizeram embarcar as mulheres e os filhos e abandonaram a cidade. Então os Argivos arrasaram Ásine e anexaram-na ao seu território, mas pouparam o santuário de Apolo Piteu⁶³¹ – ainda hoje visível – e junto dele sepultaram Lisítrato.

36.6. Da cidade de Argos, a não mais de uns quarenta estádios, fica o mar de Lerna. Na descida para Lerna, em primeiro lugar, na estrada, encontra-se o Erasino, que desagua no Frixo, e este, por sua vez, no mar entre Teménio e Lerna.

⁶²⁸ A antiguidade desta povoação está atestada por uma referência homérica, no catálogo das naus (*Iliada* 2.560), como território sob a autoridade de Diomedes, soberano de Argos.

⁶²⁹ *Vide infra* 3.7.1-4; cf. Heródoto 8.131.2.

⁶³⁰ Em tempos remotos, Ásine – ocupada por Dríopes (*vide infra* 4.34.9, Heródoto 8.73.2) – era autónoma de Argos. Esta campanha terá ocorrido em anos remotos, c. 740 a.C. A destruição de Ásine pelos Argivos, em retaliação pelo apoio dado por Ásine aos invasores lacedemónios, terá ocorrido c. 710 a.C., arrasando a cidade. A arqueologia veio comprovar o abandono da região após a retirada rápida da população. Afastados do seu território, os fugitivos foram acolhidos pelos Espartanos, que lhes proporcionaram um território onde surgiu uma nova Ásine (situada por Heródoto “diante de Cardámila, na Lacónia”; cf. ainda Estrabão 8.373).

⁶³¹ Cf. Tucídides 5.53.1, que refere este santuário e as oferendas que lhe eram devidas como causa de um conflito entre Argos e Epidauro. Como autoridade gestora do santuário, Argos considerava não satisfeita por Epidauro a devida contribuição. *Vide supra* 2.24.1 e nota respetiva.

A uns oito estádios do Erasino,⁶³² à esquerda, está o santuário dos Dioscuros Soberanos. Fizeram-lhes umas estátuas de madeira semelhantes às da cidade.⁶³³ **36.7.** Quando se volta para o caminho direto e se atravessa o Erasino, chega-se ao rio Quimarro (Torrente de Inverno). Perto dele há um recinto em pedra; ao que se diz, Plutão, depois de raptar Perséfone, filha de Deméter, foi por lá que desceu para o que se considera o seu reino subterrâneo. Lerna fica, como já foi dito acima, junto ao mar, e é aí que se celebram os mistérios em honra de Deméter Lerneia.

36.8. Há um bosque sagrado que começa na montanha a que chamam Pontino.⁶³⁴ O monte Pontino não permite que a chuva corra, porque a absorve. Desse monte corre um rio, que dele recebeu o nome de Pontino. No cimo do monte fica um santuário de Atena Saítis, hoje apenas uma ruína, e os fundamentos da casa de Hipomedonte, que se dirigiu a Tebas em defesa dos direitos de Polinices, filho de Édipo.⁶³⁵

2.37.1. LERNA E AS SUAS TRADIÇÕES

Neste monte tem início o bosque sagrado, na sua maioria de plátanos, que se prolonga até ao mar. Os seus limites são, de um lado, o rio Pontino e do outro um outro rio, chamado Amimone do nome da filha de Dánao.⁶³⁶ Dentro do bosque

⁶³² *Vide supra* 2.24.6 e nota respetiva.

⁶³³ *Vide supra* 2.22.5.

⁶³⁴ O monte Pontino é a referência para a descrição breve que Pausânias dedica a Lerna. Uma menção à abundância de água caracteriza este território. O bosque sagrado de plátanos preenchia o monte até ao mar.

⁶³⁵ *Vide supra* 2.20.5 e nota respetiva.

⁶³⁶ Sobre Dánao, *vide supra* 2.16.1 e nota respetiva. Amimone (“sem culpa”) é uma das Danaides, assassinas dos maridos por ordem do pai. O mito relacionado com esta figura justifica a sua relação com cursos de água. Assim, segundo a tradição, a sua trajetória relacionava-se com

há estátuas de Deméter Prosimna⁶³⁷ e de Dioniso; e uma estátua de Deméter sentada, de pequenas dimensões. Todas são feitas de pedra. **37.2.** Em outro lugar fica um templo, em que há uma estátua de madeira de Dioniso *Saótes* (Salvador) sentado, e, junto ao mar, uma de Afrodite em pedra. Ao que consta, essa estátua foi erigida pelas filhas de Dánao, enquanto o próprio Dánao edificou o santuário de Atena, no Pontino. Os mistérios de Lerna foram estabelecidos, tanto quanto se diz, por Filámon.⁶³⁸ Mas as palavras que acompanham o rito é evidente que não são antigas. **37.3.** Nem tão pouco a inscrição gravada, ao que ouvi dizer, sobre o coração de oricalco é, ao que Arrifonte descobriu, de Filámon. Esse Arrifonte era um etólio originário de Tricónio, no nosso tempo com uma fama sem rival entre os Lícios, por ser experto em descobrir o que antes não se sabia. Pois foi ele quem avaliou esses textos do modo seguinte. Os versos, e os passos em prosa combinados com os versos, tudo isso estava expresso em dórico. Mas

o desagrado de Posídon por Foroneu ter atribuído a Hera a posse de Argos (*vide supra* 2.15.5), o que gerou uma terrível escassez de água. Encarregada de procurar o líquido em falta, Amimone foi assediada por um sátiro, que só a não violou por Posídon ter intervindo em seu socorro. No entanto, o próprio deus, seduzido pelos encantos da jovem, para a cativar fez brotar uma corrente de água, responsável por formar o lago de Lerna (cf. Apolodoro, *Biblioteca* 2.1.4-5, Higino, *Fábula* 169a). Desta união nasceu Náuplio, o fundador da cidade com o seu nome (*vide infra* 2.38.2).

⁶³⁷ Este mesmo epíteto é aplicado a Hera argiva; *vide supra* 2.17.1-2.

⁶³⁸ Filámon era tido por filho de Apolo e, tal como seu pai, um músico de excelência. Aparecia associado a Orfeu, com quem teria participado na aventura dos Argonautas. Era pai de outros músicos, Tâmiris e Eumolpo. As suas credenciais aparecem em geral associadas a essa arte; assim, atribuía-se-lhe também a autoria de um hino em honra do nascimento de Ártemis e Apolo, que se entoava em Delfos (Pseudo-Plutarco, *Sobre a Música* 3). Sobre Filámon, *vide infra* 4.33.3, 10.7.2; e ainda Apolodoro, *Biblioteca* 1.3.3.

antes do regresso dos Heraclidas ao Peloponeso,⁶³⁹ os Argivos usavam o mesmo dialeto dos Atenienses. Ora no tempo de Filámon, imagino eu, nem o nome dos Dórios era familiar à totalidade dos Gregos.

37.4. Foi isso que ele demonstrou. Junto à fonte de Amimone nasceu um plátano; e foi por baixo desse plátano – é o que consta – que se criou a hidra. Pela minha parte estou em crer que esse monstro ultrapassava em tamanho o das outras serpentes de água; e o seu veneno teria qualquer coisa de tão incurável que Hércules lhe aplicava a bÍlis na ponta das suas flechas. Mas teria, imagino eu, apenas uma cabeça, e não muitas. Foi Pisandro de Camiro⁶⁴⁰ quem, para dar à fera um ar mais temível e para que a sua poesia tivesse mais impacto, lhe atribuiu múltiplas cabeças. **37.5.** Vi também a chamada fonte de Anfiarau e o lago Alciónio, por onde – dizem os Argivos – Dioniso desceu ao Hades para trazer Semele de volta, sendo que esse acesso à descida lhe teria sido mostrado por Polimno.⁶⁴¹ O lago Alciónio, em profundidade, não tem

⁶³⁹ *Vide supra* 2.6.7 e nota respetiva.

⁶⁴⁰ Fr. 2 Kinkel. Este é o nome de um poeta arcaico, que se dedicou sobretudo a celebrar as façanhas de Hércules; *vide infra* 8.22.4. Pausânias recusa a tradição exagerada, que avantajava o número de cabeças do monstro. Esta é certamente a lenda mais popular de Lerna, envolvendo um dos trabalhos de Hércules na eliminação do monstro. À hidra veio a associar-se, mais tarde, a tradição de que cada cabeça que se lhe cortasse se regenerava. Depois de ter eliminado o monstro, o herói mergulhou no seu sangue a ponta das flechas, para as tornar mortíferas.

⁶⁴¹ Polimno era um pastor da região de Lerna, a quem o deus prometeu uma compensação amorosa, a troco da informação sobre o acesso ao Hades. Como, no regresso da catábase, Polimno tinha já morrido, o deus, para cumprir o seu compromisso, construiu um falo de madeira com o qual se sodomizou (cf. Clemente de Alexandria, *Exortação aos Gregos* 2.34.3-5, que prefere a versão de Prosimno). Esta versão justifica de certa forma o achado de inúmeros falos na região, possivelmente associados com os ritos em honra de Dioniso. Diodoro Sículo (4.25.2-3)

limite, e não conheço ninguém que tenha conseguido descer, seja por que artifício for, até ao fundo. Nem mesmo Nero, que mandou fazer cordas com vários estádios de comprimento e as atou umas às outras, lhes pendurou chumbo, e tudo o que pudesse facilitar a experiência, pois nem ele conseguiu atingir o limite do fundo. **37.6.** Há ainda uma outra história que eu ouvi contar. A água do lago é, aparentemente, calma e serena, mas, apesar dessa aparência, qualquer nadador que se atreva a cruzá-lo é arrastado, sugado para o fundo, e desaparece. O perímetro do lago não é grande, qualquer coisa como um terço de um estádio.⁶⁴² Nas margens crescem erva e canaviais. Quanto aos ritos noturnos de Dioniso, celebrados todos os anos, não é lícito que eu os divulgue ao público em geral.

2.38.1. *TEMÉNIO, NÁUPLIA E ALGUMAS PEQUENAS POVOAÇÕES DA REGIÃO*

De Lerna faz-se caminho para Teménio, um território argivo,⁶⁴³ que recebeu o nome de Témeno, filho de Aristómaco.⁶⁴⁴ De facto, depois de ter tomado e fortificado o lugar, a partir de lá, aliado aos Dórios, Témeno aí mesmo travou uma guerra contra Tisâmene e os Aqueus. É então no caminho para Teménio que o rio Frixo desemboca no mar.⁶⁴⁵ Em Teménio foi erigido um santuário de Posídon e um outro de

reúne num comentário os protagonistas de catábases míticas (Orfeu, Hércules), entre eles Dioniso. O deus ousou cometer a mais terrível das aventuras para resgatar dos infernos a mãe, Sémele; *vide supra* 2.31.2.

⁶⁴² C. 60 metros é a dimensão do diâmetro que o lago conserva ainda hoje. Foi certamente a sua profundidade o que justificou a lenda de que abrigaria uma entrada para o Hades.

⁶⁴³ Teménio servia de porto a Argos, a que estava ligado por muralhas; cf. Tucídides 5.82.5.

⁶⁴⁴ Témeno era, portanto, descendente de Hércules; *vide supra* nota 147.

⁶⁴⁵ *Vide supra* 2.36.6.

Afrodite. Lá fica também o memorial de Témeno, que é venerado pelos Dórios de Argos. **38.2.** Aí a uns cinquenta estádios de Teménio, fica Náuplia, que é hoje um lugar desabitado.⁶⁴⁶ Foi seu fundador Náuplio, considerado filho de Posídon e Amimone.⁶⁴⁷ Das muralhas, ainda restam as ruínas.⁶⁴⁸ Em Náuplia fica um santuário de Posídon, portos e uma fonte chamada Canato. É lá – ao que dizem os Argivos – que Hera todos os anos se banha para recuperar a virgindade. **38.3.** Esta é uma das histórias que eles contam sobre os mistérios celebrados em honra de Hera. Mas aquela que narram os de Náuplia acerca do burro – como é que, por ter comido um rebento de videira, deu origem, dali para o futuro, a um fruto mais abundante, motivo pelo qual esculpiram o burro numa pedra, por os ter ensinado a podar as videiras – é uma história que eu passo adiante por não merecer registo.

38.4. Existe, a partir de Lerna, uma outra estrada, que segue a costa até ao lugar a que chamam Genésio.⁶⁴⁹ Junto ao mar, há um santuário pequeno de Posídon Genésio. Perto dele fica outro lugar, chamado Apobatmos (Desembarque).⁶⁵⁰ Esta foi – ao que se conta – a primeira terra, na Argólida, a que Dánao aportou com as filhas. De lá, atravessa-se o que se chama Anigreia, por um caminho estreito e difícil; à esquerda, e até ao mar, há uma região fértil em árvores, sobretudo oliveiras. **38.5.** A partir daí, ao subir-se para o

⁶⁴⁶ Ainda que tivesse sido pujante em época micénica. Pausânias prossegue com uma rota ao longo da costa argiva.

⁶⁴⁷ Sobre o encontro amoroso entre Posídon e Amimone, *vide supra* 2.37.1 e nota respetiva. Sobre Náuplio e os filhos *vide supra* 1.22.6 e nota respetiva.

⁶⁴⁸ As muralhas de Náuplia datam do séc. IV a.C. Num outro passo (4.35.2), Pausânias atribui a Náuplia uma fundação egípcia, certamente conciliada com a vinda de Dánao.

⁶⁴⁹ Pausânias passa agora a descrever a costa sul da Argólida.

⁶⁵⁰ Lugar situado a sul de Lerna.

interior, fica um lugar onde lutaram pela posse do território trezentas tropas de elite dos Argivos, contra igual número de efetivos lacedemónios, igualmente escolhidos.⁶⁵¹ Todos eles morreram, salvo um Espartano e dois Argivos; para os mortos foram lá erigidos túmulos.⁶⁵² Entretanto os Lacedemónios enfrentaram os Argivos com todas as forças de que dispunham e dominaram a região. A princípio, eles mesmos disfrutaram dela, mas mais tarde cederam-na aos Eginetas despojados da sua ilha pelos Atenienses.⁶⁵³ No meu tempo, a Tíreatide era habitada por Argivos, **38.6.** que diziam tê-la recuperado em resultado de um pleito.⁶⁵⁴ Ultrapassando este túmulo comum, chega-se a Antene⁶⁵⁵ – onde os Eginetas, no passado, se estabeleceram –, depois a uma outra povoação – Néris –, e ainda a uma terceira – Eua, a maior de todas. Lá fica um santuário de Polemócrates. Este Polemócrates é, também ele, filho de Macáon⁶⁵⁶ e irmão de Alexanor. Cura a gente da região e, por isso, lhe merece honras. **38.7.** Acima dessas povoações, fica o monte Párnon, onde se estabelece a fronteira entre os Lacedemónios e os Argivos e Tegeatas.⁶⁵⁷ Nessa fronteira erguem-se estátuas de Hermes em pedra, de onde recebe o nome a região. Um rio chamado Tánao – que é o único que desce do Párnon – corre através de território argivo e vai desaguar no golfo de Tírea.

⁶⁵¹ Em 648 a.C.

⁶⁵² *Vide supra* 2.20.7 e nota respetiva.

⁶⁵³ Em 431 a.C. *Vide supra* 2.29.5 e nota respetiva.

⁶⁵⁴ Em 338 a.C. Foi Filipe II da Macedónia a promover esta devolução, após a vitória de Queroneia.

⁶⁵⁵ *Vide supra* 2.29.5; cf. ainda Tucídides 5.41, que relata um momento de contencioso entre Argos e Esparta pela posse desta região.

⁶⁵⁶ Sobre Macáon como um médico mítico, *vide supra* 2.26.10 e nota respetiva; sobre Alexanor, *vide supra* 2.11.5.

⁶⁵⁷ Com a demarcação desta fronteira, Pausânias prepara uma articulação com o Livro que vai seguir-se, o III, sobre a Lacónia.

(Página deixada propositadamente em branco)

ÍNDICE DE NOMES PRÓPRIOS

OS NÚMEROS REMETEM PARA OS CAPÍTULOS DO TEXTO DE
PAUSÂNIAS

- Abante – 12.2, 16.2, 25.5
Abântidas – 8.2
Acaia – 7.4, 18.8
Acreia – 17.1, 17.2
Acrísio – 16.2, 16.3, 23.7, 25.7
Acrocorinto – 4.6, 5.1, 5.4
Acusilau – 16.4
Adónis – 20.6
Adrasteia (fonte) – 15.3
Adrasto – 6.6, 11.1, 11.2, 15.3, 20.5, 23.2
Adrasto (filho de Polinices) – 20.5
Adriano – 3.5, 17.6
Ádyton – 2.1
Aécio – 30.8, 30.9, 31.10
Afaia (cf. Dictina) – 30.3
Afidnas – 22.6
Afrodite – 4.6
 altares, templos, santuários
Argos – 20.8; Corinto – 5.1; Egina – 29.6; Epidauro – 27.5, 29.1; Hermíone – 34.11, 34.12; Sícion – 10.4; Teménio – 38.1; Trezena – 32.3, 32.6
 estátuas, imagens
 Argos – 19.6, 25.1; Corinto – 1.8, 2.8; Lerna – 37.2; Sícion – 11.8
Acraia – 32.6; Catascópiã – 32.3; Liménia – 34.11; Melénis – 2.4; Nicéfora – 19.6; Nínfia – 32.7; Põntia – 34.11; Urânia – 23.8
Agamémnon – 4.2, 5.4, 6.7, 16.6, 16.7, 18.2, 18.5, 22.3, 22.6, 25.6, 26.10, 29.4
Agásicles – 10.3
Agenor – 16.1
Ageu – 28.3
Ágis IV – 8.5
Ágrio – 25.2
Ájax (Telamónio) – 29.4
Alcâmenes – 30.2
Alcenor (pai de Perilau) – 20.7
Alcidamia – 3.10
Alcióne (filha de Atlas) – 30.8
Alciónio – 37.5
Alcmena – 16.4, 25.9
Alcméon (filho de Anfiarau) – 1.8, 20.5
Alcméon (descendente de Nestor) – 18.8
epítetos

- Alcmeónidas – 18.9
Alector – 18.5
Aletes – 4.3, 4.4
Alexandre (Magno) – 1.5, 33.5
Alexandre (Páris) – 13.3
Alexandre (de Pléuron) – 22.7
Alexandria (do Egito) – 9.3
Alexanor – 11.5, 11.6, 11.7, 23.4, 38.6
Alfilito – 1.1
Almo – 4.3
Aloeu – 1.1, 3.10
Altépia – 30.5
Altepo – 30.5, 30.7, 32.8
Amazonas – 31.4, 32.9
Amicla – 21.9
Amiclas – 16.4, 16.6
Amimone (rio) – 37.1
Amimone (filha de Dánao) – 37.1, 38.2
Amimone (fonte) – 37.4
Amitáon (pai de Melampo) – 18.4
Amintas II (rei da Macedónia) – 20.1
Anáctoro – 14.4
Anafisto – 30.9
Anaxágoras – 18.4, 18.5
Anaxagóridas – 18.5, 30.10
Anaxândrides – 20.8
Anaxíbia – 29.4
Anaxis – 22.5
Androdamante (filho de Dioniso) – 6.6
Androdamante (filho de Flias) – 7.6, 12.6
Andrómaca – 23.6
Andropompo – 18.8
Anfiarau – 13.7, 18.4, 20.5, 21.2, 23.2
Anfiarau (fonte) – 37.5
Anfictiónios – 9.6
Anfiloco – 18.4, 18.5, 20.5
Anfiloquia – 18.5
Anfíon (marido de Níobe) – 6.4, 21.10
Anfipróleto – 6.4
Anfissa – 8.4
Anfitrite – 1.7, 1.8
Angélio – 32.5
Anigreia – 38.4
Antas – 30.8, 31.10
Antaso – 4.4
Anteia (cidade) – 30.8, 30.9
Antene – 38.6
Antígono II Gónatas – 7.1
Antígono III Dóson – 8.4, 8.6, 9.2, 9.3
Antíloco – 18.8
Antímaco – 19.1
Antímenes – 28.6
Antíoco – 4.3
Antíope – 6.1, 6.2, 6.3, 6.4, 10.4
Antonino – 27.6, 27.7
Áoris – 12.5
Aperópia – 34.9
Ápesas – 15.3

- Ápia – 5.7
 Ápis – 5.6, 5.7
 Apobatmos – 38.4
 Apolo – 5.4, 5.8, 6.7, 7.7, 7.8, 7.9, 19.8, 21.9, 22.9, 26.2, 26.4, 26.6, 30.3, 33.2
 altares, santuários e templos
 Argos – 24.1; Corinto – 5.5; Cuco (monte) – 36.2; Egina – 30.1; Fliásia – 13.7, 13.8; Dídimos – 36.3; Hermíone – 34.6, 35.2; Sícion – 7.8, 11.1; Trezena – 31.6, 31.8, 32.2;
 epítetos
 Agieu – 19.8; *Carneios* – 10.2, 11.2; Clário – 2.8; *Deiradiótes* – 24.1, 24.2; Egípcio – 27.6; Epibatério – 32.2; Hório – 35.2; Isménio – 10.5; Lício – 9.7, 19.3, 19.4; Maleates – 27.7; Piteu – 35.2, 36.5; Pítio – 31.6; Platanístio – 34.6
 estátuas e imagens
 Argos – 24.5; Corinto – 3.3, 3.6; Delos – 32.5; Mileto – 10.5
 Apolófanes – 26.7
 Apotropaicos (deuses) – 11.1
 Aquerúsio – 35.10
 Aqueu – 6.5
 Aqueus – 1.2, 8.4, 8.5, 9.1, 9.2, 38.1
 Aquiles – 1.8, 5.5, 23.6
 Aracneu – 25.10
 Arante – 12.4, 12.5, 14.4
 Arântia – 12.4
 Arantina – 12.4, 12.5
 Arato (de Sícion) – 7.5, 8.1, 8.2, 8.3, 8.4, 8.5, 8.6, 9.2, 9.3, 9.4, 9.6
 Arato (filho de Asclépio) – 10.3
 Árcade (pai de Pelasgo) – 14.4
 Arcádia, Arcádios – 12.3, 13.1, 18.5, 20.5, 24.5, 24.6, 27.5
 Arcandro – 6.5
 Ardálicas – 31.3
 Árdalo – 31.3
 Ares – 13.3
 altares, santuários e templos
 Hermíone – 35.10; Trezena – 32.9
 estátuas e imagens
 Argos – 25.1
 Arestanas – 26.5
 Arestor – 16.4
 Aretírea (irmã de Flias) – 12.5
 Aretírea (mãe de Flias) – 12.6
 Argeu (rei de Argos) – 18.4
 Argeu (filho de Deifontes) – 28.6
 Argo – 17.5
 Argólida – 1.1, 7.1, 8.5, 15.4, 16.2, 18.1, 28.2, 29.5, 35.4, 36.4, 38.4
 Argos, Argivos – 4.2, 6.6, 8.6, 12.3, 13.1, 15.1, 15.2, 15.3, 15.4, 16.3, 16.5, 17.3, 17.5, 17.7, 18-26 *passim*, 28.4,

- 29.5, 30.10, 34.5, 35.2,
35.4, 35.9, 36.2, 36.4, 36.5,
36.6, 37.3, 37.5, 38.2, 38.5,
38.7
- Argos (nau) – 12.6
- Argos (neto de Foroneu) – 16.1,
34.4
- Argos (filho de Zeus) – 22.5,
25.8, 26.2
- Ária – 3.8
- Ariadne – 23.8
- Aricinos – 27.4
- Arieu – 4.4
- Arignoto – 27.2
- Aristecmo – 26.8
- Arístera – 34.8
- Arístias – 13.6
- Aristódama – 10.3
- Aristodemo (rei de Corinto) –
4.4
- Aristodemo (um dos Heraclidas) – 18.7, 19.1
- Aristómaco (filho de Cleodeu) –
7.6
- Aristómaco (rei de Argos) –
8.6, 18.7, 38.1
- Aristonautas – 12.2
- Aristónimo – 8.1
- Árquias – 26.8
- Arquíteles – 6.5
- Arrifonte – 37.3
- Arsínoe – 26.7
- Ártemis – 3.2, 7.7, 21.9, 26.6,
30.3
- altares, santuários e templos
- Argólida – 25.3; Argos – 24.5;
Arícia – 27.4; Corinto –
2.3; Egina – 30.1, 30.7;
Epidauro – 27.5, 29.1;
Hermíone – 35.1; Sícion
– 7.6, 10.7, 11.1; Trezena
– 31.1, 31.4, 31.5, 32.10
- epítetos
- Caçadora – 3.5; Corifeia
– 28.2; Efésia – 2.6;
Feraia – 21.5; Ifigénia –
35.1; Liceia – 31.4; *Ortia*
– 24.5; *Panía* – 22.9;
Patrôa – 9.5; *Peithô* –
21.1; Salvadora – 31.1;
Sarónide – 30.7, 32.10
- estátuas, imagens
- Argos – 19.7, 22.2, 24.5; Egina
– 30.1; Fliásia – 13.4;
Órneas – 25.6; Sícion –
9.6, 10.2, 10.7; Titane
– 12.1
- Artemísio – 25.3
- Asclépio – 10.3, 11.5, 26.3,
26.6, 26.7, 26.8, 26.10,
27.2, 27.4, 28.1, 36.1
- altares, santuários e templos
- Argos – 21.1, 23.2, 23.4; Co-
rinto – 4.5; Egina – 30.1;
Epidauro – 26.1, 27.1,
27.6, 29.1; Esmirna – 26.9;
Fliásia – 13.5; Sícion – 10.2
- epítetos
- Médico – 26.9
- estátuas, imagens
- Corinto – 2.3; Epidauro
– 27.2; Sícion – 11.8;
Trezena – 32.4

- banhos
 Epidauro – 27.6
 Ásia – 33.3
 Ásine, Asineus – 28.2, 36.4, 36.5
 Asineia – 36.4
 Ásio – 6.4, 6.5, 29.4
 Asópia – 1.1, 3.10
 Asopo (rio da Beócia) – 6.1, 6.4
 Asopo (rio de Corinto e Acaia) – 5.1, 5.2, 5.3, 7.3, 7.9, 11.4, 11.5, 12.4, 12.5, 15.1, 15.3, 29.2
 Astérion (rio) – 15.5, 17.1, 17.2
 Astério (Minotauro) – 31.1
 Átalo – 19.3
 Atena – 21.6, 30.6, 33.1
 altares, santuários e templos
 Argos – 24.3; Buportmo – 34.8; Cleonas – 15.1; Egialeia – 5.6; Epidauro – 29.1; Hermíone – 34.10; Iónia – 31.6; Lerna – 37.2; Lessa – 25.10; Promacorma – 34.8; Sícion – 6.3, 11.1, 11.7; Titane – 12.1; Trezena – 32.5
 epítetos
 Álea – 17.7; Apatúria – 33.1; Calinítide – 4.1, 4.5; Cisseia – 29.1; *Esténias* – 30.6, 32.5; *Oxydérkes* – 24.2; Pólias – 30.6; Saftis – 36.8; Sálpinx – 21.3
 estátuas, imagens
 Argos – 22.2, 23.5; – 3.1; Hermíone – 35.8; Larissa – 25.10
 Atenas, Atenienses – 1.4, 1.6, 3.8, 8.6, 14.2, 14.4, 18.1, 18.9, 19.3, 22.9, 23.5, 24.7, 26.2, 26.8, 27.2, 29.4, 29.5, 30.2, 30.4, 31.7, 32.6, 32.9, 33.4, 37.3, 38.5
 Átera – 35.4
 Ática – 1.1, 1.6, 6.5, 6.6, 21.4, 30.9, 32.9
 Atlas – 30.8
 Atreu – 16.6, 18.1
 Augias – 15.1
 Augusto (imperador) – 3.1, 17.3
 Aulisco – 31.6
 Auxésia – 30.4, 32.2
 Bacantes – 7.5
 Bácsis – 4.4
 Bálagras – 26.9
 Baquíadas – 1.1, 4.4
 Baquio – 7.6
 Báton – 23.2
 Belerofonte – 1.9, 2.4, 3.5, 4.1, 4.2, 4.3, 27.2, 31.9
 Beócia, Beócios – 5.2, 31.9
 Bias – 6.6, 18.4, 21.2
 Bíton – 19.5, 20.3
 Bóleos – 36.3
 Bonança – 1.9
 Boro – 18.8
 Briareu – 1.6, 4.6
 Brias – 20.2

- Britomártis – 30.3
Bróteas – 22.3
Bucéfala – 34.8
Buno – 3.10, 4.7
Buportmo – 34.8, 34.9
Cabra – 13.6
Cadmeia – 5.2, 6.4
Cadmó – 6.2
Cafereu – 23.1
Cálamis – 10.3
Caláuria – 33.2, 33.5
Cálcis, Calcídios – 22.7
Calidónia – 25.2
Cálon – 32.5
Calquínia – 5.7
Camiro – 37.4
Cánaco – 10.5
Canato – 38.2
Cáon – 24.6
Capaneu – 18.5, 24.3
Cáradro – 25.2
Cária – 5.3, 7.1, 30.9
Carilo – 36.4
Carmanor – 7.7, 30.3
Carme – 30.3
Cartago, Cartagineses – 1.2, 21.6
Cassandra – 16.6, 16.7
Cefiso – 15.5, 20.6, 20.7
Céleas – 12.4, 14.1, 14.4
Celenas – 5.3
Celênderis – 32.9
Celeu – 14.2, 14.3
Celusa – 12.4
Cêncreas – 1.5, 24.7
Cêncrias – 2.3, 3.2, 24.7
Cerdo – 21.1
Cerines – 28.3, 28.5
Cestrina – 23.6
Cestrino – 23.6
Chipre, Cipriotas – 29.4
Cianipo – 18.4, 18.5, 30.10
Cíato – 13.8
Ciclopes – 2.1, 16.5, 20.7, 25.8
Cilárabes – 18.5, 22.8, 22.9
Cileu – 34.7, 34.8
Cílis – 15.1, 22.5, 32.5
Címon – 29.4
Cinéton – 3.9, 18.6
Cinórcio – 27.7
Cípselo – 4.4, 28.8
Cirene, Cirenaica, Cireneus – 26.9
Cirra – 9.6
Ciso – 12.6, 19.1, 19.2, 26.2, 28.3
Citera – 2.8
Citéron – 2.7
Cléobis – 20.3
Cleodeu – 7.6
Cleómenes I – 20.8
Cleómenes III – 9.1, 9.2, 9.3
Cléon – 8.1, 8.2
Cleonas, Cleoneus – 15.1, 15.2
Cleone – 15.1
Cléonimo – 9.1

- Clício – 6.5, 6.6
 Clímene – 18.1
 Clímeno – 35.4, 35.9
 Clímeno (lugar em Hermíone) – 35.10
 Clínias – 7.5, 8.2, 10.7
 Clístenes – 8.1, 9.6
 Clitemnestra – 16.7, 18.2, 22.3, 22.6
 Clóris – 21.9
 Cnidos, Cnídios – 1.5
 Cnossos – 21.3
 Coliérgia – 34.8
 Colontas – 35.4
 Cólquida – 3.10
 Córax – 5.8, 6.1
 Corcira (ilha) – 3.9
 Corcira (filha de Asopo) – 5.2
 Cória – 20.4
 Corifeu – 28.2
 Corinto, Coríntios – *passim*
 Corinto (herói) – 1.1, 3.10
 Corónis – 11.7, 12.1, 26.6, 26.7
 Corono – 5.8, 6.3
 Cosmetério – 7.5
 Cótis – 27.6
 Craneion – 2.4
 Cresfonte – 18.7, 19.1
 Creta, Cretenses – 6.7, 7.7, 26.9, 30.3, 31.1, 32.2, 33.4, 34.5
 Creugas – 20.1
 Crísis – 17.7
 Criso (filho de Foco) – 29.4
 Criso (pai de Estrófió, avô de Pílades) – 29.4
 Crisorte – 5.8
 Critérion – 20.7
 Critolau – 1.2
 Cróceas – 3.5
 Crómion – 1.3
 Cromo – 1.3
 Crotopo – 16.1, 19.8, 23.7
 Créato – 15.1
 Ctesipo – 19.1
 Ctónia (filha de Foroneu) – 35.4, 35.9, 35.10
 Ctónia (filha de Colontas) – 35.4
 Ctonófile – 6.6, 12.6
 Cuco – 36.2
 Dâmia – 30.4, 32.2
 Damofonte – 4.3
 Dánao – 16.1, 19.3, 19.4, 19.5, 19.6, 19.7, 20.6, 20.7, 21.2, 25.4, 37.1, 37.2, 38.4
 Dédalo – 4.5, 15.1
 Deifontes – 19.1, 26.1, 26.2, 28.3, 28.4, 28.5, 28.6, 29.5
 Dejanira – 23.5
 Delfos – 22.8, 24.1, 26.7, 29.7, 33.2
 Delos, Délíos – 5.3, 27.1, 32.5, 33.2
 Delta – 21.1
 Deméter – 5.8, 12.5, 14.1, 14.3, 22.3, 35.4, 36.7

- altares, santuários e templos
Argos – 21.4; Buportmo – 34.8; Corinto – 4.7; Fliásia – 13.5; Dídimos – 36.3; Hermíone – 34.6, 34.10, 34.12, 35.4; Ileu – 34.6; Sícion – 11.2; Trezena – 32.8
- epítetos
Ctónia – 35.5; Lerneia – 36.7; Mísia – 18.3; Pelásgia – 22.1; Prosimne – 37.1; Prostásia – 11.3; Termásia – 34.6, 34.12; Tesmófora – 32.8
- estátuas, imagens
Hermíone – 35.8; Lerna – 37.1; Sícion – 11.3
- Demétrio I – 34.1
Demétrio II – 7.1, 8.4, 34.1
Demétrio (filho de Filipe V da Macedónia) – 9.5
Demóstenes – 33.3, 33.5
Dictina (cf. Afaia) – 30.3
Díctis – 18.1
Dídima – 10.5
Dime – 7.4, 9.2
Díocles – 14.3
Diógenes (de Sinope) – 2.4
Diógenes (comandante macedónio) – 8.6
Diomedes – 20.5, 24.2, 25.2, 30.10, 32.1, 32.2
Dioniso – 2.7, 6.6, 7.5, 12.6, 20.4, 22.1, 24.6, 31.2, 37.5, 37.6
altares, santuários e templos
Argos – 23.1, 23.2, 23.7, 23.8; Egina – 30.1; Epidauró – 29.1; Fliásia – 13.7; Hermíone – 35.1; Sícion – 7.5, 7.6; Trezena – 31.5
- epítetos
Baquío – 2.6; Cretense – 23.7, 23.8; Lício – 2.6; Lísio – 7.6; Melanégide – 35.1; Salvador – 31.5; Saótes – 37.2
- estátuas, imagens
Egina – 30.1; Lerna – 37.1, 37.2; Sícion – 11.3, 11.8
- Dioscuros – 22.6
altares, santuários e templos
Argos – 22.5; Sícion – 7.5; Teménio – 36.6
- estátuas
Trezena – 31.6
- Dipeno – 15.1, 22.5, 32.5
Diras – 24.1, 25.1, 25.4
Disaules – 12.4, 14.2, 14.3, 14.4
Dóridas – 4.3
Dórios – 4.3, 4.4, 6.7, 7.1, 8.4, 12.3, 13.2, 21.3, 26.1, 34.5, 37.3, 38.1
Doto – 1.8
Eácidas – 29.4
Eaceu – 29.6, 29.9
Éaco – 29.2, 29.3, 29.6, 29.7, 29.8, 29.10, 30.4, 30.5
Ébalo (pai de Pirene) – 2.3
Ébalo (pai de Tíndaro) – 21.7

- Eco – 35.10
 Édipo – 20.5, 36.8
 Écicion – 4.4
 Eetes – 3.10
 Éfira – 1.1
 Efireia – 1.1, 3.10
 Egeu (mar) – 22.1
 Egeu (rei de Atenas) – 3.8, 32.7
 Egialeia – 5.6, 5.8, 6.2, 6.5, 7.7
 Egialeu (rei de Sícion) – 5.6, 7.1
 Egialeu (rei de Argos) – 18.4, 20.5, 30.10
 Egíalo – 5.6
 Egímio – 28.6
 Egina, Eginetas – 29–30 *passim*, 32.2, 32.5, 38.5, 38.6
 Egina (filha de Asopo) – 5.1, 5.2, 29.2
 Égio – 9.4
 Egiro – 5.7
 Egisto – 16.6, 16.7, 18.2, 18.6
 Egito, Egípcios – 9.3, 16.1, 19.3
 Egito (irmão de Dânao) – 24.2
 Élato – 26.6
 Electra – 16.7
 Eléctrion (pai de Licímnio) – 22.8
 Eléctrion (pai de Alcmena) – 25.9
 Eleia – 26.2
 Elêusis, Eleusínios – 14.1, 14.2, 14.3, 24.6, 30.4
 Elêuteras – 6.3
 Eleutério – 17.1
 Élide – 15.1
 Endeis – 29.10
 Eneias – 21.1, 23.5
 Eneu – 13.8, 23.5, 25.2
 Énoe – 25.2, 25.3
 Enone – 5.2, 29.2
 Éolo – 21.7
 Epeu – 19.6, 29.4
 Epicides – 18.2
 Epiclides – 9.1, 9.3
 Epidauro – 1.4, 8.5, 10.3, 11.7, 23.3, 25.7, 25.10, 26.1, 26.2, 26.3, 26.4, 26.8, 26.9, 27.1, 27.5, 27.6, 27.7, 28.1, 28.3, 28.5, 28.8, 29.1, 29.2, 29.5, 29.11, 30.4, 30.5, 31.3, 32.2, 36.1
 Epidauro (soberano de Epidauro) – 26.1, 26.2
 Epidotas – 27.6
 Epiménides – 21.3
 Epíone – 27.5, 29.1
 Epiro, Epirotas – 21.4, 23.6, 29.4
 Epopeu – 1.1, 3.10, 6.1, 6.2, 6.3, 6.4, 6.5, 11.1
 Equétimo – 10.3
 Erasino – 24.6, 36.6, 36.7
 Érato – 36.4
 Erecteu – 6.5, 25.6
 Erifile – 1.8, 23.2
 Erígone – 18.6
 Eriopis – 3.9
 Eros
 estátuas, imagens

- Corinto – 5.1
 Escarfeia – 29.3
 Escíron – 29.9
 Escopas – 10.1, 22.7
 Esféria – 33.1
 Esfero – 33.1
 Esfeto – 30.9
 Esfiro – 23.4
 Esmirna – 26.9
 Esparta, Espartanos – 9.1, 18.5, 20.7, 21.8
 Esparta (nome de mulher) – 16.4
 Esquéria – 5.2
 Ésquilo – 13.6, 20.5, 24.4
 Esténelas – 16.1, 19.3
 Esténelo – 18.5, 20.5, 22.8, 22.9, 24.3, 30.10
 Estesícoro (de Hímera) – 22.7
 Estinfalo – 3.5, 24.6
 Estráton – 23.4
 Estrófió (filho de Electra e Píladés) – 16.7
 Estrófió (pai de Píladés) – 29.4
 Estrúton – 36.3
 Eta – 23.5
 Etiópia, Etiópes – 5.3
 Etólia, Etólios – 8.4, 25.2
 Etra – 31.9, 33.1
 Eua – 38.6
 Eubeia (ilha) – 23.1
 Eubeia (monte de Argos) – 17.1, 17.2
 Eubulo – 30.3
 Êucrates – 21.6
 Eudâmidas II – 8.5
 Euforbo – 17.3
 Eufóron (de Cálcis) – 22.7
 Eufóron (pai de Ésquilo) – 24.4
 Eufrates – 5.3
 Êufron – 13.2
 Eumelo – 1.1, 2.2, 3.10
 Euménides (cf. Venerandas) – 11.4
 Eumolpo – 14.3
 Êunomo – 36.4
 Eupólemo – 17.3
 Êupolis (comediógrafo) – 7.3
 Euríalo – 20.5, 30.10
 Euríboto – 24.7
 Êuricles – 3.5
 Euriclides – 9.4
 Euridâmidas (rei espartano) – 9.1
 Eurimedonte – 16.6
 Euripo – 24.6
 Euriponte – 36.4
 Êurito – 15.1
 Europe – 5.6, 34.4, 34.5
 Eutidemo – 8.2
 Evágoras – 29.4
 Evamérion – 11.7
 Faetonte – 3.2
 Falces – 6.7, 11.2, 13.1, 28.3, 28.5
 Fanes – 7.6
 Fatalidade (*Anánke*) – 4.6

- Febe – 22.5
 Febeu – 30.7
 Fedra – 32.3, 32.4
 Feia – 1.3
 Feno – 6.5
 Feras – 23.5
 Feres – 10.5
 Feres (filho de Medeia) – 3.6, 3.9
 Festo – 6.6, 6.7, 10.1
 Filámon – 37.2, 37.3
 Filanório – 36.3
 Filante – 4.3
 Filipe II – 1.5, 20.1
 Filipe V – 8.4, 9.4, 9.5
 Filóxeno – 33.4
 Flégias – 26.3, 26.7
 Flias (esposo de Ctonófile) – 6.6, 7.6, 12.6
 Fliásia, Fliásios – 5.2, 5.3, 12.3, 12.4, 12.5, 13.1, 13.2, 13.3, 13.4, 13.6, 13.7, 13.8, 14.1, 14.2, 14.3, 14.4, 15.1, 25.6
 Fliunte – 10.1, 11.3, 13.1, 13.8, 14.1, 25.5
 Fócida, Fócios – 4.3, 18.5, 29.2, 29.3, 31.6
 Foco (filho de Ornítion) – 4.3
 Foco (filho de Éaco) – 29.2, 29.3, 29.4, 29.9, 29.10
 Forbas – 3.4, 16.1
 Força (*Bía*) – 4.6
 Forco – 21.5
 Foroneu – 15.4, 15.5, 16.1, 16.4, 19.5, 20.3, 21.1, 22.5, 34.4, 34.5, 35.4
 Forónico – 15.5
 Fortuna –
 altares, santuários e templos
 Argos – 20.3; Hermíone – 35.3; Corinto – 2.8; Sícion – 7.5
 estátuas, imagens
 Sícion – 7.5, 11.8
 Frígia, Frígios – 5.3, 22.3
 Frixo – 36.6, 38.1
 Gábalos – 1.8
 Ganimeda (cf. Hebe) – 13.3
 Gelanor – 16.1, 19.3, 19.4
 Dídimos – 36.3
 Genésio – 38.4
 Genétlion – 32.9
 Glauce – 3.6
 Glauco (filho de Sísifo) – 4.3
 Glauco (filho de Epicides) – 18.2
 Gonussa – 4.4
 Gorgófona – 21.7
 Gortina – 15.1
 Graças – 17.3, 17.4, 34.10
 Graniano – 11.8
 Hades – 5.1, 13.3, 31.2, 35.10, 37.5
 Halicarnasso – 30.9, 32.6
 Hálice, Halícios – 36.1
 Haliussa – 34.8
 Hárpago – 31.6

- Hárpalo – 33.3, 33.4, 33.5
Hebe – 13.3
 altares, santuários e templos
 Fliásia – 12.4, 13.3
 estátuas e imagens
 Argos – 17.5, 17.6
Hécate – 11.8, 22.7, 30.2
Hefesto – 1.4, 31.3
Hegéleo – 21.3
Helânico – 16.7
Helena – 22.6, 32.7
Helena (banhos de) – 2.3
Heleno – 23.5, 23.6
Helesponto – 29.5
Hélio – 31.5
Helisso – 12.2
Hera – 13.3, 15.5, 17.3, 17.4,
 17.6, 17.7, 22.4, 24.2, 38.2,
 38.3
 altares, santuários e templos
 Aracneu – 25.10; Argos
 – 17.1, 17.2, 20.3; Corinto
 – 3.11; Epidauro – 29.1;
 Fliásia – 13.4; Pron
 (monte) – 36.2; Sícion –
 11.1, 11.2; Titane – 12.2
 epítetos
 Acraia – 24.1; Anteia – 22.1;
 Bunea – 4.7; Prodrómia
 – 11.2
 estátuas e imagens
 Argos – 17.4, 17.5
Heracleia – 23.5
Héracles – 4.3, 6.6, 6.7, 10.1,
 13.3, 13.8, 15.1, 18.7, 19.1,
 21.3, 22.8, 28.2, 31.2,
 31.10, 32.4, 35.10, 37.4
 altares, santuários e templos
 Sícion – 10.1
 estátuas, imagens
 Argos – 17.6; Corinto – 3.2,
 4.5; Metana – 34.1;
 Sícion – 9.8, 10.1, 10.7,
 11.8
Heraclidas – 12.3, 13.1, 18.7,
 30.10, 37.3
Hereu – 16.2
Hermes – 3.10, 4.7, 6.6, 10.7,
 26.6
 epítetos
 Agoreu – 9.8; Polígio – 31.10
 estátuas, imagens
 Argos – 19.6, 19.7; Corinto –
 2.8, 3.4; Metana – 34.1;
 Párnon – 38.7; Trezena
 – 31.10
Hérmion – 34.4
Hermíone (filha de Menelau e
 Helena) – 18.6
Hermíone, Hermíones (cidade
 vizinha de Trezena) – 32.7,
 34.4, 34.5, 34.6, 34.10,
 34.11, 34.12, 35.3, 35.4,
 35.8, 35.9, 35.10, 36.2
Hermógenes – 2.8
Hérmon – 31.6
Herodes (Ático) – 1.7
Heródoto – 16.1, 20.10, 30.4
Herófanos – 34.4
Hesíodo – 6.5, 9.5, 26.7
Hespérides – 13.8

- Héstia – 35.1
 Hícaros – 2.5
 Hídrea – 34.9
 Higia – 4.5, 11.6, 23.4, 27.6
 Hilaíra – 22.5
 Hílico (cf. Táurio) – 32.7
 Hílide – 6.7
 Hímera – 22.7
 Hípaso – 13.2
 Hipereia – 30.8, 30.9
 Híperes – 30.8
 Hipermnestra (filha de Dánao)
 – 19.6, 20.7, 21.1, 21.2,
 25.4
 Hipermnestra (mãe de Anfiarau)
 – 21.2
 Hipocoonte – 18.7
 Hipocrene – 31.9
 Hipólito (filho de Teseu) –
 31.4, 32.1, 32.3, 32.4,
 32.10
 Hipólito (rei de Sícion) – 6.7
 Hipomedonte – 20.5, 36.8
 Hipóstrato – 2.5
 Hípotes – 4.3
 Hirnéio – 28.3, 28.6
 Hirneto – 19.1, 23.3, 26.2,
 28.3, 28.4, 28.5, 28.6, 28.7
 Hísias – 24.7
 Homero – 3.4, 4.2, 6.4, 7.1,
 12.3, 12.5, 13.3, 14.3, 16.4,
 21.10, 22.8, 24.4, 25.5,
 26.10, 29.4, 30.10, 33.3,
 36.2
 Horas – 13.3, 17.4, 20.5
 Ianisco – 6.6
 Íaso – 16.1
 Íbico – 6.5
 Ifigénia – 22.7
 Ífis – 18.5
 Ileu – 34.6
 Ílion (cf. Troia) – 16.6, 17.3,
 20.6, 22.2, 23.1, 23.5,
 24.2, 24.3
 Ilitia – 5.4, 18.3, 22.6, 22.7,
 35.11
 Ilo – 22.3
 Ínaco (pai de Io) – 15.4, 15.5,
 16.4, 22.4, 25.10
 Ínaco (rio) – 15.5, 18.3, 25.3
 Índia, Indianos – 28.1
 Ino (cf. Leucótea) – 1.9
 Inopo – 5.3
 Io – 16.1
 Iolco – 3.9, 3.10, 3.11
 Íon – 14.2, 26.1
 Iónia – 31.6
 Ísis – 2.3, 4.6, 13.7, 32.6, 34.1,
 34.10
 Ísquis – 26.6
 Itália – 23.5, 27.4
 Jápeto – 14.4
 Jasão – 3.8, 3.9, 3.11
 Júlio César – 1.2, 3.1
 Lábdaco – 6.2
 Lacedas – 19.2
 Lacedemónia, Lacedemónios –
 3.9, 8.5, 8.6, 9.2, 9.3, 16.4,
 16.5, 16.6, 18.6, 18.8, 20.1,

- 20.8, 20.9, 21.3, 21.8, 22.6,
24.7, 36.4, 38.5, 38.7
- Lacéstades – 6.7
- Lacónia – 3.5
- Ladas – 19.7
- Láfaes (de Fliunte, escultor) –
10.1
- Láfaes (tirano de Argos) – 21.8
- Lais – 2.4, 2.5
- Lamedonte – 5.8, 6.3, 6.5, 6.6
- Laomedonte – 24.3
- Larissa (Feres) – 16.2
- Larissa (acrópole de Argos) –
24.1, 24.3, 25.4, 25.10
- Lebena – 26.9
- Leida – 30.5
- Leónidas – 9.1, 9.3
- Leques – 2.3
- Lequeu – 1.5, 2.3, 3.2, 3.4
- Lerna (fonte em Corinto) – 4.5
- Lerna (nascentes em Cleonas)
– 15.5
- Lerna (cidade) – 24.2, 36.6,
36.7, 37.2, 38.1, 38.4
- Lessa – 25.10, 26.1
- Leto – 21.9, 21.10
altares, santuários e templos
Argos – 21.8, 22.1
estátuas
Argos – 24.5
- Leucipo (rei de Sícion) – 5.7
- Leucipo (pai de Arsínoe, da
Messénia) – 26.7
- Leucótea (cf. Ino) – 2.1, 3.4
- Líbia, Líbios – 13.8, 21.5, 21.6,
28.1
- Líceas – 19.5, 22.2, 23.8
- Lícia, Lícios – 4.2, 7.1, 37.3
- Licímnio – 22.8
- Lico (rei de Tebas) – 6.2, 6.3
- Lico (da Messénia) – 7.2, 7.3
- Licone – 24.5
- Licurgo – 15.3
- Lídia, Lídios – 21.3
- Límon – 35.3
- Lino (filho de Apolo) – 19.8
- Lino (poeta) – 19.8
- Linceia – 25.5
- Linceu – 16.1, 16.2, 19.6, 21.1,
21.2, 25.4
- Lips – 34.2, 34.3
- Lirceia – 25.4, 25.5
- Lirco – 25.5
- Lisianassa – 6.6
- Lisipo – 9.6, 9.8, 20.3
- Lisístrato – 36.5
- Lócria, Lócrios – 8.4, 29.3
- Macáon – 11.5, 23.4, 26.10,
38.6
- Macedónia, Macedónios – 8.4,
8.6, 33.4, 34.1
- Mãe dos deuses
templos
Corinto – 4.7
estátuas, imagens
Sícion – 11.8
- Mantineia – 8.6, 25.1
- Mar (*Thalassa*) – 1.7, 1.8, 1.9

- Máraton – 1.1, 3.10, 6.5
 Maratona – 29.4
 Mársias – 7.9, 22.9
 Mases – 35.11, 36.1, 36.2, 36.3
 Meandro – 5.3, 7.9
 Mécion – 6.5
 Mecisteu – 20.5, 30.10
 Medeia – 3.6, 3.8, 3.9, 3.10, 3.11, 12.1
 Medeio – 3.9
 Média, Medos – 3.8, 16.5, 31.7
 Medo (cf. Políxeno) – 3.8
 Médon (filho de Ciso) – 19.2
 Medonte – 16.7
 Medusa – 20.7, 21.5, 21.7, 27.2
 Megalópolis (cidade da Acaia) – 7.4, 9.2
 Megalópolis (cidade da Arcádia) – 27.5
 Megapentes (filho de Preto) – 16.3, 18.4
 Megapentes (filho de Menelau) – 18.6
 Mégara, Megarenses – 8.5, 19.8, 34.7
 Melampo – 18.4
 Melampódidas – 23.2
 Melanto – 18.8, 18.9
 Melas – 4.4
 Meleagro – 7.9
 Melibeia – 21.9
 Melicertes – 1.3
 Melissa – 28.8
 Meltas – 19.2
 Menelau – 13.3, 17.3, 18.6, 22.6
 Menesteu – 25.6
 Meras – 4.7, 11.4
 Mérmero – 3.6, 3.9
 Messene, Messénia, Messénios – 7.2, 18.7, 18.8, 20.5, 26.7
 Metana – 34.1, 34.2, 34.3, 34.4
 Micena – 16.4
 Micenas, Micénios – 4.2, 6.7, 15.4, 16.3, 16.5, 16.6, 17.1, 18.1
 Miceneu – 16.4
 Mícion – 9.4
 Mídea – 16.2, 25.9
 Milcíades – 29.4
 Mileto, Milésios – 5.3, 10.5
 Mimas – 1.5
 Mindo – 30.9
 Míncias – 29.3
 Minos – 30.3, 31.1, 34.7
 Míron (escultor) – 30.2
 Míron (rei de Sícion) – 8.1
 Mírtilo – 18.2
 Mírtio (cf. Títio) – 26.4
 Mísia (Argólida) – 18.3
 Mísio (da Argólida) – 18.3, 35.4
 Mnáseas – 8.4
 Mnasínoo – 22.5
 Mnesarco – 13.2
 Móton – 22.7
 Múmio – 1.2, 2.2
 Muníquia – 8.6

- Musas
 altares, santuários e templos
 Trezena – 31.3
 estátuas
 Corinto – 3.1
Mouseion – 31.3
 Náucides – 17.5, 22.7
 Náuplia – 38.2, 38.3
 Náuplio – 38.2
 Neleu – 2.2, 18.4, 18.9
 Némea – 15.2, 15.3, 19.5
 Nemeus (jogos) – 20.7
 Neoptólemo – 29.9
 Nereides – 1.8
 Néris – 38.6
 Nero – 17.6, 37.5
 Nestor – 2.2, 18.7, 18.8
 Nicágora – 10.3
 Nicandro – 36.4
 Nícias – 2.5
 Nícocles – 8.3
 Nicóstrato (filho de Menelau)
 – 18.6
 Nicóstrato (argivo) – 22.3
 Nicteu – 6.1, 6.2
 Nilo – 5.3
 Nínfon (Sícion) – 11.3
 Níobe – 21.9, 21.10, 22.5, 34.4,
 34.5
 Niseia – 34.7
 Niso – 34.7
 Oceano – 1.1
 Octávia – 3.1
 Odeón – 3.6
 Ofeltes – 15.2, 15.3
 Ólen – 13.3
 Olímpia – 5.7
 Olimpieu – 7.3
 Opunte, Opúncios – 19.8
 Orcómeno – 29.3
 Oreia – 30.5
 Orestes – 16.7, 17.3, 18.5, 18.6,
 29.9, 31.4, 31.8, 31.9
 Orfeu – 30.2
 Orneias, Órneas, Orneatas –
 12.5, 25.5, 25.6
 Orneu – 25.6
 Ornítion – 4.3, 29.3
 Oro – 30.5
 Orsóbia – 28.6
 Ortópolis – 5.8
 Otríades – 20.7
 Oxintes – 18.9
 Pã – 24.6
 altares, santuários e templos
 Sícion – 11.1; Trezena – 32.6
 epítetos
 Litério – 32.6
 estátuas, imagens
 Sícion – 10.2
 Paládio – 23.5
 Palamedes – 20.3
 Palémon (cf. Melicertes) – 1.8,
 2.1, 3.4
 Pânfilo – 28.6
 Panopeu – 29.4

- Parnaso – 29.2, 29.3
- Párnos – 38.7
- Paros – 2.8, 13.4, 27.2, 29.1, 35.3
- Partenopeu – 20.5
- Páseas – 8.2
- Patras – 9.2
- Pausânias (filho de Cleômbroto) – 9.1
- Pausânias (assassino de Hárpalo) – 33.4
- Páusias – 27.2
- Pégaso – 1.9, 3.5, 4.1, 31.9
- Pelasgo II (rei de Argos, filho de Árcade) – 14.4, 24.1
- Pelasgo (filho de Tríopas) – 22.1
- Pelene – 7.4, 8.5, 12.3
- Peleu – 29.2, 29.4, 29.9
- Pélias – 3.9
- Peloponeso, Peloponésios – 1.1, 1.2, 1.5, 5.3, 5.6, 7.6, 8.6, 9.2, 12.2, 13.1, 13.7, 18.7, 20.1, 21.5, 24.5, 26.1, 26.3, 26.4, 29.7, 34.4, 34.8, 37.3
- Pélops – 5.7, 6.5, 14.4, 15.1, 18.2, 18.7, 22.3, 26.2, 30.8, 33.1
- Pélops (filho de Cassandra) – 16.7
- Pélops (ilhéus) – 34.3
- Peneu – 16.2, 24.1
- Penteu – 2.7
- Pêntilo – 18.6, 18.8
- Péon – 18.8
- Peónidas – 18.9
- Perantas – 4.4
- Perato – 5.7, 5.8
- Pérgamo – 11.6, 26.8, 26.9
- Periandro – 28.8
- Periclímene – 18.8
- Perieres – 21.7
- Perifetes – 1.4
- Perilau – 20.7, 23.7
- Perséfone – 22.3, 24.4, 36.7
altares, santuários e templos
Corinto – 4.7; Ileu – 34.6;
Sícione – 11.3
estátuas, imagens
Mísia (Argólida) – 18.3;
Sícione – 11.3
- Perseia – 16.6
- Perseu (filho de Dánae) – 15.3, 16.2, 16.3, 18.1, 18.7, 20.4, 21.5, 21.6, 21.7, 22.1, 23.7, 27.2
- Perseu (filho de Filipe V da Macedónia) – 9.5
- Perseu (comandante macedónio) – 8.4
- Pérsia, Persas – 31.5
- Persuasão (*Peitho*) – 7.7, 7.8, 8.1
- Peteu – 25.6
- Phobos* – 7.7
- Pílades – 16.7, 29.4, 29.9
- Pilos – 18.7
- Píndaro – 30.3
- Píndaso – 26.8

- Píraso – 16.1, 17.5
Pireia – 11.3
Pirene – 2.3, 3.2, 24.7
Pirene (fonte) – 3.2, 3.3, 5.1
Pireu – 8.6
Pirítoo – 22.6
Pirro (filho de Aquiles) – 5.5, 23.6
Pirro (rei do Epiro) – 21.4
Pisandro – 37.4
Pisístrato (descendente de Nestor) – 18.8, 18.9
Pisístratos (tiranos de Atenas) – 24.7
Pitágoras – 13.2
Piteu (rei de Trezena) – 24.1, 30.8, 30.9, 31.3, 31.5, 31.6, 31.9
Piteu (filho de Apolo) – 35.2
Pítia – 1.5, 2.7, 7.6, 18.2, 20.10, 26.7, 29.7
Pitireu – 26.1
Pitiussa – 34.8
Pito (cf. Delfos) – 33.2
Pítocles – 7.9
Pítón – 7.7, 30.3
Plateias – 6.1
Plemneu – 5.8, 11.2
Plêuron – 22.7
Plutão – 36.7
Pluto – 18.3
Pluto (Oceânide) – 22.3
Pluto (lugar em Hermíone) – 35.10
Polemócrates – 38.6
Pólipo – 6.6
Policlito – 17.4, 20.1, 22.7, 24.5, 27.5
Polidectes – 36.4
Polidoro (filho de Cadmo) – 6.2
Polidoro (filho de Hipomedonte) – 20.5
Polimno – 37.5
Polinices – 19.8, 20.5, 25.1, 36.8
Políxeno (cf. Medo) – 3.8
Pontino (monte) – 36.8, 37.2
Pontino (rio) – 36.8, 37.1
Posídio – 34.9
Posídon – 1.3, 1.6, 2.3, 2.8, 4.3, 5.7, 12.4, 15.5, 20.6, 30.6, 30.8, 33.1, 33.2, 38.2
altares, santuários e templos
Corinto – 3.5; Dídimos – 36.3; Genésio – 38.4; Hermíone – 34.10, 34.11; Náuplia – 38.2; Sícion – 9.5, 12.2; Teménio – 38.1; Trezena – 32.8
epítetos
Fitálmio – 32.8; Genésio – 38.4; Proclístio – 22.4; Soberano – 30.6
estátuas, imagens
Atenas – Corinto – 1.7, 1.8, 1.9, 2.1, 3.4; Hermíone – 35.1
Posidónias – 30.8
Pratinas – 13.6

- Praxíteles – 21.8
- Preto – 4.2, 7.8, 9.8, 12.2, 16.2, 16.5, 25.7, 25.9
- Príamo – 23.5, 23.6, 24.3, 25.6
- Prítanis – 36.4
- Procles (de Cartago) – 21.6
- Procles (pai de Melissa) – 28.8
- Prómaco – 20.5
- Prometeu – 14.4, 19.5, 19.8
- Pron – 34.11, 35.4, 36.1, 36.2
- Própodas – 4.3
- Prosimna – 17.1, 17.2
- Prumnis – 4.4
- Psâmata – 19.8
- Psifeu – 32.10
- Ptolemeus – 8.5, 9.3
- Quimarro – 36.7
- Quimera – 27.2
- Régnidas – 13.1
- Rodes, Ródios – 7.1, 12.6, 33.4
- Roma, Romanos – 1.2, 3.1, 3.6, 21.6
- Rópalo – 6.7
- Sácadas – 22.8, 22.9
- Salamina, Salamínios – 8.6, 29.10
- Samos, Sâmios – 13.2, 31.6
- Sáron – 30.7
- Sarónico – 30.7, 31.10, 34.2
- Selásia – 7.4, 9.2
- Sémele – 31.2, 37.5
- Serápis – 4.6, 34.10
- Serifos – 18.1
- Sibila – 7.1
- Sicília, Sicilianos – 2.5, 22.9
- Sícion, Siciónia, Siciónios – 1.1, 2.2, 3.6, 4.4, 5.2, 5.3, 5.5, 5.6, 6.5, 6.6, 6.7, 7.1, 7.2, 7.4, 7.5, 7.6, 7.9, 8.1, 8.3, 9.2, 9.4, 9.7, 9.8, 10.1, 10.3, 10.4, 10.5, 10.6, 11.2, 11.3, 11.4, 11.5, 11.8, 12.2, 12.3, 13.1, 13.2, 15.1, 23.4, 23.5, 25.5, 25.6
- Sícion (herói epónimo de Sícion) – 6.5, 6.6
- Sileno – 7.9
- Silo – 18.8
- Sínis – 1.4
- Sinope – 2.4
- Sípilo – 22.3
- Siracusa, Siracusanos – 22.9
- Sísifo – 1.3, 2.2, 3.11, 4.3, 5.1
- Sitas – 7.8, 12.2
- Sol (*Hélios*) – 1.1, 1.6, 3.2, 3.10, 4.6, 5.1, 11.1, 11.5, 18.3, 34.10
- Sonho (*Oneiros*) – 10.2
- Sono (*Hypnos*) – 10.2, 31.3
- Stázousa* – 7.4
- Súnio – 8.6
- Talau – 6.6, 20.5, 21.2
- Taltíbio – 26.10
- Tánao – 38.7
- Tântalo (filho de Tiestes) – 18.2, 22.2
- Tântalo (filho de Bróteas) – 22.2

- Tântalo (filho de Zeus e pai de Pélops) – 22.3
- Táurio (cf. Hílico) – 32.7
- Tebas, Tebanos – 5.2, 6.1, 6.2, 6.3, 6.4, 7.6, 10.5, 19.8, 20.5, 23.2, 36.8
- Tebas (filha de Asopo) – 5.2
- Tecteu – 32.5
- Tégea, Tegeatas – 17.7, 24.5, 24.7, 25.1, 38.7
- Télamon – 29.2, 29.4, 29.9, 29.10
- Telédamon – 16.7
- Telesila – 20.8, 20.9, 28.2, 35.2
- Telestes – 4.4
- Telquines – 5.6
- Télxion – 5.7
- Teménio – 36.6, 38.1, 38.2
- Témemo (pai de Falces e de Ciso) – 6.7, 11.2, 12.6, 13.1, 18.7, 19.1, 21.3, 26.2, 28.3, 28.4
- Témemo (filho de Aristómaco) – 38.1
- Témis – 27.5, 31.5
- Ténaro – 33.2
- Ténea – 5.4
- Ténedos – 5.4
- Termópilas – 16.5
- Terror – 3.6
- Tersandro (filho de Sísifo) – 4.3
- Tersandro (um dos sete contra Tebas) – 20.5
- Teseu – 1.3, 1.4, 3.8, 18.9, 22.6, 22.7, 27.4, 30.9, 31.1, 32.1, 32.7, 32.9, 34.6
- Tesprótide, Tesprotos – 22.6
- Tessália, Tessálios – 2.5, 6.1, 23.5, 24.1
- Tétis – 29.9
- Teucro – 29.4
- Tiestes – 18.1, 18.2, 18.3, 22.3
- Tímeas – 20.5
- Timetes – 18.9
- Timoclidas – 8.2
- Timóteo – 32.4
- Tíndaro – 1.9, 18.2, 18.6, 18.7, 34.10
- Tírea (Argólida) – 29.5, 38.7
- Tireátide – 38.5
- Tirinto (cidade) – 16.2, 16.5, 17.5, 25.8
- Tirinto (herói) – 25.8
- Tiro – 16.4
- Tirseno – 21.3
- Tisâmemo – 18.6, 18.7, 18.8, 38.1
- Titá – 11.5
- Titane – 11.3, 11.5, 12.1, 12.2, 12.3, 23.4, 27.1
- Títio (cf. Mírtio) – 26.4, 27.7
- Titórea – 4.3, 29.3
- Tleptólemo – 22.8
- Toas – 4.3
- Tórnax – 36.1
- Trácia, Trácios – 30.2
- Tráquis – 23.5

- Trasianor – 19.1
 Trasimedes (descendente de Nestor) – 18.8
 Trasimedes (de Paros, escultor) – 27.2
 Treto – 15.2, 15.4
 Trézen – 30.8, 30.9
 Trezena, Trezénios – 1.4, 8.5, 30.5, 30.9, 30.10, 31–4 *passim*
 Tricónio – 37.3
 Tricrana – 34.8
 Tríopas – 16.1, 22.1
 Triptólemo – 14.3
 Tritões – 1.7, 1.8
 Tritonis – 21.5, 21.6
 Troia, Troianos – 3.4, 4.2, 5.4, 17.3, 18.5, 25.5, 30.10, 32.2
 Turímaco – 5.7
 Ulisses – 3.3, 13.3
 Venerandas (deusas; cf. Erínias, Euménides)
 altares, santuários e templos
 Sícion – 11.4
 Vitória Áptera (templo de) – 30.2
 Vitória –
 estátuas, imagens
 Sícion – 11.7
 Xântidas – 4.3
 Xantipo – 28.6
 Xenódice – 7.3
 Xenófilo – 23.4
 Xerxes – 31.5
 Xuto – 14.2, 26.1
 Zenão – 8.4
 Zeto – 6.4
 Zeus – 1.1, 5.1, 6.4, 7.1, 17.3, 17.4, 19.5, 22.3, 22.5, 24.4, 25.8, 26.2, 29.2, 29.7, 30.3, 30.4, 30.6, 31.2, 34.5, 36.1
 altares, santuários e templos
 Aracneu – 25.10; Argos – 20.6; Corinto – 4.5, 5.5; Hermíone – 34.6; Monte Cuco – 36.2; Sícion – 7.3; Trezena – 31.10
 epítetos
 Apesântio – 15.3; Capitolino – 4.5; Corifeu – 4.5; Ctónio – 2.8; Esténio – 32.7, 34.6; Fíxio – 21.2; Hiécio – 19.8; Hipsisto – 2.8; Laríssio – 24.3; *Mechaneus* – 22.2; Milíquio – 9.6, 20.1, 20.2; Nemeu – 15.2, 15.3, 20.3, 24.2; Pan-Helénio – 29.8, 30.3, 30.4; Salvador – 31.10
 estátuas, imagens
 Argos – 19.7, 22.2, 24.3; 27.2; Sícion – 9.6
 Zeuxipe – 6.5
 Zeuxipo – 6.7

(Página deixada propositadamente em branco)

VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO AUTORES GREGOS
E LATINOS – SÉRIE TEXTOS GREGOS

1. Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho: *Plutarco. Vidas Paralelas – Teseu e Rómulo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
2. Delfim F. Leão: *Plutarco. Obras Morais – O banquete dos Sete Sábios*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
3. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Banquete, Apologia de Sócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
4. Carlos de Jesus, José Luís Brandão, Martinho Soares, Rodolfo Lopes: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete I – Livros I-IV*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
5. Ália Rodrigues, Ana Elias Pinheiro, Ândrea Seiça, Carlos de Jesus, José Ribeiro Ferreira: *Plutarco. Obras Morais – No Banquete II – Livros V-IX*. Tradução do grego, introdução e notas. Coordenação de José Ribeiro Ferreira (Coimbra, CECH, 2008).
6. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Obras Morais – Da Educação das Crianças*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2008).
7. Ana Elias Pinheiro: *Xenofonte. Memoráveis*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
8. Carlos de Jesus: *Plutarco. Obras Morais – Diálogo sobre o Amor, Relatos de Amor*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2009).
9. Ana Maria Guedes Ferreira e Ália Rosa Conceição Rodrigues: *Plutarco. Vidas Paralelas – Pércles e Fábio Máximo*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
10. Paula Barata Dias: *Plutarco. Obras Morais – Como Distinguir um Adulador de um Amigo, Como Retirar Benefício dos Inimigos, Acerca do Número Excessivo de Amigos*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

11. Bernardo Mota: *Plutarco. Obras Morais – Sobre a Face Visível no Orbe da Lua*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
12. J. A. Segurado e Campos: *Licurgo. Oração Contra Leócrates*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/CEC, 2010).
13. Carmen Soares e Roosevelt Rocha: *Plutarco. Obras Morais – Sobre o Afecto aos Filhos, Sobre a Música*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
14. José Luís Lopes Brandão: *Plutarco. Vidas de Galba e Otão*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
15. Marta Várzeas: *Plutarco. Vidas de Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
16. Maria do Céu Fialho e Nuno Simões Rodrigues: *Plutarco. Vidas de Alcibiades e Coriolano*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
17. Glória Onelley e Ana Lúcia Curado: *Apolodoro. Contra Neera. [Demóstenes] 59*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
18. Rodolfo Lopes: *Platão. Timeu-Critias*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
19. Pedro Ribeiro Martins: *Pseudo-Xenofonte. A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2011).
20. Delfim F. Leão e José Luís L. Brandão: *Plutarco. Vidas de Sólon e Públicola*. Tradução do grego, introdução, notas e índices (Coimbra, CECH, 2012).
21. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata I*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
22. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata II*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
23. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata III*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2012).
24. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IV*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
25. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata V*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
26. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VI*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).

27. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
28. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata VIII*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
29. Custódio Magueijo: *Luciano de Samósata IX*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
30. Reina Marisol Troca Pereira: *Hiérocles e Filágrio. Philogelos (O Gracejador)*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
31. J. A. Segurado e Campos: *Iseu. Discursos. VI. A herança de Filoctémon*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
32. Nelson Henrique da Silva Ferreira: *Aesopica: a fábula esópica e a tradição fabular grega*. Estudo, tradução do grego e notas. (Coimbra, CECH/IUC, 2013).
33. Carlos A. Martins de Jesus: *Baquílides. Odes e Fragmentos* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
34. Alessandra Jonas Neves de Oliveira: *Eurípides. Helena*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
35. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
36. Nuno Simões Rodrigues: *Eurípides. Ifigénia entre os tauros*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
37. Aldo Dinucci & Alfredo Julien: *Epicteto. Encheiridion*. Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
38. Maria de Fátima Silva: *Teofrasto. Caracteres*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).
39. Maria de Fátima Silva: *Aristófanes. O Dinheiro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
40. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega, Epigramas Ecfrásticos (Livros II e III)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).

41. Reina Marisol Troca Pereira: *Parténio. Sofrimentos de Amor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
42. Marta Várzeas: *Dionísio Longino. Do Sublime*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2015).
43. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. A Musa dos Rapazes (livro XII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
44. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Apêndice de Plânudes (livro XVI)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
45. Ana Maria César Pompeu, Maria Aparecida de Oliveira Silva & Maria de Fátima Silva: *Plutarco. Epítome da Comparação de Aristófanes e Menandro*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
46. Reina Marisol Troca Pereira: *Antonino Liberal. Metamorfozes (Μεταμορφώσεων Συναγωγή)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
47. Renan Marques Liparotti: *Plutarco. A Fortuna ou a Virtude de Alexandre Magno*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
48. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas Vários (livros IV, XIII, XIV, XV)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
49. Maria de Fátima Silva: *Cáriton. Quéreas e Calírroe*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2017).
50. Ana Alexandra Alves de Sousa (coord.): *Juramento. Dos fetos de oito meses. Das mulheres inférteis. Das doenças das jovens. Da superfetação. Da fetotomia*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
51. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas de autores cristãos (livros I e VIII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).
52. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas eróticos (Livro V)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2018).

53. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epigramas votivos e morais (livros VI e X)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
55. Maria de Fátima Silva: Pseudo-Eurípides. *Reso*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
55. Maria de Fátima Silva: *Pseudo-Eurípides. Reso*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
56. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia grega. Epitáfios (livro VII)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019).
57. Maria de Fátima Silva & José Luís Brandão: *Plutarco. Vidas Paralelas – Alexandre e César*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019).
58. Aldo Dinucci: *As Diatribes de Epicteto, livro I*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020).
59. Karen Amaral Sacconi: *Fragmentos de Aristófanes (Aristophanis fragmenta)*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020).
60. Reina Marisol Troca Pereira: *Eratóstenes. Constelações do Zodíaco*. Introdução, tradução do grego, notas e índices (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020).
61. Joaquim Pinheiro: *Plutarco. Vidas Paralelas: Aristides-Catão Censor*. Tradução do grego, introdução e comentário (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021).
62. Carlos A. Martins de Jesus: *Antologia Grega. Epigramas de Banquete e Burlescos: (Livro XI)*. Introdução, tradução e notas (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021).
63. Ana Alexandra Alves de Sousa: *Apolónio de Rodes, Argonáutica, Livros I e II*. Estudo introdutório, tradução e notas (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021).
64. Ana Ferreira e Manuel Tröster, *Plutarco. Vidas Paralelas: Címon e Luculo*. Introdução, tradução do grego e notas (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021).
65. Maria de Fátima Silva, *Pausânias. Descrição da Grécia. Livro I*. Introdução, tradução do grego e notas (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022).

66. Marta Isabel de Oliveira Várzeas, *Plutarco. Como deve o jovem ouvir os poetas?* Tradução do grego, introdução e notas (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022).
67. Maria de Fátima Silva, *Pausânias. Descrição da Grécia. Livro II.* Introdução, tradução do grego e notas (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022).

Pausânias é o nosso único testemunho de literatura periegética e o autor de um relato precioso sobre a Grécia da época de ocupação romana (séc. II d.C.). A sua descrição é a de alguém que viajou e sintetiza o que 'viu', com um olhar que não é só o de um turista curioso, mas de um intelectual que dispõe de uma sólida formação cultural e de uma informação ampla, em resultado de uma recolha criteriosa de todo o tipo de fontes, orais e escritas.

Para com Pausânias mantemos em aberto uma enorme dívida: a de ter salvado um lastro de monumentos, de acontecimentos históricos, de figuras e de tradições que, sem ele, se teriam em definitivo apagado da memória dos homens.

OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA



1 2



9 0



IMPrensa DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS